27 a 29 de Novembro de 2013 - Niterói/RJ

IV Seminário Internacional de Habilidades Sociais

"Diálogos e intercâmbios sobre pesquisa e prática"

Anais

Programa do IV Seminário Internacional de Habilidades Sociais

ELABORAÇÃO
Adriana Benevides Soares
Vanessa Barbosa Romera Leme
Zilda Aparecida Pereira Del Prette

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Carol Ribeiro - *www.carolribeiro.com*

REALIZAÇÃO

Universidade Salgado de Oliveira
Rua Marechal Deodoro, 263 - Centro
Niterói – RJ
CEP 24030-060
sihs2013@sihs.com.br
www.sihs.com.br

GT-ANPEPP-2013

COORDENADORES

Almir Del Prette - Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)- PPGEEs e PPGPsi-UFSCar
Zilda Aparecida Pereira Del Prette - Universidade Federal de São Carlos – PPGEEs e PPGPsi-UFSCar

MEMBROS PESQUISADORES

Adriana Benevides Soares (UNIVERSO e UERJ, PPG-Psicologia)
Alessandra Turini Bolsoni Silva (UNESP, Bauru, PPGP do Desenvolvimento e Aprendizagem)
Andrea Rosin-Pinola (UniSEB, Ribeirão Preto)
Antonio Paulo Angélico (UFSJ, PPG-Psicologia)
Bárbara Carvalho Ferreira (Fac. Integradas Pitágoras de Montes Claros e Fac. de Saúde Ibituruna)
Camila Sousa Pereira Guizzo (SENAI, Salvador, BA, Mestrado em Gestão e Tecnologia Industrial)
Célia Caldeira Fonseca Kestenberg (Programa de Pós-Graduação em Enfermagem- PPGENF/UERJ)
Dagma Venturini Abramides (USP-Bauru, PPG-Fonoaudiologia)
Daniele Carolina Lopes (UFSCar, Docente da Graduação)
Denise Dascanio (UNIP-Bauru, Docente da Graduação)
Eliane Gerk (UERJ, PROPED e Universidade Católica de Petrópolis)
Elvira Aparecida Simões de Araujo (UNITAU, Mestrado em Gestão e Des. Regional / Ciências Ambientais)
Lucas Cordeiro de Freitas (UFSCar, Docente da Graduação)
Márcia Wagner (Faculdade Meridional IMED, Passo Fundo, RS, Docente de Pós-Graduação Lato Sensu)
Maria Julia Ferreira Xavier Ribeiro (UNITAU, Mestrado em Gestão e Des. Regional / Ciências Ambientais)
Maria Luiza P. F. Freitas (Universidade de Sergipe, docente da graduação)
Marilsa Tadeucci de Sá (UNITAU, Mestrado em Gestão e Des. Regional / Ciências Ambientais)
Marina de Bittencourt Bandeira (UFSJ, PPGPsi)
Sheila Giardini Murta (UnB - PPGP Clínica e Cultura)
Sonia Regina Loureiro (USP-Ribeirão Preto, PPG em Saúde Mental da FMRP e PPGPsi da FFCLRP)
Vanessa B. R. Leme (UNIVERSO, PPG-Psicologia)

DOUTORANDOS

Ana Carolina Braz - Doutoranda do PPPGPsi-UFSCar
Ana Maria Ribeiro Seabra - Doutoranda do PPG-PSi Universidade Salgado de Oliveira
Catarina Malcher - Doutoranda do PPPGPsi-UFSCar
Cláudia Martins - Doutoranda do PPGEEs-UFSCar
Denise Amorim Rodrigues - Doutoranda do PPG-PSi - Universidade Salgado de Oliveira
Eliane Colepícolo - Doutoranda do PPPGPsi-UFSCar
Fabiane F. Silveira - Doutoranda do PPPGPsi-UFSCar
Gil Gomes - Doutorando do PPG-PSi - Universidade Salgado de Oliveira
Josiane Rosa Campos - Doutoranda do PPPGPsi-UFSCar
Lucas Guimarães Cardoso de Sá - Doutorando do PPPGPsi-UFSCar
Talita Pereira Dias - Doutoranda do PPPGPsi-UFSCar

RECÉM-DOUTORES E PÓS-DOUTORANDOS

Adriana Augusto Raimundo Aguiar - Pós-doutora pelo Grupo RIHS-UFSCar
Miriam Bratfish Villa – Bolsista PRODOC/Capes, PPGEEs-UFSCar

PRESIDENTE DO IV SIHS

Almir Del Prette (UFSCar)

COMISSÃO CIENTÍFICA

COORDENAÇÃO DA COMISSÃO CIENTÍFICA

Zilda Aparecida Pereira Del Prette (UFSCar)

MEMBROS

Adriana Benevides Soares (UNIVERSO e UERJ, PPG-Psicologia)
Alessandra Turini Bolsoni Silva (UNESP, Bauru, PPGP do Desenvolvimento e Aprendizagem)
Andrea Rosin-Pinola (UniSEB, Ribeirão Preto)
Antonio Paulo Angélico (UFSJ, PPG-Psicologia)
Bárbara Carvalho Ferreira (Fac. Integradas Pitágoras de Montes Claros e Fac. de Saúde Ibituruna)
Carmem Beatriz Neufeld
Camila Sousa Pereira Guizzo (SENAI, Salvador, BA, Mestrado em Gestão e Tecnologia Industrial)
Célia Caldeira Fonseca Kestenberg (Programa de Pós-Graduação em Enfermagem- PPGENF/UERJ)
Dagma Venturini Abramides (USP-Bauru, PPG-Fonoaudiologia)
Daniele Carolina Lopes (UFSCar, Docente da Graduação)
Denise Dascanio (UNIP-Bauru, Docente da Graduação)
Eliane Gerk (UERJ, PROPED e Universidade Católica de Petrópolis)
Eliane Mary de Oliveira Falcone
Elvira Aparecida Simões de Araujo (UNITAU, Mestrado em Gestão e Des. Regional / Ciências Ambientais)
Lucas Cordeiro de Freitas (UFSCar, Docente da Graduação)
Luciana Mourão Cerqueira e Silva (UNIVERSO, PPG-Psicologia)
Márcia M. Peruzzi Elia da Mota (UNIVERSO e UERJ, PPG-Psicologia)
Márcia Wagner (Faculdade Meridional IMED, Passo Fundo, RS, Docente de Pós-Graduação Lato Sensu)
Maria Cristina Ferreira (UNIVERSO, PPG-Psicologia)
Maria Julia Ferreira Xavier Ribeiro (UNITAU, Mestrado em Gestão e Des. Regional / Ciências Ambientais)
Maria Luiza P. F. Freitas (Universidade de Sergipe, docente da graduação)
Marilsa Tadeucci de Sá (UNITAU, Mestrado em Gestão e Des. Regional / Ciências Ambientais)
Marina de Bittencourt Bandeira (UFSJ, PPGPsi)
Sheila Giardini Murta (UnB - PPGP Clínica e Cultura).
Sonia Regina Loureiro (USP-Ribeirão Preto, PPG em Saúde Mental da FMRP e PPGPsi da FFCLRP)
Vanessa B. R. Leme (UNIVERSO, PPG-Psicologia)

COMISSÃO ORGANIZADORA

COORDENAÇÃO

Adriana Benevides Soares (UNIVERSO e UERJ, PPG-Psicologia)

MEMBROS

Ana Maria da Silva Porto (discente mestrado)
Ana Maria Ribeiro Seabra (discente doutorado)
Cátia C.C. Nogueira (discente mestrado)
Claudio de Almeida Lima (discente mestrado)
Clystine Abram Oliveira Gomes (discente mestrado)
Fátima de Almeida Maia (discente mestrado)
Gil Gomes (discente doutorado)
Luana de Mendonça Fernandes (discente mestrado)
Tamires de Abreu (discente iniciação científica)
Reivani Zanotelli Buscacio (pesquisadora, UVA-RJ)
Vanessa B. R. Leme (docente UNIVERSO, PPG-Psicologia)
Zeimara de Almeida Santos (discente mestrado)

APOIO

NOSSAS BOAS VINDAS AOS PARTICIPANTES DO IV SIHS

Sejam bem vindos todos ao nosso IV Seminário Internacional de Habilidades Sociais. Nesta edição, nossa temática foi "Diálogos e intercâmbios sobre pesquisa e prática". E é exatamente isso que buscamos promover para vocês: um contexto de muito diálogo e intercâmbio com pesquisadores e profissionais, do Brasil e do exterior, sobre essa importante campo teórico-prático das Habilidades Sociais.

A vinda de cada um de vocês e o interesse crescente que o campo das habilidades sociais vem despertando no Brasil (como há muito tempo em outros países) ilustram e confirmam sua importância para a construção de conhecimento psicológico sobre novas práticas sociais/profissionais. Quando produzidos com métodos rigorosos e orientados pelo compromisso com a convivência saudável e com a construção de uma cultura que valorize a qualidade de vida a das relações interpessoais, tais conhecimentos são imprescindíveis ao desenvolvimento desta área e da Psicologia, na atualidade.

As atividades previstas para este IV Seminário Internacional de Habilidades Sociais refletem um conjunto de preocupações com a qualidade da investigação e de publicações fomentadas pelo crescente movimento acadêmico em torno das possibilidades abertas pelo campo das habilidades sociais. Além disso, essas pesquisas em geral trazem proposta, programas ou implicações para a prática profissional na Psicologia e em campos próximos, que podem se beneficiar de tais conhecimentos de modo a contribuir efetivamente na construção de novas realidades sociais, mais harmônicas, dialógicas e efetivas no âmbito da convivência interpessoal comprometida com o desenvolvimento socioemocional das pessoas. Trata-se de um esforço que é essencialmente coletivo e que deve estar embasado na pesquisa científica de qualidade, a ser produzida e consumida por pesquisadores e profissionais comprometidos com a qualidade de vida, com os direitos humanos e interpessoais, com a convivência pautada por padrões éticos e principalmente, com a formação de novas gerações.

Para que isso ocorra, há necessidade de uma articulação constante e progressiva entre pesquisa e prática. As pessoas, em geral, possuem algum conhecimento sobre padrões e regras de convivência, o que é muito bom. Porém, quanto a habilidades sociais, apresentam um conhecimento experiencial, sem fundamentação científica. Assim, para que o campo das habilidades sociais se consolide e contribua para a melhoria da qualidade das relações, é indispensável o investimento em pesquisa, embasadas em método científico, que resultem em teorizações consistentes sobre os novos conhecimentos. Sem esse investimento, essa temática pode ser confundida com guias de autoajuda e apropriada por agentes do senso comum, sufocando a possibilidade de ampliação e reconhecimento da área.

Esperamos, portanto, que os participantes pesquisadores deste IV SIHS encontrem, neste evento, novas e instigantes questões para suas investigações, bem como parceiros para essa empreitada. E que os profissionais das diferentes áreas que são contempladas pela aplicabilidade do campo das habilidades sociais, possam levar, deste evento, evidências, subsídios e ideias para aprimorar suas práticas nos diferentes setores em que atuam. Aos estudantes ainda em formação inicial ou de pós-graduação, esperamos que o interesse pelas Habilidades Sociais se confirme e se prolongue no futuro, enquanto pesquisadores e profissionais dessa importante área.

Nós e todos os demais integrantes do GT-ANPEPP Relações Interpessoais e Competência Social agradecemos a presença de todos e a acolhida da Universidade Salgado Filho (UNIVERSO) a este evento, bem como o apoio de nossos patrocinadores. Em especial, agradecemos a toda a Comissão Organizadora e à sua Presidente, Profa. Dra. Adriana Benevides Soares, da UNIVERSO, por toda a dedicação e trabalho em levar avante as

providências necessárias para a concretização deste evento. Que os resultados sejam altamente compensadores e satisfatórios para todos e que a experiência seja muito rica para os participantes, tanto em termos pessoais como profissionais, com impacto positivo sobre o desenvolvimento das Habilidades Sociais no Brasil.

Zilda A. P. Del Prette e Almir Del Prette

BOAS VINDAS AOS PARTICIPANTES DA COMISSÃO ORGANIZADORA

Gostaria de reiterar as boas vindas dadas pelos coordenadores do grupo da ANPEPP Relações Interpessoais e Competência Social e também coordenadores científicos deste evento, professores Zilda e Almir Del Prette. Dedicamos nosso carinho e nosso empenho a vocês participantes que vieram dialogar, trocar e estabelecer novas interlocuções conosco.

Estamos muito satisfeitos de recebê-los aqui, na Universidade Salgado de Oliveira que, sem medir esforços, nos apoiou na empreitada de realização deste evento. Nosso enorme agradecimento a professora Regina Celi Lema, diretora de pesquisa da Universidade, que se envolveu e resolveu inúmeros problemas para a realização deste encontro. A nossa coordenadora do programa de pós-graduação em psicologia, professora Maria Cristina Ferreira, pelo apoio incondicional e pela confiança que deposita em seus professores. Um especial agradecimento a professora Vanessa Barbosa Romera Leme pela incomensurável dedicação, pelo empenho e pelo afeto sem os quais não seria possível a concretização deste projeto.

Teremos trabalhos sendo apresentados em diversas modalidades: conferências, simpósios, mesas-redondas, comunicações orais, painéis e também lançamentos de livros. Teremos apresentações que contemplam as cinco regiões do Brasil, o que evidencia o crescimento da área teórico-prática das habilidades sociais. Nosso reconhecimento aos pesquisadores que vieram nos brindar com suas apresentações vindos da Espanha, de Portugal e também da Argentina. A todo o grupo de professores e doutorandos do grupo da ANPEPP, pelas apresentações orais e pelas avaliações que fizeram dos trabalhos submetidos. Nosso respeito aos professores Almir e Zilda Del Prette pela liderança e condução de trabalhos na área das habilidades sociais.

A toda equipe de pesquisa de Habilidades Sociais da UNIVERSO, alunos de doutorado, mestrado e graduação pela parceria, apoio e compartilhamento das preocupações e angústias naturais da responsabilidade que nos cabia.

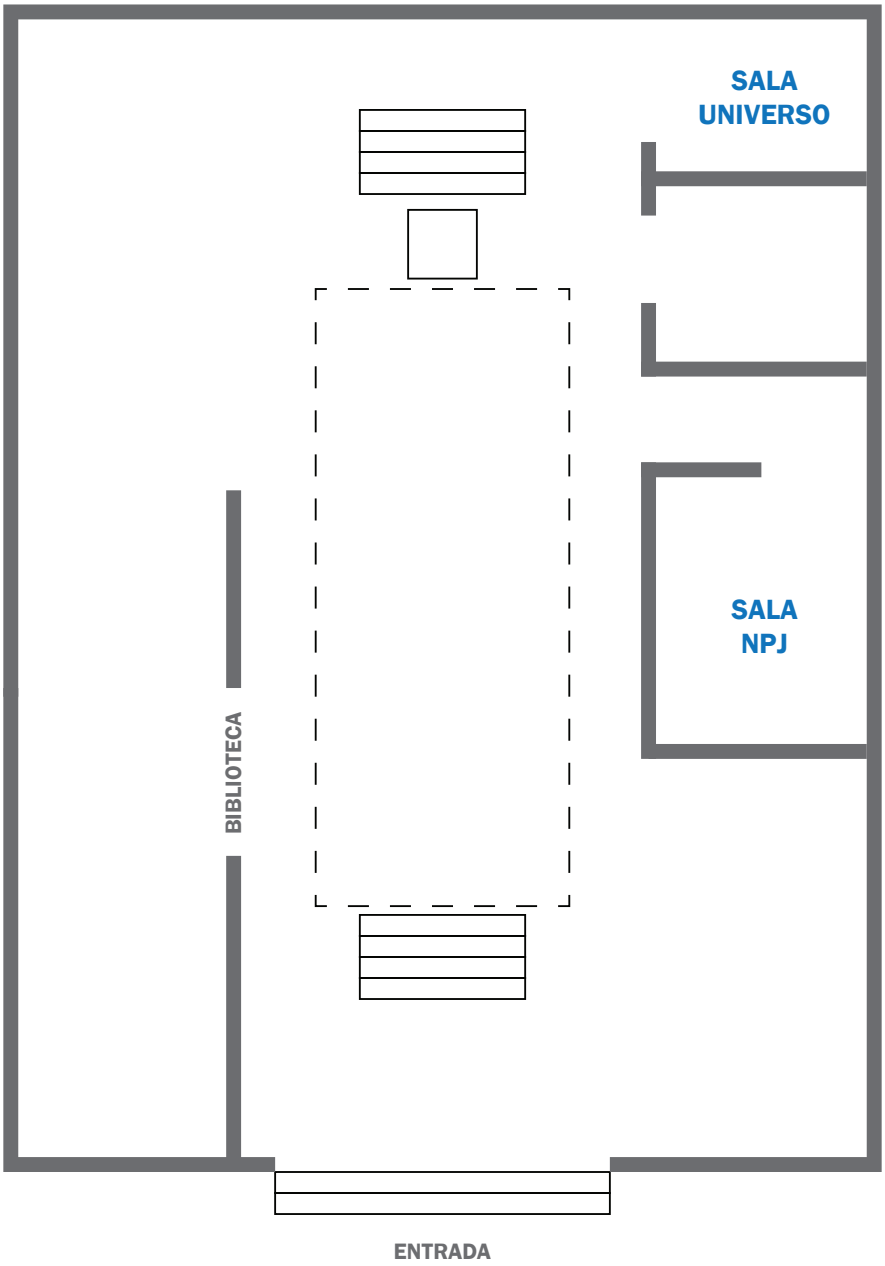
Aos nossos apoiadores, em especial a FAPERJ pelo financiamento do evento, as sociedades científicas pela divulgação, as editoras e livrarias que estão presentes no nosso espaço para proporcionar um ambiente o mais agradável possível para todos.

Esperamos que a interlocução que ora se estabelece seja levada a outros locais e que inúmeros outros eventos sejam realizados dando continuidade aos trabalhos já realizados até então. Gostaríamos assim que professores, alunos da pós-graduação e da graduação e interessados na área em geral sejam todos muito bem acolhidos aqui em Niterói e que juntos possamos desenvolver e construir uma forte Psicologia das Habilidades Sociais.

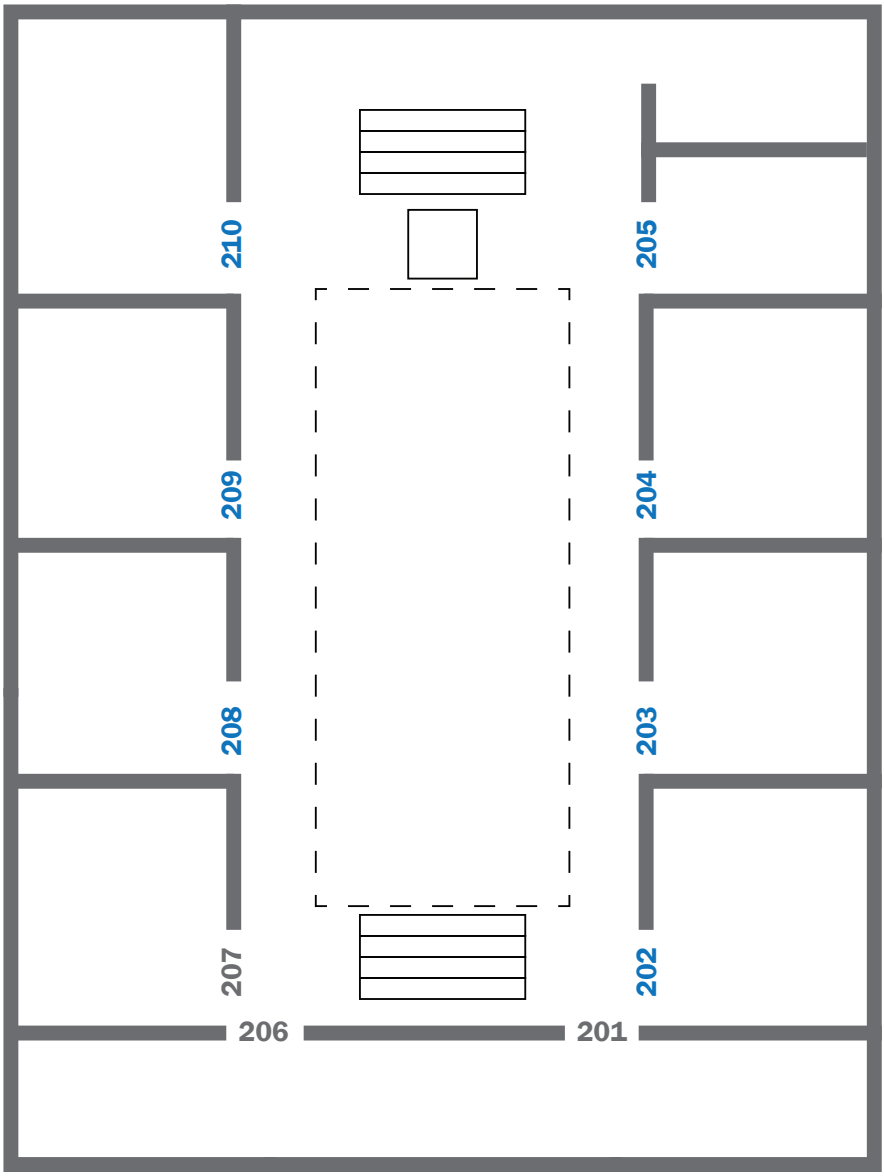
Adriana Benevides Soares
Coordenadora da Comissão Organizadora

LOCALIZE-SE NO IV SIHS

1º ANDAR



2º ANDAR



QUARTA-FEIRA, 27 de novembro - manhã

Local	7h-8h	8h-9h	9h-10h30m
2º Andar do Bloco A	Credenciamento e entrega de materiais		
Sala Universo		Abertura do 4º SIHS	01 Conferência
Pátio do 2º Andar do Bloco A			
Sala 205			
Sala 204			
Sala 210			
Sala 202			

A locação das atividades pelas salas poderá ser alterada para a melhor acomodação dos participantes. Mantenha-se informado acompanhando o painel de avisos.

10h30m-11h	*11h-12h30m*
Intervalo	
	01 Simpósio
	02 Simpósio
	03 Simpósio
	06 Mesa

QUARTA-FEIRA, 27 de novembro - tarde

Local	*13h30m-15h30m*	*15h30m-16h*
Sala 205	Minicurso 01	
Sala 204	Minicurso 02	
Sala 210	Minicurso 03	
Sala 209	Minicurso 12	
Pátio do 2º Andar do Bloco A		Intervalo Sessão de painéis - 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12 e 17[1]
Sala 203		
Sala 202		
Sala Universo		

A locação das atividades pelas salas poderá ser alterada para a melhor acomodação dos participantes. Mantenha-se informado acompanhando o painel de avisos.

16h-17h30m	*17h30m-19h*
01 Sessão de comunicação livre	
02 Sessão de comunicação livre	
01 Sessão de Vídeo/ Multimídia	
03 Sessão de comunicação livre	
04 Sessão de comunicação livre	
	02 Conferência

QUINTA-FEIRA, 28 de novembro - manhã

Local	*9h-10h30m*	*10h30m-11h*	*11h -12h30m*
Sala NPJ	03 Conferência		
Sala Universo	04 Conferência		
Pátio do 2º Andar do Bloco A		Intervalo	
Sala 205			04 Simpósio
Sala 209			05 Simpósio
Sala 202			01 Mesa
Sala 203			04 Mesa
Sala 204			10 Mesa
Sala 208			05 Mesa
Sala 210			03 Mesa

QUINTA-FEIRA, 28 de novembro - tarde

Local	*13h30m-15h30m*	*15h30m-16h*	*16h-17h30m*	*17h30m-19h*	*19h-20h*
Sala 205	Minicurso 04		05 Sessão de comunicação livre		
Sala 204	Minicurso 05		06 Sessão de comunicação livre		
Sala 210	Minicurso 06		01 Recursos culturais		
Sala 209	Minicurso 09		09 Mesa		
Pátio do 2º Andar do Bloco A		Intervalo Sessão de painéis 13, 14, 15, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25 e 26 Lançamento de livros			
Sala 203			07 Sessão de comunicação livre		
Sala 202			08 Sessão de comunicação livre		
Sala NPJ				05 Conferência	
Sala Universo				06 Conferência	08 Simpósio

SEXTA-FEIRA, 29 DE NOVEMBRO - MANHÃ

Local	*9h-10h30m*	*10h30h-11h*	*11h -12h30h*
Sala Universo	07 Conferência		
Sala NPJ	09 Conferência		
Pátio do 2º Andar do Bloco A		Intervalo	
Sala 204			06 Simpósio
Sala 210			07 Simpósio
Sala 203			02 Mesa
Sala 202			08 Mesa
Sala 208			07 Mesa

SEXTA-FEIRA, 29 DE NOVEMBRO - TARDE

Local	*13h30m-15h30m*	*15h30m-16h*	*16h-17h30m*	*17h30m-19h*	*19h-20h*
Sala 205	Minicurso 07		09 Sessão de comunicação livre		
Sala 204	Minicurso 08		10 Sessão de comunicação livre		
Sala 209	Minicurso 10				
Sala 210	Minicurso 11		02 Recursos culturais		
Pátio do 2º Andar do Bloco A		Intervalo Sessão de painéis 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 38, 39, 41, 42, 43			
Sala 203			11 Sessão de comunicação livre		
Sala 202			12 Sessão de comunicação livre		
Sala Universo				08 Conferência	Encerramento

QUARTA-FEIRA, 27 de novembro

7h-8h

- Credenciamento e entrega de materiais

8h às 9h

- Abertura do 4º SIHS

9h-10h30m

- 01 Conferência

HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS NA FAMÍLIA E NA ESCOLA: PERSPECTIVAS PARA A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO

Zilda A. P. Del Prette e Almir Del Prette (Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, SP)

O campo teórico-prático das Habilidades Sociais vem se expandindo de forma notável nos últimos anos, com uma produção expressiva também no Brasil e aplicações para diferentes problemas e temáticas. No caso específico do psicólogo, uma dessas aplicações é a de avaliação e promoção dos recursos de pais e educadores em habilidades sociais relevantes para a tarefa educativa. Nessa direção, torna-se indispensável conhecer e aprimorar as habilidades sociais educativas (HSE) desses importantes agentes da formação das novas gerações de crianças e adolescentes. Os autores definem, como habilidades sociais educativas, "aquelas intencionalmente voltadas para a promoção do desenvolvimento e da aprendizagem do outro, em situação formal ou informal". Esse conceito é aplicável não somente às relações professor-aluno, mas também a outros contextos formais (por exemplo, os programas de treinamento em serviço nas organizações) e àqueles marcados pela informalidade, como as relações pais-filhos e outros grupos comunitários onde ocorrem processos de ensino-aprendizagem. Com base em estudos prévios, os autores vêm, há alguns anos propondo e aprimorando uma taxonomia de classes e subclasses de HSE para pais e para professores, bem como desenvolvendo estudos de avaliação (via observação direta) e promoção de tais habilidades. O objetivo dessa palestra é apresentar três conjuntos de estudos relacionados a essa temática: (a) os princípios gerais que levaram à definição de HSE e à construção de um sistema de classes e subclasses de HSE para pais educadores; (b) a versão preliminar do Inventário de Habilidades Sociais Educativas (IHSE-Del-Prette) para pais e para professores, em sua estrutura fatorial que aponta para as classes e subclasses de HSE empiricamente produzidas; (b) as principais estratégias utilizadas na promoção desse repertório junto a pais e educadores, por meio de estudos de intervenções com indicadores de efetividade. Ao final discute-se as aplicações e implicações dos estudos já realizados para a atuação do psicólogo bem como direções para estudos futuros nessa temática.

10h30m-11h

- Intervalo

11h-12h30m

◗ 01 Simpósio

AVALIANDO O IMPACTO DAS HABILIDADES SOCIAIS NA VIDA ACADÊMICA E NA SAÚDE MENTAL DE UNIVERSITÁRIOS: DADOS EMPÍRICOS E PSICOMÉTRICOS

Coordenadora: Alessandra Turini Bolsoni-Silva (Unesp, Bauru, SP)

O ingresso na universidade pode trazer alegrias pela conquista da nova etapa a ser cumprida, no entanto, também é revestido de muitas dificuldades que envolve ajustamento a novas demandas, nem sempre fáceis de serem resolvidas com sucesso. Aprender a estudar de maneira diferente, falar em público, conviver com colegas em repúblicas, fazer novos amigos, lidar com a distância e a saudade de familiares, amigos e namorado (a) são algumas das dificuldades enfrentadas pelos universitários. Uma boa parte dos alunos que ingressam no ensino superior tem dificuldades para se adaptarem ao ambiente e acabam desistindo do curso. Sendo assim, seria parte do papel da universidade preparar os seus alunos para enfrentarem as demandas próprias do contexto universitário. No entanto parece que as universidades preparam pouco o indivíduo para as mudanças que ocorrem após o ensino médio, seja pelos insuficientes investimentos em práticas pedagógicas, seja por carecerem de intervenções que favoreçam a adaptação psicossocial dos estudantes. Parece que essas instituições têm pouca clareza dos grandes desafios e de conflitos enfrentados pelos alunos devido às dificuldades relacionadas às exigências com os relacionamentos interpessoais e com as atividades acadêmicas. Conforme o repertório inicial do universitário ele poderá enfrentar as dificuldades com mais ou menos facilidade. Nesse sentido, o repertório de habilidades sociais pode ser facilitador da resolução de problemas diante das demandas da vida universitária. Dessa forma, o déficit de habilidades sociais pode levar a problemas na saúde mental, como abuso de álcool\drogas, ansiedade e depressão. Adicionalmente, tais problemas podem levar a dificuldades acadêmicas e a evasão escolar. Sabe-se da carência de estudos na área, sobretudo os que relacionam habilidades sociais, saúde mental e integração acadêmica. Com o objetivo de discutir essas questões, as três docentes apresentarão estudos empíricos que abordam tal temática:(a)a Profa. Alessandra apresentará as propriedades psicométricas de validade e fidedignidade do Questionário de Avaliação de Habilidades Sociais, Comportamentos e Contextos para Universitários — QHC-Universitários, descrevendo o seu uso na avaliação de universitários com ansiedade social e\ou com depressão; (b) a Profa. Adriana descreverá um estudo que teve por objetivo caracterizar os universitários com relação às habilidades sociais e à integração acadêmica, discutindo a correlação entre tais variáveis e as comparações por gênero e curso; (c) a Profa. Sonia abordará os prejuízos funcionais relacionados à ansiedade social e apresentara as qualidades psicométricas relacionadas à fidedignidade e a validade de uma escala de auto avaliação de prejuízos funcionais a Liebowitz Disablity Self-Rating Scale aplicada em uma população de universitários. A mesa trará contribuições sobre a avaliação de habilidades sociais, saúde mental e integração acadêmica. Limitações e avanços para a área serão discutidos.

1) VALIDAÇÃO DO QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS E CONTEXTOS PARA UNIVERSITÁRIOS - QHC - UNIVERSITÁRIOS

Alessandra Turini Bolsoni-Silva (Unesp, Bauru, SP) e Sonia Regina Loureiro (FMRP-USP, Ribeirão Preto, SP)

Os problemas de saúde mental, segundo os estudos epidemiológicos, têm maior chance de surgir pela primeira vez no início da vida adulta, no período universitário. A saúde mental do universitário tem sido associada a uma diversidade de variáveis, tais como: (a) morar sozinho ou com os familiares; (b) a natureza da atividade prevista no curso, tais como apresentações

orais e práticas; (c) o momento do curso; (d) o gênero; (e) repertório de habilidades sociais. Verifica-se uma carência de instrumentos que avaliem habilidades sociais com interface na saúde mental de universitários. Objetivou-se testar as propriedades psicométricas de validade e fidedignidade do Questionário de Avaliação de Habilidades Sociais, Comportamentos e Contextos para Universitários - QHC-Universitários. Procedeu-se a aplicação, em situação coletiva, de 609 estudantes universitários de diferentes cursos, por meio dos seguintes instrumentos: QHC-Universitários, Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette), Inventário de Depressão de Beck (BDI), Mini-Inventário de Fobia Social (Mini-SPIN) e Entrevista Clínica Estruturada para o DSM-IV (SCID-IV). As propriedades psicométricas foram aferidas por meio de procedimentos estatísticos, com resultados satisfatórios quanto à consistência interna e de validades de critério, discriminativa e concorrente. A análise fatorial isolou três fatores para a Parte 1 (Comunicação e Afeto, Enfrentamento, Falar em Público) e dois fatores para a Parte 2 do instrumento (Potencialidades e Dificuldades), fornecendo escores de problemas e de habilidades. Destacam-se os indicadores psicométricos positivos do instrumento inclusive ao se considerar predidores de saúde mental, como ansiedade e depressão. O QHC-Universitários tem se mostrado útil, em pesquisas de: a) caracterização e de levantamento quanto a influência de variáveis sócio-demográficas; b) no rastreamento de dificuldades específicas considerando os indicadores de saúde mental tais como fobia social, depressão, transtorno de ansiedade generalizada, abuso de álcool/outras substâncias; c) na identificação de diferenças de gênero,d) na caracterização de repertórios relacionados ao uso de internet; e) na identificação de padrões específicos para diferentes cursos de graduação (biológicos x humanas x exatas) e anos dos cursos (iniciais x finais) e f) na comparação de grupos clínicos e não clínicos. Adicionalmente, o instrumento, quando utilizado para mensurar a efetividade e eficácia de procedimentos de intervenção, também se mostrou viável permitindo a identificação de mudanças comportamentais em universitários com diagnóstico de fobia social e com depressão, trazendo contribuições para a Psicologia Baseada em Evidência. Dessa forma, o instrumento poderá ser útil no contexto institucional, acadêmico e clínico, além do seu uso em pesquisa. Recomenda-se a sua utilização por profissionais psicólogos como procedimento de avaliação nos contextos de orientação acadêmica para universitários e de psicologia clínica, seja com a finalidade de triagem, seja como medida de pré e pós-intervenção psicológica.

Palavras-chave: Habilidades sociais; universitários; validação

2) A AUTO AVALIAÇÃO DOS PREJUÍZOS FUNCIONAIS NA VIDA DE UNIVERSITÁRIOS COM TRANSTORNO DE ANSIEDADE SOCIAL

Sonia Regina Loureiro, Luciene Vaccaro de Morais Abumusse, Flávia de Lima Osório e José Alexandre de Souza Crippa (FMRP-USP, Ribeirão Preto, SP)

A auto avaliação dos prejuízos funcionais na vida de universitários com transtorno de ansiedade social. O Transtorno de Ansiedade Social (TAS) caracteriza-se pelo medo persistente de situações sociais ou de desempenho, estando associado a prejuízos nas principais atividades que organizam e sustentam o cotidiano, tais como as atividades sociais, os relacionamentos, as atividades acadêmicas, profissionais, de lazer e de interesse. Dada a sua especificidade tem-se uma carência de instrumentos aferidos que avaliem esses prejuízos. Objetivou-se caracterizar os prejuízos funcionais relacionados à ansiedade social e apresentar as qualidades psicométricas relacionadas à fidedignidade e a validade da escala de auto avaliação de prejuízos funcionais, Liebowitz Disablity Self-Rating Scale, aplicada em uma população de universitários. Participaram do estudo de comparação entre grupos 173 universitários brasileiros (TAS = 84 e Não TAS = 89), de ambos os sexos, com idade entre 17 e 35 anos, matriculados em uma universidade pública e uma privada, sistematicamente diagnosticados por meio do Social Phobia Inventory (SPIN) e da Entrevista Clínica Estruturada para o DSM-IV. A escala de prejuízos funcionais é constituída por onze domínios: abuso de

álcool, abuso de drogas, distúrbios do humor, escola, trabalho, família, casamento/namoro, amizade, outros interesses, atividades da vida diária, comportamento suicida. Os itens são avaliados em uma escala tipo Likert, onde os prejuízos são graduados de 0 a 3 pontos, tendo por referência a pontuação zero quando da ausência de limite associado ao TAS e pontuação três, quando da avaliação de grave prejuízo. Procedeu-se, em uma primeira etapa, à tradução e adaptação do instrumento, denominado Escala de Liebowitz para auto avaliação dos prejuízos funcionais (ELAPF), atendendo às recomendações técnicas específicas relativas a tradutores independentes, retro tradução e validação de face, e em uma segunda etapa, a escala foi aferida quanto a sua fidedignidade e validade, por meio da avaliação de estudantes universitários. Os dados foram codificados e os grupos comparados por teste estatísticos ($p \leq 0,05$). O grupo TAS apresentou, com significância estatística, mais prejuízos funcionais quando comparado ao grupo Não TAS, especificamente quanto aos relacionamentos sociais, familiares, afetivos, na capacidade de manter o bom humor, as atividades de trabalho e de interesse. Tais prejuízos foram relatados como mais graves ao longo da vida, quando comparados às duas últimas semanas. A escala, para o grupo TAS, apresentou, consistência interna de 0,85 no curso da vida e 0,83 nas duas últimas semanas, avaliado por meio do alfa de Cronbach. Na análise dos componentes principais foram extraídos três fatores para o parâmetro temporal curso da vida e dois fatores para o parâmetro temporal duas últimas semanas. Tais fatores mostraram que para a avaliação dos prejuízos funcionais relacionados ao TAS, os principais indicadores a serem avaliadas são relativos aos relacionamentos e ao desempenho em atividades. Considera-se que a escala apresentou boas qualidades psicométricas, podendo contribuir para a avaliação dos prejuízos funcionais associados à ansiedade social apresentada por universitários, favorecendo a avaliação da efetividade e eficácia de procedimentos de intervenção.

Palavras-chave: ansiedade social, universitários, validade.

3) HABILIDADES SOCIAIS E VIVÊNCIA ACADÊMICA DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Adriana Benevides Soares (Universo, Niterói e UERJ, RJ), Luciana Mourão (Universo, Niterói, RJ), Acácia Aparecida Angeli dos Santos (USF, SP) e Thatiana Valory dos Santos Mello (Universidade Estácio de Sá, RJ)

Habilidades sociais e vivência acadêmica de estudantes universitários. Na conjuntura atual, a massificação do ensino superior é uma realidade inquestionável, com expressivo aumento do número de estudantes. Em consequência disso, também tem se ampliado o interesse por estudar o público universitário e alguns aspectos a ele relacionados, tais como a capacidade de adaptação à vida universitária e as habilidades sociais dos estudantes. Assim, os estudos sobre o estudante universitário e sua adaptação ao ensino superior têm sido crescentes desde o surgimento dos primeiros modelos teóricos explicativos e de autores subsequentes que adotaram o modelo para compreender o problema da evasão de alunos. Este estudo teve como objetivo caracterizar os universitários com relação às habilidades sociais e à integração acadêmica, discutindo a correlação entre tais variáveis e comparando diferenças por gênero e curso. Participaram 202 alunos de dois tipos de curso, com idades entre 16 e 49 anos (M=23; DP= 6), sendo 76% do sexo masculino, que responderam ao Questionário de Vivência Acadêmica – versão reduzida (QVA-r), Escala de Avaliação da Vida Acadêmica (EAVA) e Inventário de Habilidades Sociais (IHS). Ainda que seja importante lembrar que a competência social está relacionada à capacidade favorável de se adaptar a situações sociais novas e interagir com outras pessoas, sendo considerada um fator de proteção ao indivíduo no enfrentamento de situações estressantes que podem resultar do ingresso em um novo ambiente as correlações encontradas foram em grande parte fracas ou ainda inexistentes. Estudos com amostras de estudantes peculiares, com predominância em um curso ou em gênero ou no tipo de instituição podem ter tido seus resultados em maior ou menor grau afetas

pelo gênero, pelo tipo de instituição. O fato de a amostra do estudo ter tido um número maior de respondentes do sexo masculino e alunos do curso de graduação em computação é um aspecto que merece ser analisado com atenção. Estudos anteriores que usaram os mesmos instrumentos mostram que, em relação ao gênero, não há diferenças significativas no estudo original de validação da EAVA e tampouco no estudo original português do QVA-r. Contudo existem resultados trabalho que apontam que os estudantes do sexo feminino apresentam resultados significativamente mais favoráveis nas dimensões carreira, interpessoal e estudo do QVA-r, assim como em seu escore geral. No que concerne o IHS (diferenças significativas têm sido apontadas em alunos do ensino fundamental e entre estudantes universitários. No caso dos estudantes universitários verifica-se médias mais elevadas para habilidades de enfrentamento com risco para os homens e auto-afirmação na expressão de afetos positivos para as mulheres reafirmando um capital cultural reforçado historicamente de que homens são mais valorizados por sua assertividade e as mulheres por sua afetividade.

Palavras-chave: estudantes universitários, adaptação acadêmica, habilidades sociais

02 Simpósio

ADOLESCÊNCIA, JUVENTUDE E RELACIONAMENTOS INTERPESSOAIS.
Coordenadora: Vanessa B. R. Leme (Universo, Niterói, RJ).

A qualidade dos relacionamentos interpessoais configura-se com um importante indicador de saúde mental e física, tanto na adolescência quanto na idade adulta. Estudos têm indicado o impacto positivo das habilidades sociais em diversos aspectos do desenvolvimento psicossocial de adolescentes e jovens de diferentes contextos socioculturais. Desse modo, apresenta-se, neste simpósio, três estudos com delineamentos transversais e correlacionais que têm como objetivo geral investigar algumas variáveis (tais como bem-estar psicológico, solidariedade intergeracional, empatia e positividade) associadas ao desenvolvimento interpessoal e às habilidades sociais na adolescência e durante à transição para a vida adulta. O primeiro estudo analisa a dinâmica entre alguns mecanismos de risco (separação conjugal e práticas parentais negativas) e de proteção (habilidades sociais, autoeficácia e resiliência) no bem-estar psicológico de adolescentes de diferentes configurações familiares. O segundo estudo apresenta os resultados de duas pesquisas, realizadas com adolescentes e adultos emergentes portugueses. A primeira tem por objetivo investigar o impacto da qualidade da relação pais-filhos e das habilidades sociais sobre a satisfação de vida e solidariedade intergeracional. A segunda pesquisa investigou as influências da empatia e dos cinco fatores da personalidade sobre a solidariedade intergeracional e satisfação com vida. O último estudo descreve níveis de Positividade com jovens e adultos de diversas regiões brasileiras. Discute-se as implicações teórico-práticas para o campo das habilidades sociais, acerca da possibilidade de se investigar variáveis relacionadas ao desenvolvimento positivo do adolescente e do jovem em diferentes contextos socioculturais.

1) BEM-ESTAR PSICOLÓGICO NA ADOLESCÊNCIA: IMPACTO DA SEPARAÇÃO CONJUGAL, PRÁTICAS PARENTAIS, HABILIDADES SOCIAIS, AUTOEFICÁCIA E RESILIÊNCIA.
Vanessa B. R. Leme (Universo, Niterói, RJ), Zilda A. P. Del Prette (UFSCar, São Carlos, SP) e Susana Coimbra (FPCEUP, Porto, Portugal).

A literatura sobre separação e recasamento indica que tais eventos podem ser considerados como mecanismos de risco para toda a família. Entretanto, alguns estudos indicam que os efeitos das transições familiares sobre dimensões do desenvolvimento dos filhos, são indiretos e mediados por mecanismos de proteção, tais como práticas parentais positivas, habilidades sociais, autoeficácia e resiliência. A partir da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano,

o objetivo do estudo foi investigar o ajuste de um modelo de resiliência e vulnerabilidade, identificando os efeitos diretos e indiretos dos mecanismos de risco (separação conjugal e práticas educativas negativas) e dos mecanismos de proteção (práticas educativas positivas, habilidades sociais, autoeficácia e resiliência) sobre o bem-estar psicológico em adolescentes. Participaram da pesquisa 477 adolescentes de famílias nucleares, monoparentais e recasadas. Os alunos (53,7% do sexo feminino, idade entre 13 e 17 anos) frequentavam o primeiro ano e o segundo ano do Ensino Médio de escolas estaduais públicas de uma cidade do Estado de Minas Gerais. A pesquisa foi aprovada por Comité de Ética em Pesquisa com seres Humano. Após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelo responsável dos adolescentes, os dados foram coletados com os alunos de forma co letiva, nas salas de aula das escolas. Os participantes responderam aos seguintes instrumentos: a) Questionário sobre caracterização familiar e nível socioeconômico; b) Inventário de Estilos Parentais (IEP); c) Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA-Del-Prette); d) Escala de Autoeficácia Generalizada (EAG); e) Escala de Resiliência (ER); f) Escala de Bem-estar Psicológico (EBEP). Os indicadores de ajustamento global, obtidos por meio da Análise de Trajetórias (Path Analysis) para o modelo de resiliência e vulnerabilidade foram aceitáveis. Os resultados indicaram que a configuração familiar não afetou o bem-estar psicológico dos adolescentes de diferentes configurações familiares. Já as práticas educativas negativas afetaram indiretamente o bem-estar psicológico dos adolescentes. Os resultados sugeriram a importância do papel mediador das habilidades sociais, da autoeficácia e da resiliência sobre o bem-estar psicológico dos adolescentes. As habilidades sociais foram um preditor robusto e correlacionaram positivamente com autoeficácia e com a resiliência dos adolescentes. As variáveis do modelo contribuíram para explicar 50% da variância do bem-estar psicológico dos adolescentes. O estudo sinalizou que separação parental não tem impacto negativo sobre o bem-estar psicológico dos filhos, e evidenciou o poder preditivo dos mecanismos de proteção investigados que podem ser utilizados em programas de Treinamento em Habilidades Sociais. A pesquisa destacou a importância de investigar a separação conjugal não apenas como mecanismo de risco, mas também como oportunidade para gerar recursos individuais e sociais que podem ajudar a enfrentar os desafios trazidos pelas transições familiares.

Palavras-chave: Separação conjugal; adolescência; habilidades sociais.

2) SOLIDARIEDADE INTERGERACIONAL, BEM-ESTAR E HABILIDADES SOCIAIS EM ADOLESCENTES E JOVENS.

Susana Coimbra (FPCEUP, Porto, Portugal), Vanessa B. R. Leme (Universo, Niterói, RJ), Patrício Costa (FPCEUP, Porto, Portugal), Raquel Barbosa (FPCEUP, Porto, Portugal), Anne Marie Fontaine (FPCEUP, Porto, Portugal) e Zilda A. P. Del Prette (UFSCar, São Carlos, SP).

As alterações demográficas e culturais observadas nas últimas décadas têm implicações no modo como os jovens antecipam e fazem a sua transição para a vida adulta. Estas são particularmente observáveis em países que partilham valores familistas e/ou que sofrem o impacto da crise mundial, como é o caso de Portugal. Os jovens usufruem de níveis mais elevados e prolongados de apoio por parte dos seus pais. As expectativas de retribuição de apoio são, contudo, baixas na maioria dos países ocidentais, devido a dois fatores essenciais. Por um lado, não é esperada uma melhoria das condições de vida para a nova geração. Por outro lado, é uma geração caracterizada na literatura como possuindo níveis mais elevados de narcisismo e individual ismo e níveis mais baixos de envolvimento cívico ou de preocupação com os outros. Os resultados empíricos relativos à relação entre solidariedade e bem-estar não são consensuais. Os estudos realizados, sobretudo com idosos e os seus filhos adultos, indicam que receber ajuda aumenta os níveis de bem-estar, enquanto que dar ajuda diminui, sobretudo quando constitui um “fardo” resultante do efeito cumulativo com outras exigências profissionais e familiares. Contudo, nalgumas situações, receber ajuda também pode ser

interpretado como sinal de pouca autonomia e dar ajuda como uma oportunidade de retribuir o apoio anteriormente recebido. Neste contexto, parece ser importante analisar os padrões de solidariedade intergeracional dos jovens, o seu impacto no bem-estar e como estas relações são mediadas pela qualidade das relações familiares e pelas características pessoais dos jovens, em particular as suas habilidades sociais. Propomo-nos, neste simpósio, a apresentar os resultados de dois estudos realizados pela nossa equipe. Num primeiro estudo, comparativo com o realizado no contexto brasileiro, analisámos, junto a uma amostra de 256 adolescentes e adultos emergentes com diferentes configurações familiares, o valor preditivo da qualidade da relação com os pais e das habilidades sociais em relação à satisfação com a vida e solidariedade intergeracional. Num segundo estudo, com 162 estudantes do 1.º ano de Psicologia, analisámos o valor preditivo da empatia e dos cinco fatores da personalidade em relação à solidariedade intergeracional, satisfação com a vida e saúde mental. Os resultados indicam que, contrariamente ao esperado, os jovens tencionam dar mais ajuda aos seus pais do que a que recebem atualmente deles. No primeiro estudo, a satisfação com a relação com os pais prediz tanto ao apoio à mãe, como o apoio ao pai, sendo este último também predito pelas habilidades sociais de civilidade e abordagem afectiva. A satisfação com a relação com os pais prediz também, em conjunto com a desenvoltura social, a satisfação com a vida. No segundo estudo, a empatia, nas suas dimensões de preocupação empática e tomada de perspectiva, constitui a melhor preditora da solidariedade intergeracional em relação à mãe, enquanto que a personalidade, nas suas dimensões de extroversão e abertura, é a melhor preditora da solidariedade intergeracional em relação ao pai. O neuroticismo revela-se preditivo tanto da saúde mental, como da satisfação com a vida.

Palavras-chave: Transição para a vida adulta; solidariedade intergeracional; habilidades sociais

3) NÍVEIS DE POSITIVIDADE EM UMA AMOSTRA DE JOVENS ADULTOS BRASILEIROS.

Juliane Callegaro Borsa (PUC, RJ), Bruno Figueiredo Damásio (UFRGS, RS) e Silvia Helena Koller (UFRGS, RS).

Níveis de positividade em uma amostra de jovens adultos brasileiros. A Positividade é entendida como uma propensão do indivíduo para avaliar positivamente os diversos aspectos da sua vida. Envolve características como autoestima, satisfação com a vida, otimismo e confiança nas pessoas. A Positividade surge como um importante construto da Psicologia Positiva devido ao fato de que a predisposição para enxergar como bons os mais diversos aspectos da vida influencia o comportamento dos indivíduos, suas relações bem como as suas reações frente a situações estressoras. O presente estudo teve por objetivo avaliar os niveis de Positividade em uma amostra composta por brasileiros oriundos de 21 estados brasileiros. Participaram da pesquisa 730 indivíduos de ambos os sexos (65% mulheres), com idades entre 17 a 70 anos (M = 31,0 anos; DP = 11,43). A coleta de dados foi realizada por meio de uma plataforma em formato de website para pesquisas online. Os dados foram coletados por meio da Escala de Positividade (EP) e uma ficha sociodemográfica. Correlações de Spearman foram conduzidas com o objetivo de avaliar a relação entre os níveis de positividade dos participantes e as variáveis 'idade', 'nível socioeconômico' e 'nível educacional'. Análises multivariadas de variância foram realizadas com objetivo de avaliar possíveis diferenças de níveis de positividade quanto ao gênero, estado civil (solteiros, casados, divorciados, em relacionamento estável e vivendo juntos), parentalidade (ter ou não ter filhos), espiritualidade (ter ou não ter religião ou crença) e status ocupacional (estar ou não estar trabalhando). A MANOVA foi realizada utilizando o método bootstrapping para correção da não-normalidade da distribuição amostral. Os níveis de Positividade apresentaram correlações positivas e significativas com a idade ($r = 0,13$, $p < 0,001$), o nível educacional ($r = 0,15$, $p < 0,001$) e

o nível socioeconômico (r = 0,11, p < 0,001). Nenhuma diferença foi encontrada entre sexo [F (1, 670) = 0,215, p = 0,64], parentalidade [F (1, 670) = 0,242, p = 0,62] e espiritualidade [F (1, 670) = 0,808, p = 0,37]. Efeitos pouco significativos foram encontrados para o status ocupacional [F (2, 670) = 3,287, p < 0,05; 2 = 0,01] e o estado civil [F (4,670) = 3,873, p < 0,01; 2 = 0,02]. Pessoas empregadas e casadas apresentaram níveis mais elevados de Positividade quando comparadas às pessoas desempregadas, solteiras e divorciadas, respectivamente. Os resultados indicam que os níveis de Positividade são relativamente independentes das variáveis sociodemográficas avaliadas. Uma possível justificativa para estes achados é que a Positividade é uma característica mais associada ao temperamento e à personalidade do que aos aspectos situacionais.

Palavras-chave: Avaliação Psicológica, Positividade, Psicologia Positiva

03 Simpósio

(RE) DESCOBRINDO CONCEITOS NO CAMPO DAS HABILIDADES SOCIAIS: UMA ANÁLISE CONCEITUAL DAS HABILIDADES SOCIAIS, COMPETÊNCIA SOCIAL, AUTOMONITORIA E HABILIDADES SOCIAIS PROFISSIONAIS.

Coordenadora: Talita Pereira Dias (UFSCar, São Carlos, SP).

O campo teórico-prático das habilidades sociais apresenta contribuições de diferentes abordagens, de modo que as definições de seus conceitos são influenciadas por essa diversidade teórica. Além de ser uma área com múltiplas abordagens, por se tratar de um campo de pesquisa e intervenção ainda jovem na também jovem ciência da Psicologia, conceitos antigos podem ser revisados e rede finidos, assim como podem surgir novos conceitos com o desafio de serem definidos operacionalmente. Não obstante seja reconhecida a importância do desenvolvimento no âmbito teórico e conceitual na área das Habilidades Sociais, pode-se considerar que os esforços nessa direção ainda são escassos por motivos diversos. Entretanto falta de iniciativas em busca da superação desse desafio não o torna menos importante e necessário, uma vez que uma área para avançar necessita de um diálogo constante entre teoria, pesquisa e prática, permitindo a sustentação recíproca e equilibrada entre esses elementos. Considerando esses aspectos, a presente mesa redonda busca apresentar definições ou revisões de conceitos fundamentais na área de Habilidades Sociais, a saber: habilidades sociais, competência social, automonitoria e habilidades sociais profissionais. Na primeira apresentação, busca-se analisar definições de habilidades sociais e competência social, com base nas diferentes obras de Del Prette e Del Prette, ao longo do tempo, comparando-as entre si. Ademais, objetiva-se identificar possíveis influências de definições de outros autores importantes na área de habilidades sociais, como McFall, Caballo, Linehan, Trower e Gresham, para as conceituações propostas por Del Prette e Del Prette. Na segunda apresentação, é abordado um termo mais atual e com um valor prático muito importante, que envolve a especificação das habilidades sociais: o conceito habilidades sociais profissionais. O objetivo desse segundo trabalho é explorar o conceito de habilidades sociais profissionais, bem como as inter-relações com o ambiente de trabalho e as possibilidades de intervenção que são ampliadas e refinadas por uma melhor definição do termo. Por fim, a última apresentação trata da redefinição do conceito de automonitoria e, de modo mais específico, busca apresentar as diferentes noções associadas ao termo automonitoria, em diferentes abordagens que o utilizam, compará-las e analisá-las, de modo a redefinir operacionalmente o conceito de forma coerente com a perspectiva da Análise do Comportamento e do campo das Habilidades Sociais. A importância das definições dos conceitos é discutida em termos de suas implicações teóricas, metodológicas, empíricas e práticas. Serão abordados os desafios e as dificuldades de estudos conceituais, bem como possíveis formas de superá-los.

1) AUTOMONITORIA NO CAMPO DAS HABILIDADES SOCIAIS: ESPECIFICAÇÃO DE SEUS INDICADORES COMPORTAMENTAIS.

Talita Pereira Dias (UFSCar, São Carlos, SP), Ivana Gisel Casali-Robalinho (Centro Universitário Adventista De São Paulo, Engenheiro Coelho-SP), Almir Del Prette (UFSCar, São Carlos, SP) e Zilda A. P. Del Prette (UFSCar, São Carlos, SP).

O conceito de automonitoria é estudado e definido por diferentes áreas e abordagens. Na área de Psicologia, Mark Snyder foi o primeiro a adotar este termo para se referir a um fenômeno psicológico que envolve uma sensibilidade aos comportamentos dos outros em situações sociais e o uso dessa informação como guia para monitorar o próprio comportamento de se autoapresentar positivamente em tais situações. Além de se referir a um fenômeno, o conceito de automonitoria também vem sendo adotado para nomear um procedimento bastante empregado em intervenções comportamentais e cognitivo-comportamentais pelo qual o indivíduo observa e registra aspectos sobre si mesmo e interações com eventos ambientais Ainda, no campo das Habilidades Sociais, há mais de uma década, a automonitoria foi definida como uma habilidade fundamental para o desempenho de comportamentos socialmente competentes. De modo mais especifico, é definida como uma habilidade metacognitiva pela qual o indivíduo observa, regula, interpreta os próprios sentimentos, pensamentos e ações em uma interação social. Percebe-se, porém, uma escassez de estudos que a focalizem dentro do campo das habilidades sociais, representando um desafio conceitual e empírico. Entende-se que adotar esse conceito como objeto de investigação implica, previamente, delimitar e especificar o sentido em que está sendo utilizado, bem como definir os comportamentos que o caracterizam e identificar seus possíveis indicadores desenvolvimentais. Considerando a importância de contextualizar a utilização do conceito, o presente trabalho busca apresentar as diferentes noções associadas ao termo automonitoria, compará-las e analisá-las, de modo a redefinir operacionalmente o conceito de modo coerente com a perspectiva da Análise do Comportamento e do campo das Habilidades Sociais, propondo uma especificação dos comportamentos que poderiam ser tomados como indicadores precoces dessa habilidade na infância. Esforços nessa direção podem contribuir para investigações desenvolvimentais da automonitoria, no sentido de rastrear comportamentos mais simples dessa habilidade complexa, provavelmente detectáveis na infância uma vez que, como qualquer outra cadeia de respostas, a automonitoria é selecionada por suas consequências e seu desenvolvimento depende das condições ambientais a que os indivíduos estão expostos, podendo ser aprimorada ao longo do desenvolvimento. Com base nessa identificação e estruturação, Dias et al. (s.d) sugerem que poderiam ser planejadas diferentes vertentes de investigação sobre desenvolvimento de automonitoria na infância, bem como intervenções voltadas para a promoção de automonitoria, o que contribuiria para o desenvolvimento de comportamentos da classe de habilidades sociais e, mais ainda, para desempenhos socialmente competentes. Implicações positivas da investigação nessa temática, assim como os desafios associados à avaliaç ão desse fenômeno, são explicitados na apresentação. Não obstante as dificuldades inerentes a essa área de investigação, entende-se que são desafios a serem superados por meio de procedimentos e recursos que evoquem respostas próximas do fenômeno real e/ou de seus componentes viabilizando estudos empíricos e que contribuam para a compreensão do fenômeno de automonitoria enquanto conceito e objeto de avaliação e de intervenção no campo de Habilidades Sociais.

Palavras-chave: automonitoria, habilidades sociais, revisão conceitual

2) HABILIDADES SOCIAIS E COMPETÊNCIA SOCIAL: ANALISANDO CONCEITOS.

Camila Negreiros Cômodo (UFSCar, São Carlos, SP), Talita Pereira Dias (UFSCar, São Carlos, SP), Zilda A. P. Del Prette (UFSCar, São Carlos, SP) e Almir Del Prette (UFSCar, São Carlos, SP).

A área das Habilidades Sociais apresenta uma diversidade conceitual ampla, que tem oferecido

explicações alternativas ou complementares para os déficits e habilidades sociais. Identificam-se três enfoques conceituais principais que estão na base desse campo teórico e prático: o enfoque operante, o da aprendizagem social e o eclético. Essa diversidade conceitual pode ser visualizada ao se analisar definições dos termos chave da área: diferentes autores empregam diferentes definições, e um mesmo autor pode definir diferentemente os termos no decorrer de suas obras, em decorrência de revisões e aprimoramentos. Apesar da diversidade, há também alguns consensos importantes na área, os quais permitem que o campo teórico-prático das Habilidades Sociais possa ser caracterizado como tal. Conseguir identificar convergências e diferenças quanto às definições de conceitos tem uma relevância bastante evidente: é com base na definição dos conceitos que são tomadas decisões m etodológicas (como métodos de avaliação a serem adotados) ou práticas (como procedimentos de intervenção), que irão guiar a pesquisa e a intervenção nesse campo de atuação. Dessa forma, a conceituação dos termos que estão sendo investigados deve ser muito clara e especificada, principalmente em um campo com tamanha diversidade conceitual. Considerando esses aspectos, o presente trabalho busca apresentar uma análise das definições de habilidades sociais e competência social, tomando como base as diferentes obras de Del Prette e Del Prette, comparando-as ao longo do tempo. Adicionalmente o trabalho pretende identificar possíveis influências de definições de outros autores importantes na área de habilidades sociais, como Richard M. McFall, Caballo, Linehan, Trower e Gresham. Para tanto, foi feita uma revisão dos trabalhos dos autores em questão, identificando-se as definições de cada um deles, nas suas obras mais citadas. Primeiramente, foram analisa das as principais obras de Del Prette e Del Prette (considerando livros e artigos desde 1996 até 2011), sendo feitas comparações entre elas, identificando as mudanças ao longo do tempo. Em seguida, foram feitas comparações das definições de Del Prette e Del Prette com os demais autores selecionados. Com base nessas análises, foi possível observar diferenças importantes nas definições de habilidades sociais e competência social ao longo das obras de Del Prette e Del Prette, provavelmente fruto de revisões e aprimoramentos de conhecimentos conceituais, empíricos e metodológicos que foram ocorrendo ao longo do tempo. É importante também ressaltar uma aproximação dos conceitos trazidos por Del Prette e Del Prette com as definições de Richard M. McFall, Frank M. Gresham e Marsha M. Linehan, e algumas divergências com a conceituação de Vicente E. Caballo de habilidades sociais e competência social. Entende-se que apresentar e discutir essas diferentes de finições de habilidades sociais e competência social são cruciais para que pesquisadores e clínicos possam guiar suas práticas pautados na definição que melhor se ajusta com seu referencial teórico e prático, sabendo, entretanto, que há outras definições possíveis dentro da área das Habilidades Sociais.

Palavras-chave: habilidades sociais, competência social, revisão

3) HABILIDADES SOCIAIS PROFISSIONAIS: DEFINIÇÃO E INTERRELAÇÕES.

Daniele Carolina Lopes (UFSCar, São Carlos, SP).

Atualmente, além de habilidades técnicas, competências como a capacidade de trabalhar em equipe, falar em público, resolver problemas, tomar decisões, comunicar-se adequadamente de forma empática e assertiva, entre outros, tornaram-se fundamentais na adequação do profissional à nova realidade de mercado. O preparo para além das habilidades teóricas e técnicas que cada profissão exige é fundamental para a obtenção de sucesso profissional, além de garantir qualidade de vida e diminuir o envolvimento em comportamentos de risco como abuso de substâncias e álcool. Um campo teórico-prático que traz contribuições tanto para a compreensão como para a elaboração de estratégias de intervenção é o da Psicologia das Habilidades Sociais que tem como conceitos principais o de habilidades sociais e o de competência social. As habilidades sociais podem ser compreendidas como um constructo descritivo de classes de respostas que, sob determinados antecedentes, apresentam alta

probabilidade de reforço positivo (obtenção de estimulação social desejável) ou negativo (redução ou eliminação de estimulação indesejável) que contribuem para a competência social. Esta, por sua vez, está relacionada à funcionalidade do comportamento em relação às consequências positivas para si e para os interlocutores envolvidos na interação (dimensão instrumental) e em relação à qualidade e estabilidade das relações com os demais, garantindo maior equilíbrio de reforçad ores nas relações interpessoais (dimensão ética). Mais especificamente no contexto de trabalho, pode-se entender que as habilidades sociais profissionais são aquelas que atendem às diferentes demandas interpessoais do ambiente de trabalho objetivando o cumprimento de metas, a preservação do bem estar da equipe e o respeito aos direitos de cada um. Entre as habilidades sociais profissionais pode-se destacar: coordenar grupo, falar em público, resolver problemas, tomar decisões e mediar conflitos. A aquisição, desempenho e mesmo proficiência das habilidades sociais profissionais requer que outras habilidades sociais tenham sido aprendidas por se caracterizarem como pré-requisitos para as profissionais como é o caso das habilidades sociais de comunicação, empatia, assertivas. Ao se planejar programas de promoção de habilidades sociais, por exemplo, as habilidades sociais profissionais são arranjadas de forma a serem as últimas ensinadas. De qualquer modo, independentemente do contexto de trabalho ou da própria profissão, as habilidades sociais estão associadas a maior qualidade de vida, melhor saúde física e mental, sucesso profissional e maior realização pessoal. Entretanto, especificamente para algumas profissões, as habilidades sociais profissionais estão associadas a melhores avaliações deste profissional como líder. Sendo assim, considerando que o mercado de trabalho exige habilidades sociais e competência social de seus profissionais e que cada vez mais os atributos pessoais e comportamentos estão se tornando fatores decisivos na contratação e progressão na carreira, torna-se fundamental que se planeje intervenções que contemplem ou que estejam focadas nas habilidades sociais profissionais. O objetivo desta apresentação será explorar o conceito de habilidades sociais profissionais e as inter-relações com o ambiente de trabalho e possibilidades de intervenção.

Palavras-chave: conceito, trabalho, habilidades sociais profissionais

06 Mesa

DÉFICITS EM HABILIDADES SOCIAIS E CONSUMO DE ÁLCOOL, CRACK E TABACO.
Coordenadora: Margareth da Silva Oliveira (PUC-RS, RS).

A literatura afirma que déficits de habilidades sociais impactam negativamente as relações interpessoais, estando geralmente associados a dificuldades na relação com outras pessoas e podendo ser um fator que predispõe os sujeitos a desenvolverem distúrbios psicológicos. Com isto, a inadequação social podem ser considerada tanto como consequências como quanto sintomas de psicopatologia, estando associadas também a comportamentos disfuncionais como o uso abusivo de álcool e outras drogas. Alguns indivíduos recorreriam ao consumo de álcool e outras drogas como forma de amenizar a situação estressante devido a indisponibilidade de outros recursos que não envolvam o consumo destas substâncias para lidar com determinadas situações. Buscam no uso das substâncias melhorar a capacidade de interação com seus pares, sentindo-se mais sociáveis. Enquanto os déficits de habilidades sociais são considerados um fator de risco para o uso e a dependência de álcool e outras drogas, um repertório satisfatório destas torna-se um fator de proteção, sido descrito como uma das possíveis variáveis requeridas para abstinência, estando associadas as habilidades de enfrentamento. Um bom repertório de habilidades sociais, nesta perspectiva, faria com que o indivíduo aumentasse a probabilidade de prevenir situações de risco ou enfrentá-las sem consumir as substâncias. Essas habilidades

utilizadas para enfrentar situações de alto risco para o consumo de álcool e outras drogas, tais como habilidades de resolução de problemas, gerenciamento de emoções, manejo do estresse, assertividade, entre outras, são apontadas como uma classe de habilidades específicas chamadas habilidades de enfrentamento. Considerando que habilidades de enfrentamento incluem habilidades sociais alguns estudiosos da área a consideram sinônimos. Nas últimas décadas pesquisas vêm buscando evidências de que níveis menores de consumo de álcool e outras drogas podem estar relacionados as habilidades sociais. No Brasil, alguns estudos da área de transtornos associados ao uso de substâncias psicoativas como álcool e outras drogas, vêm pesquisando a relação entre uso, dependência de substâncias e possíveis déficits nas habilidades sociais de tais indivíduos. O objetivo desta mesa é apresentar três estudos sobre habilidades sociais em diferentes classes de substâncias, comparando os resultados encontrados para propiciar um debate sobre os achados e possíveis estratégias a serem traçadas para enfrentamento destes quadros clínicos. O primeiro estudo a ser apresentado teve como objetivo verificar a associação entre habilidades sociais, ansiedade e depressão em tabagistas e não tabagistas a partir da compreensão dos comportamentos de interação social, a fim de investigar associação entre estas variáveis. O segundo estudo investigou a presença de Transtorno de Ansiedade Social em sujeitos com quadro clínico de Dependência de Álcool, buscando identificar a presença de déficits em habilidades sociais. Já o terceiro estudo, trata-se de um estudo transversal e apresenta condições associadas a escores deficitários no Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette) entre usuários de crack. Os achados destes estudos evidenciam a importância do desenvolvimento de mais pesquisas que investiguem as relações dos déficits em habilidades sociais e outras variáveis, que possam servir como base no desenvolvimento de programas de Treinamentos de Habilidades Sociais específicos para a população de dependentes de álcool e outras drogas.

1) HABILIDADE SOCIAIS E ANSIEDADE SOCIAL EM TABAGISTAS.

Margareth da Silva Oliveira (PUC-RS, RS) e Viviane Samoel Rodrigues (PUC-RS, RS e Univates, Lajeado-RS).

As pessoas que apresentam baixo repertório de habilidades sociais demonstram dificuldades de enfrentar situações e de serem assertivas. Essas pessoas buscam no uso de substâncias psicoativas uma forma de se tornarem mais sociáveis e com um poder maior de interação social. Segundo a organização mundial da saúde, fumar é a principal causa de morte em todo o mundo, afetando aproximadamente 1, 2 milhões de pessoas. Tabagistas que apresentam baixa competência social, situações de estresse, enfrentamento de situações de risco, baixa autoestima e ansiedade tendem a usar o cigarro para enfrentar a vida diária, pressões e conflitos. O termo habilidade social inicialmente foi considerado sinônimo de comportamento assertivo. Dessa forma, era denominado comportamento interpessoal que envolve uma expressão apropriada e relativamente direta de pensamentos e sentimentos. A partir de meados da década de 70, este termo passou a ser utilizado de uma forma mais abrangente envolvendo fatores como: habilidades de comunicação, interação social, resolução de problemas e defesa dos próprios direitos. Atualmente o critério utilizado para descrever habilidades sociais, embora não exista uma definição consistente, é a expressão adequada de sentimentos, opiniões e atitudes diante de cada situação social. Este estudo teve o objetivo de verificar a associação entre habilidades sociais, ansiedade e depressão em tabagistas e não tabagistas a partir da compreensão dos comportamentos de interação social, a fim de investigar se existe associação. Foram utilizados cinco instrumentos nessa avaliação: ficha de dados sociodemográficos, Teste de Fagerstrom, Inventário de Habilidades Sociais – IHS-Del-Prette; Cuestinário de Interacion Social- CISOA-82, Inventário de depressão e ansiedade de Beck. O total da amostra constitui-se de 182 sujeitos, sendo 90 tabagistas e 92 não tabagistas, com idades entre 20 e 60 anos e escolaridade mínima de 5ª série do ensino fundamental. Foi um estudo quantitativo, transversal, observacional, de comparação entre dois

grupos. Os achados mostraram diferenças significativas na avaliação da presença de sintomas de ansiedade, com maiores prejuízos no grupo de tabagistas (p=0,006). O grupo de tabagistas apresentou um déficit significativo no fator 4 "Interação com desconhecidos" (p=0,018) e no fator 5 "Estar em evidência e ser o centro das atenções" (p=0,029), do CISO-A82, entretanto não se encontrou nenhuma diferença significativa entre tabagistas e não tabagistas nem nos fatores e nem na escala total do IHS-Del-Prette. Dessa forma, é possível concluir que os tabagistas apresentam mais ansiedade que os não tabagistas em duas dimensões sociais (dificuldade na interação com desconhecidos e quando são o centro das atenções, mas não apresentam diferenças significativas em suas habilidades sociais).

Palavras-chave: tabagismo, habilidade social, ansiedade social.

2) CONSUMO DE CRACK E HABILIDADES SOCIAIS.

Leda Rúbia Corbulim Maurina (PUC-RS, RS e IMED, Passo Fundo, RS), Margareth da Silva Oliveira (PUC-RS, RS), Vanessa Andina Teixeira (UNISINOS, São Leopoldo, RS) e Rogério Lessa Horta (UNISINOS, São Leopoldo, RS).

Este estudo apresenta condições associadas a escores deficitários no Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette) entre usuários de crack.Trata-se de um estudo transversal, com 519 usuários de crack da região metropolitana de Porto Alegre (RS) e amostragem em bola de neve. Foi considerado deficitário o escore igual ou menor que o percentil 36 na padronização do IHS-Del-Prette. Os dados foram submetidos a regressão de Poisson robusta e as variáveis independentes foram incluídas análise bruta quando em associação com o desfecho até p<0,20, conforme seu nível ou nível superior de acordo com o modelo hierárquico, permanecendo as variáveis em associação de até p<0,05. O modelo propõe uma cadeia de determinantes por níveis, da seguinte forma: nível distal - variáveis demográficas e socioambientais (incluindo ocorrência de estressores, resiliência, apoio social e composição do domicílio); nível intermediário - variáveis relacionadas ao uso do crack (histórico e padrão de consumo, esforços para obter a droga, escores para dependência e abuso); nível proximal - variáveis relacionadas à condição clínica do entrevistado (incluindo autopercepção de saúde, danos percebidos, URICA, BAI e BDI) e os tratamentos já realizados ou desejados. Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os entrevistados considerados deficitários e não deficitários no IHS-Del-Prette quanto ao sexo (p=0,254), faixa etária (p=0,766), estado civil (p=0,596), renda (p=0,943), ocupação (p=0,791), estar em atendimento (p=0,264) ou quanto ao tempo decorrido entre o último episódio de consumo e a entrevista (p=0,906). Da análise multivariada, extrai-se que usuários de crack que vivenciaram a morte de um filho até dozes meses antes tiveram 80 % mais chance de apresentar déficit no IHS-Del-Prette (RP=1,80; IC95%:1,28-2,54; p<0,001), se comparados aos que não referiram esta condição. Além disso, percebe-se associação entre escore deficitário no IHS e já ter estado envolvido em furtos ou assaltos (RP=1,18; IC95%:1,00-1,39; p=0,047) e com pontuação no BDI indicando presença de sintomas depressivos (RP=1,17; IC95%:1,05-1,30; p=0,005). O déficit no IHS-Del-Prete aparece em associação inversa com o relato de já ter tido relações sexuais com o fim específico de obter crack (RP=0,77; IC95%:0,63-0,93; p=0,007) e com o rompimento da relação entre o entrevistado e seus pais em decorrência direta do uso da droga (RP=0,84; IC95%:0,71-0,99; p=0,034), além de um maior número de hospitalizações (RP= 0,83; IC95%: 0,69-1,01; p=0,030). Chama atenção que usuários com déficit mais evidente tenham maior chance de relatar envolvimento com o crime para obter a droga, enquanto os comportamentos sexuais aparecem mais entre os que não têm déficit evidente. Perdas significativas como a morte recente de um filho e sintomas depressivos também se destacam como potenciais ampliadores do gradiente de perda de habilidades sociais (HS) associado ao consumo do crack. Estes achados evidenciam que o comprometimento de HS não é uniforme entre os usuários, nem vinculado exclusivamente ao uso da droga, salientando a relevância da

inclusão da avaliação de HS na chegada dos usuários de crack aos serviços de saúde.

Palavras-chave: crack, habilidades sociais, vulnerabilidades

3) DÉFICITS EM HABILIDADES SOCIAIS, TRANSTORNO DE ANSIEDADE SOCIAL E DEPENDÊNCIA DE ÁLCOOL.

Marcia Fortes Wagner (Faculdade Meridional, Passo Fundo, RS) e Margareth da Silva Oliveira (PUC-RS, RS).

Problemas psicológicos afetam a qualidade das relações interpessoais, estando relacionados a déficits em habilidades sociais e competência social. Pesquisas apontam que indivíduos com timidez e isolamento social apresentam um repertório pobre de habilidades sociais, além de déficits na conversação, na expressão e nas interações, demonstrando insegurança e desconforto nos contatos sociais. Habilidades sociais ou comportamento socialmente hábil são conceitos que podem ser compreendidos como um conjunto de comportamentos emitidos por um indivíduo em um contexto interpessoal, expressando sentimentos, atitudes, desejos, opiniões ou direitos desse indivíduo de modo adequado à situação, bem como respeitando esses comportamentos nos demais. No caso específico dos Transtornos Associados ao Uso de Substâncias, a literatura afirma que é possível evidenciar a existência de déficits em habilidades sociais, entre os quais, o enfrentamento de situações de risco à autoestima e a resolução de problemas, propiciando com que alguns indivíduos façam uso do álcool e outras drogas com frequência para enfrentar alguma situação difícil, o que pode ser considerado um fator de risco para a dependência. Este estudo investigou a presença de Transtorno de Ansiedade Social em sujeitos com quadro clínico de Dependência de Álcool, buscando identificar a presença de déficit its em habilidades sociais. A amostra foi constituída de 101 sujeitos dependentes de álcool. Os instrumentos utilizados foram Ficha de dados sociodemográficos para caracterização da amostra, Questionário de Ansiedade Social para Adultos / CASOA30 para identificar a presença de ansiedade social e ShortForm Alcohol Dependence Data / SADD, com o objetivo de avaliar o nível de gravidade da dependência de álcool. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. As informações coletadas foram organizadas e processadas no software Statistical Package for the Social Sciences, versão 17.0. A idade média dos participantes foi de 46,45 anos (DP=8,66), com uma variação entre 23 a 59 anos. Do total da amostra (n= 101), a maioria era do sexo masculino, perfazendo 84,2% da amostra (n=85), enquanto somente 15,8% (n= 16) era do sexo feminino. Em relação à ocupação, a maioria, perfazendo 69,3% (n=70) da amostra são trabalhadores sem carreira universitária. Quanto à gravidade da dependência, a maioria, ou seja, 67,3% (n=68) apresentaram índice grave de dependência do álcool, enquanto 26,7% (n=27) grau moderado e 5,9% (n=6) grau leve. Em relação à presença de Transtorno de Ansiedade Social, 29,7% (n=30) da amostra total tinha TAS específico ou não generalizado, 13,9% (n=14) TAS generalizado e 56,4% (n=57) não apresentaram sintomas deste quadro clínico. Conclui-se com este estudo que pode existir uma comorbidade da Dependência de Álcool com o Transtorno de Ansiedade Social, sugerindo a presença de déficits em habilidades sociais em sujeitos alcoolistas.

Palavras-chave: Habilidades Sociais, Transtorno de Ansiedade Social, Dependência de Álcool

13h30m-15h30m

Minicurso 01

A AVALIAÇÃO DE PROBLEMAS EMOCIONAIS E DE INTERAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES.
Juliane Callegaro Borsa (PUC-Rio, RJ).

A infância e a adolescência são períodos caracterizados por importantes aquisições cognitivas, sociais e emocionais. Já nos primeiros anos de vida, a criança aprende a interagir com seus cuidadores e a reagir diante às diferentes demandas do contexto. A perspectiva sistêmica do desenvolvimento humano entende que as características emocionais e de interação são produtos da influência de diferentes variáveis individuais e contextuais. As emoções configuram-se como importantes mediadores das funções comunicativas e sociais e exercem importante influência na qualidade das interações de crianças e adolescentes com adultos e pares. Indivíduos emocionalmente sadios tendem a responder às contingências ambientais e interpessoais de maneira mais adaptada. Já aqueles que possuem problemas emocionais tenderão a se comportar de forma menos adaptada ao contexto. Diferentes estudos apontam para a alta prevalência de problemas emocionais e de interação em crianças e adolescentes em geral e, especialmente entre aqueles que vivem em situação de vulnerabilidade social. Uma parte significativa da clientela infanto-juvenil encaminhada aos serviços de saúde mental apresenta dificuldades de interagir com pares e adultos e apresenta importantes prejuízos sociais e emocionais. Dentre as queixas mais frequentes estão a agressividade, as condutas opositoras, a impulsividade, a intolerância à frustração e a ansiedade. Neste sentido, a avaliação psicológica configura-se como uma prática importante, não só para a investigação destes sintomas e características como, também, para a prevenção de problemas futuros, por meio de encaminhamentos mais assertivos que aumentem as chances de adesão e de efetividade da intervenção. No processo de avaliação psicológica de crianças e adolescentes com problemas emocionais e de interação podem ser utilizados diferentes ferramentas para coleta de dados como, por exemplo, as técnicas projetivas, os testes psicométricos e outros procedimentos menos estruturados, como as entrevistas e as técnicas gráficas. Para garantir a efetividade do processo, é importante que o psicólogo saiba escolher as ferramentas adequadas para que a avaliação psicológica seja, de fato, efetiva. O presente curso tem como objetivo apresentar aos psicólogos que atuam no contexto clínico os procedimentos e recursos possíveis na avaliação dos problemas emocionais e de interação de crianças e adolescentes. Serão apresentados os diferentes testes e técnicas disponíveis para uso no contexto da avaliação psicológica clínica e serão enfatizadas suas características, bem como as vantagens e desvantagens da sua aplicação. Será dado especial destaque às técnicas gráficas, uma vez que estas se configuram como recursos ricos e úteis para a avaliação de crianças e adolescentes. Casos clínicos serão apresentados para ilustrar a aplicabilidade das técnicas gráficas, especialmente no que se refere aos indicadores de problemas emocionais e de interação presentes nos desenhos.

Palavras-chave: Avaliação Psicológica; Emoções; Interação

Minicurso 02

DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES DE SOLUÇÃO DE PROBLEMAS INTERPESSOAIS EM CRIANÇAS
Luciana Carla dos Santos Elias (FFCLRP, Ribeirão Preto, SP).

O desenvolvimento, segundo a teoria da psicopatologia do desenvolvimento, é o resultado de interações entre fatores genéticos, psicológicos e sociais em um contexto de suporte ambiental; dentro desse contexto fatores constitucionais ou ambientais podem servir como variáveis de

vulnerabilidade ou proteção ao indivíduo, podendo afetar sua trajetória. No decorrer da vida, novas e diferentes tarefas devem ser enfrentadas e cumpridas, promovendo a continuidade do desenvolvimento de maneira saudável. Dentre as tarefas centrais na meninice temos o desempenho acadêmico, os relacionamentos sociais e a capacidade de seguir regras. Sabe-se que o cumprimento dessas tarefas decorre da interação entre o indivíduo e ambiente, entretanto, quando não cumpridas, pode instalar-se uma situação de risco. Contrário a fatores de risco salientes na meninice como problemas no rendimento escolar e de socialização, existem os fatores de proteção que podem pertencer ao próprio indivíduo como ao ambiente com o qual interage. Dentro dos fatores de proteção pertencentes ao ambiente, a família e a escola desempenham papeis importantes; já com relação aos pertencentes à própria criança as habilidades sociais (HS) merecem destaque e entre essas as habilidades de solução de problemas interpessoais (HSPI), que são a ênfase desse trabalho. A literatura aponta que a aquisição de HS na infância pode se constituir em um fator de proteção, estabelecido à medida, que o comportamento socialmente habilidoso favorece a obtenção de reforçadores sociais importantes. Diferentes estudos tem sinalizado a estreita relação entre as HSPI e problemas de comportamento, além do papel protetor dessas habilidades ao longo do desenvolvimento; pesquisas apontam que crianças com melhor desempenho nas HSPI mostram-se melhor ajustadas às situações de vida, enquanto que as com dificuldades nessas habilidades frequentemente sinalizam problemas no nível de adaptação psicossociais. Trabalhos de intervenção em ambiente clínico e institucional têm sido realizados para o desenvolvimento de HS (específicas) e entre esses temos os direcionados para o desenvolvimento das HSPI, apresentando resultados motivadores. Diante desse contexto o presente minicurso tem como objetivo apresentar conteúdo introdutório quanto às HSPI, no que se refere à conceituação teórica assim como atividades que promovam o desenvolvimento das mesmas, através de diferentes recursos lúdicos e/ou programas específicos, tanto em ambiente clínico como institucional. Espera-se poder colaborar com a formação de alunos e jovens profissionais, no sentido de pensar em ferramentas para atuação e desenvolvimento das HSPI como fator de proteção ao desenvolvimento.

Palavras-chave: Fatores de proteção, habilidades sociais, habilidades de solução de problemas interpessoais

Minicurso 03

FOBIA SOCIAL: AVALIAÇÃO CLÍNICA E DE COMPORTAMENTOS DE SEGURANÇA.
Sonia Regina Loureiro (FM-USP, Ribeirão Preto, SP).

O estudo das habilidades sociais educativas parentais se reveste de importância por promoverem o desenvolvimento e a aprendizagem dos filhos nas situações de interação. Este trabalho tem três objetivos, quanto a apresentar: (1) o Roteiro de Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais (RE-HSE-P); (2) as propriedades psicométricas de validade e confiabilidade do RE-HSE-P; (3) resultados de estudos de caracterização que utilizou o instrumento para diferenciar grupos com e sem problemas de comportamento;(4) apresentação de procedimentos de avaliação e de intervenção; (5) resultados de procedimentos de intervenção, junto a pais e cuidadores, que utilizou o RE-HSE-P como medida de avaliação. Os resultados das propriedades psicométricas indicaram valores satisfatórios de consistência interna e de validade e a análise fatorial apontou dois fatores denominados interação positiva pais-filhos e interação negativa pais-filhos. Os estudos de caracterização foram capazes, a partir do RE-HSE-P, discriminar crianças com e sem problemas de comportamento. Os estudos de intervenções conduzidos com amostras clínicas mostraram que o instrumento foi eficiente para avaliar a redução de problemas de comportamento e de práticas educativas negativas, bem como detectou a ampliação de repertório de habilidades sociais dos filhos e de habilidades sociais educativas parentais.

Palavras-chaves: avaliação, intervenção, habilidades sociais educativas, práticas educativas parentais, problemas de comportamento

Minicurso 12

CUIDADOS QUANTO À VALIDADE INTERNA E EXTERNA DE INTERVENÇÕES EM HABILIDADES SOCIAIS

Bárbara Carvalho Ferreira (Programa de Pós-graduação em Psicologia, UFScar); Faculdades Integradas Pitágoras e Faculdade de Saúde Ibituruna - Montes Claros/MG), Daniele Carolina Lopes (Programa de Pós-graduação em Psicologia, UFScar), Talita Pereira Dias (Programa de Pós-graduação em Psicologia, UFScar) e Zilda A.P Del Prette (Programa de Pós-graduação em Psicologia, UFScar)

Para elaboração e condução de pesquisas envolvendo intervenções no campo teórico-prático das Habilidades Sociais (HS) torna-se necessária a produção d e indicadores de eficácia e efetividade, em termos de validade interna e externa. A validade interna depende de delineamentos de pesquisa que permitam estabelecer relação inequívoca entre os resultados do programa e as condições de intervenção. A validade externa ou social depende, amplamente, de indicadores de generalização e de manutenção do repertório comportamental adquirido, e de seu impacto sobre a vida e o funcionamento psicossocial dos participantes. Há uma diversidade de procedimentos que podem ser adotados para garantir a validade interna e externa dos estudos envolvendo pesquisa-intervenção. Entre essas estratégias, podem ser destacadas: (a) escolha de um delineamento que garanta controle das variáveis intervenientes; (b) realização de estudo piloto do programa de intervenção e dos procedimentos de coleta; (c) avaliação multimodal com diferentes informantes e métodos; (d) avaliação contínua ao longo da intervenção (e) sessões planeja das a partir de objetivos previamente definidos e procedimentos direcionados para consecução dos mesmos; (f) atividades planejadas para cada sessão devem seguir um padrão cumulativo, ou seja, habilidades que foram objeto de sessões anteriores devem ser recapituladas nos módulos seguintes, visando o aperfeiçoamento e o monitoramento de possíveis déficits adicionais; (g) utilização de diferentes atividades e materiais e recursos lúdicos e educativos, sendo esses associados a técnicas de manejo de comportamento; (h) realização de avaliação funcional do comportamento de cada criança; (i) instrumentalização de pais e professores para aplicar no dia a dia as questões abordadas na intervenção; (k) treino de juízes para análise dos dados, com análises de concordâncias; (l) avaliação da integridade da intervenção. A discussão de cuidados imprescindíveis ao pesquisador ao planejar e conduzir uma pesquisa-intervenção pode trazer mudanças de práticas e, em longo prazo, aumentar a qualidade dos estudos, garantindo maior confiabilidade e generalização dos resultados obtidos nessas investigações. Isso por sua vez pode trazer avanços não só de cunho científico, mas também social. Considerando a importância de se adotar o maior número possível de ações no sentido de se garantir a validade dos estudos e os benéficos a ela implicados, o presente trabalho tem como objetivo apresentar, de modo detalhado, as estratégias adotadas para garantir a validade interna e externa de intervenções em habilidades. Para tanto, serão abordados e discutidos exemplos de procedimentos desse tipo aplicados em investigações já realizadas, descrevendo-os pontualmente e discutindo detalhadamente suas vantagens, dificuldades e modos de superá-las.

Palavras-Chave: Habilidades Sociais, Intervenção, Validade Interna, Validade Externa

15h30m-16h

- Intervalo
- Sessão de painéis 1,2,3,4,5,6,7,8,9,10,11,12, e 17

16h-17h30m

- 01 Sessão de comunicação livre

CL 51 - AINDA SOMOS OS MESMOS E VIVEMOS COMO OS NOSSOS PAIS? HABILIDADES SOCIAIS E SOLIDARIEDADE INTERGERACIONAL ENTRE ADULTOS E DE IDOSOS.

Ana Carolina Braz (UFSCar, São Carlos, SP) e Anne Marie V. G. Fontaine (FPCEUP, Universidade do Porto, Portugal)

Com envelhecimento populacional e o aumento da expectativa de vida, são prolongados os contatos entre diferentes gerações, por meio dos quais, os idosos podem prover auxílio financeiro para a família, e filhos adultos podem oferecer apoio aos pais idosos, por meio de expressão de afeto e sentimentos, contato, comunicação sobre opiniões e valores, oferecimento de apoio, expressão e negociação das e xpectativas sobre obrigações e normas. Essas interações familiares tem sido estudas pela sociologia e foram organizadas no modelo da Solidariedade Intergeracional (SI). Por outro lado, na Psicologia, nomeadamente o campo teórico-prático das Habilidades Sociais, tem encontrado evidências de que há uma relação entre a qualidade do relacionamento interpessoal e o repertório elaborado de habilidades sociais. No entanto, a relação entre HS e SI permanece pouco explorada. No caso específico do relacionamento entre pais e filhos, o repertório de HS pode ser favorecer o convívio intergeracional, enquanto déficits de habilidades sociais podem reduzi-lo. O objetivo deste trabalho é avaliar a relação entre as dimensões de solidariedade intergeracional e o repertório de habilidades sociais em díades de pais idosos e filhos adultos e a influência de variáveis sociodemográficas (sexo, idade, nível socioeconômico, estado civil, grau de instrução). A amostra fo i composta de 113 díades, avaliadas por meio de: IHS-Del-Prette, IHSI-Del-Prette, Índice de Solidariedade Intergeracional, e Critério Brasil. As análises preliminares indicaram uma relação entre as diferentes classes de habilidades sociais e dimensões de solidariedade intergeracional, considerando, principalmente, a reciprocidade entre pais e filhos. Para testar essa interface entre habilidades sociais e solidariedade intergeracional, foram realizadas análises de dados relacionais, por meio do modelo Actor Partner de Interdependência, em que foram testados dois efeitos do ator (habilidades sociais de expressão de sentimento - HSES - dos pais como preditoras da solidariedade intergeracional afetiva - SIA- dos pais, HSES dos filhos como preditoras da SIA dos filhos) e dos efeitos do parceiro (HSES dos pais como preditoras da SIA dos filhos e HSES dos filhos como preditoras da SIA dos pais). No modelo saturado, encontrou-se relação estatisticamente significativa das HSES dos pais como preditoras da SIA dos filhos ($b = 0,336$; $Z = 1,980$; $p = 0,048$). Esses resultados confirmam a interface entre Habilidades Sociais e Solidariedade Intergeracional. Adicionalmente, nota-se que o repertório de HS dos pais possui impacto sobre o repertório de HS dos filhos e de que há uma a interdependência entre as HS pais e filhos para SI de ambos os membros das díades. Discutem-se as implicações desses resultados para programas de promoção de solidariedade no convívio intergeracional, a fim de promover saúde e qualidade de vida.

Palavras-chave: Habilidades sociais; solidariedade intergeracional, família

CL23 - RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO CUIDADO DE IDOSOS: O QUE GERA CONFLITO? E COMO AS HABILIDADES SOCIAIS PODEM AJUDAR NO SEU GERENCIAMENTO?

Francine Náthalie Ferraresi Rodrigues Pinto, Elizabeth J. Barham, Cristiane, O. A. T. Nunes e Andréia R. A. Dornelles (UFSCar, São Carlos, SP).

Pesquisas anteriores mostram que, mesmo ao cuidar de alguém que se estima, é possível que esta tarefa, com o passar do tempo, se torne estressante e leve a uma diminuição na qualidade de vida do cuidador. As razões para a presença de estresse em cuidadores de idosos envolvem, principalmente, dificuldades para conciliar os interesses e opiniões do idoso, do próprio cuidador e de outras pessoas envolvidas no cuidado (por exemplo, outros familiares e profissionais da área de saúde). O bom manejo dessas situações requer um alto domínio de habilidades sociais e competência social por parte do cuidador, para que ele consiga gerenciar situações adversas. O presente estudo teve como objetivo levantar quais os principais conflitos envolvidos no processo de cuidar de um idoso e identificar quais habilidades sociais podem ajudar o cuidador a exercer essa função com maior êxito. Entrevistou-se 50 cuidadores de idosos, 25 idosos cuidados e 25 profissionais da saúde do idoso, ligados a serviços de saúde pública em uma cidade no interior do estado de São Paulo. Levantou-se, inicialmente, exemplos de demandas ou conflitos interpessoais que os participantes identificaram no papel de cuidador de idoso para cada classe de habilidades sociais (enfrentamento e autoafirmação; autoafirmação na expressão de sentimentos positivos; conversação e desenvoltura social; auto exposição a desconhecidos e situações novas; e autocontrole da agressividade). A seguir, foi pedido aos participantes que relatassem uma situação em que o cuidador se comportava de maneira passiva, agressiva e assertiva. Depois, levantou-se a percepção dos participantes com relação à relevância de cada item do Inventário de Habilidades Sociais do Idoso (IHS-Del-Prette para um cuidador de idoso. Os conflitos relatados com maior frequência diziam respeito à falta de recursos financeiros; falta de apoio por parte de outros familiares (responsabilidade focada em um membro da família); falta de colaboração do idoso; preferência do idoso por um filho e o fato de o cuidador sentir-se irritado com outras pessoas por não conseguir ter um tempo livre para seu cuidado pessoal. Na opinião dos participantes, na maioria dos casos, não era possível resolver estes conflitos adequadamente, uma vez que os outros familiares não se mostravam dispostos a mudar sua forma de se comportar em relação aos cuidados com o idoso. As habilidades relatadas como sendo as mais importantes para um melhor cuidado com o idoso foram: pedir ajuda, controlar sentimentos negativos, expressar sentimentos positivos, fazer perguntas (para conseguir obter mais informações sobre a doença do idoso) e recusar pedidos abusivos (para que o cuidador principal pudesse dividir as tarefas com outros membros da família). Ao se pensar nos conflitos que os cuidadores mencionaram e nas habilidades avaliadas como sendo importantes, seria interessante e relevante desenvolver, especificamente, um instrumento para avaliar habilidades sociais de cuidadores de idosos, uma vez que este poderia guiar formas de intervenção com o objetivo de adaptar melhor o cuidador a esse contexto, ainda pouco estudado dentro do campo das habilidades sociais.

Palavras-chave: Cuidador de idoso, conflitos, habilidades sociais

CL14 - O DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO E SUAS REPERCUSSÕES SOBRE A HABILIDADE DE LIDA COM A MORTE NA CONTEMPORANEIDADE.

Priscila de Barcellos Adler Pereira (UERJ, RJ).

O objetivo desse estudo é analisar o impacto do desenvolvimento tecnológico sobre o modo como o homem lida com a morte na contemporaneidade. O desenvolvimento do saber e da tecnologia médica e o notável progresso das ciências no último século possibilitaram a cura de

doenças, a criação de medicamentos que aliviam a dor, o diagnóstico mais preciso de patologias e o prolongamento artificial da vida. Como a um milagre, assistiu-se ao surgimento de diversas descobertas que pareciam apontar soluções para mazelas que assolavam a humanidade desde seus primórdios. Entretanto, caberia pensar que a mesma sociedade que criou os mais diversos instrumentos de combate à morte, às doenças, ao envelhecimento e à dor, tornou-se inábil para lidar com o padecimento e o sofrimento. Por estes serem considerados intoleráveis, na sociedade contemporânea, a reflexão sobre a dor e o sofrimento vem perdendo espaço, dando lugar às promessas de combate às mesmas através do progresso médico-científico e de novas tecnologias. Tais avanços contribuíram para a modificação nas maneiras de conceituar e compreender a morte na contemporaneidade e possibilitaram, também, a interferência crescente no processo de morrer. Alguns fenômenos que sequer ocorriam, antes do advento da tecnologia médica, como a eutanásia, a distanásia e o suicídio assistido, passaram a confrontar a comunidade médica e a sociedade, demandando com urgência a reflexão sobre os novos rumos da ciência. Para alcançar esse objetivo analisaremos historicamente a construção do conhecimento, para apontar alguns dos dilemas que confrontam a medicina e a sociedade diante da tentativa de gerenciamento o da morte na contemporaneidade. Buscaremos problematizar a interferência das tecnologias no processo de morrer demonstrando a impossibilidade de resolver tais dilemas a partir de diretrizes universais e procuraremos repensar os modelos propostos, retomando o projeto fundamental da medicina e examinando as bases nas quais o saber médico foi construído para estabelecer uma relação mais livre com o modelo de cuidado proposto. Através deste caminho proposto é possível perceber que no mundo contemporâneo foi delegada às equipes médicas a responsabilidade de lidar com a morte, na esperança de que estas poderiam gerencia-la com eficiência, conquistando finalmente seu controle. O individuo, por sua vez, ao tornar-se paciente e entregar-se aos cuidados médicos tem poucas possibilidades de acesso à informação e não tem acesso as decisões terapêuticas. Assim recaem sobre a equipe médica as decisões a respeito do processo de morrer, excluindo o paciente desse processo. Utilizamos um apanhado histórico do gerenciamento da morte e da inserção de novas tecnologias no processo de morrer. Analisamos a lida com a morte com base na fenomenologia a fim de entender esses processos e analisar os dilemas que surgem na contemporaneidade, diante do adoecimento e morte. Através dessa reflexão constante acreditamos que médicos, familiares e pacientes possam estabelecer uma relação mais livre com a morte, desenvolvendo habilidades pessoais e percebendo outras possibilidades de lida com a morte que vislumbrem além da máxima que determina que este fenômeno deva ser combatido a todo custo.

Palavras-chave: Morte, Contemporaneidade, Tecnologia.

CL56 - TREINO DE HABILIDADES SOCIAIS COM GRUPO DE IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS.

Ângela Carina Sá-Neves (Hospital Universitário João de Barros Barreto, UFPA) e Hilma Tereza Tôrres Khoury (UFPA).

A literatura da área sobre Habilidades Sociais vem demonstrando que o repertorio social de idosos institucionalizados fica bastante prejudicado pelas variáveis desfavoráveis que envolvem este contexto. Na maioria destas instituições não ocorre o incentivo de seus residentes ao diálogo entre si e o que acaba acontecendo é que cada idoso se afasta do contato com os outros, deixando assim de estimular habilidades importantes para o seu bem-estar psicoemocional e perdem a oportunidade de estabelecer uma rede de amizade com outros idosos. Assim, o objetivo deste estudo foi verificar a efetividade do Treino de Habilidades Sociais (THS) com um grupo de idosos residentes em uma Instituição de Longa Permanência (ILPI), de forma a promover o ensino de habilidades sociais e a melhoria da convivência e da comunicação entre eles. Trata-se de um estudo que fez uso de método sequencial que envolve avaliações

sucessivas do grupo em dois momentos diferentes do THS. Participaram oito idosos (três homens e cinco mulheres) de uma ILPI pública na cidade de Belém/PA. Foram utilizados os seguintes instrumentos de avaliação: Roteiro de Entrevista, Mini-Exame do Estado Mental (MEEM), Inventário de Habilidades Sociais para Idosos (IHSI), Tabela com os Comportamentos Socialmente Habilidosos (TCSH), duas situações sociais nomeadas de Ensaios Comportamentais (ECs), além de outros recursos e técnicas Cognitivo-Comportamentais. As sessões de treino caracterizavam-se por atividades de encenações, descrições verbais e escritas de situações do cotidiano. Os procedimentos foram: 1) Contato inicial, no qual ocorreu uma avaliação de seleção (Roteiro de Entrevista e MEEM) dos potenciais participantes; 2) Aplicação dos instrumentos do pré-teste (IHSI e TCSH) e explicação sobre o funcionamento da oficina que teve duração de quatro semanas, ocorrendo duas sessões interventivas grupais por semana, com duas horas de duração; 3) O Treino de Habilidades Sociais foi configurado em oito sessões, sendo a primeira e última sessões correspondestes aos Ensaios Comportamentais I e II (Técnica do Role Play), respectivamente; 4) Aplicação dos instrumentos do pós-teste (IHSI e TCSH) e a entrevista devolutiva. Análise dos dados: O desempenho dos participantes no IHSI será computado e analisado em escores que serão objeto de análise buscando fazer comparações com o grupo, considerando a confiabilidade das mudanças entre as diferenças no pré e pós-teste I e II. As informações do CSH e dos ECs passaram por análises descritivas. Os resultados sugerem: a) Os participantes apresentavam, antes do treino de HS, déficit considerável de habilidades sociais em todos os fatores do IHSI em menor ou maior grau de escores (Média inferior=1,00 e Média superior=3,86); b) Na observação de cada participante durante o EC I foi perceptível certa dificuldade do grupo em encenar situações sociais; c) Após as sessões de treino foi percebida significativa melhora tanto nas médias do IHSI (Média inferior=2,00 e Média superior=4,00) quanto na demonstração do EC II dos participantes que apresentaram mais comportamentos assertivos e adequados às situações sociais propostas. Estes resultados reforçam a importância quanto ao desenvolvimento de estudos sobre THS com idosos institucionalizados para auxilia-los na manutenção de uma boa rede de apoio social e emocional.

CL60 – HABILIDADES SOCIAIS E DIFICULDADES INTERPESSOAIS DE ADOLESCENTES DE UM PROGRAMA DE INSERÇÃO LABORAL.

Luana de Mendonça Fernandes, Hercília M. da Silva, Raquel da C. C. dos Reis, Zenaide C. da S. Neta, Rayssa S. Valente, Adriana F. Esteves e Vanessa B. R. Leme (Universo, Niterói, RJ).

Pesquisas com adolescentes são importantes porque esta fase do ciclo vital configura-se num momento de desafios, mas também de oportunidades e mudanças de trajetórias de vida negativas. De fato, a passagem a novos grupos e contextos sociais impõe aos adolescentes novas demandas interpessoais e torna mais provável a sua exposição ao risco. Nesse sentido, estudos indicam que o trabalho exercido por adolescentes caracteriza-se numa situação de vulnerabilidade psicossocial. Contudo, a adolescência envolve desafios que transcendem a preparação para o início da atividade laboral e formação da sua identidade profissional. Dessa forma, a partir da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, o presente estudo teve por objetivo investigar as percepções de adolescentes sobre a escolha da profissão e a inserção no mercado de trabalho e o relacionamento com a família, pares, professores e parceiros românticos, identificando habilidades sociais e dificuldades interpessoais. Participaram do estudo 40 adolescentes, com idade entre 13 e 16 anos (27 meninas e 13 meninos) de nível socioeconômico baixo que frequentavam um programa de inserção laboral oferecido por uma entidade não-governamental (ONG) e sem fins lucrativos. Os participantes eram alunos do Ensino Fundamental e Médio de escolas municipais e estaduais da área central da cidade do Rio de Janeiro. Os dados foram coletados por meio da realização de quatro grupos focais, com 8 a 12 adolescentes em cada grupo, com duração média de 90 minutos. O grupo focal caracteriza-se como um método de pesquisa qualitativo que tem permite identificar significados

e recolher informações sobre os microssistemas dos adolescentes e sobre suas relações interpessoais. Antes de participarem do estudo, todos os adolescentes entregaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinados por seus responsáveis legais. Os participantes também responderam à um Questionário sobre caracterização familiar e nível socioeconômico. Os grupos focais foram gravados e as falas dos adolescentes foram transcritas integralmente e, posteriormente, foram analisadas por meio de Análise de Conteúdo. Os relatos dos participantes foram agrupados em quatro núcleos temáticos estabelecidos previamente, procurando-se identificar habilidades sociais e dificuldades interpessoais: (a) relacionamento com a família; (b) relacionamento com pares e professores; (c) relacionamentos afetivos e sexuais; (d) perspectivas em relação a escolha da profissão e a inserção no mercado de trabalho. As principais habilidades sociais identificadas foram empatia e civilidade verificadas nas relações com os pares e com a família. Notou-se que os adolescentes apresentavam muitas dificuldades relacionadas às habilidades de autocontrole, assertividade e abordagem afetiva, observadas especialmente nas suas interações com os parceiros românticos. Em concordância com a literatura, os resultados indicaram que os adolescentes tem pouco conhecimento sobre a escolha profissional e o mercado de trabalho, embora reconheçam a dificuldade em trabalhar e estudar ao mesmo tempo. A maioria dos adolescentes relatou situações com os parceiros românticos baseadas em agressões físicas e psicológicas, bem como caracterizadas por estereótipos de gênero. Com os dados da pesquisa foi possível conhecer melhor a realidade social dos adolescentes e coletar dados sobre as suas vivências que serão utilizados na elaboração das atividades de um programa de Treinamento em Habilidades Sociais.

02 Sessão de comunicação livre

CL2 - A INFLUÊNCIA DO REPERTÓRIO DE HABILIDADES SOCIAIS NO BEM-ESTAR SUBJETIVO DE CRIANÇAS DOTADAS E TALENTOSAS.

Maria Luiza Pontes de França-Freitas (Faculdade Estácio de Sergipe, SE), Almir Del Prette e Zilda A. P. Del Prette (UFSCar, São Carlos, SP).

As pesquisas empíricas a respeito das características socioemocionais de crianças dotadas e talentosas, especificamente, do repertório de habilidades sociais e do nível de bem-estar subjetivo, ainda são escassas, uma vez que predominam as publicações sobre as características cognitivas e necessidades educacionais dessas crianças. Referente a essa temática destaca-se que o uso de estratégias pelas pessoas para enfrentar sentimentos diversos e negociar relações sociais é considerado na literatura um indicador de bem-estar. Nesse sentido, pode-se supor que o bem-estar da criança pode ser ampliado com a melhoria de seus relacionamentos em diferentes contextos; essa melhoria provavelmente ocorrerá quando a mesma possuir um repertório mais elaborado de habilidades sociais. Neste contexto, destacam-se as habilidades sociais como um meio de possibilitar o bem-estar dos indivíduos dotados e talentosos. Diante dessa questão, os objetivos do presente estudo foram: (1) verificar a relação entre habilidades sociais e bem-estar subjetivo de crianças dotadas e talentosas; e (2) identificar o poder preditivo das habilidades sociais na explicação do bem-estar subjetivo dessas crianças. A amostra deste estudo foi composta por 269 crianças identificadas como dotadas e talentosas na faixa-etária de oito a doze anos. Os participantes responderam a quatro instrumentos: Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais (SSRS); Escala Multidimensional de Satisfação de Vida para Crianças (EMSVC); Escala de Afeto Positivo e Negativo para Crianças e Questionário Sócio-Demográfico. A partir de análise de correlação r de Pearson foi possível identificar relação entre as classes habilidades sociais e os indicadores de bem-estar subjetivo. Todos os indicadores de bem-estar subjetivo apresentaram correlação estatisticamente significativa com o escore total de habilidades sociais. Dentre as classes de habilidades sociais, empatia foi a que apresentou as menores medidas de efeito na correlação com o bem-estar subjetivo e seus indicadores. Os resultados obtidos a partir de análise de regressão linear múltipla indicaram que um repertório

elaborado de habilidades sociais está associado a um maior nível de bem-estar subjetivo em crianças dotadas e talentosas. O bem-estar subjetivo foi predito pela maioria das classes de habilidades sociais. Dentre essas classes, responsabilidade foi a que explicou a variância em todos os indicadores analisados (bem-estar subjetivo geral, satisfação com a vida, afeto positivo e afeto negativo). As crianças dotadas e talentosas que relataram apresentar com maior frequência comportamentos considerados responsáveis, relataram níveis altos de bem-estar subjetivo geral e satisfação com a vida bem como sentir com maior frequência afetos positivos e com menor frequência afetos negativos. De modo geral, verificou-se que o repertório elaborado de habilidades sociais de crianças dotadas e talentosas, aumenta a probabilidade de que essas crianças sintam-se satisfeitas com as relações que estabelecem com a família, amigos e outros interlocutores, bem como, sintam com maior frequência afetos positivos, relatarem possuir elevado nível de autoconfiança, autoestima e bom-humor, dentre outros aspectos. Os resultados desse estudo podem ser considerados relevantes tanto para a área da educação especial quanto para a área da saúde, contribuindo para o avanço da pesquisa nesse campo ainda pouco explorado em nosso país.

Palavras-chave: habilidades sociais, bem-estar subjetivo, dotação

CL38 - PROMOVENDO HABILIDADES SOCIAIS NA CLÍNICA: INTERVENÇÃO COM AUTISTAS.

Camila Negreiros Comodo (UFSCar, São Carlos, SP), Simone Aparecida Lopes-Herrera (Unesp – Bauru, SP), Almir Del Prette e Zilda A. P. Del Prette (UFSCar, São Carlos, SP).

A área de Habilidades Sociais abrange questões teóricas, de pesquisa e de intervenção relacionadas com a convivência interpessoal. Quando se trata de intervenção, muitos são os relatos de pesquisa e de atuação junto a grupos de populações clínicas e não clínicas. Entretanto, a área de Habilidades Sociais também permite a intervenção em formato clínico individual, com clientes em consultório de Psicologia. Esse segmento da prática de desenvolver e aprimorar habilidades sociais em contexto clínico tem sido pouco relatado em congressos e publicações da área, o que não significa uma menor importância. O trabalho de ensinar e aperfeiçoar habilidades sociais de crianças, adolescentes e adultos dentro da clínica é relevante na medida em que contribui para que as pessoas sejam mais competentes socialmente e tenham uma melhor qualidade de vida. Dentro desse panorama, populações clínicas podem se encaminhar ao atendimento psicoterápico visando melhorar suas relações sociais, e uma clientela que tem buscado esse tipo de tratamento são os autistas. A literatura indica que pessoas caracterizadas com o transtorno do espectro autista possuem déficits em habilidades sociais, e por isso poderiam se beneficiar de treinamentos de habilidades sociais para melhorar suas relações interpessoais. Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo apresentar e discutir o atendimento clínico voltado para o desenvolvimento de habilidades sociais em duas crianças autistas. As crianças atendidas eram dois irmãos gêmeos de sete anos diagnosticados com o transtorno do espectro autista, as quais foram encaminhadas para atendimento psicológico, fonoaudiólogo e psicopedagógico. Foi realizada uma avaliação das habilidades sociais das crianças por meio de observações em contexto escolar e da aplicações do SSRS-Br com as professoras e com a mães. Essa avaliações indicou que as duas crianças possuíam déficits na maioria das classes de habilidades sociais relevantes na infância. A partir desses dados, as crianças iniciaram psicoterapia individual com ênfase no desenvolvimento de habilidades sociais. Para atingir os objetivos desejados foram utilizados os procedimentos de modelação, modelagem, instrução, role-play, reforço diferencial e também foram empregadas adaptações de vivências (atividade desenvolvida por Del Prette e Del Prette para ser aplicada em grupos de treinamento de habilidades sociais). ApÃ³s 48 sessões uma das crianças teve alta do processo terapêutico apÃ³s as avaliações da mãe, da professora e da psicóloga indicarem mudanças

significativas nas principais classes de habilidades sociais infantis (empatia, assertividade, fazer amizades, civilidade, resolução de problemas interpessoais, autocontrole e habilidades sociais acadêmicas). A outra criança continua em processo terapêutico, apresentando resultados positivos, porém ainda não suficientes para ser avaliada como socialmente competente.

Palavras-chave: habilidades sociais, intervenção, autismo

CL34 - HABILIDADES SOCIAIS E DISTÚRBIOS DA COMUNICAÇÃO: IMPORTÂNCIA DA INTERFACE PSICOLOGIA E FONOAUDIOLOGIA.

Dagma Venturini M. Abramides (FOB-USP, Bauru, SP).

A adequada capacidade da audição, da linguagem e da fala é essencial para a interação humana e para a participação social ativa. A interface do campo teórico-prático das habilidades sociais (HS) com a área dos Distúrbios da Comunicação (DC) mostra-se promissora ao considerarmos o conceito de HS como central para analisar as interações sociais e a comunicação como um processo de construção social. Além disso, as HS têm sido relacionadas a melhor qualidade de vida, a relações interpessoais mais gratificantes, a maior realização pessoal e ao sucesso profissional, o que denota suas propriedades como fator de proteção ao desenvolvimento humano, tanto típico como atípico. Neste sentido, o objetivo desta apresentação é fornecer elementos para análise desta interface a partir dos resultados de estudos sequenciais na referida temática, de autoria ou coautoria da apresentadora, englobando três pesquisas de iniciação científica, uma de especialização, três de mestrado, uma tese de doutorado e uma tese de livre-docência. Participaram deste corpo de estudos 80 (18 crianças com deficiência auditiva,16 crianças com distúrbio de linguagem escrita, 09 crianças com distúrbio de voz, 18 crianças com distúrbio de motricidade orofacial e 19 crianças com distúrbio de linguagem oral), 18 escolares com transtorno do espectro autístico e 12 jovens e adultos com síndrome genética avaliados por meio de os instrumentos IMHS-C, IHS e SSRS-BR (pais e professores) e em 3 estudos foram realizadas filmagens do cenário comportamental. Como resultado, os estudos permitiram caracterizar e identificar necessidades especiais relacionadas ao repertorio social e comportamental, oferecendo subsídios para a o processo de intervenção destes grupos que deve contemplar o cenário no qual a criança interage e se integra socialmente. É importante estar atento aos comportamentos dos indivíduos com dificuldades comunicativas, pois essas impactam negativamente nas relações interpessoais e/ou na aprendizagem escolar, o que poderá gerar fracasso escolar, assim como, rejeição pelos seus colegas. Neste sentido, a interface entre Psicologia e Fonoaudiologia pode auxiliar na compreensão da complexa temática que é a comunicação, a linguagem e a fala uma vez que as habilidades de interação estão no centro das teorias de desenvolvimento de linguagem/fala no contexto social. Como resultado desta reflexão, um novo projeto será iniciado com a proposta de inovação das práticas educativas com a graduação deste curso uma vez a incursão nesta área parece inevitável considerando-se que a formação do graduando da área da Saúde, especificamente junto aos Distúrbios da Comunicação, requer o treino e domínio de habilidades e competências necessárias para realizar o processo de reabilitação e inclusão da clientela atendida.

Palavras-chave: Comunicação, Habilidades Sociais, Fonoaudiologia

CL7 - FORMAÇÃO INICIAL DE FUTUROS PROFESSORES: PROGRAMA DE PROMOÇÃO DE HABILIDADES E EDUCAÇÃO ESPECIAL.

Patricia Lorena Quiterio e Leila Regina d'Oliveira de Paula Nunes (UERJ, RJ).

Na interação social bem sucedida é fundamental que os interlocutores sejam capazes de exibir Habilidades Sociais. Esta se refere à "existência de diferentes classes de comportamentos sociais no repertório do indivíduo para lidar de maneira adequada com as demandas das situações interpessoais". Os objetivos foram: a) Identificar o repertório de Habilidades Sociais de alunos de graduação em Pedagogia através de instrumentos quantitativos e qualitativos; b) Verificar os efeitos do Programa de Promoção das Habilidades Sociais junto aos graduandos em Pedagogia. A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética da UERJ (processo nº. 017.3.2008). Participaram da pesquisa 10 alunas da Graduação em Pedagogia de uma Universidade Pública do município do Rio de Janeiro. A metodologia proposta nesta pesquisa foi composta de dois estudos interligados: I) A Formação Inicial de Graduandas em Pedagogia através do curso "Educação Especial e Habilidades Sociais" (40 horas) e, II) O Programa de Promoção de Habilidades Sociais dos Alunos Não Oralizados. Neste artigo, está sendo apresentado o Estudo I. Inicialmente, foi realizado o pré-teste através da aplicação do IHS-Del-Prette e do questionário diagnóstico elaborado para esta pesquisa sobre Habilidades Sociais (HS). Segue uma breve descrição do programa do curso: Conceitos básicos na área de HS; Subclasses de HS; Avaliação em HS; Relação entre HS e Habilidades Sociais Educativas; Programas de Treinamento em HS; HS e deficiências sensoriais, deficiência intelectual, Transtornos Globais de Desenvolvimento e Deficiência física; Avaliação multimodal dos alunos não oralizados; Elaboração de atividades para o Programa de Promoção das Habilidades Sociais (PPHS) e, replicação do IHS-Del-Prette e do questionário (pós-teste). As aulas tiveram uma metodologia baseada em exposições didáticas, técnicas cognitivas e comportamentais, vivências e elaboração de atividades com recursos da Comunicação Alternativa que atendam as diferentes subclasses de Habilidades Sociais. Através da análise dos dados do IHS-Del-Prette, conclui-se que houve avanço significativo em seis alunas no Escore Total (ET). O índice satisfatório e m Enfrentamento e Autoafirmação com Risco (F1) e na Autoafirmação na Expressão de Sentimento Positivo (F2) ocorreu com quatro alunas em cada fator. No Fator 3 - Conversação e Desenvoltura Social, sete alunas obtiveram uma mudança satisfatória, assim como cinco alunas obtiveram uma avaliação crescente em Auto exposição a Desconhecidos e Situações Novas (F4) e duas no Autocontrole da Agressividade (F5). O questionário diagnóstico demonstrou mediante a análise das cinco categorias que as alunas, de modo geral, possuíam uma noção, uma percepção satisfatória dos conceitos. Contudo, ressalta-se que houve uma ampliação dos conceitos, da sua aplicabilidade e essencialmente do papel do interlocutor na promoção das Habilidades Sociais. Os relatos das alunas ao fim do curso sugeriram também algumas mudanças no repertório pessoal de habilidades sociais, sobretudo em autoconhecimento, assertividade, empatia e cultivo de amizades. Conclui-se, por meio dos da dos apresentados, que o grupo de graduandas de Pedagogia demonstrou progresso na aquisição, no desempenho e na fluência das Habilidades Sociais. Muito provavelmente esse avanço significativo que as alunas obtiveram em suas Habilidades Sociais poderá influenciar positivamente seus relacionamentos interpessoais em outras situações sociais, e em especial na educação de pessoas com deficiência.

Palavras-chave: Programa de Promoção de Habilidades Sociais; Formação inicial de alunos de graduação; Habilidades Sociais Educativas

CL40 - INTERDISCIPLINARIDADE EM UM CASO DE GÊMEOS COM TRANSTORNO GLOBAL DO DESENVOLVIMENTO.

Maria Grazia Guillen Mayer (UFSCar, São Carlos, SP), Thaís Chabaribery (Psicopedagoga Clínica, Psicopedagoga APAE, São Carlos, SP), Camila Negreiros Comodo (UFSCar, São Carlos, SP) e Simone Aparecida Lopes-Herrera (FOB - Bauru, USP).

O transtorno global do desenvolvimento (TGD), de acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico

de Transtornos Mentais da Associação Americana de Psiquiatria é referente aos transtornos que se caracterizam por prejuízos severos e invasivos em diversas áreas do desenvolvimento, entre elas habilidades de interação social, habilidades de comunicação e presença de comportamentos, interesses e atividades estereotipados. Os prejuízos qualitativos que definem estas condições representam um desvio em relação ao nível de desenvolvimento do indivíduo, o que afeta sua adaptação social, educacional e de comunicação. A linguagem corresponde a uma das habilidades específicas e significativas dos seres humanos, compreendida como um sistema de sinais de duas faces, sendo esses - significante e significado. O significante refere-se ao aspecto formal da linguagem, e é constituído pela junção hierárquica dos elementos (fonemas, palavras, orações e discurso). Os fonemas integram palavras, as palavras combinam-se em orações, e as orações se enquadram no discurso. O significado, por outro lado, refere-se ao aspecto funcional da linguagem, considerado como o responsável pela comunicação no meio social. A pragmática tem sido enfatizada pela perspectiva da interação social nas explicações sobre a aquisição da linguagem infantil, segundo esta perspectiva, a criança adquire a linguagem a partir da interação dos aspectos biológicos com os processos sociais. O objetivo desse estudo foi mostrar uma parte do trabalho interdisciplinar, entre fonoaudiologia, psicopedagogia e psicologia, para melhorar aspectos da linguagem oral e escrita na intervenção de gêmeos diagnosticados com transtorno global do desenvolvimento e consequentemente auxiliar na melhora de suas habilidades sociais. Participaram do estudo duas fonoaudiólogas, uma psicopedagoga e uma psicóloga com objetivos específicos em suas áreas, porém que convergiam à melhora das habilidades sociais dos irmãos gêmeos diagnosticados com transtorno global do desenvolvimento. Os responsáveis pelas crianças assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido vinculado à Clínica de Fonoaudiologia da USP, na cidade de Bauru. O trabalho ocorreu da seguinte maneira: as profissionais realizavam reuniões periódicas com o objetivo de delinearem um trabalho interdisciplinar, no caso da fonoaudiologia o objetivo era a melhora da comunicação como um todo, focando as áreas fonológicas, semântica, sintática e pragmática. Na área da psicopedagogia enfocou-se o trabalho de alfabetização, já na psicologia a intervenção teve como foco o desenvolvimento e o aprimoramento de habilidades sociais importantes na infância, como empatia, civilidade, assertividade e fazer amizades. Após as sessões em consultório as profissionais se reuniam e a cada 15 dias ou uma vez por mês levavam os irmãos para sessões externas cujo objetivo era colocar em prática os assuntos trabalhados anteriormente, as sessões aconteciam com ao meno s uma das profissionais envolvidas no caso. Após um ano de intervenção interdisciplinar notou-se nítida melhora nos aspectos sociais de ambas as crianças, Dessa forma, concluiu-se que o trabalho interdisciplinar é de extrema importância, especialmente nos casos de transtorno global do desenvolvimento em que a habilidade social é um dos objetivos a ser enfocado.

Palavras-chave: Habilidades Sociais, Transtorno Global do Desenvolvimento, Interdisciplinaridade

03 Sessão de comunicação livre

CL33 - HABILIDADES SOCIAIS E EXPECTATIVAS ACADÊMICAS EM UNIVERSITÁRIOS: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE ESTUDANTES DE ENFERMAGEM E DE OUTRAS ÁREAS DA SAÚDE.

Cátia Cristina de Carvalho Nogueira e Adriana Benevides Soares (Universo e UERJ, RJ).

Buscar a compreensão e o entendimento das habilidades sociais na enfermagem pode auxiliar o conhecimento acerca dos relacionamentos interpessoais tanto na equipe quanto nos cuidados aos clientes, uma vez que indivíduos com bons relacionamentos são mais saudáveis e estão

menos predispostos ao surgimento de doenças. Pesquisas revelam que as pessoas que não se relacionam bem com as outras, ou tem comportamentos antissociais podem apresentar problemas pessoais e profissionais. Associar a ação da enfermagem ao conceito de habilidades sociais é entender que os profissionais necessitam envolver-se satisfatoriamente com as relações interpessoais, pois diversos estudos apontam que as habilidades sociais são de extrema importância para a qualidade de vida dos relacionamentos e que suas deficiências podem gerar problemas e transtornos psicológicos. O cuidar na enfermagem está bastante associado a uma equipe multidisciplinar que depende da interação do grupo. Sendo assim, verifica-se que um bom repertório de habilidades sociais pode favorecer as relações interpessoais permitindo que estas sejam gratificantes e eficazes. Envolvida também na gratificação profissional encontram-se os fatores relacionados às expectativas que o estudante tem sobre sua profissão e sua formação universitária. As expectativas acadêmicas guiam os comportamentos ou as respostas que uma pessoa pode ter perante uma determinada situação. Os estudos que envolvem as expectativas mostram que a discrepância entre o que os alunos esperam e aquilo que vivenciam de forma negativa podem levar os discentes a um baixo rendimento, dificuldades adaptativas e até abandono do curso. Desta forma, este estudo teve como objetivo identificar as relações entre as Habilidades Sociais e as Expectativas Acadêmicas em estudantes de enfermagem e em alunos de outros cursos da área da saúde do primeiro e do último ano. Visou-se também comparar estudantes de enfermagem e alunos de outros cursos da área da saúde do primeiro ano e do último ano no que concernem as habilidades sociais e as expectativas acadêmicas. Participaram deste estudo 200 estudantes, oriundos de instituição particulares, sendo iniciantes e concluintes de enfermagem e de outras áreas da saúde, todos os universitários assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética. Entre os estudantes 78,5% eram do sexo feminino e a maioria 65 (32,5%) pertencia à classe social B2. Foram utilizados como instrumentos o Inventário de Habilidades Sociais, o Inventário de Empatia e o Questionário de Envolvimento Acadêmico nas Versões A e B. Os resultados identificaram que os concluintes de enfermagem apresentaram mais habilidades sociais para lidarem com suas relações interpessoais, sendo também os que mais apresentaram comportamentos efetivos no Envolvimento Institucional e na Utilização de Recursos.

Palavras-chave: habilidades sociais, expectativas, estudantes universitários

CL26 - COMPREENSÃO DO CONCEITO DE EMPATIA MULTIDIMENSIONAL DOS GRADUANDOS DE ENFERMAGEM: APLICAÇÃO NA CONSULTA EM SAÚDE MENTAL.

Celia Caldeira Kestenberg, Janaína Mengal Gomes Fabri e Alexandre Vicente Silva (UERJ, RJ).

Tratou-se de um estudo descritivo, exploratório, social, com abordagem qualitativa cujos objetivos foram: Identificar os conhecimentos adquiridos durante a graduação, em relação à empatia e relações interpessoais e Analisar a efetividade da consulta de enfermagem como uma estratégia para ensinar relações interpessoais empáticas. Este estudo é um recorte de pesquisa realizada no âmbito do projeto de extensão de uma universidade pública do estado do Rio de Janeiro. Realizou-se no ambulatório de cardiologia de uma policlínica vinculada a esta universidade e teve como sujeitos 25 alunos do oitavo período da graduação. A coleta de dados utilizou como técnica o questionário com três perguntas: O que é relacionamento terapêutico? O que é empatia? Como se aplica a empatia? O período de coleta ocorreu de agosto de 2012 a maio de 2013. Antes de iniciar o estágio no cenário, os sujeitos responderam ao questionário. O objetivo do pré-teste foi avaliar os conhecimentos relacionados à empatia acumulados no

decorrer da graduação ministrados pela subárea de saúde mental. No final do estágio, o mesmo questionário foi entregue aos sujeitos, visando avaliar a efetividade da consulta de enfermagem em saúde mental como um instrumento para ensinar as relações interpessoais e empáticas. A partir das respostas fornecidas serão identificadas possíveis mudanças no discurso mediante o ensino prático do comportamento empático durante as consultas. Ressalta-se que a pesquisa seguiu os preceitos éticos previstos na Resolução 196/96. Neste momento, apresentamos um relatório parcial da pesquisa baseado nos resultados encontrados com a seguinte questão: O que é empatia? A análise foi realizada através da técnica de análise do conteúdo proposta por Bardin. Destaca-se como resultados a preocupação dos estudantes no decorrer das consultas com o comportamento empático, através dos gestos, do discurso compreensivo e do ouvir reflexivo, valorizando o que o paciente estava sentido e as repercussões para a sua vida. É importante ressaltar que os estudantes, após a realização das consultas de enfermagem em saúde mental, ampliaram a capacidade de ouvir e verbalizar empaticamente. Os conflitos emocionais demonstrados pelos pacientes estimularam a reflexão acerca do comportamento empático e da eficácia deste para promoção a qualidade de vida. A capacidade de adotar a perspectiva do paciente em situações adversas foi compreendida de forma mais ampla e prática. Conclusão: Embora seja um relatório parcial, a realização desta pesquisa amplia a visão sobre a temática discutida e permite afirmar que o conteúdo ministrado durante a graduação promoveu efeitos positivos nos graduandos de enfermagem. A consulta de enfermagem em saúde mental agregou valores ao conceito de empatia e fortaleceu a reflexão acerca da importância do comportamento empático na pratica de enfermagem. A pesquisa corrobora com os estudos que comprovam que empatia é uma habilidade socialmente aprendida, sendo assim, é imprescindível pensar sobre a formação do profissional enfermeiro a fim de potencializar está habilidade essencial.

Palavras-chave: Empatia; estudante de enfermagem; consulta de enfermagem

CL52 - HABILIDADES SOCIAIS CONSIDERADAS RELEVANTES POR FISIOTERAPEUTAS PARA SUA ATUAÇÃO PROFISSIONAL.

Joene Vieira-Santos, Keyla Jayane de Barros Santos, Carlos Jordam Marques Costa, Maycon de Paula Rocha, Livaldo Costa Sousa e Elioenai Alves Pereira (Faculdade Adventista da Bahia, Cachoeira, BA).

As Diretrizes Curriculare s Nacionais (DCN) para a Graduação em Fisioterapia apresentam, como o perfil esperado do egresso, um profissional com formação generalista, humanista, crítica e reflexiva, que seja capaz de atuar em todos os níveis de atenção à saúde, mantendo sempre uma visão ampla e global e respeitando os princípios éticos/bioéticos e culturais do indivíduo e da coletividade. Descreve também habilidades e competências que devem ser desenvolvidas por este profissional, tais como habilidades de comunicação, tomada de decisão, liderança, administração e gerenciamento. Desta forma, é possível perceber que a formação do fisioterapeuta não se encontra centralizada apenas na aquisição de habilidades técnicas, mas envolve também o desenvolvimento e/ou aperfeiçoamento de habilidades para o estabelecimento de relações interpessoais satisfatórias, as quais podem ser denominadas de habilidades sociais. O presente estudo tem como objetivo identificar quais são as habilidades sociais necessárias para a atuação do fisioterapeuta na perspectiva de profissionais que tenham pelo menos seis meses de experiência após a conclusão da graduação. Participaram deste estudo nove fisioterapeutas do Recôncavo Baiano, com idades entre 30 e 47 anos e tempo de exercício profissional entre 3 e 22 anos. Os participantes foram entrevistados; as entrevistas foram gravadas e transcritas; e, por fim, foi realizada uma análise de conteúdo das respostas obtidas, a qual permitiu a identificação das seguintes categorias: (1) caracterização da relação

terapêutica, (2) habilidades importantes para o fisioterapeuta na interação com o paciente, (3) importância de compreender o contexto e os sentimentos do paciente, (4) influência da relação fisioterapeuta-paciente para o tratamento e (5) desafios da prática. Os entrevistados caracterizaram a relação profissional-paciente como prestação de serviço, relação profissional, relação de amizade e relação de confiança. Aparentemente, as duas primeiras subcategorias estariam mais relacionadas aos aspectos técnicos da relação profissional-paciente, enquanto as duas últimas enfatizariam aspectos interpessoais desta relação. No entanto, mesmo as subcategorias que parecem enfatizar aspectos técnicos na caracterização da relação terapêutica sugerem a necessidade de habilidades sociais para o desenvolvimento do serviço prestado. Já a segunda categoria foi dividida em duas subcategorias: Habilidades Técnicas e Habilidades sociais, o que parece estar em congruência com a caracterização da relação terapêutica. Dentro das habilidades sociais, observou-se que aquelas consideradas pelos entrevistados como necessárias e mais relevantes para a atuação competente do fisioterapeuta foram: habilidades sociais empáticas, habilidades sociais de comunicação e habilidades sociais assertivas e de enfrentamento. Além disso, na perspectiva dos entrevist ados, a aquisição de habilidades sociais torna-se um componente relevante para o processo de recuperação do paciente, uma vez que permitem ao fisioterapeuta compreender o contexto no qual o paciente está inserido e seus sentimentos, possibilitando a adaptação do tratamento à realidade e aos objetivos do mesmo. Desta forma, os resultados apontam para a necessidade de o fisioterapeuta adquirir habilidades técnicas e sociais para o exercício competente da profissão (o que está alinhando às DNC), sendo capaz de usar a relação terapêutica como ferramenta de auxílio na adesão ao tratamento e recuperação do paciente, bem como um instrumento de feedbak e regulação para a atuação do profissional.

Palavras-chave: Fisioterapeuta, habilidades sociais, relação profissional-paciente.

04 Sessão de comunicação livre

CL20 - ASSOCIAÇÃO ENTRE HABILIDADES SOCIAIS E DESEMPENHO ACADÊMICO EM CRIANÇAS DE ENSINO FUNDAMENTAL.

Luciana Carla dos Santos Elias (FFCLRP – USP, Ribeirão Preto, SP) e Ana Cláudia Durão (HC – FM – USP, Ribeirão Preto, SP).

O ingresso da criança no ensino fundamental desencadeia inúmeras mudanças e situações complexas em sua vida, onde as demandas que deverá enfrentar tornam-se um desafio à capacidade adaptativa da mesma. Este processo requer novas habilidades e adaptações, podendo constituir-se em fatores de risco. A literatura tem apontado para a importância de Habilidades Sociais (HS) no desenvolvimento e aprendizagem da criança. Dentre as diferentes HS, uma delas é objeto de estudo do presente trabalho, nomeada Habilidades de Solução de Problemas Interpessoais (HSPI), refere-se à capacidade do indivíduo solucionar problemas interpessoais em diferentes contextos. Crianças com melhor desempenho em HSPI mostram-se melhor ajustadas às situações e apresentam importantes recursos para trajetórias mais positivas na transição entre a meninice e a adolescência. Sendo assim, o presente estudo objetivou caracterizar o desempenho em HS, HSPI e suas relações com rendimento acadêmico em escolares. Participaram do estudo 200 crianças, de ambos os sexos, com idades entre seis a 10 anos, que frequentavam o Ensino Fundamental I, bem como seus responsáveis e suas professoras. O estudo foi desenvolvido na Rede Municipal de Ensino em uma cidade do interior paulista. Para a coleta de dados foram utilizados os instrumentos: Teste de Desempenho Escolar – TDE, Sondagem de Solução de Problemas Interpessoais em Crianças - CHIPS, Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais (SSRS-BR)– formulário para pais e Sistema de Avaliação de

Habilidades Sociais (SSRS-BR)– formulário para professores. Após concordância e assinatura do Termo Consentimento Livre e Esclarecido por pais e professores, as avaliações com as crianças foram realizadas nas escolas no horário de aula, a aplicação das escalas com os pais foram realizadas em reuniões previamente agendadas nas escolas e os professores responderam as escalas dentro da sua Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo. Os resultados apontaram correlações positivas entre HSPI e desempenho acadêmico. Foram observadas diferenças entre gêneros, crianças do sexo feminino apresentaram valores significativamente superiores às crianças do sexo masculino, quanto ao rendimento acadêmico e HS (cooperação e asserção). Análises relacionadas à idade e série indicaram progressos no desempenho acadêmico e desenvolvimento de HS conforme evolução cronológica; crianças de 1º ano apresentaram menos HS que todas as demais séries. Os resultados encontrados vão ao encontro da literatura no que se refere às associações entre HS, HSPI e desempenho acadêmico. Assim, destaca-se a importância de intervenções preventivas no contexto escolar que abarquem criança, família e professor, podendo atuar como mecanismo de proteção no desenvolvimento.

Palavras chave: Desempenho Escolar, Habilidades Sociais e Habilidades de Solução de Problemas Interpessoais.

CL32 - HABILIDADES SOCIAIS, DESEMPENHO ACADÊMICO, PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO EM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Fátima de Almeida Maia (Universo) e Adriana Benevides Soares (Universo e UERJ, RJ).

O estudo teve o objetivo de identificar e relacionar as habilidades sociais (HS), desempenho acadêmico (DA) e problemas de comportamento (PC) de alunos que passam pela transição do 6º ano e comparar com os escores de alunos que frequentam o 7º ano do ensino fundamental. Participaram da pesquisa 229 alunos, sendo 128 do 6º ano e 101 do 7º ano do Ensino Fundamental de escola pública. Os dados foram coletados através do Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais (Social Skills Rating System - SSRS), para pais, professores e estudantes. Para análise dos dados foi utilizado a Correlação de Pearson e o Teste t. Os resultados na comparação entre os escores de habilidades sociais e comportamentos problemáticos de alunos do 6º e do 7º ano mostraram que as habilidades sociais estão mais presentes em alunos do 7º ano do que nos alunos de 6º ano. O repertório de habilidades sociais dos estudantes avaliados pelos pais e professores apresenta correlações semelhantes. Os pais e professores indicaram que quando os alunos adquirem comportamentos que demonstram maior compromisso com as atividades escolares, domínio das reações emocionais e envolvimento com os pares, menor é a incidência de comportamentos problemáticos. A análise realizada pelos alunos evidencia menos relações associativas diante da própria habilidade social delineada nos resultados dos professores e dos pais. Em relação ao repertório de habilidades sociais e correlações entre desempenho acadêmico e problemas de comportamento, os pais indicam que para os estudantes desenvolverem habilidades sociais é preciso iniciar e manter boas interações sociais em conversas com os amigos, buscando sempre amizades novas que podem estabelecer novas formas de relacionamento. Na análise dos professores existe uma relação associada desenvolvendo a ideia de que quanto mais habilidades sociais, maior é o desempenho acadêmico. Os resultados da avaliação dos estudantes na amostra total apresentam uma relação associada das habilidades sociais com o desempenho acadêmico. Os resultados em relação às habilidades sociais e desempenho acadêmico, incluindo as amostras do 6º e 7º anos, revelam que quanto maiores os escores de habilidades sociais melhor é o desempenho acadêmico. Com isto, os resultados indicam que para os estudantes desenvolverem habilidades sociais é preciso manter boas interações sociais em conversas com os amigos, buscando novas amizades e estabelecendo novas formas de relacionamento.

Palavras-chave: Habilidades sociais, desempenho acadêmico, problemas de comportamento

CL1 - PROGRAMA POSSO PENSAR: DESENVOLVENDO HABILIDADES DE SOLUÇÃO DE PROBLEMAS INTERPESSOAIS EM CRIANÇAS.

Luciana Carla dos Santos Elias (FFCLRP – USP, Ribeirão Preto, SP).

Dificuldades de relacionamento são frequentes em ambientes educativos, o que constitui condição preocupante visto que a exposição cotidiana a situações de confronto, é condição de risco ao desenvolvimento. Dificuldades adaptativas precoces, expressas em altos níveis de problemas emocionais e/ou comportamentais no contexto escolar, têm sido associadas a trajetórias desfavoráveis. Torna-se clara a relevância de instrumentos que possam auxiliar o manejo de sala de aula, a fim de reduzir problemas comportamentais e proporcionar um melhor aproveitamento acadêmico. A literatura tem apontado para a importância das habilidades de solução de problemas interpessoais (HSPI), crianças com melhor desempenho nas HSPI mostram-se melhor adaptadas às situações de vida, ao passo que as com dificuldades frequentemente sinalizam problemas de relacionamento, comportamento, desempenho escolar, entre outros. Tendo em vista que essas habilidades são aprendidas e podem ser des envolvidas, observa-se o caráter preventivo do treino dessas habilidades. O presente trabalho teve por objetivo testar um programa para auxiliar professores no desenvolvimento de HSPI com crianças de seis a 10 anos, que frequentam o Ensino Fundamental I. Participaram professores da rede pública de ensino de uma cidade do interior paulista. Os professores aplicavam o conteúdo para o desenvolvimento das HSPI de duas a três vezes por semana em suas salas de aula, durante um semestre. Foi oferecido aos professores treinamento inicial teórico-vivencial e supervisão durante a aplicação do programa. O programa utilizado é constituído de 40 lições temáticas, sendo que cada lição tem uma história inicial a partir da qual são desenvolvidas as atividades lúdicas propostas que visam fazer a criança pensar na situação. Ao final de cada lição existe um exercício de reforço, a ser realizado no dia seguinte retomando-se o conteúdo trabalhado. As atividades de refo rço são atividades lúdicas que envolvem algumas vezes a participação de familiares, assim a criança é estimulada a conversar em casa e trazer informações para compartilhar com os colegas. O programa possui uma sequência no desenvolvimento das lições, inicia com o reconhecimento de sentimentos, passa para a identificação do problema, caminha para a formulação de diferentes soluções e termina com a escolha da solução mais adequada frente à situação problema. As crianças que participaram do treinamento junto com suas professoras foram avaliadas antes e após a intervenção dos professores quanto às suas HSPI, problemas de comportamento e desempenho acadêmico, através de diferentes instrumentos. Essas avaliações foram diretamente com as crianças, através do relato de pais e professores. Os resultados mostraram-se significativos nas diferentes variáveis estudadas. Os relatos dos professores durante todo o processo auxiliou não só na elaboração final do programa, mas sobre tudo sinalizou que a formação de professores como multiplicadores mostra-se extremamente viável tanto no aspecto de promover um melhor aprendizado e redução de problemas de comportamento quanto no que tange a redução de encaminhamentos a clínicas de psicologia.

Palavras chave: Habilidades Sociais, Problemas de comportamento, Desempenho acadêmico.

CL58 - BRINCANDO E APRENDENDO HABILIDADES SOCIAIS

Ana Paula Casagrande Silva (FM – USP, Ribeirão Preto, SP), Almir Del Prette e Zilda Aparecida Pereira Del Prette (UFSCar, São Carlos, SP).

Os déficits no repertório de habilidades sociais constituem fatores de risco para adaptação do indivíduo no ambiente social. Por isso, métodos preventivos, que aumentem a probabilidade de

um repertório social competente, são bastante relevantes. Estudos apontam que as habilidades sociais podem ser aprendidas e, portanto, ensinadas. Os jogos e as brincadeiras desempenham um papel importante na aprendizagem de vários comportamentos próprios da socialização infantil. Além da vantagem de propiciar, naturalmente, o aprendizado de um desempenho social competente, apresentam-se como condições que ampliam as probabilidades de consequências positivas, típicas do lúdico. A maneira dos pais educarem e interagirem com seus filhos também influencia a aprendizagem de comportamentos sociais, sendo importante contarem com materiais que os ajudem no papel de educadores. Objetivou-se elaborar um manual para pais com atividades lúdicas voltadas a ensinar seus filhos habilidades sociais, visando comportamento social competente na infância. As atividades tiveram como alvo crianças pré-escolares, uma vez que ainda há poucos recursos na área do Treinamento de Habilidade Sociais (THS) para essa faixa etária. A elaboração do manual foi dividida nas seguintes etapas: 1) Seleção das habilidades sociais a serem ensinadas (Autocontrole e expressividade emocional, Empatia e Fazer amizades – escolhidas com base na análise da importância atribuída por pais às afirmações do SSRS); 2) Escolha dos recursos e métodos de ensino (recurso educativo impresso com atividades lúdicas para serem realizadas pelos pais com seus filhos pré-escolares); 3) Elaboração das atividades lúdicas (fundamentadas na literatura e experiência profissional da pesquisadora com crianças); 4) Teste das atividades (questionário para avaliação da descrição das atividades lúdicas e histórias – nove mães); 5) Avaliação do manual (questionários sobre adequação a população alvo – quatro mães, duas terapeutas infantis e dois juízes especialistas na área do THS) e 6) Modificações com base na avaliação (etapa anterior). Na etapa 4, 70% das histórias foram totalmente aprovadas pelas mães e as demais receberam sugestões de modificações, que foram atendidas em n ova reformulação do manual. A maioria das mães considerou as histórias adequadas para lerem aos filhos e importantes para promover desenvolvimento da socialização e de comportamentos sociais adaptativos das crianças. A quinta etapa mostrou que mães, terapeutas infantis e juízes na área apresentaram uma visão positiva do manual em relação a compreensão e utilidade. A maioria dos avaliadores considerou a clareza do manual boa e os demais, ótima. Todas as mães e terapeutas infantis avaliaram o manual como muito importante para pais. Todas as mães relataram que usariam o manual com seus filhos e as duas terapeutas afirmaram que recomendariam o uso do manual a pais de seus pacientes. Os juízes da área, em geral, apresentaram concordância em relação aos aspectos avaliados. Tais resultados sugerem a valorização das habilidades sociais pelos pais e a relevância destes contarem com orientações que os ajudem na educação dos filhos. Nesta apresentação, serão ilustradas algumas partes do manual, que pode ser tomado como recurso adicional para uso dos pais na promoção do desenvolvimento e ampliação do repertório de habilidades sociais das crianças.

Palavras-chave: Habilidades sociais, Atividades lúdicas, Pré-escolares

CL37 - HABILIDADES SOCIAIS DO PROFESSOR E COMPORTAMENTO SOCIAL DO ALUNO.

Lígia Barboza Moreira, Zilda A. P. Del Prette e Talita Pereira Dias (UFSCar, São Carlos, SP).

A literatura aponta a importância da interação professor-aluno para o processo de aprendizagem e desenvolvimento social do aluno e o papel das habilidades sociais, gerais e educativas, do professor para a qualidade dessas interações. Isso porque, a escola é um dos ambientes mais significativos para a aquisição de habilidades, comportamentos e valores. Além disso, a construção social do conhecimento depende da qualidade das interações sociais do professor com o aluno e da qualidade da relação entre alunos, mediadas pelo professor. Portanto, o conceito de habilidades sociais pode ser considerado adequado e central para analisar as interações sociais no contexto de ensino e aprendizagem que ocorre na escola. Entretanto, apesar dessa relação, não foi encontrado nenhum estudo que relacionasse diretamente influência do repertório de habilidades sociais do professor sobre o comportamento social do aluno, o que é importante

para direcionar intervenções voltadas para a assessoria e capacitação dos professores, no sentido de estratégias para melhorar a relação docente-discente e para lidar com os desafios que representam os problemas de comportamento dos alunos, em particular os agressivos de forma a diminuir sua frequência e aumentar o repertório de habilidades sociais. Esse duplo papel é importante uma vez que as habilidades sociais competem e concorrem com problemas de comportamento, sendo um fator de proteção para a não ocorrência desse transtorno. O presente estudo, longitudinal, objetiva verificar relações entre as habilidades sociais do professor e a frequência de comportamentos agressivos e de habilidades sociais de seus alunos. Em uma primeira etapa, participaram do estudo 15 professores de terceira e quarta série de quatro escolas públicas, que declararam o consentimento por meio do Termo de Livre Consentimento Esclarecido (TCLE). Os professores responderam ao Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette) e ao inventário de Habilidades Sociais Educativas (IHSE-Del-Prette). Foram selecionados três professores com alto escore e três com baixo escore de habilidades sociais, considerando preferencialmente o escore obtido por meio do IHSE-Del-Prette. Também participaram do estudo, os alunos desses professores selecionados, os quais os pais autorizaram sua participação por meio da assinatura do TCLE. Os alunos responderam ao Questionário de Comportamentos Agressivos e Reativos entre Pares (Q-CARP) para verificação da frequência de comportamentos agressivos e ao Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais (SSRS- BR), pelo qual os alunos se autoavaliam quanto suas habilidades sociais. Após seis meses, serão aplicados novamente os instrumentos com todos os participantes. Serão feitas comparações entre os dados obtidos na primeira e na segunda etapa quanto A frequência de comportamentos agressivos e de habilidades sociais dos alunos e com relações a eventuais mudanças no repertório dos professores. Os resultados estão sendo analisados por meio dos testes estatísticos pertinentes e serão concluídos com antecedência da data do Seminário.

Palavras-chave: Interação professor-aluno; Habilidades Sociais Educativas; Comportamentos agressivos

Sessão de Vídeo/Multimídia

ANÁLISE DOS EFEITOS DA CAPACITAÇÃO DE PROFISSIONAIS VINCULADOS À INSTITUIÇÃO DE ENSINO ESPECIAL NA CONDUÇÃO DE UM PROGRAMA DE TREINAMENTO DE PAIS.

Maria Isabel dos Santos Pinheiro, Flávia Neves Almeida, Larissa Salvador Silva, Mariana Pêsso, Amanda Malta Lessa e Vitor Geraldi Haase (UFMG, Belo Horizonte, MG).

Resumo Os pais de indivíduos com transtorno no desenvolvimento e/ou deficiência mental convivem com uma demanda relacionada ao manejo de comportamentos em vários domínios. A aquisição de atividades básicas muitas vezes exige estratégias diferenciadas para ensino. A psicoeducação e orientação familiar tem apontado um maior bem-estar quando contribui fortalecendo a participação dos familiares nas decisões junto com a equipe profissional promovendo o equilíbrio ambiental que leva à melhor qualidade de vida. O desenvolvimento e utilização de técnicas de modificação do comportamento, aplicados a diversos tipos de distúrbios neuropsiquiátricos é um avanço no sentido de melhorar a qualidade de vida tanto de pacientes quanto de familiares. Os Programas de Treinamento de Pais - PTP permitem que a utilização dessas técnicas em ambientes naturais promovam o desenvolvimento mais adaptativo dos filhos. Este estudo tem como objetivo avaliar os efeitos de intervenções parentais conduzidos por profissionais de instituição de ensino que atendem indivíduos com dificuldades de aprendizagem e/ou deficiência mental. Os profissionais serão capacitados pela pesquisadora e pelos auxiliares de pesquisa para conduzirem um PTP estruturado para esses indivíduos. Dentre as estratégias de intervenção o programa conta com a utilização de vídeo como recurso para otimizar a intervenção. Este PTP foi desenvolvido em três módulos

que enfatiza o desenvolvimento de habilidades sociais educativas, vínculo afetivo, ABC do comportamento, análise funcional do comportamento e manejo do comportamento. Os três módulos são desenvolvidos em oito passos ou sessões. Participam do vídeo, criança com desenvolvimento típico e uma criança sindrômica. O vídeo apresenta situações adequadas e inadequadas para discussão. O vídeo um discute na relação antecedente e consequente, porque as crianças se comportam de maneira inadequada. Utiliza par a isso, cena onde uma criança insiste para que a mãe lhe compre um brinquedo de interesse. Vídeo dois apresenta modelos para serem utilizados na atividade de recreio especial ou happy hour (cena da criança e o pai em atividades de brincadeira dirigida). Vídeo três apresenta modelo de situação adequada e inadequada. No vídeo três apresenta cena onde o pai trabalha regras com o filho. Video quatro apresenta a estratégia do ensino através da aprendizagem por tentativas discretas. Para avaliação pré e pós treinamento foram utilizados: Questionário de Saúde da Criança – Relatório dos Pais (Child Health Questionnaire, CHQ) adaptada para a população brasileira; Matrizes Progressivas de Raven – escala geral, propõe a aferição do Quociente de Intelegência-QI; SNAP – IV, avalia sintomas de transtorno do déficit de atenção/hiperatividade e sintomas de transtorno desafiador e de oposição; escala Vineland, propõe avaliar de comportamento adaptativo de indivíduos que apresentam dificuldade de aprendizagem e suspeita de retardo mental. Para os comportamentos apresentados como queixa inicial foi realizada uma análise funcional, linha de base, procedimento de intervenção e avaliação ao final do PTP. Os resultados preliminares apontam modificação do comportamento dos comportamentos trabalhados.

Palavras-chave: Treinamento de Pais; Habilidades Sociais Educativas; Educação Especial

17h30m-19h

- 02 Conferência

CONCILIAÇÃO TRABALHO-FAMÍLIA, MOTIVAÇÃO PARA A PARENTALIDADE E HABILIDADES SOCIAIS.

Anne Marie Fontaine e Marisa Matias (Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto, Portugal)

Este trabalho visa contribuir para a reflexão em torno dos contributos teóricos e empíricos recíprocos dos estudos da conciliação-trabalho família, da motivação para a parentalidade e habilidades sociais. A integração das mulheres na força laboral e a alteração dos papéis de género, tanto no trabalho como na família, revestem de grande importância a conciliação entre trabalho e família e a motivação para a parentalidade. A participação feminina no mercado de trabalho e as dificuldades em compatibilizar trabalho e família são, aliás, considerados como alguns dos principais fatores responsáveis pelo decréscimo da natalidade e o envelhecimento populacional. A conciliação entre a vida profissional e familiar e a fertilidade são, assim, dois dos maiores desafios atuais. Em sociedades em que os recursos e apoios no cuidado à infância e os apoios organizacionais são escassos, como é o caso de Portugal e do Brasil, a questão da conciliação parece ser fundamentalmente da responsabilidade das famílias e dos indivíduos, mas o tema não tem sido consistentemente analisado do ponto de vista psicológico. A conciliação entre a família e o trabalho é frequentemente referida como uma fonte de conflito. Contudo, a maioria das famílias mostra-se capaz de lidar com as múltiplas exigências do papel familiar e profissional, pelo que uma análise das estratégias adaptativas e bem-sucedidas utilizadas por estas famílias é cada vez mais relevante. Na investigação realizada pelas autoras no contexto português, foi possível identificar as estratégias de conciliação usadas por indivíduos pertencentes a famílias

de duplo-emprego, enfatizando o papel do género e da dinâmica intra-casal. Este enfoque permitiu analisar o modo como o uso de estratégias de conciliação por um dos elementos do casal afecta ou interage com as estratégias do seu companheiro, predizendo as motivações e intenções para ter filhos. Os resultados mostraram que os participantes desejam manter uma participação activa em ambos os papéis, usando para isso recursos essencialmente individuais e conjugais, evitando desinvestir profissionalmente. Apesar de existirem vários perfis de conciliação, os mais adaptativos parecem ser aqueles que se caracterizam por uma utilização mais abrangente das estratégias disponíveis: apoio emocional mútuo, perspectiva positiva sobre situação de duplo-emprego, uso de características pessoais, cedências profissionais e apoio institucional. Estas estratégias também parecem desempenhar um papel importante nos motivos para ter ou não ter (mais) um filho: enriquecimento emocional, reconhecimento social, interferência no estilo de vida e antecipação de Problemas de desenvolvimento na criança. Parece, por isso, fundamental implementar medidas de apoio a conciliação e a natalidade. Neste contexto, as perspectivas teóricas e práticas do domínio das habilidades sociais poderão ser um contributo importante na promoção de estratégias de coping mais diversificadas e flexíveis em ambos os géneros que, por sua vez, possam promover um maior ajustamento e bem-estar, sobretudo nos domínios do trabalho e organizacional, conjugal e familiar.

QUINTA-FEIRA, 28 de novembro

9h-10h30m

- 03 Conferência

AS DUAS VIAS DE ATIVAÇÃO DA EMPATIA E O PAPEL DA TOMADA DE PERSPECTIVA NA REGULAÇÃO DAS EMOÇÕES.

Eliane M. De O. Falcone (Universidade Estadual do Rio de Janeiro, UERJ, RJ).

A empatia corresponde a uma manifestação ancestral, presente em todos os mamíferos, com a finalidade de garantir a sobrevivência. Na espécie humana ela evoluiu para além dos propósitos da reprodução, constituindo-se como uma habilidade de comunicação fundamental para a formação de vínculos seguros, relações gratificantes e resolução de conflitos, contribuindo para a qualidade de vida e para o bem estar coletivo. Vários estudos sustentam os efeitos positivos da empatia, tanto para aquele que a recebe quanto para o que a expressa. Por outro lado, a deficiência ou ausência de empatia pode estar na base de conflitos sociais e interpessoais, assim como de transtornos mentais. Diante dessas constatações, o interesse em pesquisas que procuram compreender, avaliar e promover a empatia tem crescido significativamente. A experiência da empatia envolve componentes cognitivos, afetivos e comportamentais que se articulam de forma orquestrada para prover a sua manifestação. Um dos componentes cognitivos mais relevantes nessa orquestração é referido como tomada de perspectiva (TP). Estudos recentes sugerem que a percepção do sofrimento físico ou emocional de alguém ativa redes neurais no observador, constituindo o que é conhecido como espelhamento. Neste sentido, o indivíduo poderá experimentar emoções congruentes com o sofrimento da vítima, levando à motivação para a ajuda. Entretanto, caso esse espelhamento leve a uma completa superposição entre o eu e o outro, ocorre o que é conhecido como angústia pessoal, motivando a ação de fugir da situação. A separação do próprio estado mental do estado mental do outro, através da tomada de perspectiva, é o que impede a completa fusão entre o eu e o outro, permitindo a identificação de quem realmente está experimentando a emoção negativa e necessitando de ajuda. A empatia também pode ser ativada de forma intencional, a partir do esforço mental para compreender a perspectiva e os sentimentos de alguém. Na experiência empática consciente o indivíduo está envolvido em compreender a perspectiva e os sentimentos da pessoa alvo e, de algum modo, experimentar o que está acontecendo com ela. Essa forma intencional de compreender o estado interno do outro, ativa sentimentos de compaixão, simpatia ou consideração pela pessoa alvo e permite reduzir conflitos, além de aumentar a probabilidade de cooperação ou ajuda. Pretende-se apresentar neste trabalho as implicações dessas duas vias (automática e consciente) da experiência da empatia para a compreensão e tratamento das deficiências na experiência empática.

- 04 Conferência

RESILIÊNCIA E HABILIDADES SOCIAIS: REFLEXÕES CONCEITUAIS E PRÁTICAS PARA UMA NOVA GERAÇÃO.

Susana Coimbra e Anne Marie Fontaine (Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação – Universidade do Porto, Portugal).

Este trabalho visa contribuir para a reflexão em torno da relação recíproca entre a resiliência e habilidades sociais, tendo como referência uma nova geração com características distintivas em relação às precedentes. As mudanças económicas, sociais e culturais observadas nas últimas décadas têm implicações evidentes nas habilidades que são esperadas para a nova

geração. A educação chega a um conjunto cada vez mais alargado e heterogéneo de jovens e tem uma duração cada vez mais prolongada. Parece, existir, contudo, um nítido desfasamento entre as expectativas criadas pela educação proporcionada à maioria dos jovens e as exigências reais com que se deparam quando fazem a sua transição para a vida adulta. Níveis extremos, demasiado elevados e demasiado baixos, de exposição à adversidade podem comprometer o desenvolvimento de competências. A educação que valorize exclusivamente conhecimentos académicos ou profissionais e até a agência pessoal, através da proteção artificial face ao fracasso ou frustração, pode comprometer o fortalecimento de competências de adaptabilidade, flexibilidade e desenvolvimento socioemocional. Estas são, contudo, essenciais para o bem-estar e sucesso ao longo do ciclo de vida, em sociedades cada vez mais complexas, dinâmicas, plurais e globais. Pretende-se, pois, promover uma reflexão em torno dos contributos conceituais e práticos da resiliência e das habilidades sociais, tendo em particular atenção a contextualização cultural do aparecimento e desenvolvimento dos constructos, da investigação e da intervenção associada a ambos os domínios. A resiliência é um processo que corresponde a uma trajetória de vida imprevisível: de alcançar bons resultados em termos de desenvolvimento e ajustamento, não apesar de mas devido à exposição a níveis consideráveis de risco ou adversidade. A aplicação do conceito ao domínio da Psicologia foi motivada pela observação de crianças "extraordinárias", que singravam em contextos de elevado risco, sobretudo pautados pela pobreza e/ou pela psicopatologia parental, onde seria normal que sucumbissem. Por esse motivo, começou por ser sobretudo descrita como uma qualidade rara e excepcional, um traço inato e estável e a sua investigação procurava identificar a fórmula mágica da "invulnerabilidade". O desenvolvimento da investigação da resiliência em amostras mais heterogéneas permitiu verificar que a manifestação de resiliência, apesar de mágica, é relativamente comum e não podia ser atribuída exclusivamente às características intrapessoais. O enfoque da investigação passa, deste modo, para uma compreensão do processo de resiliência e aos mecanismos de proteção internos e externos que favorecem o seu desenvolvimento. A questão central, mas também controversa, na investigação em resiliência é a definição dos critérios que permitem a operacionalização dos conceitos-chave subjacentes à sua definição: como aferir quão elevado é o risco e quão boa é a adaptação? Que trunfos intra e interpessoais contribuem para o desenvolvimento da resiliência? É indubitável que estes estão imbuídos de valores culturais. Existe um equilíbrio difícil entre manter indicadores comuns às investigações realizadas em diferentes sociedades, que permitam estabelecer comparações e generalizar os resultados, e atender à especificidade cultural de cada grupo, de cada realidade, de cada geração. Há que contemplar o contexto ecológico da adversidade, da adaptação, dos recursos, que, balizadas num tempo e num espaço, possuem uma qualidade dinâmica. Neste contexto, habilidades sociais como as de empatia, civilidade ou assertividade poderão ser mecanismos de proteção privilegiados pela sua potencialidade de transversalmente, a diferentes culturas e a diferentes contextos (e.g., escolar/educativo, do trabalho/organizacional, clínico), proteger do risco e promover o ajustamento. A articulação dos contributos de ambos os constructos é ainda acrescida por partilharem um carácter dinâmico, desenvolvimental e ecológico que permite compreender e aprimorar o modo como os jovens desta geração vão gerindo e aproveitando os momentos de viragem e diferentes recursos de percursos mais instáveis e flexíveis, repletos de desafios mas também de oportunidades

10h30m-11h

- Intervalo

11h-12h30m

◗ 04 Simpósio

RELACIONAMENTO INTERPESSOAL NA UNIVERSIDADE: QUESTÕES TEÓRICAS E PRÁTICAS.
Coordenadora: Adriana Benevides Soares (Universo, Niterói, RJ e UERJ, RJ).

A universidade é um lugar privilegiado para o desempenho de relações interpessoais que tem objetivos diversos, tais como educativos, laborais, afetivos, dentre outros. É neste ambiente que os estudantes desenvolvem-se tanto em suas características pessoais quanto contextuais. O desempenho social do estudante deve fazer com ele aperfeiçoe competências relacionais de forma a atingir melhor rendimento acadêmico, integração com colegas e professores visando o sucesso acadêmico. Neste sentido é importante conhecer o que os estudantes pensam sobre o seu desempenho interpessoal, suas dificuldades e facilidades. A aprendizagem das competências acadêmicas não deve ser dissociada do desenvolvimento social e emocional dos estudantes universitários. As habilidades sociais devem ser um componente significativo para ajudar o estudante a superar as dificuldades interpessoais. Vários estudos têm mostrado que existe associação positiva entre habilidades sociais e adaptação à Universidade, entretanto as políticas institucionais parecem não conhecer o suficiente sobre as necessidades dos estudantes para investir em políticas de adesão e permanência a Universidade, o que pode ter consequências desastrosas para o estudante, para a instituição e para o governo que investe no ensino. Por isso a importância de se conhecer a literatura na área principalmente aquela vinculada ao público estudantil, em que a formação técnica está fortemente vinculada a compet ência interpessoal como é o caso da Psicologia e da Medicina. Também dados empíricos sobre a percepção dos estudantes sobre suas relações interpessoais podem contribuir para seja possível propor futuras estratégias de intervenção. Com o objetivo de discutir essas questões, os três estudos apresentarão relatos que abordam tal temática: o primeiro trabalho expõe um estudo qualitativo sobre o que pensam os estudantes universitários sobre as relações interpessoais vividas na universidade identificando situações de fácil e de difícil manejo; o segundo apresenta um estudo que teve como objetivo efetuar uma revisão das publicações em periódicos brasileiros sobre habilidades sociais com estudantes do curso de Psicologia, identificando tanto questões conceituais, quanto empíricas e metodológicas; o terceiro relata um estudo que objetivou conhecer a percepção do aluno de Medicina sobre o aprendizado das habilidades interpessoais e da relação com o pa ciente durante a graduação. A mesa traz contribuições sobre as dificuldades das relações interpessoais, habilidades sociais e integração acadêmica. Algumas limitações e avanços para a área são debatidos, evidenciando que investir no desenvolvimento das habilidades sociais durante o processo de formação dos estudantes universitários pode vir a fortalecer a adesão ao curso e a superação dos entraves institucionais e da profissão.

1) SITUAÇÕES INTERPESSOAIS: O QUE DIZEM OS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS?
Adriana Benevides Soares (Universo, Niterói, RJ e UERJ, RJ), Vanessa B. R. Leme (Universo, Niterói, RJ), Cátia Cristina Nogueira (Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases), Fátima de Almeida Maia e Cláudio de Almeida Lima (Universo, Niterói, RJ).

Embora a aquisição das habilidades sociais ocorra ao longo da vida do indivíduo, os períodos de transição para novos grupos e contextos sociais como, por exemplo, o ingresso ao Ensino Superior, são críticos por provocar mudanças nos objetivos de interação social dos estudantes e requerer, consequentemente, um repertório de comportamentos interpessoais mais elaborados. De fato, a Universidade apresenta-se ao jovem como um lugar de realizações, pois há a possibilidade de formar relações interpessoais, aquisição de novos conhecimentos, autonomia, realização de metas pessoais e construção de um futuro profissional. As

experiências vivenciadas pelos estudantes no processo de entrada à universidade e o sentido atribuído às mesmas são considerados os principais fatores de ajustamento do aluno ao Ensino Superior, sendo que o desempenho intelectual e social do aluno tornam-se características fundamentais para sua adequação a esta nova etapa de vida. As vivências acadêmicas e sociais relacionadas ao ingresso na Universidade envolvem potenciais situações de conflito decorrentes das transformações que produzem no aluno e, consequentemente, requerem um tempo de adaptação ou ajustamento do estudante. Dessa forma, segundo Santos e Almeida (2001), a adaptação à Universidade deve ser entendida como um processo de escolha vocacional a ser realizado pelos jovens, porém deve-se considerar que esta transição é em si geradora de estresse, tornando-se para os alunos menos preparados uma fonte de solidão, desinteresse e, por vezes, de depressão. O estudante que desde o início de seu curso consegue estabelecer integração acadêmica e social, tem maior chance de adaptação e crescimento intelectual e pessoal, comparado, por exemplo, com universitários que apresentam dificuldades interpessoais. O estudo teve por objetivo conhecer as vivências de estudantes universitários em situações interpessoais acadêmicas. Trata-se de um estudo qualitativo e exploratório que utilizou Grupo Focal e Análise de Conteúdo para categorizar os relatos dos participantes. Participaram nove universitários de instituições particulares de Ensino Superior do Estado do Rio de Janeiro. Os resultados indicaram que para os estudantes, bom relacionamento interpessoal com os colegas, presença de professores com método de ensino adequado e recursos materiais presentes na instituição podem ser atribuídos como situações interpessoais acadêmicas fác eis. Inversamente, falta de comprometimento dos colegas com o curso, comportamentos dos pares considerados como “problemas” em sala de aula, professores com método de ensino inadequado, falta de acolhimento pelos funcionários e de recursos materiais na instituição são exemplos de situações interpessoais acadêmicas percebidas pelos estudantes como difíceis. Discute-se a importância em se identificar vivências acadêmicas críticas que podem contribuir para programas de acolhimento e de intervenção com estudantes universitários.

Palavras-chave: grupo focal, vivências acadêmicas, estudantes universitários

2) HABILIDADES SOCIAIS DE ESTUDANTES DE PSICOLOGIA: ESTADO DA ARTE NO BRASIL.

Vanessa B. R. Leme (Universo, Niterói, RJ), Zilda A. P. Del Prette e Almir Del Prette (UFSCar, São Carlos, SP).

Nos dias atuais, em nosso país, a formação universitária, ainda que apenas na graduação, constitui uma etapa importante na vida dos jovens, mesmo considerando que somente uma minoria consegue acesso à Universidade. Ainda que enfatizada prioritariamente em termos da preparação profissional, a aquisição das competências técnicas não pode ser dissociada do desenvolvimento social e emocional dos estudantes universitários. Essa vinculação é ainda mais crítica no caso das profissões cuja atuação envolve lidar com pessoas, como é o caso, por exemplo, da Psicologia, uma profissão em que a competência técnica está intrinsecamente articulada com as habilidades interpessoais. No caso específico da formação universitária de estudantes de Psicologia, pode-se defender o investimento teórico-prático em competência social com base em pelo menos em dois argumentos. O primeiro argumento é que a competência social faz parte dos requisitos-meio da atuação profissional, ou seja, está implícita à qualidade e efetividade da relação com o cliente, em diferentes contextos da prática psicológica. O outro argumento, no caso do psicólogo, é que em qualquer contexto de sua atuação, um objetivo importante é o de melhorar a qualidade das relações interpessoais dos clientes, ou seja, a competência social de seu cliente é um alvo de sua atuação. O atual contexto universitário brasileiro, caracterizado pela diversidade sociocultural requer, dos alunos de Psicologia, não só a aquisição habilidades sociais para a formação profissional, mas também competências interpessoais para o convívio entre os pares. Portanto, o

desenvolvimento das habilidades sociais, ainda durante o curso de graduação, constitui um investimento importante tanto por seus prováveis efeitos positivos imediatos, quanto de médio e longo prazo, isto é, para o futuro profissional dos psicólogos. Não obstante o reconhecimento da importância da competência social na formação do psicólogo e a existência de estudos sobre o repertório social do estudante de Psicologia, desde a década de 80, não há ainda nenhum artigo de revisão que busque analisar o estado da arte, no contexto brasileiro, acerca dessa temática. Daí o objetivo deste estudo, de efetuar uma revisão das publicações em periódicos brasileiros sobre habilidades sociais com estudantes de Psicologia. A revisão desses estudos contemplou um levantamento das publicações científ icas de 1980 a 2013 nos indexadores LILACS, SCIELO, INDEXPSI/Periódicos e Google Acadêmico. Considerando critérios de inclusão e exclusão, foram identificados 16 artigos. Após a leitura na íntegra desses artigos, foi feita uma categorização de suas características bibliométricas (base em que foi localizado, tipo de estudo, período da publicação) e de seu conteúdo (objetivo, amostra, delineamento, procedimentos e resultados principais). Essa análise permitiu identificar questões conceituais, empíricas e metodológicas, cuja abordagem inicial ainda poderia ser refinada por estudos futuros. Finaliza-se com propostas de encaminhamentos para a pesquisa e a prática nessa área.

Palavras-chave: estudo de revisão, estudantes de Psicologia, habilidades sociais

3) AS HABILIDADES INTERPESSOAIS NA EDUCAÇÃO MÉDICA: PERCEPÇÃO DO ALUNO SOBRE A APRENDIZAGEM DA RELAÇÃO COM O PACIENTE.

Janaína Bianca Barletta (UFSE, SE), Sheila Giardini Murta (UNB, Brasília), Rosana Cipolotti (UFSE, SE) e Marcelo e Souza Gennari (Faculdades Integradas da União do Planalto Central, Brasília).

As habilidades específicas para a relação interpessoal, em geral, estão inseridas no currículo oculto. Com o objetivo de conhecer a percepção do aluno sobre o aprendizado das habilidades interpessoais e da relação com o paciente durante a graduação, foi aplicado um questionário contendo oito questões abertas e fechadas em 165 estudantes do curso de Medicina de uma universidade pública do nordeste do país, cujo currículo é tradicional. O convite para participar da pesquisa foi realizado em todas as salas de aula, sendo que os alunos poderiam responder o instrumento impresso ou em ambiente virtual. Os respondentes eram, na maior parte, adultos jovens de até 25 anos (57,3%), do sexo feminino (56,4%), solteiros (96,1%) e não trabalhavam (89,7%). A maioria deles (91,5%) concordou que a relação médico-paciente pode ser aprendida na faculdade. Comportamentos como respeito (17,6%) e correção de erros seguidos de indicação de estratégias mais adequadas (10,9%) foram considerados importantes para os professores. Um ponto de concordância está no fato dos respondentes (82,4%) acreditarem que a maneira de interação do professor com os alunos ou com os colegas pode influenciar no desenvolvimento das habilidades interpessoais. A ordem de relevância das habilidades interpessoais para estabelecer uma relação médico-paciente de qualidade apontada pelos alunos foi: de civilidade (93%), de empatia (92,8%), de automonitoramento e expressividade emocional (90,9%), seguidas pelas habilidades de trabalho (80,8%), de comunicação (79,2%) e de assertividade (72,5%). Ainda que a habilidade de comunicação seja muito enfatizada na literatura, essa classe não foi indicada como a mais importante em função de alguns comportamentos terem sido considerados inadequados, como ‘falar sobre si mesmo’ (59,8%). A disciplina ‘Propedêutica Médica’, onde o ensino da relação médico-paciente está alocado, foi considerada a mais importante nesse aprendizado por 73,9% dos alunos. As maiores dificuldades encontradas foram a falta de prática (40%), de treinamento específico (10,3%) e de melhores exemplos dos professores (8,5%). Considera-se que a percepção dos alunos reforça a ideia de que o professor é um pilar fundamental, mas que às vezes não é um bom exemplo. Além disso, apesar de ser identificada como importante, o ensino das habilidades

interpessoais ainda não é um tema inserido de maneira formal, ressaltando a necessidade de sua inclusão de maneira formal ao longo do curso.

Palavras-chave: Relação médico-paciente, graduação de Medicina, habilidades interpessoais

05 Simpósio

HABILIDADES SOCIAIS E SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS: QUAIS AS CLASSES MAIS RELEVANTES PARA A ABSTINÊNCIA?

Coordenador: Lucas Guimarães Cardoso de Sá (UFSCar, São Carlos, SP).

Os relatos sobre habilidades sociais e abstinência de álcool e outras substâncias não é recente. Já na década de 1970 esta relação era especulada e nos anos seguintes foi amplamente divulgada. Contudo, não parece ter havido grandes esforços para comprovar empiricamente esta hipótese. No Brasil, apenas recentemente é que esta questão começou a ser estudada, trazendo resultados importantes, mas muitas vezes controversos em relação ao que a literatura tradicional apo nta. Em geral, afirma-se que um bom repertório de habilidades sociais está relacionado à abstinência e um repertório menos elaborado ao uso abusivo ou dependente de álcool e outras drogas. Contudo, não parece ter sido especificado ainda se isto é válido para o repertório geral, para repertórios específicos, para ambos ou sequer se a afirmação é inteiramente válida. Também não há dados mostrando se o envolvimento com diferentes tipos de drogas está relacionado a diferentes habilidades, o que implicaria na necessidade de intervenções distintas, conforme o tipo de substância utilizada. Por exemplo, é possível que a abstinência de crack possa requerer habilidades que na abstinência de álcool teriam menor importância ou menor efeito? Por essas lacunas existentes, o objetivo deste simpósio é discutir os resultados de três estudos que investigaram habilidades sociais em diferentes tipos de substâncias, analisando o que há de semelhante e o que há de divergente ou complementar em cada um deles. O primeiro, "Assertividade, expressão de afeto positivo e autocontrole emocional em dependentes de crack em tratamento ambulatorial" comparou o repertório de determinadas habilidades em indivíduos com critérios de abstinência e outros sem estes critérios e encontrou que assertividade e autocontrole emocional podem ser as habilidades mais importantes. O segundo, "Habilidades sociais e o uso de álcool entre estudantes de Porto Velho-Rondônia", identificou habilidades específicas relacionadas à abstinência e consumo de álcool, especialmente o autocontrole de situações estressantes e a abordagem afetiva. Esses resultados justificam a importância das habilidades sociais na prevenção ao consumo de álcool em adolescentes. O terceiro trabalho, nomeado "Habilidades sociais no abuso e dependência de maconha em adolescentes do Rio Grande do Sul", teve o objetivo de avaliar as habilidades sociais de adolescentes com abuso ou dependência de maconha e comparar com adolescentes sem uso desta droga. Diferenças significativas na autoexposição a desconhecidos ou a situações novas e autocontrole da agressividade a situações aversivas sugerem que estas habilidades podem ser as mais relevantes nessa situação. Os resultados dos três estudos apresentam alguns resultados semelhantes e pontos complementares, como era esperado. Tais interfaces permitirão importantes discussões quanto às habilidades sociais específicas relacionadas à prevenção, consumo, dependência e abstinência de crack, álcool e maconha, em adolescentes e adultos e em diferentes regiões do Brasil. É possível afirmar, portanto, que o simpósio poderá indicar caminhos a serem seguidos, não só em termos de novos estudos, mas também em relação a produtos práticos de atuação profissional.

1) ASSERTIVIDADE, EXPRESSÃO DE AFETO POSITIVO E AUTOCONTROLE EMOCIONAL EM DEPENDENTES DE CRACK EM TRATAMENTO AMBULATORIAL.

Lucas Guimarães Cardoso de Sá e Zilda A. P. Del Prette (UFSCar, São Carlos, SP).

A dependência de crack é atualmente a principal causa da busca por tratamento para dependência química no Brasil. Por sua vez, o repertório de habilidades de enfrentamento antecipatórias é uma das variáveis explicativas mais importantes para a área da dependência de substâncias. Compostas essencialmente por habilidades sociais, elas podem colaborar para a manutenção da abstinência ao proporcionarem um ambiente menos estressor, o que diminuiria a probabilidade de surgirem fissuras (forte vontade de usar a substância) e, consequentemente, de lapsos e recaídas. Contudo, não se sabe exatamente quais habilidades específicas estão relacionadas à abstinência, uso, abuso ou dependência de crack. Visando preencher parte desta lacuna, o objetivo deste estudo foi comparar o repertório de habilidades de enfrentamento antecipatórias entre dependentes de crack com e sem critérios de abstinência. Participaram 241 pessoas que buscaram tratamento em serviços ambulatoriais públicos de saúde para o tratamento de álcool e outras drogas. A média de idade foi de 30,48 anos, 80% eram homens e 48,3% tinham no máximo ensino fundamental completo. O grupo abstinente (n = 120) estava há pelo menos 28 dias sem usar a substância, menor critério de abstinência estabelecido pela Associação Americana de Psiquiatria. Aqueles com tempo inferior formaram parte do grupo de não abstinentes (n = 121). Foi utilizado o Inventário de Habilidades de Enfrentamento Antecipatórias, na versão Outras Drogas (IDHEA-D). Além de um escore total de habilidades de enfrentamento, o instrumento fornece escores parciais de assertividade, expressão de afeto e autocontrole emocional. Os resultados do teste t de Student de diferenças entre médias apontaram diferenças significativas entre abstinentes e não abstinentes no escore total de habilidades de enfrentamento (M = 62,02; M = 48,34; t = -6,96; p < 0,001) e nos escores de assertividade (M = 30,49; M = 19,53; t = - 8,86; p < 0,001) e autocontrole emocional (M = 15,04; M = 13,61; t = - 2,12; p < 0,05). Nestes casos, indivíduos abstinentes obtiveram um repertório significativamente mais elevado que aqueles não abstinentes. Apenas para a habilidade de expressão de afeto a diferença encontrada não foi significativa. Destes resultados é possível inferir que, para manter a abstinência, é exigido maior repertório de habilidades de enfrentamento, especialmente assertividade e autocontrole emocional. Portanto, parece haver uma relação estreita entre melhor repertório dessas habilidades e melhores resultados relacionados ao consumo de substâncias. É esperado que indivíduos abstinentes há mais tempo tenham um repertório mais desenvolvido, se comparados àqueles com menor tempo. Estudos como este podem subsidiar estratégias de intervenção mais direcionadas e precisas. Por esse motivo, recomendam-se novas investigações, com replicações, novas amostras, hipóteses, outros instrumentos e métodos.

Palavrs-chave: Habilidades sociais, Crack, Abstinência

2) HABILIDADES SOCIAIS E USO DE ÁLCOOL ENTRE ESTUDANTES DE PORTO VELHO, RONDÔNIA.

Cláudia Cabral da Costa (Secretaria de Estado da Saúde, Porto Velho, RO) e Fábio Biasotto Feitosa (UFRO, Rondônia).

O consumo de álcool entre estudantes adolescentes na região norte do Brasil tem sido pouco estudado, especialmente no campo das habilidades sociais. Sendo assim, o objetivo geral do presente estudo foi obter indicadores de uso e abuso de álcool entre estudantes adolescentes de Porto Velho – RO. Cumpriu-se o objetivo geral ao mesmo tempo em que foram alcançados os seguintes objetivos específicos: (1) classificar a frequência do consumo de álcool em adolescentes de Porto Velho – RO em zonas de risco, (2) avaliar o nível de consumo de álcool em associação à qualidade do desempenho social dos estudantes. Participaram como colaboradores 115 estudantes de escolas públicas estaduais da região central de Porto Velho - RO, sendo 78 meninas (67,8%) e 37 meninos (32,2%), com idade distribuída entre 12 anos e 18 anos (média=15,1, mediana=15 e desvio padrão=1,26). De cunho quantitativo,

com delineamento survey, utilizou-se como instrumentos de coleta de dados um questionário sociodemográfico, o Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA-Del-Prette) e o Teste de Identificação de Desordens Devido ao Uso de Álcool (AUDIT). Os dados foram tratados com testes descritivos e correlacionais. Os resultados mostraram que 32,2% dos estudantes da amostra relataram nunca beber álcool, enquanto 67,8% já experimentaram ou consomem bebida alcoólica, sendo 6% da amostra classificada em níveis de uso nocivo e provável dependência de álcool. Não houve diferenças significativas entre meninos e meninas em relação ao consumo de álcool. Constatou-se que a correlação entre o nível de consumo de álcool e as habilidades sociais foi baixa e parcial. Porém, confirmou-se que as dificuldades interpessoais desses adolescentes portovelhenses implicam em fatores de risco ao consumo de bebidas alcoólicas. Inicialmente, não houve correlações significativas entre o escore total da amostra no AUDIT e o escore total da amostra na frequência de habilidades sociais gerais. Contudo, foi possível registrar que quanto maior foi a frequência de ingestão de doses de álcool, menor foi o autocontrole em situações estressantes e mais baixa a qualidade do convívio social de acordo com a avaliação dos estudantes adolescentes entrevistados. Além disso, quanto maior o descontrole na quantidade de bebida ingerida, maior foi a frequência na abordagem afetiva. Diante disso, o presente estudo não apenas apoia os indícios de que a presença de habilidades sociais pode ser um fator de proteção ao consumo de álcool entre estudantes adolescentes, mas revela em especial que aspectos mais amplos do funcionamento interpessoal, tal como os componentes cognitivo-afetivos de competência social, devem ser explorados pelos pesquisadores da área, na medida em que foi a dificuldade na emissão de habilidades sociais que mais significativamente esteve implicada no consumo de álcool pelos adolescentes. Os resultados foram discutidos em relação à intervenção e prevenção no campo das habilidades sociais.

Palavras-chave: Adolescentes, Álcool, Habilidades sociais

3) HABILIDADES SOCIAIS NO ABUSO E DEPENDÊNCIA DE MACONHA EM ADOLESCENTES NO RIO GRANDE DO SUL.

Marcia Fortes Wagner (Faculdade Meridional, Passo Fundo, RS) e Margareth da Silva Oliveira (PUC-RS, Porto Alegre, RS).

Déficits nas habilidades sociais comumente são associados a problemas na adolescência, como agressividade, delinquência, abuso e dependência de substâncias psicoativas. Em relação ao uso de substâncias, a literatura afirma que é possível evidenciar a existência de déficits em habilidades sociais, entre os quais, o enfrentamento de situações de risco à autoestima e a resolução de problemas, o que pode levar indivíduos a fazerem uso de drogas com frequência para enfrentar alguma situação difícil, comportamento considerado fator de risco para a dependência. Nesse sentido, estudos vêm sendo desenvolvidos para comprovar a relação entre a dependência de substâncias psicoativas e a existência de déficits nas habilidades sociais dos indivíduos usuários ou abusadores de drogas. Esse estudo tem por objetivo a valiar as habilidades sociais de adolescentes provenientes do Estado do Rio Grande do Sul com critérios diagnósticos de abuso ou dependência de maconha e comparar com adolescentes que não fazem uso de maconha. Os instrumentos utilizados foram: Ficha de dados sociodemográficos, Inventário de Habilidades Sociais-Del Prette, para aferir o repertório de habilidades sociais em uma amostra de situações cotidianas e Screening Cognitivo das Escalas Wechsler para rastreamento de déficit cognitivo. A amostra foi constituída por 98 sujeitos do sexo masculino, divididos em dois grupos: o grupo 1 de adolescentes usuários de maconha com critérios diagnósticos para dependência ou abuso (n= 49) e o grupo 2 de adolescentes não usuários (n= 49). O grupo 1 foi coletado em instituições que atendem dependentes químicos e o grupo 2 em instituições públicas de ensino. A idade dos jovens teve distribuição entre 15 a 22 anos, sendo que o grupo 1 teve uma média de idade de

18 anos (DP=2,69) e o grupo 2 média de 17 anos (DP= 2,17). No primeiro grupo, 65,3% (n=32) eram dependentes de maconha e 34,7% (n=17) eram abusadores, de acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. Os resultados mostraram maiores prejuízos no grupo 1 no screening cognitivo e na presença de sintomas de ansiedade e depressão. Em relação à avaliação da presença de déficits nas habilidades sociais, apesar dos resultados do escore geral do IHS não terem sido significativos entre os grupos (M=93,14); (M=97,82); (p=0,163), as diferenças estatísticas foram significativas em relação ao Fator 4, Auto-exposição a desconhecidos ou a situações novas (M=1,96); (M=2,43); (p=0,009) e ao Fator 5, Autocontrole da agressividade a situações aversivas (M=2,31); (M=2,54); (p=0,033). Conclui-se que foram encontradas áreas mais deficitárias na população que apresenta abuso ou dependência de maconha, relacionadas ao enfrentamento de situações novas, onde ocorre a auto-exposição do indivíduo a desconhecidos, com a possibilidade de contestação de seus comportamentos, e a inabilidade em lidar com sentimentos e reações de agressividade gerados nessas situações. Tais resultados sugerem a necessidade de intervenções voltadas a estas áreas.

Palavras-chave: Habilidades sociais, Maconha, Adolescentes

01 Mesa

POSSIBILIDADES DE INVESTIGAÇÕES NA ÁREA DAS HABILIDADES SOCIAIS: CONTRIBUIÇÕES PARA A PRIMEIRA INFÂNCIA.

Coordenadora: Talita Pereira Dias (UFSCar, São Carlos, SP).

A primeira infância constitui uma etapa muito importante que influencia de modo marcante o desenvolvimento humano. Na área de relações interpessoais, a aprendizagem de comportamentos sociais adequados, como é o caso das habilidades sociais, aumenta a probabilidade de adaptação do indivíduo em novos contextos, bem como está associada a uma série de outros indicadores de ajustamento psicossocial, como status sociométrico favorável, bom rendimento acadêmico e relações de amizade. Em contrapartida, problemas de comportamento, que são comportamentos concorrentes às habilidades sociais, apresentam uma série de implicações negativas em curto, médio e longo prazo ao ajustamento psicológico e social do individuo. Além dessas associações amplamente apontadas pela literatura, há evidencias de uma resistência à intervenções junto à adolescentes com comportamentos antissociais, indicando que esses comportamentos vão se cristalizando ao longo do tempo, de modo que quanto antes sejam feitas intervenções, maior a probabilidade de sua efetividade. Esses dados, em conjunto, apontam para a importância de desenvolver investigações já na primeira infância tanto no sentido de se identificar variáveis importantes na área das Habilidades Sociais, que devem ser mais bem investigadas no caso de prevenção de problemas de comportamento e promoção de habilidades sociais, bem como desenvolver procedimentos para avaliar e intervir sobre tais variáveis. Considerando a importância dessa vertente de investigação e ao mesmo tempo a escassez de estudos junto à primeira infância, a presente mesa redonda busca apresentar trabalhos desenvolvidos por diferentes grupos de pesquisas na área de Habilidades Sociais na primeira infância, tanto no contexto brasileiro, na Espanha e em uma parceria entre esses dois países. Nesse sentido, o primeiro trabalho busca apresentar uma revisão de programas de intervenção implementados em crianças entre três e seis anos, para prevenção de problemas de comportamento, por meio da promoção de habilidades sociais, em escolas de Educação Infantil. A segunda apresentação teve como objetivo comparar e correlacionar, na pré-escola, um grupo clínico para problemas de comportamento (n =48) com um grupo não clínico (n = 48) quanto às variáveis habilidades sociais educativas parentais (HSE-P), práticas parentais negativas, comportamentos problema e habilidades sociais dos filhos, relacionamento conjugal, recursos do ambiente familiar, depressão parental, estado civil, sexo, respondente e escolaridade da

criança. Por fim, a última apresentação teve como objetivo apresentar os diferentes tipos de avaliação, quanto aos instrumentos, objetivos e informantes para avaliar a efetividade de um programa de intervenção para pré-escolares na infância da Espanha intitulado "Aprender a Convivir". Serão discutidas a importância e necessidade de investigações com pré-escolares no sentido de se ampliar o conhecimento nessa área tanto em termos empíricos, como a identificação de múltiplas variáveis relacionadas com a presença ou ausência de problemas de comportamento como práticos, na elaboração de programas de intervenções e de avaliações da efetividade pautadas em rigor metodológico. Os desafios e dificuldades dessa iniciativa no contexto brasileiro são abordados.

1) PROMOÇÃO DE COMPETÊNCIA NA PRIMEIRA INFÂNCIA: REVISÃO DE PROGRAMAS.
Talita Pereira Dias (UFSCar, São Carlos, SP), María Fernández Cabezas (Universidade de Granada), Guadalupe Alba Corredor (Universidade de Granada), Maria Carmen Pichardo Martínez (Universidade de Granada) e Zilda A. P. Del (UFSCar, São Carlos, SP).

Atualmente, a violência e os problemas de comportamento têm aumentado na sociedade. Nesse sentido, é necessário promover habilidades sociais, enquanto fator de proteção, desde a primeira infância, buscando diminuir ou atenuar os fatores de risco e maximizar desenvolvimento de qualidade, em nível pessoal, familiar, escolar e comunitário. Para tanto programas de promoção de habilidades sociais estão sendo disseminados em muitos países, principalmente da América do Norte e Europa, entretanto em países da América Latina, com Brasil, ainda se carece desse tipo de iniciativa. Buscando analisar e caracterizar mais detalhadamente esses tipos de programas, o presente trabalho apresenta uma meta-análise de programas destinados à prevenção de problemas de comportamento, por meio da promoção de habilidades sociais na primeira infância (de 3 a 6 anos), nas escolas. Foram realizadas revisões bibliográficas utilizando diferentes bases de dados, tais como: ProQuest, PsycoInfo (de American Psichological Association), Scielo, Medline (base informática de National Library of Medicine), ISOC (de CSIC). Os critérios para inclusão dos estudos foram: ser dirigidos à população infantil de 3 a 6 anos em geral, não se restringindo somente a crianças de risco e que fossem desenvolvidos em contexto escolar, excluindo-se intervenções comunitárias ou individuais. Foi elaborado um manual de codificação, utilizado por três juízas para análise de cada programa encontrado. Esse manual foi utilizado para a caracterização dos programas (objetivos, conteúdos, metodologia, duração, avaliação, tipo de população-alvo, país, recursos materiais, estratégias de aprendizagem, grau de envolvimento dos pais) e também para conhecer a efetividade dos programas, analisando os resultados obtidos. Estão sendo analisados mais de 100 programas, por três juízes independentes. Os resultados obtidos até o momento mostram que os programas são, em geral, implementados pelos próprios professores ou por monitores treinados para isso. A frequência das sessões costuma ser de uma ou duas vezes por semana, ao longo de em média de três a quatro meses. As técnicas utilizadas são variadas, mas convergem na adoção de uma metodologia lúdica, adaptada a idade das crianças, como por exemplo, role-playing, modelação, instrução e reforçamento sistemático. A eficácia das intervenções é evidente, mesmo para intervenções com duração menor que de um ano, com manutenção dos resultados em longo prazo. As crianças que participam do programa, em geral, são mais empáticas, apresentam melhor resolução de problemas, compartilham mais, cumprem mais as regras, apresentando, dessa forma, melhora em competência social e redução de problemas de comportamento tanto internalizantes como externalizantes. Portanto, é evidente a importância e necessidade de intervenções desse tipo em idades precoces, demonstrando a necessidade de incluí-las no Curriculum de educação infantil, em nível universal. Além disso, discute-se a importância de ampliar a implementação desses tipos de programas em mais centros e países, como Brasil e outros da América Latina, desenvolvendo-se novos programas que se adaptem às necessidades e características da população infantil de diferentes países.

Palavras-chave: Programa de prevenção, habilidades sociais, primeira infância

2) O PROGRAMA "APRENDER A CONVIVIR" E SEUS INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO.

Fernando Justicia Justicia, María Fernández Cabezas e Ana Justicia Arráez (Universidade de Granada).

Como prevenção dos problemas de comportamento na primeira infância, um grupo de pesquisa da Universidade de Granada (Espanha) desenvolveu o programa "Aprender a Convivir" para crianças entre três e sete anos, destinado a alunos de Educação Infantil e primeiro ciclo de Primária. O objetivo do programa é desenvolver a competência social como fator de proteção, prevenindo, assim, problemas de comportamento. O programa de Educação Infantil consta de quatro blocos: normas, emoções, habilidades de comunicação e ajuda e cooperação. Cada um dos blocos está formado por seis sessões, duas por semana, de meia hora de duração cada uma. A metodologia utilizada é ativa e participativa, de forma que, de uma maneira lúdica, as crianças assimilem conhecimentos que transmitem as três marionetes (Gavi, Lupi e Kike), levando-os à prática desses comportamentos, posteriormente, por meio de jogos, fichas para colorir, canções e contos. Além disso, uma vez por semana, e para poder generalizar o aprendido a outros contextos, como a casa, as crianças realizam uma ficha com os pais, considerando a importância que tem o papel da família para o desenvolvimento adequado do indivíduo. Para avaliar dos efeitos do programa, são realizadas avalições antes da intervenção e outra ao final, utilizando-se o mesmo instrumento para garantir confiabilidade dos dados. Os instrumentos são utilizados com os professores. Um deles é a Escala de Observação de Comportamento Infantil para professores (CBCL-TRF) de Achenbach (2000). Tal escala está composta por 66 itens distribuídos em seis subescalas que medem a conduta antissocial: de um lado, mede variáveis tais como reatividade emocional, ansioso-depressivo, queixas somáticas e timidez, cuja soma delas oferece uma pontuação de Interiorização de Problemas; e de outro, problemas de atenção e comportamentos agressivos, ambas referentes à Exteriorização de Problemas. O outro questionário é a Escala de Observação na Educação Infantil (EOEI) de Merrell (2002). Trata-se de uma tradução e adaptação do Preschool and Kindergarten Behavior Scale (PKBS) - Reviewed Version. Esse instrumento contém 76 itens que medem competência social. Tal escala está composta pelas subescalas de cooperação social, interação social e independência social. Além desses instrumentos, há registro de observação, um para cada faixa etária, fichas para avaliação da integridade das sessões e o questionário de satisfação para pais. Os resultados obtidos por meio da implementação do programa confirmam a sua eficácia, de modo que as crianças participantes apresentaram aumento de competência social, ao mesmo tempo em que houve uma diminuição dos problemas de comportamento, especialmente os problemas do tipo externalizantes.

Palavras-chave: Competência social, instrumentos de avaliação; pré-escolares

3) O PAPEL DAS HABILIDADES SOCIAIS E DAS PRÁTICAS PARENTAIS NA PREVENÇÃO DE PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO INFANTIS.

Alessandra Turini Bolsoni-Silva (Unesp, Bauru, SP), Edna Maria Marturano (FFCLRP-USP, Ribeirão Preto, SP) e Sonia Regina Loureiro (FM-USP, Ribeirão Preto, SP).

Muitos estudos apontam que problemas de comportamento e habilidades sociais educativas parentais são variáveis que estão diretamente relacionadas. O manejo inefetivo dos pais pode levar a sérios problemas de comportamento, promovendo falhas no desenvolvimento de comportamentos sociais positivos e comunicativos da criança. Famílias que estimulam comportamentos socialmente habilidosos por meio de disciplina consistente, interação positiva e supervisão das atividades das crianças, parecem favorecer o desenvolvimento social e cognitivo de seus filhos. Para uma efetiva intervenção é recomendado caracterizar o repertório

de mães e das crianças de diferentes idades, a fim de permitir a elaboração de estratégias mais condizentes com a população atendida. Nesse contexto o estudo das habilidades sociais educativas parentais se reveste de importância por promoverem o desenvolvimento e a aprendizagem dos filhos nas situações de interação. Para uma efetiva intervenção é recomendado caracterizar o repertório de mães e crianças de diferentes idades, a fim de permitir a elaboração de estratégias mais condizentes com a população atendida. O objetivo da pesquisa é o de comparar e correlacionar, na pré-escola, um grupo clínico para problemas de comportamento (n =48) com um grupo não clínico (n = 48) quanto às variáveis habilidades sociais educativas parentais (HSE-P), práticas parentais negativas, comportamentos problema e habilidades sociais dos filhos, relacionamento conjugal, recursos do ambiente familiar, depressão parental, estado civil, sexo, respondente e escolaridade da criança. Os dados foram colhidos a partir de múltiplos instrumentos: CBCL (problemas de comportamento), RE-HSE-P (habilidades sociais educativas, práticas negativas, comportamentos problema, habilidades sociais, variáveis de contexto), PHQ (depressão), RAF (interações familiares), QRSH-Pais (habilidades sociais infantis), QRC (relacionamento conjugal). Os resultados do estudo indicaram que as habilidades sociais infantis, depressão materna, relacionamento conjugal e práticas educativas negativas e variáveis de contexto predizem problemas de comportamento. As correlações, tanto no grupo clínico como no não clínico, encontraram relações entre: (a) habilidades sociais educativas com habilidades sociais infantis e com variáveis de contexto; (b) problemas de comportamento e práticas negativas de educação. Discute-se a importância de avaliar e de intervir considerando as múltiplas variáveis relacionadas com a presença ou ausência de problemas de comportamento. Práticas negativas predizem problemas de comportamento e habilidades sociais educativas estimulam competência social das crianças, o que preveni problemas de comportamento. Considera-se que essa pesquisa pôde ampliar o entendimento das habilidades sociais educativas parentais na promoção de habilidades sociais e redução de problemas de comportamento tendo os pais como avaliadores do repertório de crianças. Outro aspecto metodológico a ser considerado foi o uso do CBCL como instrumento diagnóstico e de outros instrumentos que avaliam variáveis relacionadas a problemas de comportamento, como relacionamento conjugal e depressão materna.

Palavras-chaves: Habilidades sociais, habilidades sociais educativas parentais, prevenção de problemas de comportamento

03 Mesa

DIFERENTES ESTRATÉGIAS, RECURSOS E PROCEDIMENTOS DE AVALIAÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS E CORRELATOS.

Coordenadora: Daniele Carolina Lopes (UFSCar, São Carlos, SP).

A avaliação das habilidades sociais e correlatos tem destacada importância porque permite a tomada de decisão quanto à pesquisa e intervenção sobre Habilidades Sociais. A literatura ressalta a importância de avaliações multimodais e com multi-informantes, pois permite: (a) caracterizar as habilidades avaliadas por meio de uma ampla variedade de indicadores do desempenho social; (b) identificar os déficits e recursos comportamentais, e; (c) monitorar e avaliar a efetividade de uma intervenção. As habilidades sociais podem ser avaliadas por meio de métodos diretos e indiretos. O método direto compreende as escalas, inventários, entrevistas, testes sociométricos e podem ser de autoavaliação ou avaliação por outros significantes (pais, professores e pares), permitindo o acesso indireto aos desempenhos sociais. O método indireto envolve observação e engloba registros cursivos de eventos em situações naturais e análogas, autorregistros e videogravação, permitindo o acesso direto aos comportamentos sociais. Por meio da observação pode-se identificar os déficits e excessos comportamentais e realizar uma análise funcional dos comportamentos sociais da pessoa avaliada. Um tipo especial de técnica

observacional é o de desempenho de papéis em situações estruturadas ou análogas, que se define pela simulação de situações, estruturadas pelo pesquisador, para o desempenho de papéis, sejam estes breves ou extensos, que podem ser utilizados tanto no início como ao longo das intervenções. Além disto, atualmente, para avaliar a efetividade de uma intervenção e, assim, obter-se mais controle dos resultados obtidos, tem-se utilizado a avaliação de integridade da intervenção que se refere a identificar se a intervenção foi ou não conforme o planejado. Dada a importância da avaliação das habilidades sociais e correlatos nos problemas conceituais, técnicos e práticos, estudos de que descrevam as vantagens e limitações de cada estratégia de avaliação são necessários. Sendo assim, o objetivo da presente mesa é: (1) ilustrar a aplicação de instrumentos de relato para avaliação de habilidades sociais, problemas de comportamento e competência acadêmica de crianças e adolescentes; (2) apresentar formas de avaliação direta e indireta, usando diferentes informantes, do repertório de habilidades sociais, problemas de comportamento e automonitoria em crianças escolar es; (3) descrever uma proposta de avaliação de integridade de um programa universal de habilidades sociais aplicado pelo professor, na escola, para crianças escolares. Dessa forma, os trabalhos apresentados nessa mesa redonda pretendem discutir sobre as possibilidades de avaliação do repertório de habilidades sociais e correlatos de crianças e adolescentes, apresentando de forma mais detalhada e ilustrativa, métodos diretos, indiretos e a avaliação da intervenção por meio da integridade.

1) PROGRAMA UNIVERSAL DE HABILIDADES SOCIAIS: AVALIAÇÃO DA INTEGRIDADE DA INTERVENÇÃO.

Daniele Carolina Lopes e Zilda A. P. Del Prette (UFSCar, São Carlos, SP).

Mesmo com as evidências de efetividade de vários programas de promoção em habilidades sociais, uma preocupação recorrente, principalmente no caso de intervenções universais, está relacionada à sua efetividade no que diz respeito à generalização e manutenção dos efeitos. O investimento em programas universais de promoção de habilidades sociais na escola pode ser entendido como uma possibilidade contínua das crianças aprenderem novos comportamentos e os utilizarem em outros contextos com supervisão. Em contextos aplicados, como é o escolar, é extremamente difícil controlar todas as variáveis externas que podem comprometer uma intervenção universal. Uma alternativa que poderia e deveria ser utilizada para aumentar esse controle é a avaliação complementar sobre a integridade da intervenção, ou seja, uma avaliação focada na qualidade da implementação do programa, se este está ou não sendo implementado conforme o protocolo de planejamento. A atual definição de integridade da intervenção sugere um constructo que envolve três dimensões: (a) aderência ao tratamento; (b) competência do agente da intervenção e (c) diferenciação do tratamento. A aderência representa uma dimensão quantitativa que envolve o número de componentes críticos da intervenção que foram implementados. A competência do agente de intervenção é uma medida qualitativa que reflete o julgamento sobre quão bem os procedimentos da intervenção foram conduzidos e, portanto, as habilidades e experiência desse agente. A diferenciação representa o quanto o tratamento difere de outros em suas dimensões críticas, inclusive em relação à sua base conceitual. O presente estudo tem por objetivo descrever a avaliação de integridade que foi realizada em um programa universal de habilidades sociais aplicado pelo professor na escola. Participaram duas professoras e seus alunos de três turmas de quarto ano de uma escola particular. O programa de intervenção foi composto por 11 sessões de 60 minutos, cada uma focalizando habilidades sociais, diferentes e sequenciadas em termos de complexidade, que, foram previamente valorizadas pelas professoras. Todas as sessões foram filmadas em vídeo para possibilitar a avaliação da integridade. A integridade da intervenção foi realizada após os programas de intervenção terem sido implementados em cada uma das turmas. Duas juízas realizaram as análises por meio da Ficha de Avaliação da Integridade de Intervenção que foi elaborada exatamente para a finalidade do referido programa universal de promoção de habilidades sociais. Para a análise de integridade foram

selecionados, aleatoriamente, 75% das videogravações das sessões de intervenção aplicadas exclusivamente pela professora de cada turma que, neste caso, corresponde a seis sessões. A intervenção foi aplicada com integridade de 80% para a Professora 1 e 75% para a Professora 2. Verificou-se que, na aplicação deste programa, a integridade igual ou acima de 75% foi capaz de produzir alterações no comportamento das crianças, entretanto, discute-se a importância da capacitação do professor e a investigação de características do agente da intervenção na implementação do programa.

Palavras-chave: Programa universal de habilidades sociais, avaliação integridade, professor

2) AVALIAÇÃO DAS HABILIDADES SOCIAIS, PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO E COMPETÊNCIA ACADÊMICA EM CRIANÇAS CONTAMINADAS POR CHUMBO.

Denise Dascanio (UNIP, Bauru, SP) e Zilda A. P. Del Prette (UFSCar, São Carlos, SP).

Umas das formas de se avaliar as habilidades sociais são os métodos de relato que compreendem as escalas, inventários, entrevistas, testes sociométricos e podem ser de autoavaliação ou avaliação por outros significantes (pais, professores e pares), permitindo o acesso indireto aos desempenhos sociais. Esse tipo de medida permite avaliar uma grande quantidade de sujeitos em um breve espaço de tempo e obter informações sobre um amplo conjunto de com portamentos, muitos deles difíceis de serem acessados por meio de observação direita, tais como sentimentos e pensamentos. No entanto, as medidas de avaliação, no geral, apresentam algumas limitações, considerando os inventários, escalas e questionários, as principais seriam (a) a tendência de os sujeitos se colocarem no ponto médio das escalas; (b) a influência da desejabilidade social; (c) a escassez de critérios externos para validar os resultados dos instrumentos; (d) a característica situacional-cultural das habilidades sociais em contraposição à formulação genérica dos itens de alguns instrumentos. Alguns autores apontam ainda que as limitações desses instrumentos tornam-se mais acentuadas em relação à população infantil, provavelmente em razão das dificuldades próprias do estágio de desenvolvimento das crianças e consequentemente a maior dificuldade dessas em auto-observação e automonitoria, o que levaria a uma avaliação menos precisa. Uma tentativa de sanar as limitações supracitadas seria a avaliação multimodal, que deve incluir diferentes instrumentos, procedimentos e informantes. O presente estudo descreve a aplicação de instrumentos de relato para avaliação de habilidades sociais, problemas de comportamento e competência acadêmica em crianças que foram contaminadas por chumbo. Participaram 155 estudantes, entre 8 e 17 anos, com idade média de 13 anos, e seus respectivos professores. Os participantes foram divididos em três grupos de acordo com o nível de contaminação por chumbo no organismo (plumbemia): Grupo com Alta Plumbemia (superior a 10µg/dl); Grupo com Baixa Plumbemia (inferior a 5µg/dl) e Grupo de Comparação (sem plumbemia). Para avaliar as habilidades sociais foram utilizados os instrumentos SSRS-BR, versão criança e professor e o IHSA-Del-Prette; para os problemas de comportamento e competência acadêmica utilizou-se o instrumento SSRS-BR, versão professor. Por m eio da Análise Multivariada de Variância (MANOVA), identificou-se prejuízo no repertório comportamental, acadêmico e social, associado ao nível de plumbemia, quando esses aspectos foram avaliados pelo professor. Porém, na condição de autoinforme, os adolescentes com alta plumbemia se autoavaliaram mais positivamente nas classes de habilidades sociais civilidade e assertividade do que os adolescentes com baixa plumbemia e, também, em relação aos adolescentes sem plumbemia, maior escore em abordagem afetiva e, de forma marginalmente significativa, maior escore em assertividade. Os resultados em geral confirmaram os achados da literatura, ainda que com alguns dados aparentemente contraditórios, como em relação aos avaliadores do repertório social, para os quais foram elaboradas hipóteses explicativas. Mesmo reconhecendo os limites das medidas indiretas, este estudo amplia o conhecimento da área à medida que abarca multinformantes de indicadores relevantes do desempenho social infantil.

Palavras-chave: Avaliação, repertório social, contaminação infantil por chumbo

3) AVALIAÇÃO MULTIMODAL DO REPERTÓRIO SOCIAL INFANTIL: HABILIDADES SOCIAIS, PROBLEMAS COMPORTAMENTAIS E AUTOMONITORIA.

Ivana Gisel Casali-Robalinho (Centro Universitário Adventista de São Paulo, Engenheiro Coelho, SP) e Zilda Aparecida Pereira Del Prette (UFSCar, São Carlos, SP).

As habilidades sociais, presentes no repertório de uma criança, tornam-se cruciais no processo de desenvolvimento infantil, pois permitem lidar de forma competente com as demandas das situações interpessoais. A ausência e ineficiência dessas habilidades, por outro lado, representa um fator de risco que pode levar a problemas de comportamento, comprometendo fases posteriores do ciclo vital. Ter um repertório de habilidades sociais bem elaborado é imprescindível, porém não suficiente, para o desempenho socialmente competente. Um dos fatores que aumentam a chance de alcançar competência social é a capacidade que uma pessoa tem de monitorar o próprio desempenho ao se relacionar com os outros. O presente estudo apresenta diversas formas de avaliar o repertório de habilidades sociais, os problemas de comportamento e a automonitoria de crianças escolares a partir de uma abordagem multimodal, envolvendo diferentes procedimentos e informantes. O repertório de habilidades sociais, bem como o nível de problemas comportamentais, foi avaliado por meio de um método indireto: o Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais (SSRS-BR), na versão para as crianças e para os pais/responsáveis, que participaram como informantes do comportamento social dos filhos. Participaram, do primeiro momento de avaliação, 220 crianças que frequentavam do 3º ao 6º ano do Ensino Fundamental em escolas da rede pública e particular, bem como seus pais/responsáveis, sendo possível comparar as versões de pais e crianças do SSRS-BR, assim como avaliar a importância atribuída pelos informantes às habilidades sociais. Para avaliar a capacidade da criança monitorar seu próprio comportamento, por outro lado, foram utilizados roteiros elaborados e testados no presente estudo, após um estudo conceitual rigoroso, que constituíram métodos de avaliação diretos e indiretos: (1) Roteiro de Situações Estruturadas, composto por três situações estruturadas, que funcionavam como demandas para a emissão de determinados comportamentos sociais junto a outras crianças, que participaram como cúmplices do estudo; (2) Roteiro de Entrevista, composto por 11 perguntas, direcionadas a explorar indicadores específicos de componentes da automonitoria e aplicadas à criança avaliada imediatamente após o desempenho na situação análoga; (3) Protocolo de Avaliação de Automonitoria, utilizado por juízes experientes na área de habilidades sociais para analisar as filmagens das situações estruturadas e da entrevista, avaliando se a resposta dada pela criança. A pergunta da pesquisadora contemplava o indicador de automonitoria avaliado. No segundo momento de avaliação, participaram 30 crianças, selecionadas da amostra maior, compondo-se dois grupos: 15 crianças com escore superior em habilidades sociais e baixo de problemas comportamentais e 15 crianças com repertÃ³rio oposto. Serão apresentados detalhes da avaliação do repertório social infantil, bem como os resultados obtidos após analisar estatisticamente os dados, adotando o nível de significância de 0.05.

Palavras-chave: Habilidades sociais, automonitoria, avaliação

04 Mesa

HABILIDADES SOCIAIS: CARACTERIZAÇÃO, FATORES DE RISCO E PROTEÇÃO.

Coordenadora: Carmem Beatriz Neufeld (FFCLRP-USP, Ribeirão Preto, SP).

A presente mesa redonda tem como objetivo discutir os aspectos protetivos das habilidades sociais (HS) em diferentes perspectivas, discutindo também prejuízos ou riscos decorrentes do déficit ou falhas deste tipo de habilidades. As HS, compreendidas pelas combinações entre

as características formais e funcionais de determinadas respostas sociais dos indivíduos, têm se mostrado cada vez mais imprescindíveis desde a infância até a vida adulta, tanto como fatores importantes para a qualidade e êxito nas relações interpessoais quanto para a promoção de saúde mental. Neste sentido, a presente proposta de mesa redonda visa a apresentar o papel das HS em diferentes contextos. Na primeira apresentação, as habilidades sociais (HS) e habilidades para a vida (HV) de crianças, de escolas públicas, serão descritas e discutidas, enfatizando-se as habilidades mais desenvolvidas e identificando-se quais se encontram mais prejudicadas. A importância de programas universais para promoção de HS e HV em ambiente escolar também será enfatizada. Posteriormente, ainda discutindo as HS de crianças, será apresentado um estudo que investigou o papel como fator de proteção das HS e das emoções positivas nas situações de bullying. Ou seja, foram investigadas as habilidades sociais e emoções positivas de crianças que, em situações de bullying, buscam defender as vítimas e interromper este tipo de violência. Os programas eficazes para redução e prevenção do fenômeno bullying têm cada vez mais investido no peer support (suporte por parte dos pares), o que reafirma a importância da compreensão acerca das habilidades sociais e outras características de jovens que tentam impedir ou por limites a este tipo de violência. Por fim, a mesa será encerrada com uma discussão acerca da habilidade social empatia em indivíduos com transtorno de personalidade. Esta habilidade é considerada fundamental para o estabelecimento de vínculos afetivos seguros, assim como para satisfação pessoal e interpessoal e o desenvolvimento de estratégias saudáveis de resolução de conflitos. Deficiências em termos de capacidade empática podem levar a conflitos interpessoais, violência, isolamento social e também transtornos mentais. Assim, visa-se discutir, especificamente, os riscos que a falta de capacidade empática implica para pessoas com transtornos de personalidade. Pretende-se com esta mesa redonda, discutir a caracterização, os aspectos protetivos e as implicâncias da falta/deficiência das habilidades sociais em diferentes situações e contextos. Além disto, é também objetivo fomentar idéias para estudos e desenvolvimento de intervenções e programas de treinamento em habilidades sociais que possam prevenir riscos assim como promover a capacidade de resiliência dos indivíduos.

1) HABILIDADES SOCIAIS DE CRIANÇAS EM ESCOLA PÚBLICA.

Carmem Beatriz Neufeld e Carolina Prates Ferreira Rossetto (FFCLRP-USP, Ribeirão Preto, SP).

Uma das situações de violência que apresenta alta prevalência na infância, atingindo mundialmente um terço das crianças, é o fenômeno bullying, o qual é caracterizado por comportamentos agressivos sistemáticos protagonizados por um agressor e seguidores contra uma vítima. Este tipo de violência pode gerar dificuldades escolares assim como baixa autoestima e depressão. Por outro lado, pesquisas recentes sugerem que as habilidades sociais podem auxiliar no desenvolvimento da autoestima e da autoeficácia, além de protegerem os indivíduos de outros riscos. Porém, não existem estudos que identifiquem quais são os fatore s capazes de proteger os jovens do bullying, tampouco quais são as características das crianças identificadas como resilientes frente a este fenômeno. Dessa forma, o presente estudo teve por objetivo investigar as habilidades sociais e as emoções positivas de crianças que apresentam comportamentos positivos no bullying. Os comportamentos positivos são intervenções que as crianças fazem de forma ativa em defesa da vítima. As habilidades sociais, entendidas como comportamentos que expressam sentimentos, atitudes, opiniões ou direitos de uma forma adequada e eficaz para com o contexto, respeitando o comportamento das outras pessoas e resolvendo problemas, foram avaliadas através do Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais (SSRS). Já as emoções positivas, que compõem o pilar dos estudos acerca de felicidade e a teoria do bem-estar, um dos fundamentos da Psicologia Positiva, foram avaliadas por meio do Baralho das Emoções. Participaram do estudo 101 crian ças de dez a 12 anos, sendo que 25 destas foram identificadas como tendo comportamentos positivos frente a situações de bullying através do Questionário Multimodal de Interação Escolar (CMIE-

III). Análises estatísticas preliminares (Teste t para amostras independentes) compararam o grupo de crianças que teve comportamentos positivos frente a situações de bullying (25) com as crianças que não apresentaram estes comportamentos (76). Foi encontrado que as crianças que apresentavam comportamentos positivos no bullying foram as mais habilidosas socialmente (t=-2,91; p=0,01), bem como apresentavam mais empatia (t=-2,27; p=0,02), assertividade (t=-2,35; p=0,02), evitação de problemas (t=-2,39; p=0,01) e expressividade emocional (t=-3,65; p=0,01) do que o grupo de crianças que não apresentou esses comportamentos. Além disso, os jovens que apresentavam comportamentos positivos frente a situações de bullying relataram sofrer mais de Ciberbullying (t=-2,60; p=0,01), bem como reconheciam sentir mais emoções de alegria (t=2,81; p=0,01) e menos desespero (t=2,55; p=0,01). Esses resultados indicam que existem especificidades nos fatores de proteção para o bullying, o que sugere a importância de intervenções que respeitem as diferenças dos envolvidos neste processo. Os resultados serão discutidos a luz de teorias fundamentadas na psicologia positiva.

Palavras-chave: Empatia, relações interpessoais, transtornos de personalidade

2) HABILIDADES SOCIAIS E EMOÇÕES POSITIVAS COMO FATORES DE PROTEÇÃO PARA SITUAÇÕES DE BULLYING.

Carolina Saraiva de Macedo Lisboa (PUCRS, Porto Alegre, RS), Juliana da Rosa Pureza (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS), Carolina Saraiva de Macedo Lisboa (PUCRS, Porto Alegre, RS) e Angela Helena Marin (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS).

Uma das situações de violência que apresenta alta prevalência na infância, atingindo mundialmente um terço das crianças, é o fenômeno bullying, o qual é caracterizado por comportamentos agressivos sistemáticos protagonizados por um agressor e seguidores contra uma vítima. Este tipo de violência pode gerar dificuldades escolares assim como baixa autoestima e depressão. Por outro lado, pesquisas recentes sugerem que as habilidades sociais podem auxiliar no desenvolvimento da autoestima e da autoeficácia, além de protegerem os indivíduos de outros riscos. Porém, não existem estudos que identifiquem quais são os fatore s capazes de proteger os jovens do bullying, tampouco quais são as características das crianças identificadas como resilientes frente a este fenômeno. Dessa forma, o presente estudo teve por objetivo investigar as habilidades sociais e as emoções positivas de crianças que apresentam comportamentos positivos no bullying. Os comportamentos positivos são intervenções que as crianças fazem de forma ativa em defesa da vítima. As habilidades sociais, entendidas como comportamentos que expressam sentimentos, atitudes, opiniões ou direitos de uma forma adequada e eficaz para com o contexto, respeitando o comportamento das outras pessoas e resolvendo problemas, foram avaliadas através do Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais (SSRS). Já as emoções positivas, que compõem o pilar dos estudos acerca de felicidade e a teoria do bem-estar, um dos fundamentos da Psicologia Positiva, foram avaliadas por meio do Baralho das Emoções. Participaram do estudo 101 crian cas de dez a 12 anos, sendo que 25 destas foram identificadas como tendo comportamentos positivos frente a situações de bullying através do Questionário Multimodal de Interação Escolar (CMIE-III). Análises estatísticas preliminares (Teste t para amostras independentes) compararam o grupo de crianças que teve comportamentos positivos frente a situações de bullying (25) com as crianças que não apresentaram estes comportamentos (76). Foi encontrado que as crianças que apresentavam comportamentos positivos no bullying foram as mais habilidosas socialmente (t=-2,91; p=0,01), bem como apresentavam mais empatia (t=-2,27; p=0,02), assertividade (t=-2,35; p=0,02), evitação de problemas (t=-2,39; p=0,01) e expressividade emocional (t=-3,65; p=0,01) do que o grupo de crianças que não apresentou esses comportamentos. Além disso, os jovens que apresentavam comportamentos positivos frente

a situações de bullying relataram sofrer mais de Ciberbullying (t=-2,60; p=0,01), bem como reconheciam sentir mais emoções de alegria (t=2,81; p=0,01) e menos desespero (t=2,55; p=0,01). Esses resultados indicam que existem especificidades nos fatores de proteção para o bullying, o que sugere a importância de intervenções que respeitem as diferenças dos envolvidos neste processo. Os resultados serão discutidos a luz de teorias fundamentadas na psicologia positiva.

Sem palavras-chaves.

3) AS DEFICIÊNCIAS EM EMPATIA EM INDIVÍDUOS COM TRANSTORNO DE PERSONALIDADE.

Eliane Mary de Oliveira Falcone (UERJ, RJ).

O objetivo deste trabalho é apresentar e discutir, a partir de uma revisão de estudos, como as deficiências em empatia interferem no funcionamento social de indivíduos com transtorno de personalidade. A empatia tem sido considerada como uma habilidade cada vez mais requerida para prover vínculos afetivos seguros, satisfação pessoal e interpessoal, assim como resolução de conflitos. Deficiências nesta habilidade estão relacionadas a conflitos, violência, divórcio, isolamento social e transtornos mentais. Assim, a empatia te m sido um tema amplamente pesquisado em diferentes áreas de estudo. A experiência da empatia envolve componentes cognitivos, afetivos e comportamentais que se articulam para prover a sua manifestação. O componente cognitivo, referido como tomada de perspectiva, envolve inferir acuradamente pensamentos e sentimentos de alguém em determinada situação; o componente afetivo reflete o compartilhamento de sentimentos e o comportamental é identificado pela expressão verbal ou não verbal de entendimento da experiência interna do outro. Dependendo do contexto, a empatia pode ser ativada de forma automática, a partir do reconhecimento dos sentimentos e pensamentos de outra pessoa em experiência de dor física ou emocional. Outra forma mais complexa de ativação da empatia ocorre de forma consciente e intencional. Tal manifestação envolve maior esforço mental e se refere a uma habilidade sociocognitiva mais ampla, com o objetivo de atribuir estados mentais nas outras pessoas. Na interação empática consciente, o indivíduo está envolvido em abrir mão da própria perspectiva para compreender a perspectiva e os sentimentos de alguém, assim como de compartilhar esses sentimentos. As habilidades cognitivas envolvidas na identificação intencional dos pensamentos e sentimentos dos outros reduzem mal entendidos, resolvem conflitos e agressões, aumentam a cooperação e outras respostas pró-sociais. Um aspecto central envolvendo a experiência da empatia se refere ao papel da tomada de perspectiva na regulação das emoções. Quando a empatia é ativada de forma automática, a tomada de perspectiva regula o contágio emocional ou espelhamento envolvido na identificação do sofrimento de alguém, a partir de processos cognitivos que levam a separação mental (distinção entre o “eu” e o “outro”), moderando a experiência emocional a um nível que permite a ação pró-social. A empatia ativada de forma intencional, por sua vez, envolve uma tentativa de inibir a própria perspectiva e o egocentrismo. A partir do esforço consciente para compreender a situação de alguém (tomada de perspectiva), sentimentos de consideração e de compaixão pelo estado do outro serão ativados, inibindo (em situações de conflito) emoções negativas previamente relacionadas à própria perspectiva. Vários estudos têm sugerido que a capacidade de tomar a perspectiva dos outros, principalmente em situações de conflito de interesses, se correlaciona com maior propensão ao perdão, redução da raiva e da agressividade, além de aumentar o vínculo, tornando as relações mais gratificantes. Indivíduos com transtorno de personalidade apresentam dificuldades em tomar a perspectiva dos outros ou a experimentar compaixão, o que contribui para as suas dificuldades em controlar a raiva, ou para maior frequência de experiências de conflito interpessoal. Serão apresentados e discutidos alguns resultados preliminares que confirmam as relações entre deficiências em empatia e transtorno de personalidade.

Palavras-chave: Empatia, relações interpessoais, transtornos de personalidade

05 Mesa

IMPORTÂNCIA DA ASSERTIVIDADE EM UM PROGRAMA INTERDISCIPLINAR DE INTERVENÇÃO PARA MUDAR O ESTILO DE VIDA EM PACIENTES COM SÍNDROME METABÓLICA.
Coordenadora: Raquel de Melo Boff (Universidade de Caxias Do Sul, RS).

Trata-se de um estudo interdisciplinar chamado MERC – Mudança de estilo de vida e risco cardiovascular que ocorre pela parceria das faculdades de Fisioterapia, Nutrição, Enfermagem, Farmácia e Psicologia da PUCRS. Desde 2008 o grupo vem desenvolvendo pesquisas financiadas pelo CNPq, FAPERGS e CAPES envolvendo a Síndrome Metabólica (SM), ou seja, pessoas com a combinação de no mínimo três destes fatores: a) circunferência abdominal: maior que 88 cm para mulheres e maior que 102 cm para homens; b) pressão arterial: sistólica maior ou igual 130 mmHg e diastólica maior ou igual a 85 mmHg; c) glicose de jejum: maior ou igual a 110 mg/dL; d) triglicerídeos: maior ou igual a 150 mg/dL; e) HDL colesterol: menor do que 40 mg/dL para homens e menor do que 50 mg/dL para mulheres. Nesta população, intervir no estilo de vida é a primeira e mais importante medida a ser tomada, consistindo no estabelecimento de mudanças comportamentais, como adoção de novos hábitos alimentares e realização de exercícios físicos regularmente. Assim, formou-se uma equipe interdisciplinar que reúne-se regularmente para trocar conhecimentos entre as áreas e validar um programa de tratamento a esta população com o intuito de desenvolver uma nova tecnologia social. Os participantes são recrutados por meio da mídia impressa e televisiva e os critérios de inclusão estão atrelados a idade, 30 a 59 anos, c ritérios da SM, liberação médica para prática de exercício físico e ausência de transtornos psiquiátricos graves. O programa é desenvolvido durante três vezes por semana no Centro de Reabilitação do Hospital São Lucas da PUCRS. No local acontecem três modalidades de Intervenção: Intervenção Grupal (IG) Intervenção individual (II) e Intervenção Padrão (IP). A IG ocorre uma vez por semana, é realizada em grupo e conta com a participação simultânea de profissionais da psicologia, enfermagem, fisioterapia e nutrição. Na intervenção individual os voluntários são atendidos individualmente por psicóloga, nutricionista e realizam um treino na esteira durante 40 minutos três vezes por semana com o acompanhamento da fisioterapia. A IP é considerada o grupo controle do estudo e recebe da enfermagem orientações quanto ao estilo de vida, apenas em um encontro individual. Cada ciclo de coleta tem duração de 3 meses, e os voluntários são avaliado s por toda equipe ao ingressarem, ao término e 6 meses após o término do programa, o que caracteriza um delineamento longitudinal. No que tange a psicologia, a intervenção é baseada no modelo Transteórico de Mudança (MTT) para o qual aconteceu a tradução e adaptação de um manual de tratamento para dependentes químicos americano para a mudança de hábitos alimentares e prática regular de exercício. O protocolo foi adaptado de 29 para 12 sessões e os agrupamentos consideraram todos os processos de mudança, os moderadores e assertividade. Avaliações transversais utilizando o IHS, Escalas de Auto-eficácia, Inventário de Sintomas de Estresse e o CASO A-30, demonstraram a importância de focar a intervenção psicológica no desenvolvimento de habilidades de enfrentamento assertivas o que pode contribuir com uma maior adesão e manutenção da mudança de estilo de vida.

1) INTERVENÇÃO INTERDISCIPLINAR: DESENVOLVENDO TECNOLOGIA SOCIAL PARA O TRATAMENTO DA SÍNDROME METABÓLICA.
Raquel de Melo Boff (Universidade De Caxias Do Sul, RS), Martha Brusius Walig Ludwig (Universidade Do Vale Do Rio Dos Sinos, RS) e Nathalia Susin (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, RS).

A síndrome metabólica consiste na combinação de pelo menos três dos seguintes componentes: a) circunferência abdominal: maior que 88 cm para mulheres e maior que 102

cm para homens; b) pressão arterial: sistólica maior ou igual 130 mmHg e diastólica maior ou igual a 85 mmHg; c) glicose de jejum: maior ou igual a 110 mg/dL; d) triglicerídeos: maior ou igual a 150 mg/dL; e) HDL colesterol: menor do que 40 mg/dL para homens e menor do que 50 mg/dL para mulheres. Nesta população, intervir no estilo de vida é a primeira e mais importante medida a ser tomada, consistindo, em linhas gerais, no estabelecimento de mudanças comportamentais, como adoção de novos hábitos alimentares e realização de exercícios físi cos regularmente. Tendo em vista que a adesão do paciente ao tratamento constitui um desafio, o trabalho em equipe interdisciplinar configura-se na melhor alternativa. Estudos apontam que essa modalidade de intervenção, caracterizada pela associação da prática de atividade física e alimentação balanceada, quando aliada ao acompanhamento psicológico apresenta resultados mais satisfatórios mesmo quando comparado a tratamento medicamentoso isolado. Diante disso, torna-se evidente a importância de uma equipe interdisciplinar no manejo de pacientes com SM para o sucesso do tratamento. Neste contexto, a parceria entre as Faculdades de Farmácia, Enfermagem, Nutrição, Fisioterapia e Psicologia da PUCRS vem trabalhando no programa MERC ("Mudança de estilo de vida em pacientes com síndrome metabólica"). Este tratamento interdisciplinar visa à adesão dos pacientes às determinações preconizadas pela Diretriz Brasileira de Diagnóstico e Tratamento da Síndrome Metabólica, ou seja, prática de exercício físico e alimentação saudável. O programa é desenvolvido durante três vezes por semana no Centro de Reabilitação do Hospital São Lucas da PUCRS. No local acontecem três modalidades de Intervenção: Intervenção Grupal (IG) Intervenção individual (II) e Intervenção Padrão (IP). A IG ocorre uma vez por semana, é realizada em grupo e conta com a participação simultânea de profissionais da psicologia, enfermagem, fisioterapia e nutrição. Na intervenção individual os voluntários são atendidos individualmente por psicóloga, nutricionista e realizam um treino na esteira durante 40 minutos três vezes por semana com o acompanhamento da fisioterapia. A IP é considerada o grupo controle do estudo e recebe da enfermagem orientações quanto ao estilo de vida, apenas em um encontro individual. Todos os grupos são avaliados pelas áreas antes e após o programa a fim de verificar as variáveis de desfecho (crité rios da SM). O caráter A interdisciplinar do grupo de estudo é marcado pelos constantes treinamentos e reuniões de discussão e cientificas que ocorrem com frequência. A intervenção psicológica tem como objetivo motivar os pacientes para a mudança de comportamento, utilizando o modelo transteórico de mudança.

Palavras-chave: Intervenção, interdisiciplinariedade, síndrome metabólica

2) PROTOCOLO DE INTERVENÇÃO BASEADO NO MODELO TRANSTEÓRICO DE MUDANÇA DE COMPORTAMENTO.

Margareth da Silva Oliveira (PUC-RS, RS), Martha Brusius Walig Ludwig (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, RS) e Nathalia Susin (PUC-RS, RS).

O Modelo Transteórico de mudança de comportamento (MTT), desenvolvido por Prochascka e DiClemente está fundamentado na premissa de que a mudança comportamental acontece ao longo de um processo que envolve 5 estágios (pré-contemplação, contemplação, preparação, ação e manutenção) e 10 processos de mudança, 5 experienciais: ampliação da consciência, alívio emocion al, autorreavaliação, reavaliação circundante, deliberação social, e 5 comportamentais: controle de estímulos, contracondicionamento, gerenciamento de reforço, autodeliberação e relações de ajuda. Enquanto os estágios representam a dimensão temporal do MTT e permitem o entendimento de quando as mudanças particulares, intenções reais e comportamentos podem acontecer, os processos de mudança habilitam a pessoa a mover-se de um estágio para outro. Os diversos estudos envolvendo o MTT concluiram que além dos estágios e dos processos, moderadores como a auto-eficácia e a balança decisional e outras variáveis externas e internas, tem um papel fundamental na manutenção da aquisição de novos hábitos em saúde. Os aspectos externos contemplam qualquer intervenção no problema, mudanças no ambiente natural que afetem o comportamento, como uma mudança

de política e nas relações interpessoais. Os aspectos internos incluem características de personalidade, habilidades cognitivas, recurso monetário disponível e história de eventos pessoais que podem ter impacto sob a área problema. Neste contexto, o objetivo deste trabalho é apresentar o desenvolvimento de uma intervenção com base neste modelo e direcionada para pacientes com risco cardiovascular (mais especificamente com síndrome metabólica) e que precisam modificar o estilo de vida. Esta intervenção consiste na adaptação de um tratamento grupal de 29 sessões para pacientes dependentes químicos, que foi adaptada para pacientes com síndrome metabólica e reduzida para 12 sessões. Primeiramente as 29 sessões originais foram adaptadas para os comportamentos-problema (dieta e exercício) específicos da síndrome metabólica. Estas sessões foram aplicadas em 38 pacientes e submetidas a discussões com o objetivo de aprimorá-las. Para o desenvolvimento do protocolo reduzido de tratamento em 12 sessões, foram realizados alguns agrupamentos de acordo com os processos de mudança e retirados alguns encontros que trabalhassem com aspectos mais significativos no contexto da dependência química do que no contexto de pacientes com risco cardiovascular. As sessões iniciais diziam respeito aos estágios de pre-contemplação, contemplação e preparação (P/C/P) focando na ampliação da consciência acerca do problema de saúde com o propósito de aumentar a discrepância em relação a decisão de mudar hábitos. Após a balança decisional a proposta de um plano de mudança, e a identificação das situações tentadoras, o trabalho com os processos comportamentais também envolveu a aquisição de habilidades de enfrentamento assertivas. Isto justifica-se pela influencia que as relações interpessoais bem como o ambiente tem na evolução da ação para a manutenção (A/M) do estilo de vida saudável. Também, é neste momento da intervenção que o desenvolvimento de habilidades sociais são essenciais, uma vez que relac ionamentos e papéis, recusas eficazes, comunicação efetiva e suporte social constituem aspectos cruciais na motivação extrínseca e intrínseca para mudança.

Palavras-chave: Protocolo de tratamento, Modelo Transteórico, habilidades de enfrentamento assertivas

3) AVALIAÇÃO INICIAL DE HABILIDADES SOCIAIS EM PACIENTES COM RISCO CARDIOVASCULAR.

Leda Rúbia Maurina (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, RS), Martha Brusius Walig Ludwig (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, RS) e Nathalia Susin (PUC-RS, RS).

Este estudo está inserido no projeto: "Mudança de estilo de vida e risco cardiovascular (MERC) e trata-se de um delineamento descritivo e transversal. A amostra foi composta por 61 pacientes com Síndrome Metabólica inscritos em um programa interdisciplinar para mudança de estilo de vida. Foram coletados dados sócio-demográficos, além da aplicação das escalas de autoeficácia para dieta e exercício físico e os instrumentos CASO A-30 (para avaliar Fobia Social) e o Inventário de Habilidades Sociais (IHS), e o Inventário de Sintomas do Estresse (LIPP) com o objetivo descrever a amostra antes de iniciar o programa de intervenção. Destes, 55,7% são do sexo feminino com idade entre 33 e 59 anos (M=48,39), 50% se autodeclararam caucasianos, 47,5% têm até o 2º grau completo, 54,1% são casados e 80,3% trabalham. Segundo os Critérios de Classificação Econômica Brasil, 67,8% dos entrevistados estão na categoria B e 22,9% na C. 65,6% não praticam exercício físico e 93,4% não fumam. Sobre a alimentação, 78,7% relatam que necessita modificações. 57,4% dizem não ter uma alimentação saudável e 68,9% julgam a dieta como comportamento mais difícil de mudar sendo que 67,2% possuem esta como maior objetivo. A respeito do estresse, 90,2% acreditam ser um disparador para se alimentar mal e 57,4% para não se exercitar. 72,1% declararam que a tristeza também é um disparador para se alimentar mal e 57,4% para nã o se exercitar. Os pacientes apresentaram uma média de 60,16% (DP=17,30) na autoeficácia para hábitos alimentares, considerado confiança média e 58,77% (DP=22,42) na auto eficácia para

exercício físico, também média. 60,7% manifestam algum grau de estresse. O IHS apresentou média de 48,39% (DP=8,26), ou seja, bom repertório de Habilidades Sociais. No CASO A-30 nos homens, o fator mais ansiolítico é o de Interação com Desconhecidos (M=16,85), seguido de Expressão Assertiva de Moléstia, Desagrado ou Raiva (M=16,57), Ficar em Evidência (M=13,26), Interação com o Sexo Oposto (M=11,93) e Falar em Público/Interação com Superiores (M=10,15). Interação com Desconhecidos também foi o fator mais ansiolítico para mulheres (M=18,76), seguido de Expressão Assertiva de Moléstia, Desagrado ou Raiva (M=18,65), Ficar em Evidência (M=17,44), Interação com o Sexo Oposto (M=15,74) e Falar em Público/Interação com Superiores (M=12,44). A amostra apresenta maio r dificuldade em relação à mudança na alimentação, possuem estresse e os resultados gerais quanto a habilidades sociais e fobia social ficaram na média. No entanto, espera-se que o programa de intervenção melhore a adesão destes pacientes a um estilo de vida saudável, uma vez que comportamentos assertivos podem contribuir com a manutenção da prática de exercícios e uma alimentação saudável.

Palavras-chave: Resultados, assertividade, treino de enfrentamento assertivos

10 Mesa

HABILIDADES SOCIAIS NO CONTEXTO DE INOVAÇÃO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA O DESENVOLVIMENTO HUMANO E PROFISSIONAL.

Coordenadora: Camila de Sousa Pereira-Guizzo (Faculdade de Tecnologia SENAI CIMATEC, Salvador, Bahia).

Estudos mostram que as habilidades sociais podem favorecer os mecanismos de resiliência e proteção diante dos fatores de risco aos quais usualmente as pessoas estão expostas na vida pessoal e profissional. As habilidades sociais podem contribuir para a superação dos fatores inibidores, tanto no âmbito pessoal (insegurança, medo, falta de flexibilidade) como contextual (violência, excesso de pressão, falta de recursos). Nesse sentido, percebe-se que a promoção das habilidades sociais pode fortalecer a autoeficácia das pessoas, favorecendo comportamentos de enfrentamento em várias situações. Considerando a importância de intervenções focadas no aprimoramento de habilidades sociais, muitas ações e recursos tecnológicos podem ser explorados para instigar o processo de aprendizagem, o comportamento de enfrentamento e, consequentemente, o desenvolvimento das pessoas. O planejamento de programas contemplando o uso da tecnologia computacional e das mídias eletrônicas pode ser uma estratégia importante pela amplitude e variedade na transmissão das informações, possibilitando ainda a difusão social em diferentes culturas. Esta mesa redonda tem como objetivo discutir o campo das habilidades sociais no contexto de inovação, bem como refletir sobre os desafios e as possibilidades para promoção do desenvolvimento humano e profissional. A primeira apresentação examina um instrumento de avaliação de tendência empreendedora (TEG – Tendência Empreendedora Geral), que aborda relacionamento interpessoal pelo fato das habilidades sociais participarem do comportamento empreendedor. Esses autores argumentam que a condição atual de trabalho num mercado globalizado e instável passa a exigir o desenvolvimento de Empreendedores, carreira que demanda desafios também de relações interpessoais. A segunda apresentação revela cinco jogos digitais que foram produzidos para pessoas com deficiência e / ou com paralisia cerebral que têm sérias dificuldades em comunicação. Os jogos desenvolvidos foram instalados em um dispositivo semelhante a um tablet ou um assistente pessoal digital (PDA). Nesse trabalho discute-se a importância da análise das diferentes possibilidades de expressão dessas crianças e do uso de recursos tecnológicos para o planejamento de intervenções na área da Educação Especial. A terceira apresentação discute o desenvolvimento de uma intervenção embasada no computador para educação no contexto de relacionamentos amorosos e prevenção à violência no namoro

entre adolescentes e jovens. Esses autores apontam ainda estudos de eficácia para avaliação dos efeitos da ferramenta sobre mudanças atitudinais e comportamentais acerca de medidas de autoproteção em namoros violentos bem como transferência da informação aos pares. Os três estudos aqui reunidos estão coerentes com as novas demandas de inovação e de uso das tecnologias nas ações educacionais, além de estar alinhado com as estratégias atuais de desenvolvimento econômico do País.

1) HABILIDADES SOCIAIS E EMPREENDEDORISMO: AVALIAÇÃO DO POTENCIAL DO TEG (TENDÊNCIA EMPREENDEDORA GERAL).

Camila de Sousa Pereira-Guizzo (Faculdade de Tecnologia SENAI CIMATEC, Salvador, Bahia), Maria Júlia Ferreira Xavier Ribeiro, Elvira Aparecida Simões de Araujo, Marilsa de Sá Rodrigues (Universidade de Taubaté) e José María León Rubio (Universidade de Sevilha, Espanha).

A contribuição das habilidades sociais naquilo que é chamado de comportamento empreendedor já foi demonstrada na performance financeira de novos negócios. As habilidades sociais participam especialmente quando a atividade requerida do empreendedor envolve interação face a face, a percepção acurada do outro, causar boa impressão nas primeiras aproximações e persuadir o interlocutor. Com base neste pressuposto o presente trabalho examina um instrumento de avaliação de tendência empreendedora geral - TEG, que inclui itens que abordam relacionamento interpessoal. A condição atual de desenvolvimento do trabalho num mercado globalizado e instável impulsiona os pesquisadores do Núcleo de Gestão de Carreiras, projeto desenvolvido no contexto do Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade de Taubaté, a incluírem em seus estudos e propósitos formativos o desenvolvimento de Empreendedores, carreira que demanda desafios também de relações interpessoais. As atividades do Núcleo de Gestão de Carreiras são dirigidas em especial ao repertório socialmente habilidoso dos participantes com desafios típicos de gestores como a coordenação de grupo, liderança de equipes, manejo de estresse e de conflitos interpessoais, organização de tarefas, resolução de problemas, tomadas de decisão e promoção da criatividade do grupo. Faz parte das atividades do Núcleo o estudo de instrumentos para o diagnóstico, aconselhamento e desenvolvimento de carreiras. No estudo ora apresentado discute-se a aplicação do TEG – Tendência Empreendedora Geral, composto de 54 itens. Cada item contém uma afirmação com a qual o participante deve concordar ou discordar. Este material foi desenvolvido por pesquisadores da Universidade de Durham, Inglaterra, e é largamente utilizado no Brasil e no exterior na análise de tendência empreendedora, seu propósito original. Outros estudos ampliaram sua aplicabilidade para a orientação profissional. Apresentam-se dados de aplicação do TEG em dois diferentes grupos: 131 engenheiros, funcionários de indústrias do setor de aviação; e 325 empreendedores ligados à Associação Comercial de um município do interior paulista. Para esta análise os 54 itens foram classificados quanto a abordarem (ou não) Relacionamento Interpessoal, gerando duas subescalas. A primeira, IRI, com Itens que envolvem Relacionamento Interpessoal - varia de 0 a 15, e a segunda, não-IRI varia de 0 a 39. O teste não identificou diferenças entre as duas amostras, tanto na tendência empreendedora quanto nos itens que abordam relacionamento interpessoal (subescalas IRI e não-IRI). Assim, pessoas que atuam como empregados e outras que cuidam de seu próprio negócio podem ter mais semelhanças do que inicialmente se supôs. Além da semelhança entre as amostras é necessário considerar outra possibilidade, da insensibilidade do instrumento. Os atuais resultados recomendam cautela quanto à utilização do TEG, visto que se requer sua extensão para novas amostras e o refinamento dos itens. Frente a estes resultados entende-se a importância de aprimorar ações de avaliação e orientação, e novos instrumentos estão sendo desenvolvidos em parceria com pesquisadores da Universidade de Sevilha.

Palavras-chave: habilidades sociais, inovação, tecnologia

2) TECNOLOGIA ASSISTIDA PARA DESENVOLVIMENTO DAS HABILIDADES SOCIAIS DE COMUNICAÇÃO.

Camila de Sousa Pereira-Guizzo, Xisto Lucas Travassos e Lynn Rosalina Gama Alves (Faculdade de Tecnologia SENAI CIMATEC, Salvador, BA).

A comunicação é importante e necessária para a interação social. É por meio da comunicação que o indivíduo interage com os outros e troca informações com o ambiente sociocultural. Na comunicação interpessoal, uma mensagem pode ser transmitida verbalmente, por meio da fala ou da escrita, somando-se ainda ao componente não verbal (gestos, postura corporal, movimentos com a cabeça, expressão facial) e paralinguístico (tom de voz, entonação, velocidade da fala). Contudo, uma das barreiras para o processo de comunicação é a ausência da fala para expressar-se oralmente com o meio. A dificuldade de comunicação oral é uma sequela muitas vezes presente entre as pessoas com Paralisia Cerebral. No caso de indivíduos com Paralisia Cerebral sem oralidade, a sua comunicação com o meio pode ser estabelecida por meio da expressão facial, uso de gestos, movimentos com a cabeça e até com tentativas de vocalizações. Por meio do desenvolvimento de recursos como pranchas de comunicação com simbologias gráficas ou vocalizadores, computadores com softwares específicos, entre outras ferramentas, a Tecnologia Assistiva contribui para a promoção da funcionalidade de pessoas com transtornos severos de expressão oral, possibilitando a ampliação da comunicação, da aprendizagem e da interação social dessa população. Nessa perspectiva da Tecnologia Assistiva, uma das possibilidades para favorecer a comunicação é o jogo digital. O objetivo deste trabalho é apresentar os processos de desenvolvimento de jogos educacionais. O estudo apresenta cinco jogos digitais que foram produzidos para pessoas com deficiência e / ou com paralisia cerebral que têm sérias dificuldades em comunicação. Os jogos desenvolvidos foram instalados em um dispositivo semelhante a um tablet ou um assistente pessoal digital (PDA). A partir da análise das filmagens, por meio do registro de observação, foi possível identificar a ocorrência de cinco categorias de comunicação, na seguinte ordem decrescente: Vocal e não verbal, Não verbal, Vocal com ajuda, Não verbal com ajuda e Vocal. Os resultados sugerem a importância dos jogos digitais e da tecnologia assistiva para a inclusão comunicativa e social, permitindo que as pessoas com paralisia cerebral tenham acesso a computador e outros dispositivos que promovam a sua interação social. A ausência da fala não significa que o indivíduo seja desprovido de condições para interagir com o ambiente. Cabe ao mediador identificar e potencializar as possibilidades de cada um, favorecendo, por sua vez, o desenvolvimento e a autonomia dessas pessoas. Discute-se a importância da análise das diferentes possibilidades de expressão dessas crianças e do uso de recursos tecnológicos para o planejamento de intervenções mais eficazes na área da Educação Especial.

Habilidades sociais; comunicação; tecnologia assistiva

3) INTERVENÇÃO COMPUTADORIZADA PARA PREVENÇÃO À AGRESSÃO ENTRE NAMORADOS: DO RECONHECIMENTO DA VIOLÊNCIA AO APOIO DOS PARES.

Sheila Giardini Murta, Carlos Eduardo Paes Landim Ramos, Eudes Diógenes Alves Cangussú, Thauana Nayara Gomes Tavares e Marina Silva Ferreira da Costa (UNB, Brasília).

A crescente inserção do computador na vida cotidiana tem encorajado pesquisas em educação em saúde focadas no desenvolvimento de intervenções para motivar as pessoas a adotarem comportamentos saudáveis. Estas intervenções têm recebido diferentes denominações, como intervenções customizadas computadorizadas e intervenções embasadas no computador. O presente trabalho tem por objetivo discutir o desenvolvimento de uma intervenção embasada no computador para educação para relacionamentos amorosos e prevenção à violência no namoro entre adolescentes e jovens. O desenvolvimento da ferramenta foi precedido por três estudos de fundamentação, todos apoiados em cuidados éticos para informação e

esclarecimento aos participantes. O primeiro estudo foi realizado com o objetivo de identificar intenções de enfrentamento à violência à namoro entre adolescentes. Participaram 29 adolescentes de uma escola de ensino médio, de ambos os sexos, que responderam a seis sentenças incompletas sobre o que fariam se estivessem em situações de vitimização (três sentenças) ou perpetração (três sentenças) de violência contra o parceiro íntimo. Os resultados, analisados por meio de análise de conteúdo, apontaram duas grandes categorias: intenções de emprego de estratégias saudáveis e não saudáveis de enfrentamento. As estratégias saudáveis foram assertividade, solução de problemas, empatia, regulação das emoções e perdão. As estratégias não saudáveis foram resignação à violência, violência, reação não responsiva e vigilância ao parceiro. O segundo estudo foi conduzido com o objetivo de identificar indicadores de relacionamentos amorosos saudáveis entre jovens. Oito jovens universitários, parte de uma amostra de conveniência, responderam a entrevistas semi-estruturadas sobre suas experiências de namoro saudáveis. Foram identificados os seguintes indicadores de namoros saudáveis: companheirismo, atenção aos sinais de conflito, sentimentos positivos, respeito à individualidade, afinidades sociais, afinidades sexuais e sintonia com a família do parceiro. No terceiro estudo, foram feitas entrevistas com oito jovens, seis mulheres e dois homens, selecionados por conveniência, com experiência prévia em relacionamentos amorosos violentos. Este estudo almejou identificar as manifestações da violência, seus fatores predisponentes e estratégias para cessação da violência. Os resultados demonstraram ser a violência psicológica a categoria mais comum, associada a violência na família de origem e déficits em habilidades sociais de regulação das emoções. A cessação da violência se deu a partir da tomada de consciência e estabelecimento de limites para o parceiro violento. Considerando-se a literatura especializada e os achados dos estudos anteriores, optou-se por construir uma ferramenta computadorizada com quatro níveis: (1) fatores de risco para a violência no namoro, agrupados em fatores sociais, familiares e pessoais; (2) qualidade da relação amorosa atual ou passada, incluindo indicadores de relações saudáveis e habilidades sociais de manejo de conflito e indicadores de violência no namoro e estratégias negativas de manejo de conflito; (3) cultivo de relacionamentos saudáveis e autoproteção em relacionamentos abusivos, considerando estágios de mudança e estratégias de cessação da violência e (4) orientação aos amigos que vivem relacionamentos íntimos violentos. São sugeridos estudos de eficácia para avaliação dos efeitos desta ferramenta sobre mudanças atitudinais e comportamentais acerca de medidas de autoproteção em namoros violentos bem como transferência da informação aos pares.

Palavras-chave: violência no namoro; prevenção; inovação tecnológica.

13h30m-15h30m

- Minicurso 04

A HIPNOSE COMO COADJUVANTE NO TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS.
Clystine Abram Oliveira e Gomes e Gil Gomes (Instituto Brasileiro de Hipnose Aplicada, RJ).

A Fobia Social ou Ansiedade Social, geralmente tem início no começo da adolescência tendo um curso crônico, com alta taxa de comorbidades, constituindo-se em um importante problema de saúde pública. Caracteriza-se por um medo acentuado e persistente de situações sociais ou de desempenho, nas quais o indivíduo teme sentir-se envergonhado, ou embaraçado, tendo por característica central o medo de ser observado e/ou julgado por outra pessoa. Frente às situações sociais as pessoas com fobia social percebem as suas dificuldades e tendem a estabelecer estratégias de evitação expressas por comportamentos de segurança, que distorcem a avaliação das experiências interpessoais e influenciam as interações sociais,

pela ativação de crenças negativas e antecipação dos fracassos. Apesar da alta prevalência, o reconhecimento e o diagnóstico da fobia social muitas vezes é subestimados por portadores e clínicos, nesse contexto se insere a relevância dos instrumentos de avaliação. Objetiva-se nesse minicurso: a) abordar aspectos clínicos da ansiedade social, e b) apresentar dois instrumentos, um de rastreamento de aspectos clínicos da ansiedade social (Mini - Inventário de Fobia Social-MS) e outro, que avalia comportamentos de segurança (Escala de Comportamento de Segurança na Ansiedade Social -ECSAS).Os dois instrumentos foram traduzidos e adaptados para o português do Brasil e a validade discriminativa foi realizada tendo por participantes uma amostra de estudantes universitários, de ambos os sexos, considerando como parâmetro de confirmação diagnóstica a Entrevista Clínica Estruturada para o DSM-IV (SCID-IV). O MS é uma versão reduzida do Social Phobia In ventory, constituído por três itens, pontuados em uma escala likert de cinco pontos. Por meio da análise da curva ROC, a nota de corte sugerida foi sete, onde a sensibilidade do instrumento foi de 0,78, a especificidade 0,68, o valor preditivo positivo 0,65, o valor preditivo negativo 0,80, e a eficácia diagnóstica de 72%. A ECSAS, proposta como Social Phobia Safety Behaviours Scale, é constituída por 17 itens, relativos a comportamentos verbais e não verbais de segurança, pontuados em uma escala tipo Likert, com variação de um a quatro pontos. Verificou-se que as notas corte 36 e 37 foram as que melhor equilibraram os valores de sensibilidade (0,81 e 0,78), especificidade (0,76 e 0,79), o valor preditivo positivo (0,78 e 0,79), o valor preditivo negativo (0,74 e 0,77), com eficácia diagnóstica de 78 %. Analisando se as correlações entre os dois instrumentos verificou-se associação do padrão comportamental de busca de segurança frente as situações soc iais e as manifestações mais típicas da fobia social, relativas ao temor de sentir-se envergonhado, de ser o centro das atenções e de expor-se a humilhações. Dada as facilidades de aplicação e avaliação dos dois instrumentos e suas boas qualidades psicométricas considera-se que os mesmos podem contribuir para a avaliação e acompanhamento do seguimento de pessoas com fobia social, favorecendo a sistematização das informações no contexto clínico e de pesquisa.

Palavras-chave: Fobia Social, Instrumentos, Comportamentos de Segurança

Minicurso 05

CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA SOCIAL COGNITIVA E DO CAMPO DAS HABILIDADES SOCIAIS AOS ESTUDOS DO AUTOCONCEITO.

Eduardo Sarmento de Rezende, Fábio Biasotto Feitosa e Iagê Lage Donato (UFRO, Porto Velho, RO).

A Hipnose é uma técnica regulamentada pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) sob o número 5.766, de 20 de dezembro de 2000, como um recurso técnico apropriado para auxiliar nas soluções de problemas físicos e psicológicos. Reconhecida como um recurso facilitador do trabalho do psicólogo (CFP, 2000) a Hipnose pode ser utilizada em todas as áreas de atuação da Psicologia. Na Psicologia Clínica pode ser empregada como uma ferramenta em qualquer linha teórica para o tratamento de quase todas as queixas dos pacientes ou clientes, inclusive no apoio do Treinamento de Habilidades Sociais (THS). A Hipnose se subdivide em Clássica, Ericksoniana e Cognitiva. A Hipnose Cognitiva é utilizada no THS como coadjuvante e po de facilitar a identificação e a correção das distorções cognitivas, crenças centrais, pensamentos automáticos, sentimentos e comportamentos inadequados que impedem a utilização adequada das Habilidades Sociais (HS). A Hipnose Cognitiva permite uma interação entre Psicólogo e cliente, portanto, o paciente fica lúcido e consciente do THS o que permite a sua participação ativa e com isso, possa dar feedback direto no processo de THS. A Hipnoterapia Cognitiva se distancia da Hipnose Clássica pela participação ativa do paciente em sua avaliação cognitiva

e comportamental. Outro aspecto que facilita o THS pela Hipnose é a técnica regressiva para a identificação da origem das dificuldades na utilização das Habilidades Sociais na infância do paciente, e em casos mais difíceis reestruturando as cognições relacionadas as necessidades emocionais da infância que não foram supridas adequadamente. Na Hipnose Cognitiva são utilizadas técnicas de relax amento, sugestão diretas e indiretas, imagens mentais, ativação emocional, ressignificação de lembranças traumáticas associadas às HS, além das técnicas cognitivas para reestruturar a cognição e de resolução de problemas. A Hipnose no THS pode facilitar o acesso às crenças limitantes e o momento no qual começaram a ser criadas, muitas vezes, com o objetivo de serem reestruturadas e reparadas as relações parentais da infância. Além disso, a Hipnose permite que o paciente se imagine diante de situações interpessoais ansiogênicas e crie estratégias de manejo da ansiedade para o enfrentamento das situações de interações sociais mais difíceis para ele. O programa do minicurso abordará técnica de indução hipnótica, técnica de Hipnose Cognitiva para reestruturação cognitiva e resolução de problemas, técnica da tela mental no enfraquecimento das crenças disfuncionais e comportamentos inadequados, técnica de regressão de memória para repar ação parental, técnica de imagens mentais no enfrentamento de situações ansiogênicas de inter-relação, técnica de projeção para o futuro e sugestões pós-hipnóticas. A Hipnose Cognitiva pode ser considerada um instrumento bastante facilitador no THS de pacientes com dificuldades nas HS, principalmente em pacientes mais difíceis que geralmente demandam reestrutura cognitiva, enfrentamentos imaginários e envolve a necessidade de reparação para a promoção da habituação do paciente as situações de interação interpessoal e social.

Palavras-chave: Hipnose, THS, Habilidade Social

Minicurso 06

TALLER DE TOMA DE DECISIONES PSICOMÉTRICAS PARA LA ELABORACIÓN DE INSTRUMENTOS DE HABILIDADES SOCIALES. GUÍA PARA LA CONSTRUCCIÓN Y VALIDACIÓN DE ESCALAS

Fabian Olaz (Laboratorio de Comportamiento Interpersonal, Universidad Nacional de Cordoba, Cordoba/Argentina), Valeria Morán (Laboratorio de Comportamiento Interpersonal, Universidad Nacional de Cordoba, Cordoba/Argentina) e Francine Náthalie Ferraresi Rodrigues Pinto (Laboratório de Desenvolvimento Humano e Cognição, UFScar)

El diseño de instrumentos de evaluación de las habilidades sociales es un campo de especial interés dentro de la Psicología, ya que la evaluación de este repertorio de conductas es un elemento fundamental tanto para la elaboración de programas de intervención, así como también para la determinación de su eficacia. Uno de los instrumentos de evaluación más frecuentemente utilizados para la prueba de eficacia de los Entrenamientos en Habilidades Sociales (HHSS) en particular y las HHSS en general, son los test psicométricos, y al igual que en otras áreas de la psicología, éstos constituyen una de las modalidades más utilizadas. Esta premisa puede explicarse dadas las ventajas que el uso de estos instrumentos presenta frente a otras modalidades de evaluación. Entre sus aspectos favorables, es posible mencionar su fácil aplicación, pueden ser utilizados en muestras amplias, permiten cubrir un número grande de situaciones y comportamientos, y evalúan de manera objetiva pensamientos y sentimientos en situaciones sociales. La principal característica de este tipo de técnica es que permite medir dominios de manera estandarizada mediante una muestra de comportamientos considerados como representativos de los mismos. Sin embargo, aún cuando la administración es relativamente rápida y sencilla, la construcción de estos instrumentos conlleva un conocimiento acabado de ciertas herramientas metodológicas de relativa complejidad, pero necesarias para un uso ético y responsable de los mismos. En este sentido, en su construcción y adaptación deben cumplirse ciertas normas, así como también realizarse todos los análisis necesarios para reducir los márgenes de error en las futuras mediciones. Teniendo en cuenta lo expuesto,

el objetivo de este curso es presentar los procedimientos más importantes de adaptación y construcción de instrumentos, proveer herramientas para la toma de decisiones en el desarrollo de artículos instrumentales, y abordar las aplicaciones más importantes de este tipo de técnica. Las unidades a desarrollar son: 1) Adaptar o Construir?; 2) Redacción de ítems y Traducción de ítems; 3) Análisis de la calidad de los ítems: Cognitive Debriefing y Juicio de Expertos; 4) Pruebas de Validez de estructura interna; 5) Pruebas de confiabilidad; 6) Evidencias de Validez de los test y otras variables; 7) Estudios experimentales y evaluación de la sensibilidad del instrumento. Se espera que los asistentes reciban los recursos psicométricos esenciales para diseñar y validar tests o escalas, así como también los conocimientos y referencias necesarias para seleccionar los instrumentos a utilizar para la evaluación de las habilidades sociales, ya sea con fines clínicos, de intervención o en investigaciones

Palavras-chave: Recursos, instrumentos y procedimientos de evaluación de habilidades sociales

Minicurso 09

CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA SOCIAL COGNITIVA E DO CAMPO DAS HABILIDADES SOCIAIS AOS ESTUDOS DO AUTOCONCEITO

Eduardo Sarmento de Rezende (Fundação Universidade Federal de Rondônia, Programa Mestrado Acadêmico em Psicologia, Porto Velho), Fábio Biasotto Feitosa (Fundação Universidade Federal de Rondônia, Programa Mestrado Acadêmico em Psicologia, Porto Velho) e Iagê Lage Donato (Fundação Universidade Federal de Rondônia, Departamento de Psicologia, Porto Velho)

A Teoria Social Cognitiva de Albert Bandura estabelece bases para o estudo do comportamento no contexto da interação social. Nesta teoria, a aprendizagem exerce um papel fundamental no processo de desenvolvimento social e cognitivo do ser humano, incluindo a formação do autoconceito, definido como uma concepção que a própria pessoa constitui sobre si por meio de avaliações e experiências diretas com outras pessoas. Além de favorecerem o autoconhecimento, os estudos do autoconceito ampliam a compreensão sobre os aspectos interpessoais implicados no desenvolvimento sociocognitivo, uma vez que o construto se forma através da interação existente entre a combinação de fatores introspectivos (cognitivos) e sociais. A qualidade do desempenho social da pessoa em determinadas situações poderá influir na formação do seu autoconceito. Semelhantemente, a partir do entendimento de que o comportamento humano é modificável, torna-se possível prever que o senso de autoconceito é influenciado pelo aprimoramento da qualidade do desempenho social. Nessa direção, as habilidades sociais passam a ser relevantes na formação do autoconceito e o treinamento de habilidades sociais pode ser tomado como suporte prático ao seu aprimoramento, à medida que maximiza o repertório de comportamentos pró-sociais. Assim, à luz da teoria social cognitiva e dos estudos sobre habilidades sociais, o presente minicurso tem como objetivos: (1) apresentar o construto do autoconceito demonstrando a sua importância para o desenvolvimento acadêmico e social de crianças e adultos, (2) discutir as possíveis relações entre a teoria social cognitiva e o campo das habilidades sociais na compreensão da formação do autoconceito. A proposta é destinada a estudantes ou profissionais de diversas áreas do conhecimento interessados em compreender e debater o comportamento humano pelos aspectos do desenvolvimento sociocognitivo. Utilizaremos no método de ensino variados recursos, como aula expositiva, apresentação de vídeos (datashow), além da participação ativa de todo o grupo em dinâmicas e vivências, buscando estabelecer uma ponte entre a teoria e a prática. Dessa forma, serão trabalhados os conceitos mais relevantes da teoria de Albert Bandura, a partir da qual, focalizaremos o autoconceito, enquanto tema nuclear do minicurso. Por conseguinte, adentraremos no campo das habilidades sociais, destacando o caráter prático e as possibilidades de aplicação do treino de habilidades sociais nas mais diversas áreas de atuação do psicólogo com o foco no autoconceito. Levando em consideração a escassez de

produções científicas que abordem o tema e acreditando na relevância do autoconceito para as diversas áreas de aplicação do conhecimento psicológico, consideramos de grande valia oferecer esta oportunidade de curso à comunidade acadêmica.

Palavras-Chave: Autoconceito, Habilidades Sociais, Desenvolvimento Sociocognitivo

15h30m-16h

- Intervalo
- Sessão de painéis 13, 14, 15, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26 e 44
- Lançamento de livros

13h30m-15h30m

- 05 Sessão de comunicação livre

CL18 - PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO E COMPETÊNCIA ACADÊMICA: A FUNÇÃO MEDIADORA DAS HABILIDADES SOCIAIS EM CRIANÇAS CONTAMINADAS POR CHUMBO.
Denise Dascanio (UNIP, Bauru, SP) e Zilda Aparecida Pereira Del Prette (UFSCar, São Carlos, SP).

As habilidades sociais são reconhecidas como fator de proteção ao longo do desenvolvimento humano, contra os impactos dos fatores de risco. É importante considerar que os fatores de risco e proteção ao desenvolvimento não são iguais em importância e que comprometimentos comportamentais e acadêmicos podem ser decorrentes de múltiplos fatores. Os dados da literatura sugerem um conjunto de fatores de risco ao desenvolvimento (p.e. plumbemia; problemas de comportamento, déficits em habilidades sociais e de competência acadêmica, práticas educativas coercitivas e baixo nível socioeconômico), cujo impacto parece envolver intrincada rede de interações que deve ser investigada mais intensivamente. É possível inferir, também, que um bom repertório de habilidades sociais reduz o impacto dos fatores de risco, funcionando como uma variável protetora, mediadora ou moderadora da relação entre aqueles fatores de risco e desfechos desfavoráveis ao desenvolvimento. Com base nesses estudos, o objetivo do presente estudo foi identificar os melhores preditores sociocomportamentais, obtidos a partir de diferentes avaliadores (professores, pais e autoavaliação), que diferenciam os estudantes com e sem intoxicação pelo metal chumbo. Espera-se que os mecanismos de risco (baixo nível socioeconômico, plumbemia, práticas parentais negativas e problemas de comportamento) afetem negativamente a competência acadêmica e social. Além disso, espera-se, também, que esta relação seja mediada, pelo menos parcialmente, por fatores de proteção, investigando-se, no presente estudo, o papel específico das habilidades sociais. Participaram desta pesquisa 100 crianças, seus respectivos responsáveis e professores. A idade dos participantes variava de 8 a 17 anos (M= 13,12; DP= 2,47), sendo 54% meninas. Desses, 50 compuseram o grupo com plumbemia; outros 50 participantes compuseram o grupo de comparação, sem plumbemia. O repertório de habilidades sociais foi avaliado pelo SSRS-BR (versão criança e versão professor), IHSA-Del-Prette e as práticas educativas parentais pelo IEP. Pelas análises de regressão linear pode-se verificar que a plumbemia apareceu como preditor positivo para a assertividade e negativo para o autocontrole e problemas de comportamento. A hipótese mais provável para a relação positiva entre plumbemia e assertividade esteve relacionada ao fato de essas crianças receberem atenção diferenciada dos órgãos de saúde da região na época da descoberta da contaminação ambiental por chumbo, o que pode ter

contribuído para um treino indireto do repertório assertivo. Estudos futuros poderiam investigar melhor esse resultado, uma vez que o repertório total de habilidades sociais autoavaliadas e avaliadas pelo professor não foram preditos pela plumbemia. Com a análise de mediação observou-se que as habilidades sociais parecem funcionar como um fator de proteção, minimizando o impacto da plumbemia sobre a competência acadêmica e sobre os problemas de comportamento. Efetivamente, esses resultados sugerem que as habilidades sociais podem contribuir na proteção de crianças em situações risco. É possível considerar que se o repertório de assertividade e habilidades sociais das crianças contaminadas por chumbo fosse equivalente ao das crianças do grupo de comparação, o impacto da plumbemia sobre a competência acadêmica e o repertório social poderia ter sido ainda maior, conforme descritos nos estudos que demonstraram a associam negativa entre essas variáveis.

Palavras-chave: Habilidades sociais, intoxicação por chumbo, fatores de proteção.

CL12 - AS HABILIDADES SOCIAIS DE JOVENS DEFICIENTES EM SUAS TRAJETÓRIAS NO ENSINO SUPERIOR.

Ana Claudia Rodrigues Fernandes (UNB, Brasília, DF).

O crescimento e fortalecimento da educação inclusiva tem feito crescer o número de jovens que concluem o ensino médio e estão em condições de ingressar no ensino superior. Entretanto, entre eles, uma minoria entra na universidade e um número ainda menor conclui com êxito esse nível de ensino. Da mesma forma, poucas são as informações que se detém sobre esse segmento dos universitários e reduzidos os estudos que investiguem suas trajetórias no ensino superior. Diante disso, a discussão proposta pela comunicação se concentra na revisão teórica sobre os seguintes tópicos: o contexto da inclusão escolar no ensino superior; a perspectiva do desenvolvimento adulto, com ênfase para as relações entre habilidades sociais a partir da Teoria dos Papeis, ao articular a cultura acadêmica, as interações e os sistemas simbólicos, que podem influenciar o desempenho acadêmico da pessoa com necessidades educacionais especiais. O objetivo é aprofundar a compreensão sobre as habilidades sociais evocadas nas dificuldades e potencialidades do cotidiano das práticas inclusivas no ensino superior, a partir das situações de interação e comunicação que se constituem situações de ação, nas quais o indivíduo se posiciona, seja no nível pessoal ou social. Por se tratar do desenvolvimento humano adulto, marcado por transformações, rupturas, influências, mudanças, regularidades, interrupções, é possível afirmar que o processo de desenvolvimento está marcado por interação, influência, negociações de significados, que estão em constante movimento na vida do indivíduo e torna-se relevante identificar o repertório de habilidades sociais necessárias aos estudantes com deficiência em sua incursão no ensino superior. Como os processos pelos quais emergem o desenvolvimento tem sua gênese entre a mediação entre a experiência social e a experiência individual, o indivíduo com deficiências está o tempo todo diante de situações de tensão, que podem lhe reforçar aspectos positivos ou negativos de sua condição: a força para lutar e superar as possíveis desvantagens dadas pelo olhar ou outro, ou ainda, a acomodação diante de uma realidade pouco inclusiva, pautada em modelos de normalidade e eficiência hegemônicos. Com isso, tem-se a relevância do estudo das habilidades sociais necessárias à sua plena inserção e aproveitamento dos estudos no ensino superior, como condição de qualificação de seu processo de desenvolvimento. Assim, é importante conhecer as habilidades sociais que se estabelecem no ambiente acadêmico e a cultura que se produz e reproduz no interior das Instituições de Ensino Superior, e que como estas se traduzem nas práticas de acesso, nas condições de permanência e promoção do aproveitamento dos estudos aos alunos com deficiência.

Palavras-chave: Ensino Superior, Inclusão, Habilidades Sociais

CL6 - AVALIAÇÃO MULTIMODAL DO REPERTÓRIO DE HABILIDADES SOCIAIS DE ALUNOS NÃO

FALANTES.

Patricia Lorena Quiterio e Leila Regina d'Oliveira de Paula Nunes (UERJ, RJ).

O aluno com paralisia cerebral que não consegue se comunicar oralmente de forma eficiente pode ser incapaz de expressar seus sentimentos e pensamentos, prejudicando seu desenvolvimento acadêmico e social. Os objetivos desta investigação foram: a) adaptar o Sistema Multimídia de Habilidades Sociais de Crianças (SMHSC-Del-Prette) par a doze alunos com paralisia cerebral, não oralizados usando recursos da Comunicação Alternativa para tal e b) verificar a consistência de uma proposta de avaliação multimodal de Habilidades Sociais para pessoas com paralisia cerebral não-oralizadas. A avaliação multimodal envolveu os seguintes procedimentos: a) protocolo de observação direta para registrar os comportamentos dos alunos em situação natural, bem como categorizar os comportamentos não verbais; b) entrevista semiestruturada contendo 10 itens realizados junto à professora para descrever sua percepção sobre as Habilidades Sociais dos seus alunos; c) questionário composto de 20 itens realizado com os responsáveis com a finalidade de investigar como estes percebiam as relações interpessoais dos filhos e d) Inventário de Habilidades Sociais para Pessoas Não Oralizadas (IHSPNO), contendo 20 situações geradoras de interações sociais, administrado aos alunos e à professora. Para testar a validade do instrumento foi aplicado o Teste de Postos com Sinal de Wilcoxon (Ho para $p \leq 0,02$) que revelou resultados satisfatórios. Relacionando os dois grupos, obtiveram-se os seguintes resultados: as observações revelaram que o comportamento não verbal mais utilizado foi o assentimento com a cabeça, através do qual o aluno emitia respostas sim/não a perguntas diretas. Os questionários revelaram que as subclasses com déficit parciais foram Assertividade (69,3%), Civilidade (62,9%) e Empatia (61%). As subclasses com desempenho adequado foram Básicas de comunicação (79,2%) e Autocontrole e expressividade emocional (78,3%). A subclasse Fazer amizades (54%) foi considerada como tendo o índice insatisfatório. As professoras através das entrevistas consideraram que as subclasses Solução de Problemas Interpessoais e Civilidade apresentaram déficits significativos. Já as subclasses Autocontrole e Expressividade Emocional, Fazer Amizades, Básicas de comunicação, Assertividade, Civilidade e Sociais Acadêmicas tiveram déficits parciais. Correlacionando-se a auto-percepção e a percepção das professoras através do IHSPNO nos grupos evidencia-se que a subclasse Habilidade Social Acadêmica (57%) e Assertividade (56%) revelaram um desempenho positivo. Em oposição, a Solução de Problemas Interpessoais (43%) foi que apresentou um índice insatisfatório e, consequentemente as subclasses Empatia e Civilidade (51%), Autocontrole e Expressividade emocional (49%) e Fazer amizades (48%) apresentaram déficits parciais. Na relação entre todos os instrumentos, percebeu-se que as subclasses Assertividade e Autocontrole e Expressividade emocional foram as que apresentaram melhor desempenho. Com desenvolvimento parcial tiveram-se as subclasses Básicas de comunicação, Empatia, Fazer amizades e Sociais Acadêmicas. Verificaram-se déficits significativos em Civilidade e Solução de Problemas Interpessoais. Os dados sinalizaram que os instrumentos foram adequados à população, viabilizando o desenvolvimento de futuras pesquisas com um número significativamente maior de participantes. Outro desdobramento é a elaboração e a implementação de Treinamento em Habilidade Sociais (THS) - com recursos da Comunicação Alternativa - no ensino direto e sistemático das subclasses de habilidades com o propósito de aperfeiçoar a competência individual e interpessoal em situações sociais, com essa população.

Palavras-chave: Avaliação das Habilidades Sociais; Alunos com deficiência física não falantes; instrumentos de avaliação multimodal.

CL42 - AVALIAÇÃO MULTIMODAL DA COMPETÊNCIA SOCIAL DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL EM INTERAÇÃO COM COLEGAS E PROFESSORES.

Priscila Haanwinckel Junqueira (UFSCar, São Carlos, SP), Milena Gonçalves Sobral (UFBA, BA) e Zilda A. P. Del Prette (UFSCar, São Carlos, SP).

Pesquisas apontam que crianças com deficiência visual podem apresentar isolamento e outras dificuldades de interação social que comprometem o processo de inclusão escolar. Além disso, podem apresentar dificuldades na emissão de habilidades sociais, pois a falta de visão atrapalha a aprendizagem de regras e normas sociais, interferindo na leitura do ambiental. Dessa forma, há maior probabilidade de emitir desempenhos inadequados à uma dada situação social, prejudicando a relação da criança com os demais, afetando, negativamente, a sua competência social. A criança socialmente competente está em melhor condição de lidar com situações estressoras e adversas de forma mais adequada. Considerando a inclusão escolar como uma situação nova e muitas vezes difícil para a criança com deficiência visual, a competência social é necessária para a melhor adaptação destas ao ambiente escolar. Para a análise da competência, não deve ser utilizado um único critério, por isso é importante a realização de uma avaliação multimodal dos comportamentos da criança. Este estudo tem como objetivo: caracterizar, por diferentes medidas (observação direta, dados de relato e avaliação sociométrica), os desempenhos sociais de duas crianças cegas em interação com seus colegas e professores. A pesquisa foi realizada com duas crianças (A e B), ambas com nove anos de idade (um menino e uma menina), diagnosticadas com cegueira congênita e matriculadas em escolas públicas da rede regular de ensino. Utilizou-se o recurso de filmagem no ambiente da sala de aula (aulas de português e atividade livre), para obtenção dos dados de observação direta; aplicação do Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais - SSRS-BR para avaliar o repertório de habilidades sociais, comportamentos problemáticos e competência acadêmica de crianças por meio do relato de pais e professores; aplicação da ficha de avaliação do Status Sociométrico, para caracterizar o status social das crianças com deficiência visual com relação aos seus pares. Os desempenhos observados foram descritos, em termos de antecedentes, respostas e consequentes (observação e transcrição das filmagens realizadas) e agrupados em 44 categorias: 26 desempenhos pró-inclusivos, 5 desempenhos neutros e 13 anti-inclusivos. Estas categorias foram criadas a partir do agrupamento das unidades de análise (respostas em comum) e avaliação por juízes (definição das categorias e análise da funcionalidade). A análise da observação direta do comportamento indica que as duas crianças emitem mais comportamentos socialmente competentes (pró-inclusivos) do que os outros desempenhos, Lenita– 69% e Lucas – 71%. Estes dados contradizem alguns dados de relatos obtidos com o SSRS-BR. Lenita é avaliada com escore médio de habilidades sociais, pelos pais e professores. Sendo que sua professora a avalia com um alto índice de problemas de comportamento e a mãe, com médio. Já para Lucas, a mãe o avalia com baixo repertório de HS e sua professora, médio. Nos problemas de comportamento as duas, o avaliam com alto índice. Na avaliação sociometrica, Lucas é considerado “popular”, e Lenita, “comum”, ambos os resultados representam uma boa interação com colegas com boa competência social. Com base nesses resultados, pode-se supor que pais e professores estejam superestimando dos desempenhos inadequados da criança em detrimento dos socialmente competentes em diferentes contextos, com fornecimento de algum tipo de atenção como consequente na emissão dos desempenhos anti-inclusivos, o que pode fazer com que a frequência deles aumente, provocando, em longo prazo, problemas no relacionamento interpessoal da criança. As crianças apresentam um bom repertório de habilidades sociais concomitante com a presença de problemas de comportamento. Isso parece ser mais saudável para a criança do que a ausência de habilidades sociais, já que ela consegue ser socialmente competente em diversas situações. Outro indicativo da competência social das crianças no contexto da sala de aula são os resultados da avaliação sociométrica. A avaliação por pares é um importante indicador do ajustamento social das crianças. Com esses dados, pode-se concluir que as duas crianças conseguem ser socialmente competentes no ambiente escolar. A emissão dos desempenhos pró-inclusivos lhes permitem a obtenção de reforçadores, consecução dos objetivos, informação sobre o meio e colabora na qualidade da relação com colegas e professores. Um fator a se atentar, é a falta de consequências diretas ao comportamento, o que pode influenciar a sua

emissão futura. Esses resultados contradizem alguns achados na literatura que indicam que as crianças com deficiência visual tendem a ser mais isoladas e apresentar dificuldades de interação na escola.

Palavras-chave: inclusão escolar, competência social, avaliação multimodal

CL55 - DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES PARA O COMPORTAMENTO DE ESTUDO EM ALUNOS COM DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM NA UNIVERSIDADE CEUMA.

Cristiane Costa Fonseca, Jennifer Stefanie de Oliveira, Isaac Pereira Viana, Teonio do Carmo Lima, Renata Teresa Sousa Cavalcante (Universidade Ceuma, São Luiz, MA).

Sabe-se da importância dos estudantes, em todos os âmbitos acadêmicos, disporem de habilidades que favoreçam um rendimento satisfatório para a aquisição de conhecimentos tanto para benefício próprio, o que, segundo a perspectiva Analítico-Comportamental, seria um reforçador natural para o comportamento de estudo, como para adaptação aos parâmetros institucionais, o que seria um reforçador arbitrário para o mesmo comportamento. Contudo, muitos desses alunos não dispõem dessas habilidades. Na maioria das vezes, essas inabilidades se dão pelo fato dos estudantes não terem tido uma história de reforçamento positivo no âmbito dos estudos; muito pelo contrário, geralmente, desde a infância (momento no qual o comportamento de estudo começa a ser ensinado à criança) tiveram um modelo educativo extremamente coercitivo tanto na instituição família como na instituição escola, sendo, deste modo, o comportamento de estudo pareado a eventos aversivos dos quais o estudante deseja fugir, esquivar-se ou, até mesmo, contra controlar. Entretanto, torna-se importante ressaltar, nesse ponto, que, aqui, não estão sendo consideradas as variáveis orgânicas que, por sua vez, também podem estar, diretamente, imbricadas na dificuldade de aprendizagem de alguns alunos. Portanto, essas variáveis, conhecidas por distúrbios de aprendizagem, não foram objeto de intervenção e/ou de estudo do presente trabalho. Considerando-se o acima exposto e delimitando-se os aspectos da dificuldade de aprendizagem que estão relacionados a problemas de ordem pedagógica e/ou sócio-culturais, excluindo-se, deste modo, os aspectos orgânicos (conforme supracitado), esta pesquisa, embasada pelo referencial teórico Analítico-Comportamental, buscou desenvolver habilidades específicas para o comportamento de estudo em alunos com dificudades de aprendizagem na Universidade Ceuma, em São Luis do Maranhão. Os participantes foram divididos em grupos terapêuticos nos quais, durante um mês, fora desenvolvido estratégias para treinamento de habilidades sociais a fim de favorecer novos repertórios de comportamento de estudo e, ocasionalmente, gerar um melhor rendimento acadêmico. As estratégias utilizadas foram palestras, oficinais, workshops, rodas de conversa, role-playing, técnicas de relaxamento, entre outras. As intervenções deram-se de modo a não apenas informar aos participantes dos grupos terapêuticos de como deveriam estudar ou do que deveriam fazer. Antes, as intervenções tiveram um aspecto teórico-prático no qual os alunos tiveram a oportunidade de exporem-se às novas contingências que favoreciam o desenvolvimento de habilidades sociais como, por exemplo, resolver problemas junto ao grupo, expor ideias, argumentar, criticar. Além disso, após todos os encontros, levavam uma tabela para casa a fim de registrarem como controlaram o próprio comportamento, o que os permitiu, no fim das intervenções, que eles próprios fizessem uma análise funcional dos seus comportamentos. Finalmente, foram comparados os comportamentos registrados (tanto pelos alunos como pelos próprios coordenadores dos grupos) antes e depois das intervenções e percebeu-se uma significativa melhora nos comportamentos de estudo dos alunos participantes dos grupos terapêuticos. Essa melhora fora evidenciada pelas falas dos alunos e, principalmente, pelo rendimento acadêmico deles.

Palavras-chave: Habilidades Sociais, Habilidades acadêmicas, dificuldades de aprendizagem

06 Sessão de comunicação livre

CL53 - CONTRIBUIÇÕES DO TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS AO PROJETO ALUNO MONITOR.

Eduardo Sarmento de Rezende, Fábio Biasotto Feitosa (UFRO, Porto Velho, RO), Cláudia Cabral da Costa (Secretaria de Estado da Saúde, Porto Velho, RO) e Wagner Marques (Projeto Aluno-Monitor, Polícia Civil do Estado de Rondônia, Porto Velho, RO).

Na atualidade, o Treinamento de Habilidades Sociais (THS) se apresenta como um método de tratamento, cujo, seu refinamento teórico depende em grande parte de seus resultados práticos e teóricos, de sua aplicação e na superação de seus déficits e dificuldades interpessoais e na maximização de repertórios de comportamentos sociais. A eficácia do método, o THS, diante da diversidade da demanda social, vem despertando o interesse de entidades que priorizam a realização de atividades de cunho pró-social, principalmente no âmbito da Educação. O presente trabalho consiste em apresentar atividades realizadas por psicólogos voluntários no Projeto Aluno-Monitor (PAM) - edição 2013, com enfoque na promoção de habilidades sociais. O PAM possui dez anos de implantação e tem como objetivo capacitar alunos do ensino médio para o enfrentamento adequado de situações próprias da adolescência e do contexto social em que vivem. Por ter um caráter transitório, o Projeto busca realizar atendimento em duas escolas públicas por ano. Os alunos participantes do Projeto Aluno Monitor são escolhidos pela própria escola, por um critério baseado nos déficits comportamentais e nos resultados acadêmicos, apresentados pelos jovens. Assim, os adolescentes apresentam-se no mesmo, com baixo repertório de habilidades sociais na emissão e fluência comportamental e com baixo desempenho acadêmico. De modo geral, o programa oferece atividades como treinamento e palestras educacionais, cursos profissionalizantes variados, participam de eventos comemorativos e festivos, recebem visitas domiciliares, acompanhamento familiar e educacional, além de, serem engajados para ingressar em programas de estágios, entre outras atividades intersetoriais. Na referida edição, o trabalho realizado pelos psicólogos direcionou-se à promoção de ações que contemplem habilidades sociais, proporcionando o fortalecimento de fatores protetivos, como o treino de respostas adequadas às demandas ansiogênicas típicas da adolescência, bem como potencializando as demais atividades realizadas no projeto. As diversas ações do treino de habilidades sociais incluíram: a realização de 10 (dez) encontros com sessões de psicoeducação e vivências, voltadas para situações como: ensaio de assertividade, discussão sobre empatia, rodas de conversa sobre profissões, resolução de problemas, apresentar alternativas para lidar com estressores de vida, fortalecimento da autoeficácia, exploração do autoconceito e apresentações didáticas sobre a adolescência e seus desafios. Para a realização destas atividades utilizou-se de exposições orais e equipamentos de multimídea. Os resultados, somados às demais atividades desenvolvidas durante o projeto, evidenciaram a satisfação dos jovens ao serem contemplados pela iniciativa e isto se torna evidente conforme demonstram um melhor repertório comportamental, bem como argumentações mais coerentes em discussões, melhora no desempenho escolar, motivação para superar desafios, e a partir de relatos de familiares e educadores.

Palavras-chaves: Habilidades sociais. Adolescência. Educação.

CL39 - HABILIDADES SOCIAIS E DESEMPENHO ACADÊMICO: ESTUDANDO RELAÇÕES.

Ariana Maria Machado de Lima, Elvira Aparecida Simões de Araujo, Maria Júlia Ferreira Xavier Ribeiro e Marilsa de Sá Rodrigues (UNITAU, Taubaté, SP).

Durante qualquer etapa da vida o indivíduo interage com o meio e essa interação social

possibilita o desenvolvimento das HHSS, que envolverá um processo contínuo de aprendizagem, e se tornará mais sofisticada, influenciando na aquisição e desempenho das habilidades sociais necessárias para a construção de relações interpessoais saudáveis e produtivas. O contexto escolar está incluído dentre os meios importantes para o desenvolvimento do repertório social. O objetivo deste trabalho foi verificar alterações no repertório social de crianças frente ao THS, e verificar correspondência deste na avaliação de rendimento escolar. Os procedimentos éticos foram respeitados e o Comitê de Ética da UNITAU aprovou o projeto. Amostra de oito crianças, idade entre 11 e 14 anos. Procedimentos: Pré e pós-teste com SMHSC e TDE, 9 sessões de THS, duas vezes por semana, duração de 1h30. Sessão 1: introdutória com conversas sobre conceitos de HHSS, respeitando a faixa etária dos participantes. Sessões 2 a 8: dinâmicas de grupo abordando os temas Autocontrole e Expressividade Emocional, Empatia, Civilidade, Amizade, Solução de Problemas Interpessoais, Assertividade e Habilidades Sociais Acadêmicas. Sessão 9: individual com feedback pessoal, todas as sessões foram fi lmadas e utilizadas em sessões de treino e feedback. Resultados: os dados dos testes empregados foram analisados seguindo as padronizações. O TDE, no pré-teste demonstrou que 7 crianças estavam no nível inferior a sua série escolar e 1 no nível superior. No pós-teste quanto à classificação com a amostra geral o resultado foi mantido, porém comparando os resultados das crianças no pré e pós-teste 5 demostraram avanço nos escores brutos totais. Quanto ao SMHSC no pré-teste verificou-se que 8 crianças apresentaram escore geral esperado para sua idade, este resultado se manteve no pós-teste. Analisando dados das reações Habilidosas no indicador Frequência os dados demonstram avanços para 4 crianças. Nos indicadores Adequação e Dificuldade houve avanços nos dados de 3 crianças. Quanto aos dados das subescalas relativos às reações habilidosas em Empatia/Civilidade, indicador Frequência 4 crianças avançaram, 1 criança manteve-se em mesmo escore e 3 diminuíram. Na subescala Assertividade/Enfrentamento, no indicador Frequência 2 crianças aumentaram, 5 mantiveram-se e 1 diminuiu. Na subescala Autocontrole 1 criança apresentou avanços, 6 mantiveram-se e 1 diminuiu. Em Participação 3 crianças aumentaram seus escores, 3 mantiveram e 2 diminuíram. A despeito da intervenção ter sido realizada de modo compacto, percebe-se avanços em diferentes indicadores ou reações em 5 crianças e 3 mantiveram e/ou reduziram escores nos diferentes índices. Subescalas Empatia/Civilidade e Participação demonstraram maior avanço nas reações habilidosas, Autocontrole revelou maior demanda de intervenções, visto ser aquela de menor avanço. Ressalta-se que não houve intervenção com professores e técnicos da escola, que por serem modelos importantes de repertório social poderiam alterar os resultados. Sugere-se ampliação da análise incluindo indicadores Adequação e Dificuldade e análise das reações Não Habilid osa Passiva e Ativa. Sugere-se a continuação das atividades para consolidação e ampliação das aprendizagens de repertório social.

Palavras-chave: Habilidades Sociais, Treinamento, Desempenho Acadêmico

CL54 - PERCEPÇÕES DE ALUNOS DE PSICOLOGIA SOBRE AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO.

Adriana Benevides Soares (Universo, Niterói e UERJ, RJ), Ana Maria Ribeiro de Seabra, Cláudio de Almeida Lima, Ana Maria da Silva Porto, Tamiris de Abreu Fonseca e Zeimara de Almeida Santos (Universo, Niterói, RJ).

As relações humanas que existem nas instituições de Ensino Superior têm sido fortemente objeto de estudo pela Psicologia. Este estudo teve por objetivo identificar as percepções de graduandos de Psicologia de uma universidade pública a respeito das relações sociais estabelecidas com os diferentes segmentos da comunidade acadêmica: alunos, professores, funcionários e gestores. Participaram deste estudo qualitativo e exploratório doze estudantes universitários, dos quais onze eram do sexo feminino com a idade média de 18, 9 (DP= 1, 93), em quase sua totalidade,

solteiros (90, 1%), apenas um aluno do 8o período e os demais do 3o período. No que se refere ao nível socioeconômico, houve predomínio de três classes encontrando-se 33,33% dos estudantes na classe B1, 41,67% na classe B2 e 33,33 % na classe C1(ABEP, 2011). Os estudantes, instruídos pelos pesquisadores, responderam ao Questionário Critério Brasil (ABEP, 2011) que avalia o nível socioeconômico e o grau de instrução do chefe da família permitindo a categorização em classes sociais (A1, A2, B1, B2, C1, C2, D e E). Em seguida, foi utilizada a técnica do grupo focal que permite a compreensão de discursos construídos coletivamente e a identificação de sentimentos, percepções, atitudes, ideias dos participantes a respeito de um determinado assunto. Utilizou-se a técnica de Grupo Focal e Análise de Conteúdo para coleta e categorização dos dados, respectivamente. Foram elencados dois níveis de dificuldade relativos às situações vivenciadas pelos alunos: fáceis e difíceis e que foram relacionadas às realidades presentes na Universidade, no que tange a dimensão relacionamento interpessoal entre aluno-aluno, aluno-funcionários, aluno-professor e aluno-gestores. Para as situações vivenciadas como fáceis destacam-se algumas subcategorias tendo como exemplo a importância do respeito às diferenças, a disponibilidades dos funcionários em ajudar os alunos, o professor solícito e os gestores em sua atenção. Nas situações vivenciadas como difíceis destacam-se como subcategorias a intolerância e da falta de tempo para o relacionamento entre os alunos, a falta de compromisso dos docentes, a arrogância e descaso dos funcionários e a valorização da pós em detrimento da graduação como situações classificadas como difíceis. A percepção acerca das interações sociais a partir da utilização do grupo focal propiciou uma melhor interpretação das relações existentes entre aluno-aluno, aluno-professor, aluno-gestores e aluno-funcionários. Nas falas dos alunos evidenciou-se que as relações sociais estabelecidas entre os membros da comunidade acadêmica são percebidas como apresentando desempenho social insatisfatório no que diz respeito às relações interpessoais. Sugere-se, a partir deste estudo o desenvolvimento de programas de treinamento em habilidades sociais com os participantes do meio acadêmico, ambiente rico em interações sociais, destacando-se, em especial, a escassez de trabalhos sob esse aspecto com o segmento de técnicos administrativos.

Palavras-chave: Grupo focal, Universitários, Relacionamento interpessoal

CL28 - AVALIAÇÃO DAS HABILIDADES SOCIAIS DE ADOLESCENTES EM ESCOLAS PRIVADA E PÚBLICA.

Keila Camelo, Danielle Netto, Bárbara Helen França, Ana Beatriz Martins e Renata Paes (Faculdades Integradas Maria Thereza, RJ).

O presente trabalho tem como objetivo investigar as habilidades sociais de adolescentes como forma de diagnóstico precoce visando em estudos futuros à criação de programas de intervenção. O trabalho apresenta uma pesquisa de natureza aplicada com uma abordagem qualitativa e quantitativa. A pesquisa propôs-se a: a) Identificar a frequência de comprometimento do repertório de habilidades sociais de adolescentes; (b) Identificar quais habilidades encontram-se mais comprometidas; (c) Identificar a frequência de dificuldade nas repostas socialmente habilidosas. O instrumento utilizado para avaliar as habilidades sociais foi um Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes. A amostra foi composta por alunos de ambos os sexos de duas escolas, uma particular e uma pública no município de Niterói-RJ, totalizando 85 alunos na faixa etária entre 12 e 17 anos, sendo 36 alunos da particular e 49 alunos da pública. Os responsáveis dos participantes assinaram termo de consentimento livre e esclarecido. A análise dos dados foi realizada separadamente tendo em vista a discrepância dos resultados entre as duas instituições. O maior comprometimento das Habilidades Sociais foi encontrado no colégio da rede pública, 61% dos alunos apresentaram repertório comportamental abaixo do esperado, necessidade de treinamento de habilidades sociais, sendo o sexo feminino o mais deficitário. Na escola particular não houve grande diferenciação entre os gêneros, e houve

indicação de Treinamento de Habilidades Sociais apenas para 17% dos alunos. As duas escolas apresentaram resultados bastante diferenciados em relação à análise dos fatores propostos, a maioria dos respondentes da amostra da rede pública relatou repertório deficitário de habilidades sociais em todas as subescalas, enquanto os respondentes da amostra da escola particular relataram apresentar mais recursos comportamentais. Na escola particular as habilidades mais desenvolvidas foram empatia e abordagem afetiva com 81% e 78% respectivamente, as mais comprometidas foram civilidade e autocontrole com 33%. Na escola pública as habilidades mais desenvolvidas foram assertividade e autocontrole com 35% e 33% respectivamente, já a maior dificuldade apresentou-se em desenvoltura social e abordagem afetiva com 80% e 78% respectivamente. Embora o estudo não tenha apresentado correlações entre a escola privada e a pública, pode-se destacar através da distribuição da frequência que os alunos apresentam repertório comportamentais diferenciados, logo atitudes pensamentos crenças e comportamentos socialmente e individualmente diversos. A pesquisa aponta para uma diferenciação quanto ao modelo de Treinamento de Habilidades Sociais aplicado a cada grupo, implicando uma diferenciação de gênero possivelmente. Os resultados apontam ainda para a necessidade de outras pesquisas nesta área para que possam ser propostas intervenções especializadas e eficazes na prevenção de inúmeras enfermidades, comportamentos delinquentes, evasão escolar, que propiciem a autoafirmação e autoconhecimento.

Palavras-chave: habilidades sociais, avaliação, adolescentes

CL29 - TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS COM ADOLESCENTES EM INSTITUIÇÃO DE ENSINO PÚBLICO NO MUNICÍPIO DE NITERÓI – RJ.

Keila Camelo, Jeane Mendonça e Renata Paes (Faculdades Integradas Maria Thereza, RJ).

O presente trabalho tem como objetivo investigar a eficácia de um treinamento de habilidades sociais na melhora do desempenho nas relações interpessoais em adolescentes. O estudo apresenta uma pesquisa empírica com abordagem qualitativa e quantitativa. A pesquisa propôs-se a identificar a frequência de comprometimento do repertório de habilidades sociais de adolescentes antes e após uma intervenção. A amostra foi composta por 49 alunos de ambos os sexos de uma escola pública no município de Niterói-RJ na faixa etária entre 12 e 17 anos. Os responsáveis dos participantes assinaram termo de consentimento livre e esclarecido. Durante a intervenção os alunos foram divididos em dois grupos, um com 21 alunos e outro com 14, os encontros foram realizados no turno da manhã, no horário vago de aula. As atividades foram realizadas em sala com mesas, cadeiras, quadro e foram utilizados durante os encontros folhas A4 branca e colorida, canetas, rádio, televisão, DVD, dentre outros. No total foram realizados 9 encontros, um por semana, com duração de 90 minutos cada um, iniciava-se com aquecimento, depois verificava-se a tarefa de casa, posteriormente era exposto o tema central do dia, em seguida iniciava-se as vivências. Nos encontros estiveram presentes duas coordenadoras. A intervenção não contou com a participação de todos, 14 alunos já concluíram o ensino fundamental e não estavam mais na escola. A análise apontou que 61% dos alunos apresentaram repertório comportamental abaixo do esperado, necessidade de treinamento de habilidades sociais, sendo o sexo feminino o mais deficitário, antes da intervenção. Após a intervenção, apenas 31% apresentaram repertório comportamental abaixo do esperado. Verificou-se que um número significativo de alunos que participaram do treinamento de habilidades sociais conseguiu melhorar seu repertório comportamental. O presente estudo apresentou algumas contribuições, tais como, permitiu colaborar para a compreensão de que qualquer intervenção através do treino de habilidades sociais deve ser particular a cada grupo; aponta para as diferenças entre habilidades sociais para o sexo e que independente da habilidade social da pessoa, o grau de dificuldade e ansiedade diante de repostas adequadas pode ser significativo. Apresentamos algumas limitações, a saber, a amostra obtida pode não ter sido suficientemente

abrangente para que haja a generalização dos dados, os respondentes não foram avaliados para indicadores de depressão e/ou stress; não foi avaliada a distinção entre gênero e o repertório de habilidades sociais de adolescentes. Em futuros estudos, sugere-se que pesquisas como esta contemplem mais variáveis e sejam realizados em outras regiões do estado do Rio de Janeiro, dada às possíveis diferenças culturais existentes. Assim, ao refinar as análises dos dados obtidos, podem-se propor intervenções especializadas para cada grupo. O diagnóstico precoce junto a um tratamento adequado pode ser fator de proteção para que os sintomas não se acentuem e, na vida adulta, diminuam-se as chances de desenvolver comportamentos desadaptativos. Esse tipo de conhecimento deve sair do âmbito da saúde e profissionais da educação devem ser instruídos no sentido de poderem ser os primeiros a alertar os pais ou responsáveis como também auxiliar seus alunos a serem mais hábeis socialmente. Palavras-chave: treinamento de habilidades sociais, avaliação, adolescentes.

Palavras-chave: treinamento de habilidades sociais, avaliação, adolescentes

07 Sessão de comunicação livre

CL3 - O DESENVOLVIMENTO DAS HABILIDADES SOCIAIS NA PRÁTICA CLÍNICA: IMPORTÂNCIA E APLICABILIDADE.

Shirley de Souza Silva Simeão (UFPB - João Pessoa, PB) e Reginete Cavalcanti Pereira (UFRPE - Recife, PE).

Atualmente, tem se observado que problemas na comunicação e nas relações interpessoais têm sido um dos componentes presentes em quadros psicopatológicos e que um repertório de habilidades sociais pobre pode levar a inúmeras dificuldades em diversas áreas do funcionamento do indivíduo. Por isso, cada vez mais o treinamento em habilidades sociais vem sendo de grande valia no contexto clínico, pela utilidade de sua a plicabilidade nos mais variados tratamentos, desde quadros psicopatológicos a dificuldades gerais de relacionamentos. O objetivo do presente estudo é apresentar de que forma tem sido utilizado o desenvolvimento de habilidades sociais no contexto clínico e sua importância para uma condução satisfatória do processo psicoterápico. Para isso foram avaliados 30 pacientes de ambos os sexos que buscaram o processo psicoterápico como forma de superar dificuldades de relacionamentos. Num primeiro momento foi feita a avaliação a partir da utilização do Inventário de Habilidades Sociais e dos relatos dos pacientes, avaliação esta que ultrapassou a esfera quantitativa e valorizou, principalmente, a parte qualitativa dos discursos dos pacientes. A partir dos resultados obtidos foi elaborado um treinamento de habilidades sociais com foco na assertividade e habilidades de comunicação, incluindo técnicas cognitivas e comportamentais que juntas pudessem contribuir para um a reelaboração de um repertório satisfatório que favorecesse um relacionamento saudável e produtivo. O que vem sendo evidenciado na prática clínica é que algumas habilidades como a expressão adequada de sentimentos, a solicitação de mudança de comportamentos e o saber colocar limites e dizer não tem viabilizado uma significativa mudança dos comportamentos desadptativos e que estavam bem relacionados à queixa/sofrimento vivenciado pelo sujeito. Assim, o desenvolvimento de um repertório social mais habilidoso tem favorecido a melhora de comportamentos disfuncionais e tem refletido na ocorrência de um processo com melhora progressiva a partir de mudanças de padrões cognitivos e comportamentais que estariam relacionados com o adoecimento/sofrimento físico e mental, demonstrando assim a importância do desenvolvimento de habilidades sociais na prática clínica.

Palavras-chave: Desenvolvimentos de habilidades sociais, Promoção de saúde, Intervenções

CL8 - DESVENDANDO RELAÇÕES ENTRE HABILIDADES SOCIAIS E TRANSTORNOS PSICOLÓGICOS

POR MEIO DE UM ESTUDO CIENTOMÉTRICO

Eliane Colepicolo (UFSCar, São Carlos, SP), Almir Del Prette (UFSCar) e Zilda A. P. Del Prette (UFSCar, São Carlos, SP).

O campo teórico-prático da Psicologia das Habilidades Sociais (PHS) vem sendo utilizado para a prevenção, diagnóstico e tratamento de diversos transtornos psicológicos (TP). Entretanto, não se pode afirmar ainda sobre quais transtornos essas intervenções em habilidades sociais (HS) têm sido mais estudadas, nem se esses estudos seriam mais de prevenção, diagnóstico ou tratamento. Os TP são, na atualidade, motivo de grande preocupação pelos governos, considerando dados estatísticos. Por exemplo: em 2011, a OSM registrou mais de 1 milhão de suicídios, mais de 24 milhões com esquizofrenia, mais de 70 milhões com dependência de álcool, estimando-se a depressão entre as dez principais causas de patologia. Desde a década de 1970, a PHS passou a ser utilizada como recurso para reinserção social de pacientes psiquiátricos hospitalizados (desospitalização). Observou-se que programas de Treinamento de Habilidades Sociais (THS) com estes pacientes resultavam em menos reinternações e maior capacidade de convivência em sociedade. Com estes efeitos positivos, a PHS foi sendo bastante utilizada no âmbito dos TP, na tentativa de se contornar problemas comportamentais e reduzir déficits de habilidades sociais, possibilitando aos indivíduos com transtornos uma vida social saudável. O objetivo deste trabalho foi caracterizar a produção de conhecimento da PHS em relação aos TP, por meio de indicadores cientométricos. O projeto envolveu a revisão da literatura especializada em PHS e em TP classificados com base no DSM-IV, com o levantamento de um corpus de mais de 27.000 metadados (autor, título, assunto, resumo etc.) de publicações em PHS. A revisão de literatura, juntamente com o tratamento e análise do corpus, possibilitaram os estudos terminológico e cientométrico da relação entre TP e PHS, que resultaram na sistematização desse conhecimento em uma base de dados. Foi possível elaborar uma série de cruzamentos de dados, por meio de técnicas estatísticas, que produziram importantes indicadores bibliométricos e cientométricos, tais como: (a) as classes de TP mais estudadas pela PHS são os transtornos diagnosticados pela primeira vez na infância; (b) as classes de HS mais relacionadas a TP são empatia, habilidades comunicativas e habilidades assertivas ; (c) a PHS vem sendo mais utilizada para tratamento que para diagnóstico de TP; (d) a competência social está mais relacionada ao TDAH, transtornos autistas e deficiência intelectual. Esses resultados s ão discutidos em termos de possíveis focos de interesse e direcionamento das pesquisa sobre a relação entre HS e TP.

Palavras-chave: Habilidades Sociais, Transtornos Psicológicos, Cientometria

CL27 – SOBRECARGA DE FAMILIARES CUIDADORES DE PACIENTES PSIQUIÁTRICOS: RELAÇÃO COM HABILIDADES SOCIAIS E ASSERTIVIDADE.

Joanna Gonçalves de Andrade Tostes, Marina Bandeira, Daniela Cristina Souza Santos (UFSJ, São João Del Rei, MG), Diego Costa Lima (Centro Universitário de Lavras, Lavras, MG), Larissa Coutens de Menezes e Fernanda Borges Bessa (UFSJ, São João Del Rei, MG).

Em decorrência do processo de desinstitucionalização psiquiátrica, os familiares se tornaram os principais cuidadores dos pacientes na vida cotidiana, assumindo grande parte da responsabilidade da prestação de cuidados. Porém, as dificuldades encontradas pelos familiares no papel de cuidador resultaram em sentimento de sobrecarga, afetando várias dimensões de suas vidas. A literatura aponta que um dos fatores moduladores que podem diminuir a sobrecarga é a qualidade do relacionamento do familiar com o paciente. Partiu-se da hipótese de que as habilidades interpessoais dos familiares são necessárias para o desenvolvimento de um bom relacionamento com o paciente, resultando em menor sobrecarga. No entanto, não foi

encontrado nenhum estudo nacional que tenha avaliado a relação entre habilidades sociais e a sobrecarga de familiares cuidadores de pacientes psiquiátricos. O presente estudo visou avaliar o grau de sobrecarga dos familiares cuidadores e investigar a sua relação com as habilidades sociais, em particular a subclasse assertividade. Participaram desta pesquisa 53 familiares cuidadores de pacientes psiquiátricos, atendidos em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) do tipo I, de uma cidade de porte médio de Minas Gerais. Todos os entrevistados assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, atestando que estavam cientes dos objetivos e procedimentos do estudo e que aceitavam participar. Foram utilizados os seguintes instrumentos: Escala Burden Interview (BI), Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette), Escala de Assertividade Rathus (RAS) e um questionário sociodemográfico e clínico. Os resultados mostraram que o grau de sobrecarga dos familiares cuidadores era elevado, com média igual a 37,71 (DP ± 15,37). A média referente ao escore global de habilidades sociais foi igual a 90 (DP ± 20,03) e do escore global de inibição (RAS) igual a 67,34 (DP ± 14,55). Os familiares com escores elevados na escala global de inibição e na subescala de timidez, apresentaram um grau mais elevado de sobrecarga, confirmando a hipótese inicial. A análise de regressão múltipla, referente às habilidades sociais e assertividade, mostrou que o grau de timidez foi o único fator preditivo da sobrecarga. As demais análises de regressão, referentes às variáveis sociodemográficas, de condições de vida e da qualidade da relação com o paciente, indicaram os seguintes fatores preditores da sobrecarga: o cuidador ser pai ou mãe do paciente, não fazer atividades de lazer fora de casa, ter outras preocupações na vida, não trabalhar, já ter se sentido doente por cuidar do paciente e considerar sua relação com o paciente ruim ou muito ruim, o paciente não fazer atividade dentro de casa, ter atividades fora de casa e apresentar maior número de comportamentos problemáticos. Estes resultados apontam para a necessidade de que sejam implementadas novas ações psicoeducacionais pelos serviços de saúde, de forma a melhorar a qualidade do relacionamento do familiar com o paciente e sua capacidade de buscar mais suporte social para desempenhar o papel de cuidador com um menor grau de sobrecarga.

Palavras-chave: habilidades sociais, sobrecarga, familiares cuidadores

CL25 - HABILIDADES SOCIAIS NO CONTEXTO DA SAÚDE MENTAL: AVALIAÇÃO DE FAMILIARES CUIDADORES DE PACIENTES PSIQUIÁTRICOS.

Diego Costa Lima (Centro Universitário de Lavras, Lavras, MG), Marina Bandeira, Joanna Gonçalves de Andrade Tostes, Daniela Cristina Souza Santos, Larissa Coutens de Menezes e Fernanda Borges Bessa (UFSJ, São João Del Rei, MG).

A desinstitucionalização psiquiátrica foi um processo iniciado na década de 50 do século XX na Europa e na década de 70 no Brasil. Antes do início do processo de desinstitucionalização psiquiátrica o tratamento dos pacientes era realizado, exclusivamente, em hospitais psiquiátricos. Os familiares eram excluídos do tratamento e, por muitas vezes, culpabilizados pela manifestação de transtornos psiquiátricos nos pacientes. Com a desinstitucionalização, a assistência aos pacientes e familiares passou a ser realizada em serviços comunitários. Os familiares, antes excluídos, passaram a ter um papel fundamental no processo de reinserção social dos pacientes. No entanto, pesquisas têm demonstrado o que os familiares, responsáveis pelos pacientes, passaram a apresentar níveis elevados de sobrecarga objetiva e subjetiva. A sobrecarga sentida pelos familiares pode afetar sua saúde mental e comprometer os cuidados prestados aos pacientes. No modelo teórico da sobrecarga subjetiva a qualidade do relacionamento, o suporte social e as estratégias de enfrentamento funcionam como fatores moduladores. Esses três aspectos podem contribuir para diminuir o grau de sobrecarga dos familiares cuidadores. As habilidades sociais (HS) têm estreita relação com todos os aspectos

citados, justificando a necessidade de avaliá-las. Foi feita uma busca sistemática de artigos em indexadores nacionais e internacionais sobre a temática das HS de familiares cuidadores. No entanto, poucos estudos foram encontrados, constituindo uma lacuna na área. Os objetivos do presente trabalho foram: caracterizar as HS dos familiares cuidadores; identificar subgrupos de familiares com maior e menor grau de HS em função de variáveis sociodemográficas; identificar os fatores associados às HS; verificar a relação das HS com as estratégias para lidar com os pacientes e com a busca por suporte social. Foram entrevistados 53 familiares cuidadores de pacientes atendidos por um serviço comunitário em Minas Gerais, que aceitaram participar do estudo e assinaram um termo de consentimento. Os dados foram coletados a partir da aplicação do Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette), a Escala de Assertividade Rathus (RAS), a subescala 4 (Busca por suporte social) da Escala Modos de Enfrentamento de Problemas (EMEP) e um questionário sociodemográfico. No escore global e em três subescalas do IHS-Del-Prette 30% dos familiares cuidadores apresentou um repertório deficitário em HS. Nos resultados da RAS, 77,4% dos familiares cuidadores foram classificados como extremamente inibidos (escore global) ou extremamente tímidos (subescala 1). Para a subescala 3 d a RAS, que avalia a assertividade no sentido de fazer valer seus direitos, 58,5% dos familiares cuidadores foram classificados como pouco ou nada assertivos. Em outra direção, os familiares cuidadores com um repertório mais elaborado de HS demonstraram possuir mais estratégias para lidar com os pacientes e buscaram mais por suporte social. Foi, também, possível identificar as variáveis sociodemográficas associadas a um maior grau de HS. Esses resultados demonstram a necessidade da implantação de treinamento de habilidades sociais (THS) nos serviços de saúde mental para os familiares cuidadores de pacientes psiquiátricos. O THS pode melhorar o repertório dos familiares e consequentemente o relacionamento com os pacientes e, ainda, aumentar as estratégias para lidar com a situação de cuidar e a rede de suporte social.

Palavras-chave: Habilidades Sociais; Saúde Mental; Familiares Cuidadores

08 Sessão de comunicação livre

CL11 - HABILIDADES SOCIAIS E ANSIEDADE EM RESIDENTES MÉDICOS.

Karina Pereira Lima e Sonia Regina Loureiro (FM-USP, Ribeirão Preto, SP).

A residência médica se constitui em um período de treinamento em serviço no qual os profissionais em formação vivenciam uma série de situações estressantes que atuam como risco para sua saúde mental, tais como, comunicar notícias difíceis, tolerar reações de agressividade e negação, lidar com a morte, as quais podem ser fonte de ansiedade. Entretanto poucos estudos tem abordado as condições que operam como proteção para essa população. Considerando-se que as habilidades sociais tem sido identificadas como um fator de proteção para diferentes grupos e que o contexto profissional do residente médico envolve uma série de tarefas mediadas por interações sociais, objetivou-se comparar e verificar as possíveis associações entre ansiedade e habilidades sociais, apresentadas por residentes médicos de diferentes áreas de especialização. Participaram do estudo 305 médicos residentes do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo, de ambos os sexos, de diferentes anos, de áreas de especialização, clínicas, cirúrgicas e de apoio. Os residentes foram contatados em seus locais de trabalho e procedeu-se a avaliação por meio dos seguintes instrumentos: Inventário de Habilidades Sociais (IHS), Generalised Anxiety Questionnaire-2 (GAD-2) e um questionário sociodemográfico. Os instrumentos foram codificados de acordo com as normas técnicas e as variáveis foram dicotomizadas considerando a presença ou ausência dos indicadores. Posteriormente, aplicou-se o Teste do Qui-quadrado com definição de valores de Odds Ratio (OR), considerando-se o nível de significância de p

< 0,05. Em relação à análise comparativa, constatou-se diferença significativa para o fator autoafirmação na exposição de sentimento positivo, avaliado pelo IHS, sendo que os residentes pertencentes a áreas de apoio apresentaram mais escores de mediano a elevado para este fator, em relação aos residentes pertencentes a áreas clínicas. Em relação à associação entre a presença de ansiedade e habilidades sociais, verificou-se que os médicos residentes que apresentaram escores de mediano a elevado de habilidades sociais apresentaram menor chance de ter indicadores de ansiedade em relação aos residentes com escores de habilidades sociais abaixo da média para os seguintes fatores: escore total (OR= 0,309), enfrentamento e autoafirmação com risco (OR= 0,485), autoafirmação na expressão de sentimento positivo (OR = 0,438), conversação e desenvoltura social (OR= 0,483) e autoexposição a desconhecidos e situações novas (OR= 0,453). Constatou-se que os indicadores de ansiedade mostraram-se negativamente associados à presença de um repertório adequado de habilidades sociais, o que sugere que essas atuaram como um possível fator de proteção para tal problema. Considerando que não foram identificados na literatura outros estudos que abordassem as associações entre ansiedade e habilidades sociais em uma amostra de médicos residentes, o presente estudo contribuiu para a sistematização de dados que podem auxiliar na proposição de medidas preventivas quanto à saúde mental de residentes médicos, em especial no que se refere à ansiedade.

Palavras-chave: Habilidades Sociais, Residência Médica, Ansiedade

CL46 - SER AGENTE COMUNITÁRIO DE SAÚDE POR UM DIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM.

Celia Caldeira Fonseca Kestenberg, Marcela Guimarães de Menezes, Fabrício Glauber Suzano Maciel (UERJ, RJ) e Flávia Soares Sampaio (Faculdade Luiza Marilac, RJ).

Introdução: Estudo objetiva relatar a experiência de acadêmico s de enfermagem, bolsistas do Programa de Ensino para o Trabalho em Saúde (PET-Saúde) intitulado Laboratório de Habilidades Sociais e Interpessoais (PET-LAHIS) cuja proposta é a construção de modelo de abordagem das necessidades de saúde na atenção primária de saúde tendo como objeto as habilidades sociais e interpessoais através da integração entre os cursos de enfermagem, medicina, nutrição, odontologia, psicologia e os profissionais de duas unidades da Estratégia de Saúde da Família no Estado do Rio de Janeiro. O referencial teórico se sustenta na teoria das habilidades sociais que considera que o aprendizado inicia na infância a partir das relações parentais e contexto sócio-cultural. No entanto, ao longo da vida novas oportunidades surgirão e a maturidade poderá ajudar o indivíduo a desenvolver comportamentos mais adequados socialmente ou ainda tais habilidades sociais podem ser desenvolvidas através de aprendizagem formal. Algumas das atividades desenvolvidas pelos acadêmicos incluem: visitas domiciliares, consultas específicas de cada profissão, consultas conjuntas, grupos de tabagismo, mutirões de saúde e o acolhimento, comumente realizado pelos agentes comunitários de saúde (ACS). Objetivo: Descrever a vivência dos acadêmicos de enfermagem no acolhimento realizada pelos ACS do Centro Municipal de Saúde (CMS), a partir da compreensão da proposta do PET-LAHIS e aplicação das habilidades discutidas e treinadas durante a capacitação dos atores sociais envolvidos no programa. Metodologia: Trata-se de um relato de experiência no qual os bolsistas acadêmicos atuaram no setor de Acolhimento. Foi realizada a observação de todas as atividades dos ACS no acolhimento durante um turno de trabalho. Resultados: Contribuiu para melhor compreensão das práticas realizadas pelos ACS no acolhimento; com olhar voltado para saúde mental. Identificamos estressores laborais e ruídos na comunicação que interferem no modo como se recebe e acolhe o usuário. Experiência levou a projeto de pesquisa com proposta de intervenção. Conclusão: O acolhimento é lugar difícil e de sofrimento para alguns

agentes. Precisamos encontrar saídas que incluam o cuidado ao cuidador. Ressaltamos ainda a importância da empatia no exercício profissional porque quando socialmente habilidosos, os profissionais são mais capazes de contribuir significativamente para ampliar a qualidade das relações interpessoais inclusive no acolhimento. Contribuições/implicações de enfermagem: O PET-LAHIS vem contribuindo para uma formação acadêmica diferenciada porque agrega valor aos estágios curriculares, ajudando a compreender a complexidade do serviço de saúde. Como futuros profissionais, entendemos que isto é fundamental para que possamos ajudar a repensar os modelos de prática de saúde vigentes.

Palavras-chave: Acolhimento, Empatia e Enfermagem

CL43 - HABILIDADES SOCIAIS DEMONSTRADAS POR ESTAGIÁRIOS DE FISIOTERAPIA.

Joene Vieira-Santos, Ana Ruth Barbosa Martins, Bruna Sousa dos Reis, Debora Monteiro da Silva, Lívia Carla Alves Barcelos e Thamara Araújo do Ouro (Faculdade Adventista da Bahia, Cachoeira, BA).

A formação do profissional de saúde deveria prever tanto aquisição de habilidades técnicas como desenvolvimento das competências humanas. Contudo, o que se observa é que a humanização tende a ficar no discurso e o exercício profissional acaba por focar-se no desempenho das habilidades técnicas. A fisioterapia é uma das profissões da saúde que requer um amplo repertório de habilidades sociais uma vez que o trabalho depende diretamente da relação estabelecida entre profissional e paciente e, muitas vezes, o fisioterapeuta lida com situações que podem ser constrangedoras para seu paciente (por exemplo, quando o profissional precisa tocar em determinadas partes do corpo do paciente para realização de uma técnica). O objetivo deste estudo foi identificar quais as habilidades sociais apresentadas por estagiários de fisioterapia no atendimento aos pacientes. Participaram deste estudo quinze estagiários e seus pacientes. A pesquisa consistiu na observação sistemática da relação profissional-paciente dentro de uma Clínica-Escola. Primeiramente foi realizado registro cursivo dos comportamentos de estagiários e pacientes que ocorriam nesta interação. O registro foi realizado à medida que a relação se desenvolvia (ou seja, os dados não foram filmados). Os dados obtidos nesta fase, juntamente com a análise de taxonomias já existentes na literatura, permitiram a elaboração de um sistema de categorias de habilidades sociais voltadas para a relação fisioterapeuta-paciente, o qual foi transformado num protocolo de observação (PO). Num segundo momento, foi registrada a frequência das habilidades sociais emitidas pelos estagiários na relação com pacientes através do PO e sistema de categorias elaborados. Nesta fase foram realizadas 49 novas observações. As categorias mais emitidas foram as habilidades sociais assertivas e de enfrentamento (especialmente habilidade de fazer pedidos), habilidades sociais de comunicação (principalmente pedir e dar feedback) e habilidades sociais de trabalho (especificamente habilidades sociais educativas). Já as apresentadas com menor frequência foram as habilidades sociais empáticas. Entendendo que as habilidades que foram mais apresentadas estão relacionadas à execução de procedimentos (como, por exemplo, pedir que o paciente realize determinado exercício – habilidade de fazer pedidos – ou descrever o procedimento a ser realizado – habilidade social educativa), pode-se afirmar que, provavelmente, a principal preocupação dos participantes estava em estabelecer uma relação com seu paciente que proporcionasse a execução técnica das atividades desenvolvidas junto ao mesmo. Estes resultados podem refletir, em parte, a preocupação natural, existente no processo de formação, de aprender e manejar de forma eficaz técnicas que caracterizam a atuação deste profissional. Contudo, também podem apontar para uma realidade preocupante que confirma a utilização de um modelo biomédico em detrimento de um modelo biopsicossocial, o qual estaria em consonância com a adoção de práticas humanizadas. O desenvolvimento de

habilidades sociais não relacionadas diretamente à execução de procedimentos (tais como expressar de solidariedade, refletir sentimentos) poderia potencializar o estabelecimento da relação fisioterapeuta-paciente e, consequentemente, ser fator positivo no processo de adesão ao tratamento. Um bom relacionamento terapêutico, além de ser benéfico na obtenção de resultados ao longo do tratamento, ainda aumenta a confiança no profissional e isso, para o paciente, é mais importante do que a aplicação de técnicas.

Palavras-chave: Habilidades sociais, formação de fisioterapeutas, relação profissional-paciente.

CL50 - RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA UNIVERSIDADE: O QUE PENSAM OS ESTUDANTES?

Adriana Benevides Soares (Universo, Niterói e UERJ, RJ), Gil Gomes, Fátima de Almeida Maia, Cátia Cristina de Carvalho Nogueira e Clystine Abram Oliveira Gomes (Universo, Niterói, RJ).

O objetivo do estudo foi identificar como os universitários percebem suas vivências em situações interpessoais no espaço acadêmico. Utilizou-se a técnica do Grupo Focal para coletar os dados e a Análise de Conteúdo para categorizar e analisar as falas. Participaram deste estudo 13 estudantes do 3º período do curso de Psicologia de uma universidade pública do Rio de Janeiro, sendo dois do sexo masculino, com idades em média de 22 anos e onze estudantes solteiros (84,62%) e pertencentes a classe social B2. Aos participantes do grupo foram revelados os objetivos do trabalho, a possibilidade de retirarem sua participação na pesquisa, a garantia de que seus dados pessoais seriam mantidos em sigilo e todos assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os resultados encontrados permitiram a categorização de situações consideradas como fáceis e difíceis, nas relações professor-aluno, funcionário-aluno, aluno-aluno, instituição-aluno. Nas situações consideradas difíceis, encontram-se as categorias na relação aluno-aluno: intolerância com as diferenças, agrupamento em panelinhas, dificuldade de comunicação interpessoal, dificuldade em socialização. Também as relações entre instituição e alunos encontram-se nas categorias: insatisfação curricular, indiferença da instituição, desinformação. As categorias encontradas na relação entre funcionários e alunos foram as seguintes: descaso do funcionário em relação ao aluno, arrogância do aluno em relação ao funcionário. As categorias na relação entre aluno-professor são: dificuldade com a didática do professor, dificuldade na condução de assuntos polêmicos, desinteresse pela aula. Nas situações consideradas fáceis, encontram-se as categorias na relação aluno-professor: debates e participação em sala de aula, admiração pelos professores. Na relação alunos e funcionários encontra-se a categoria de respeito ao próximo. As categorias encontradas na relação aluno-aluno foram: tolerância com as diferenças, socialização, aceitação para trabalhar com o colega, responsabilidade e maturidade e rede social. Os estudantes relatam que as situações sociais consideradas difíceis podem alterar o convívio e a aceitação entre as pessoas, causando impactos interpessoais entre os membros dos grupos, dificultando a comunicação e o diálogo entre os diversos setores da instituição. As situações de fácil convivência reforçam a ideia de que a competência social é condição indispensável na atuação dos profissionais que lidam diretamente com os universitários. Os resultados também trazem a evidências de que as situações difíceis e fáceis são trazidas pelos estudantes para dialogarem a respeito das diferentes relações e especificidades no contexto universitário. Levando em consideração todos os dados apresentados, a pesquisa indica a necessidade de implantar ações junto aos gestores, professores, alunos e funcionários viabilizando momentos em que todos possam discutir e participar de forma mais organizada e produtiva nas interações da universidade.

Palavras-chave: Grupo focal; relações interpessoais; estudantes universitários

01 Recursos culturais

VÍDEO "VIVER OS DIREITOS HUMANOS NA ESCOLA" E PROMOÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS.

Ana Carina Stelko-Pereira (UFCE, Ceará, CE), Camila Negreiros Comodo, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams, Zilda A. P. Del Prette e Almir Del Prette (UFSCar, São Carlos, SP).

É inegável a importância em prevenir e diminuir a violência no âmbito escolar, ao mesmo tempo em que se fomentam relações interpessoais saudáveis dentro dessa instituição. O vídeo "Viver os Direitos Humanos na Escola: prevenir a violência", o qual se encontra disponível gratuitamente no site www.laprev.ufscar.br parece ser uma estratégia promissora nesse sentido. Esse vídeo apresenta em 27 minutos cenas que ilustram situações de desrespeito aos Direitos Humanos na escola, como situações de violência entre alunos, violência entre professores e alunos e violência entre funcionários e alunos, fornecendo estratégias para educadores lidarem com tais situações. O conteúdo do vídeo baseia-se em documentos nacionais e internacionais referentes aos Direitos Humanos, tais como: Estatuto da Criança e do Adolescente, Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos e Declaração dos Direitos da Criança e Convenção sobre os Direitos da Criança. Além disso, o roteiro utiliza como pressuposto estudos científicos nacionais e internacionais sobre o tema da violência escolar, priorizando textos de revisão ou estudos que descrevem métodos rigorosos. O vídeo "Viver os Direitos Humanos na Escola: prevenir a violência" foi um dos resultados da tese de Stelko-Pereira, que tinha como objetivo avaliar e diminuir a violência escolar. O vídeo não tem como enfoque principal apresentar e promover estratégias específicas de desenvolvimento e aprimoramento de habilidades sociais nas escolas, porém, pode ser realizada uma análise nessa direção. Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo apresentar e discutir cenas do vídeo "Viver os Direitos Humanos na Escola: prevenir a violência" pincelando a contribuição que a área das Habilidades Sociais pode fornecer para uma escola mais eficaz. Cenas que mostram a violência entre professores e alunos, apontam para a importância dos professores apresentarem habilidades sociais educativas com o objetivo de promover o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos. Nessas situações, os professores que estabelecem contextos interativos potencialmente educativos, transmitem ou expõe conteúdos sobre ha bilidades sociais, estabelecem limites e disciplina e monitoram positivamente os alunos, conseguem obter maior sucesso em se relacionar com os estudantes, ao mesmo que cumprem seu papel de educador de uma maneira eficaz. Por sua vez, cenas que trazem a violência entre os alunos deixam visível a necessidade das crianças e adolescentes aprimorarem suas habilidades sociais, por exemplo, habilidades de empatia, assertividade, conversação e fazer amizades. Conclui-se que o vídeo produzido é um material importante para a prevenção da violência e a promoção de relações mais saudáveis nas escolas. Adicionalmente, entende-se que o trabalho de prevenir a violência nas escolas pode ser beneficiado pela contribuição que o campo teórico e prático das Habilidades Sociais traz ao avaliar, analisar e promover relações sociais mais saudáveis no contexto escolar.

Palavras-chave: Violência escolar, formação de educadores, habilidades sociais

09 Mesa

HABILIDADES SOCIAIS NO CICLO VITAL: MAPEANDO RECURSOS E DÉFICITS PARA PLANEJAR INTERVENÇÕES.

Coordenadora: Ana Carolina Braz (UFSCar, São Carlos, SP).

As habilidades sociais compõem o repertório interpessoal durante o longo do ciclo vital e podem ser aprendidas e desenvolvidas em todas as idades. Quando o ambiente social

favorece a aprendizagem e o desenvolvimento de habilidades sociais e a competência social, há a aquisição de repertório, portanto, recursos comportamentais. No entanto, podem ocorrer falhas nesse processo de aprendizagem, levando a déficits em habilidades sociais, e, consequentemente, impacto sobre a competência social, as relações interpessoais e, num sentido mais amplo, a saúde. Nas últimas décadas, houve um investimento em pesquisas voltadas à criação, adaptação e validação de instrumentos com propriedades psicométricas adequadas para a avaliação de habilidades sociais. Como produtos destes investimentos empíricos, foram desenvolvidos e testados instrumentos de avaliação de habilidades sociais para populações de pré-escolares, crianças, adolescentes, adultos jovens, pais, casais e idosos. Esses instrumentos possibilitam identificar os recursos e os déficits, e, a partir dessa avaliação, norteiam o planejamento de int ervenções, nomeadamente os programas de Treinamento de Habilidades Sociais. Esta mesa redonda tem como objetivo apresentar os recursos e os déficits em Habilidades Sociais que foram encontrados em diferentes populações: crianças, adolescentes, adultos e idosos. O primeiro trabalho desta Mesa Redonda apresenta e discute os recursos e déficits em Habilidades Sociais que foram identificados em idosos brasileiros por meio do Inventário de Habilidades Sociais para Idosos (IHSI-Del-Prette). Neste estudo, os idosos indicaram quatro classes de habilidades sociais: (1) Expressão positiva de consideração ao outro, (2) Conversação e Desenvoltura Social, (3) Assertividade de enfrentamento, e (4) Abordagem afetiva e autoexposição social.. No segundo trabalho desta Mesa Redonda, os déficits de habilidades sociais em crianças com diferentes necessidades educacionais especiais (Autismo, Deficiência Auditiva, Deficiência Intelectual Leve, Deficiência Intelectual Moderada, Deficiência Visual, Desvio Fonológico, Dificuldades de Aprendizagem, Dotação e Talento, Problemas de Comportamento Externalizantes, Problemas de Comportamento Internalizantes, Problemas de Comportamento Internalizantes e Externalizantes e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade), avaliadas por meio do Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais (SSRS-BR). Dentre os resultados deste estudo, houve categorias de necessidades especiais que apresentaram comparativamente menor frequência de habilidades sociais (TDAH, Autismo, Problemas de Comportamento Internalizantes e Externalizantes e Problemas de Comportamento Externalizantes). Por outro lado, os grupos com maior freqüência dessas habilidades foram os de crianças Dotadas e Talentosas, com Deficiência Visual e Deficiência Intelectual Leve. Por fim, na terceira apresentação serão discutidos os recursos e déficits encontrados em adolescentes e adultos, avaliados por meio do Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA-Del-Prette) e do Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette), respectivamente. Os resultados apontam diferenças nas habilidades sociais de participantes do sexo masculino e do sexo feminino tanto nos adolescentes quanto nos adultos. Também foram encontradas diferenças nas habilidades sociais de acordo com o nível de escolaridade para os adultos e de acordo com a idade para os adolescentes. Nos três trabalhos, além da descrição de déficits e recursos nestas populações, serão discutidas as possibilidades de aplicação desses achados no planejamento de procedimentos de intervenções voltadas a essas diferentes populações.

1) COMO ESTÃO AS HABILIDADES SOCIAIS DOS IDOSOS? IDENTIFICANDO RECURSOS E DÉFICITS EM HABILIDADES SOCIAIS.

Ana Carolina Braz e Zilda A. P. Del Prette (UFSCar, São Carlos, SP).

No decorrer das últimas décadas, houve um crescimento sem precedentes da população idosa, fenômeno que acrescenta desafios para o idoso, bem como para seu ambiente social, exigindo, portanto, um repertório de habilidades sociais. Com as alterações decorrentes do processo de envelhecimento, muitas vezes relacionadas a declínios sensoriais e alterações cognitivas, bem como as mudanças em papéis sociais (aposentadoria, viuvez, aumento de convívio intergeracional com filhos e netos, redução no círculo social), consistem em novas demandas interpessoais para o idoso. Nem sempre o ambiente social está naturalmente preparado para essas condições, e, deste modo, podem ser necessárias intervenções

especificamente voltadas para o atendimento dessas necessidades e, num sentido mais amplo, de promoção de relacionamentos interpessoais mais equilibrados, de qualidade de vida e de bem estar no envelhecimento. Nas últimas décadas, houve um investimento em pesquisas voltadas à criação e validação de instrumentos para a avaliação de habilidades sociais em pré-escolares, crianças, adolescentes, adultos jovens, pais e casais, no entanto ainda não se dispunha de um instrumento de avaliação de habilidades sociais especificamente validado para idosos. A avaliação do repertório de habilidades sociais, por meio de instrumentos com propriedades psicométricas adequadas, é um passo importante quando se decide fazer uma intervenção em habilidades sociais, principalmente, um Treinamento de Habilidades Sociais. A partir dessa identificação inicial, são mapeados o repertório de entrada, b em como os déficits em HS dos participantes. Por meio desta avaliação, são estabelecidos os objetivos gerais e específicos e também são definidos os procedimentos para que a intervenção de fato seja efetiva ao promover a aprendizagem e o desenvolvimento interpessoal. Esta apresentação tem como objetivo apresentar os resultados encontrados por meio de um estudo de avaliação das habilidades sociais mais significativas para essa faixa etária, por meio do Inventário de Habilidades Sociais para Idosos (IHSI-Del-Prette). Nesta investigação, foram avaliados 616 idosos, de ambos os sexos e de diferentes níveis socioeconômicos. A partir de análises fatoriais exploratórias e confirmatórias, bem como de avaliações de confiabilidade composta, foi obtida uma estrutura fatorial composta por quatro classes de habilidades sociais: Expressão positiva de consideração ao outro, Conversação e Desenvoltura Social, Assertividade de enfrentamento, Abordagem afetiva e a utoexposição social. Neste trabalho serão apresentadas as reservas comportamentais dos idosos bem como seus déficits em HS. Adicionalmente, serão discutidas possibilidades de intervenção a partir desses achados, em termos de objetivos, procedimentos, vivências e materiais de apoio para programas de intervenção e desenvolvimento interpessoal voltados a essa população. Também é discutida a aplicabilidade dos itens do instrumento nos procedimentos adotados nas sessões.

Palavras-chave: Habilidades sociais, idosos, avaliação

2) DÉFICITS DE HABILIDADES SOCIAIS EM CRIANÇAS COM DIFERENTES NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS.

Lucas Cordeiro Freitas e Zilda A. P. Del Prette (UFSCar, São Carlos, SP).

Estudos isolados de avaliação de habilidades sociais de crianças têm mostrado que, em geral, existe um comprometimento de habilidades sociais na deficiência intelectual, deficiências sensoriais e outros quadros de necessidades educacionais e speciais. Há, entretanto, uma lacuna existente na literatura quanto a uma comparação do repertório social de uma diversidade maior de populações de crianças, que inclua, em um mesmo estudo e utilizando uma medida única e padronizada, deficiências sensoriais, deficiência intelectual, crianças com déficit de atenção e hiperatividade, autismo, problemas de comportamento, dentre outros quadros. A escassez de estudos comparativos de avaliação de crianças com diferentes condições que decorrem em necessidades especiais tem dificultado a produção de conhecimentos sobre questões empíricas próprias de cada população. Além disso, a carência de estudos de avaliação comparativos tem sido um obstáculo para a identificação de necessidades que poderiam nortear os objetivos de intervenções educacionais e terapêuticas em habilidades sociais junto a crianças com diferentes características desenvolvimentais. O presente estudo teve como objetivo caracterizar comparativamente, com base na avaliação do professor, o repertório de habilidades sociais de crianças de 12 grupos diferentes de necessidades educacionais especiais: Autismo, Deficiência Auditiva, Deficiência Intelectual Leve, Deficiência Intelectual Moderada, Deficiência Visual, Desvio Fonológico, Dificuldades de Aprendizagem, Dotação e Talento, Problemas de Comportamento Externalizantes, Problemas de Comportamento Internalizantes, Problemas de Comportamento Internalizantes e

Externalizantes e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. Participaram da pesquisa os professores de 120 estudantes de escolas regulares e especiais, com idades entre seis e 14 anos, que responderam ao Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais (SSRS-BR) para avaliar as habilidades sociais de seus alunos. As crianças, provenientes de quatro estados brasileiros (São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Rio de Janeiro), foram divididas em 12 subgrupos, de acordo com seu diagnóstico clínico e/ou necessidade educacional especial apresentada. As comparações do repertório dos grupos entre si, por meio do teste estatístico ANOVA, indicaram a existência de diferenças significativas entre eles, com especificidades relacionadas às diferentes classes de habilidades sociais avaliadas. Os resultados apontaram que as categorias de necessidades especiais que apresentaram comparativamente menor frequência de habilidades sociais foram: TDAH, Autismo, Problemas de Comportamento Internalizantes e Externalizantes e Problemas de Comportamento Externalizantes. Por outro lado, os grupos com maior freqüência dessas habilidades foram os de crianças Dotadas e Talentosas, com Deficiência Visual e Deficiência Intelectual Leve. Os resultados foram discutidos tendo em vista as semelhanças e diferenças entre os grupos, bem como as necessidades de intervenções educacionais e terapêuticas de cada população.

Palavras-chave: Habilidades sociais, necessidades educacionais especiais, avaliação

3) HABILIDADES SOCIAIS DE ADOLESCENTES E ADULTOS: CARACTERIZAÇÃO E COMPARAÇÃO.
Camila Negreiros Comodo e Almir Del Prette (UFSCar, São Carlos, SP).

A literatura do campo teórico e prático das Habilidades Sociais traz evidências da importância de um repertório de habilidades sociais para lidar com demandas nas relações interpessoais em todas as fases do desenvolvimento. Na adolescência a competência social tem um papel fundamental, o que é corroborado com iniciativas como a da Organização Mundial da Saúde, destacando as habilidades de vida (inclui-se as habilidades sociais) como fatores de proteção para o desenvolvimento saudável dessa população. Estudos têm encontrado uma relação positiva entre um bom repertório de habilidades sociais e u ma trajetória de sucesso na adolescência, incluindo um bom desempenho acadêmico e maior aceitação pelos pares. Inversamente, um repertório pobre em habilidades sociais vem sendo relacionado com a conduta antissocial, fracasso acadêmico, abuso de substâncias, timidez e transtornos como depressão e ansiedade nessa faixa etária. Adicionalmente, na fase adulta o repertório de habilidades sociais também tem se mostrado importante para homens e mulheres, sendo correlacionado com uma trajetória de sucesso no campo profissional e pessoal. Considerando que o repertório de habilidades sociais tende a se desenvolver e a sofrer mudanças em cada fase do ciclo vital, deve-se investir em avaliação e promoção de habilidades sociais tanto em adolescentes quanto em adultos. Tratando-se da avaliação de habilidades sociais, a área aponta para a necessidade de caracterização e comparação de populações a fim de trazer um diagnóstico mais preciso e assim realizar inter venções mais efetivas. Dessa forma, o objetivo do presente trabalho é de caracterizar o repertório de habilidades sociais de adolescentes e de adultos, e comparar as habilidades sociais dessas duas faixas etárias. Participaram do estudo 142 adolescentes de 12 a 17 anos, os quais responderam ao Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA-Del Prette), e 142 adultos de 20 a 59 anos os quais responderam ao Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del Prette). Os resultados apontam diferenças nas habilidades sociais de participantes do sexo masculino e do sexo feminino tanto nos adolescentes quanto nos adultos. Também foram encontradas diferenças nas habilidades sociais de acordo com o nível de escolaridade para os adultos e de acordo com a idade para os adolescentes. São discutidas as habilidades sociais com maior e menor frequência na população de adolescentes e de adultos, dados que podem contribuir para o planejamento de intervenções mais efetivas . Por fim, são apresentadas as classes de habilidades sociais em que os adolescentes e adultos possuem diferenças estatisticamente significativas e classes

em que há correlações entre o repertório social dessas duas faixas etárias.

Palavras-chave: Habilidades sociais, adolescência, adultos

17h30m-19h

- 05 Conferência

DESENVOLVIMENTO DE PROGRAMAS DE TREINO EM HABILIDADES SOCIAIS PARA PSICOTERAPEUTAS. BASES TEÓRICAS, EVIDENCIA E ATUALIDADE

Fabián O. Olaz (Facultade de Psicologia, Universidade Nacional de Córdoba, Argentina)

O trabalho como psicoterapeuta é considerado uma ocupação particularmente estressante e os psicoterapeutas novatos foram identificados como particularmente vulneráveis ao estresse laboral. Alguns trabalhos levam a concluir que a grande ambiguidade do trabalho profissional do terapeuta é uma das maiores causas de estresse psicológico. A este respeito, vários estudos e trabalhos teóricos sinalam e enfatizam a importância do treino de competências em terapeutas, já que estas competências podem operar como fator protetor frente ao estresse laboral e incrementar a eficácia das intervenções. Nesta conferencia, apresentam-se os princípios fundamentais dum programa de treino em Habilidades Sociais para psicoterapeutas de terceira geração. Neste programa são treinadas além das HHSS, outras habilidades fundamentais para a prática terapêutica como são as habilidades de consciência plena. São apresentados alguns resultados sobre a eficácia destes programas e a atualidade da discussão sobre a importância dos dispositivos de treino de habilidades na formação de futuros terapeutas cognitivo comportamentais.

- 06 Conferência

ENTRENAMIENTO EN HABILIDADES SOCIALES Y RESPONSABILIDAD SOCIAL CORPORATIVA

José María León Rubio (Universidade de Sevilha, Espanha)

Este trabajo evalúa la eficacia de un entrenamiento en habilidades sociales para la adquisición y mejora de destrezas de comunicación requeridas en la implantación y desarrollo de estrategias de responsabilidad social corporativa en una PYME (Pequeña y Mediana Empresa). Se utilizó un diseño cuasi-experimental con medidas pre-post de un entrenamiento en el que participaron 56 directivos y mandos intermedios de la mencionada empresa, mientras que el grupo de comparación estuvo conformado por 28 trabajadores de igual empleo en otra empresa del mismo sector productivo y composición demográfica similar. Los resultados demostraron que después del entrenamiento los participantes obtuvieron puntuaciones medias más altas que antes del mismo en una escala de adopción de la perspectiva del “otro” y en una de interés empático. Asimismo obtuvieron promedios más elevados después del entrenamiento que los obtenidos por el grupo de comparación en ambas variables así como en una medida de heteroevaluación mediante un diferencial semántico sobre empatía. Se discuten los resultados y sus implicaciones prácticas para la implantación y desarrollo de estrategias de responsabilidad social.

19h-20h

- 08 Simpósio

PESQUISA E PRÁTICA EM HABILIDADES SOCIAIS: INTERCÂMBIOS DO BRASIL COM OUTROS PAÍSES.

Coordenadores: Zilda A. P. Del Prette e Almir Del Prette (UFSCar, São Carlos, SP).

Coordenada pela Profa. Dra. Zilda A. P. Del Prette e Prof. Dr. Almir Del Prette, a proposta reúne parte dos pesquisadores convidados para este evento e que já há alguns anos vêm estabelecendo intercâmbios de pesquisa com os grupos brasileiros. Serão discutidos os projetos e convênios em andamento, bem como dos produtos científicos e técnicos já obtidos até o momento e as perspectivas que se abrem com essas parcerias, tanto para os profissionais brasileiros como do exterior. A Profa. Dra. Anne Marie Fontaine, da Universidade do Porto, vem recebendo alunos brasileiros de pós-graduação em Psicologia, tanto da UFSCar como da USP-Ribeirão Preto e prestando co-orientação, com preciosas contribuições metodológicas e conceituais. Seus temas de interesse (diferenças de desenvolvimento e transições de vida) foram gradativamente incorporados nos estudos das habilidades sociais como elemento mediador de transições bem sucedidas. Anne Marie colaborou e continua dando preciosa colaboração a pesquisas brasileiras sobre habilidades sociais em interface com diferentes temas como stress, problemas comportamentais, realização escolar, depressão e bem-estar, etc., em diferentes momentos do ciclo vital. O Prof. Dr. Jose Maria Leon Rubio, da Universidade de Sevilha (ES), irá apresentar as varias relações de caráter científico-técnico entre grupos de investigação brasileiros e espanhóis cujas linhas incluem o desenvolvimento teórico, metodológico e aplicado do treinamento de habilidades sociais. Essa parceria está, no Brasil, associada a diferentes instituições e grupos de pesquisa, da UFSCar (SP), da UNESA (RJ), do SENAI-CIMATEC (Ba), da UNITAU (SP). O pesquisador entende que os grupos espanhóis "podem se beneficiar do rigor metodológico das investigações dos grupos brasileiros e de suas abordagens à avaliação das habilidades sociais e que estes podem se beneficiar da orientação dos grupos espanhóis para a transferência de resultados de pesquisa para os âmbitos organizacional, privado e público". O Prof. Dr. Fabián O. Olaz, da Universidade de Córdoba (AR) apresentará algumas das linhas de pesquisas na área das Habilidades Sociais desenvolvidas nos últimos dez anos pela equipe do Laboratório de Comportamento Interpessoal (LACI) da Faculdade de Psicologia da Universidade Nacional de Córdoba, Argentina em parceira com o Grupo Relações Interpessoal e Habilidades Sociais (RIHS) da Universidade Federal de São Carlos, Brasil, bem como algumas conclusões da experiência de aplicação de princípios do Treino de Habilidades Sociais na área clínica, na abordagem de casos complexos em psicoterapia e um resumo da experiência de intercambio entre as equipes de pesquisa dos dois países. Todos os apresentadores farão uma pequena avaliação do intercâmbio. A Profa. Dra. Zilda Del Prette e o Prof. Dr. Almir Del Prette farão uma síntese das apresentações e dos resultados em curso desses intercâmbios.

Palavras Chave: Habilidades Sociais, Pesquisa, Prática, Internacionalização.

1) INTERCÂMBIO BRASIL-PORTUGAL EM HABILIDADES SOCIAIS.

Anne Marie Fontaine (FPCEUP, Porto, Portugal).

Os intercâmbios regulares que se estabeleceram entre os cursos de doutoramento da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto bem como entre os cursos de pós-graduação quer da USP de Ribeirão Preto, quer da U. Federal de São Carlos com a Universidade do Porto, permitiram-me de participar a diversas pesquisas em curso, com maior ou menor proximidade com as temáticas que vinha abordando, conforme os casos. O interesse da FPCEUP pelas diferenças de desenvolvimento, marcados pelos contextos

de existências e por momentos chaves que constituem as transições de vida, encontraram correspondência nos estudos das habilidades sociais como elemento mediador de transições bem sucedidas. Estas transições implicam em assumir de novos papéis, acontecimento estressante mas simultaneamente gerador oportunidades ímpares para o desenvolvimento e a aprendizagem. Tais momentos serão mais fáceis, mais proveitosos se se desenvolverem no seio de um contexto apoiante, de suporte, que permita o desenvolvimento progressivo de novas competências necessárias para tais mudanças de papéis. As habilidades sociais ocupam um lugar privilegiado nesta dinâmica. Tive a oportunidade de colaborar com diversas investigações de estudantes brasileiros que avaliaram sistematicamente as habilidades sociais, a par de outras variáveis (stress, problemas comportamentais, realização escolar, depressão e bem-estar etc.) em períodos de transições de vida (entrada no ensino fundamental, mudanças de estrutura familiar, terceira idade), o que abriu o cenário para vastos domínios de pesquisa ainda pouco explorados. Gradualmente fui me envolvendo na investigação da interface desses temas com o campo das habilidades sociais. Nesta apresentação, serão abordados alguns desses projetos e os encaminhamentos que permitiram para uma maior proximidade entre os pesquisadores da FPCEUP e de instituições brasileiras.

Palavras-Chave: Habilidades sociais, diferenças desenvolvimentais, transições de vida.

2) INTERCÂMBIO BRASIL-ESPANHA EM HABILIDADES SOCIAIS.

Jose Maria Leon Rubio (Universidade de Sevilha, Espanha).

Esta comunicación explora las relaciones de carácter científico-técnico entre grupos de investigación brasileños y españoles cuyas líneas de investigación incluyen el desarrollo teórico, metodológico y aplicado del entrenamiento en habilidades sociales. El campo de interés está centrado en las influencias recíprocas entre estos grupos, en la forma que el conocimiento de los temas, procedimientos y resultados de los otros cambian la forma propia de investigar en esta área concreta de estudio. Con base en el análisis de las relaciones entre los siguientes grupos de investigación en materia de docencia e investigación, se concluye que los grupos españoles pueden beneficiarse del rigor metodológico de las investigaciones de los grupos brasileños y de sus aportaciones a la evaluación de las habilidades sociales, mientras que éstos pueden beneficiarse de la orientación de los grupos españoles hacia la transferencia de resultados de la investigación al ámbito organizacional, privado y público. Algunos de estes grupos de intercâmbio: (a) "Relações Interpessoais e Habilidades Sociais (RIHS)", con sede en la Universidad Federal de San Carlos (UFSCar, São Paulo, Brasil), coordinador por los Profs. Dr. Almir Del Prette y Zilda A. P. Del Prette (b) "Inteligência, cognição social e relações interpessoais", con sede en la Universidad de Estacio de Sá (UNESA, Niteroi, Rio de Janeiro), liderado por el Prof. Dr. Luís Antônio Monteiro Campos y la Profa. Dra. Eliane Gerk Pinto Carneiro, y del que son miembros los Profs. Almir y Zilda Del Prette; (c) "Relações Interpessoais e Desenvolvimento Organizacional", con sede en el Servicio Nacional de Aprendizaje Industrial, Centro Integrado de Manufactura y Tecnología (SENAI CIMATEC, Salvador, Bahía), liderado por la Profa. Dra. Camila de Sousa Pereira-Guizzo; (d) "Planejamento, Gestão e Desenvolvimento de Carreiras em âmbito Regional", con sede en la Universidad de Taubaté (UNITAU, São Paulo, Brasil), liderado por la Profa. Dra. Marilsa de Sá Rodrigues Tadeucci, y que cuenta con la colaboración de la Dra. Maria Júlia Ferreira Xavier Ribeiro; (e) "Educação e Regionalidade", con sede en la UNITAU, y del que es líder la Profa. Dra. Elvira Aparecida Simões de Araujo; (f) "Relações Institucionais em Aglomerações Tecnológicas", con sede en la UNITAU, forman parte del mismo el Prof. Dr. Jose Luis Gomes da Silva, líder del grupo, y las investigadoras las Dras. Marilsa de Sá Rodrigues Tadeucci y Elvira Aparecida Simões de Araujo; (g) "Comportamientos sociales y salud", con sede en la Universidad de Sevilla y coordinado por el Prof. Dr. José María León Rubio; (h) "Evaluación y desarrollo de las personas y las organizaciones", dirigido por el Prof. Dr. Francisco Gil Rodríguez y con sede en

la Universidad Complutense de Madrid; (i) “Avances en Psicopatología y Terapia del Conducta”, dirigido por el Prof. Dr. Vicente E, Caballo, en la Universidad de Granada.

Palavras-Chave: Habilidades Sociais, Trabalho e Organizações, disseminação de conhecimento.

3) HABILIDADES SOCIAIS NA ARGENTINA: O QUE TEMOS APRENDIDO E O QUE TEMOS DESENVOLVIDO.

Fabián O. Olaz (Universidade Nacional de Córdoba, Argentina).

No presente trabalho são apresentadas algumas das linhas de pesquisas na área das Habilidades Sociais desenvolvidas nos últimos dez anos pela equipe do Laboratório de Comportamento Interpessoal (LACI) da Faculdade de Psicologia da Universidade Nacional de Córdoba, Argentina em parceira com o Grupo Relações Interpessoal e Habilidades Sociais (RIHS) da Universidade Federal de São Carlos, Brasil. São apresentadas cinco linhas de pesquisa que incluem: (a) construção de instrumentos psicométricos, (b) um estudo de prevalência de déficits de Habilidades Sociais em Universitários, (c) desenvolvimento e estúdios de eficácia de programas de Treinamento em Habilidades Sociais para Psicólogos, (d) Um modelo preditivo da Ansiedade Social, e (e) desenvolvimento de software de avaliação das Habilidades Sociais em crianças e universitários. Também serão apresentadas algumas conclusões surgidas da experiência com a aplicação de princípios do treino de Habilidades Sociais na área clínica e como base para o trabalho em equipes de abordagem de casos complexos em psicoterapia e um resumo da experiência de intercambio entre as equipes de pesquisa dos dois países.

Palavras-chave: Treino de Habilidades Sociais, Psicologia Clínica, Psicometria.

SEXTA-FEIRA, 29 DE NOVEMBRO

9h-10h30m

- 07 Conferência

APRENDER A CONVIVIR: DESARROLLO DE LA COMPETENCIA SOCIAL Y PREVENCIÓN DEL COMPORTAMIENTO ANTISOCIAL EN NIÑOS DE 3 A 5 AÑOS.
Fernando Justicia Justicia (Universidade de Granada, Espanha).

El Programa Aprender a Convivir está diseñado para la intervención preventiva y temprana con niños de 3 a 5 años de edad. La competencia social es un factor de protección frente a los problemas de conducta. El objetivo del programa es desarrollar la competencia social de los niños para evitar futuras conductas antisociales y las consecuencias negativas que de ellas se deriva. El programa contiene 4 bloques de entrenamiento: seguimiento y cumplimiento de normas, sentimientos y emociones, habilidades de comunicación y habilidades para la cooperación. Ofreceremos, junto con el conocimiento del programa, resultados de la evaluación del programa que demuestran su eficacia para el desarrollo de la competencia social en niños Educación Prescolar.

- 09 Conferência

O PAPEL DAS HABILIDADES SOCIAIS NO DESENVOLVIMENTO DE CARREIRAS GERENCIAIS.
Marilsa de Sá Rodrigues Tadeucci, Elvira Aparecida Simões de Araujo e Maria Júlia Ferreira Xavier Ribeiro (Universidade de Taubaté, São Paulo).

Esta conferência abordará aspectos conceituais relativos às competências sociais exigidas para a função gerencial. O exercício da função gerencial se dá na inter-relação entre o gestor e sua equipe e os demais grupos sociais que compõem o ambiente organizacional e nessas interações se dá o processo avaliativo do comportamento socialmente competente. Assim, o desenvolvimento de carreiras gerenciais está diretamente relacionado ao desenvolvimento das competências requeridas para a função. Conquanto seja comum que critérios para a promoção para cargos gerenciais sejam baseados em conhecimentos técnicos e em habilidades de solução de problemas, mais associados aos aspectos cognitivos, propostas teóricas de competências gerenciais, como no modelo de Vitallia, seguem uma disposição hierárquica, em que competências intrapessoais e competências sociais dão sustentação às demais. Sem o desenvolvimento das competências de relacionamento interpessoal as demais competências como as de supervisão ou liderança, conhecimento do papel gerencial, conhecimento da organização e por fim as competências técnicas não serão eficazes. Serão discutidas as implicações para a pesquisa com referência em duas fontes. A primeira delas são as expectativas de subordinados sobre o comportamento do gestor, pois nesta relação ocorre a liderança na acepção hieráquico-funcional, a segunda são métodos aplicados à realidade organizacional para avaliação de competência social em carreiras gerenciais.

10h30h-11h

- Intervalo

11h-12h30m

◗ 06 Simpósio

HABILIDADES SOCIAIS COMO FATOR DE PROTEÇÃO EM DIFERENTES CONTEXTOS DA SAÚDE MENTAL.

Coordenador: Lucas Guimarães Cardoso de Sá (UFSCar, São Carlos, SP).

A literatura há tempos descreve o repertório de habilidades sociais como uma variável importante associada à saúde mental. Uma das principais hipóteses é de que déficits em habilidades sociais poderiam gerar transtornos mentais. No entanto, uma outra forma de observar esta relação é entender que desenvolver essas habilidades pode ajudar a diminuir o sentimento de sobrecarga causado pelo sofrimento psicológico. Desta forma, elas seriam como um fator de proteção, tanto para prevenir o início de um transtorno quanto para reduzir seu impacto depois de instalado. Com base nisto e considerando o dado da Organização Mundial de Saúde de que transtornos psiquiátricos e abuso de substâncias correspondem a 13% da carga mundial de doenças (relacionada a anos de vida perdidos por morte prematura e anos vividos com incapacidade), os objetivos deste simpósio são: identificar os motivos que tornam as habilidades sociais importantes para a saúde mental e listar quais habilidades específicas seriam mais relevantes em cada um deles. Para isso, serão apresentadas três investigações envolvendo o estudo das habilidades sociais em diferentes contextos da saúde mental. O primeiro, "Habilidades sociais: Uma variável protetora da recaída de substâncias psicoativas?", sugere uma linha de raciocínio para justificar o papel das habilidades sociais na manutenção da abstinência de álcool e outras drogas, em adultos que buscaram tratamento para a dependência de substâncias. Além disso, com base em entrevistas realizadas com amostra dessa população, propõe uma relação de habilidades sociais que seriam necessárias nesse momento. O segundo, "Habilidades sociais como fator de proteção ao uso de drogas por adolescentes", é bem claro quanto a função das habilidades sociais como protetoras do consumo de substâncias por adolescentes. Por meio de uma revisão bibliográfica sugere ainda que o repertório de determinadas habilidades, como as assertivas, por exemplo, pode ter um papel de destaque nos momentos em que o adolescente precisa decidir entre usar ou não usar a substância. É um estudo que demonstra a importância das habilidades sociais para a prevenção na saúde mental. O terceiro estudo, "Habilidades sociais de familiares cuidadores de pacientes com transtornos psiquiátricos", segue a mesma linha dos anteriores e busca explicar a função das habilidades sociais para familiares de pacientes psiquiátricos. Também vai além e apresenta indícios de classes de habilidades sociais específicas que seriam mais relevantes e poderiam compor programas de intervenção no contexto da saúde mental. Os estudos têm em comum a identificação das habilidades sociais como um fator de proteção, seja da abstinência inicial em adolescentes, da abstinência adquirida por adultos em tratamento ou da qualidade da relação entre familiar cuidador e paciente psiquiátrico. Nos três casos, intervenções baseadas no ensino de habilidades sociais são sugeridas como uma maneira de aumentar a qualidade das relações interpessoais e consequentemente da saúde mental dos indivíduos envolvidos.

1) HABILIDADES SOCIAIS: UMA VARIÁVEL PROTETORA DA RECAÍDA DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS?

Lucas Guimarães Cardoso de Sá e Zilda A. P. Del Prette (UFSCar, São Carlos, SP).

No contexto da dependência de substâncias, habilidades de enfrentamento antecipatórias são pensamentos e comportamentos direcionados para a construção de um ambiente menos suscetível a situações estressoras ou para sua rápida e eficaz solução, antes que possam ocasionar vontade grande e imediata de usar alguma substância. Sem essa vontade, as chances de uma recaída diminuem consideravelmente. Grande parte dessas habilidades de

enfrentamento são habilidades sociais. Contudo, não foram encontrados estudos no Brasil que mostrassem quais classes de habilidades sociais podem ser consideradas fatores de proteção para indivíduos que fizeram uso abusivo ou dependente de alguma substância psicoativa e estão em manutenção da abstinência. Sendo assim, o objetivo deste estudo foi identificar e elaborar uma lista de habilidades sociais consideradas relevantes na prevenção da recaída de substâncias. Para isso, participaram 35 pessoas que tiveram problemas relacionados ao consumo de álcool ou outras drogas e procuraram tratamento para interromper o uso. Esta amostra foi composta quase totalmente por homens (n = 34), com média de idade de 37,4 anos, sendo 23 pessoas em manutenção da abstinência de crack/cocaína, outros 11 em abstinência de álcool e um de maconha. Cada um respondeu a uma versão adaptada da "Entrevista sobre Gatilhos do Álcool e Estratégias Específicas às Fissuras". As adaptações foram realizadas com o objetivo de se conseguir respostas de habilidades de enfrentamento antecipatórias. Para aqueles em manutenção da abstinência de outras drogas, as palavras álcool e alcoolismo foram substituídas por droga e usar droga. As respostas ao roteiro de entrevista foram gravadas e posteriormente analisadas uma a uma, com transcrição das habilidades descritas. Para participar era necessário estar abstinente há pelo menos um mês. O menor tempo de abstinência foi de um mês e o maior de 23 anos, com mediana de seis meses. O resultado foi um total de 413 respostas consideradas habilidades de enfrentamento antecipatórias que, após agrupamento por conteúdo e função semelhantes, formaram 18 categorias distintas. Dessas, dez podem ser consideradas habilidades sociais, para: (1) expressar sentimentos, (2) lidar com críticas, (3) fazer e receber elogios, (4) resolver problemas, (5) manejar raiva, (6) ouvir conselhos, (7) lidar com chacotas, (8) solicitar mudança de comportamento inadequado, (9) recusar oferta de substâncias e (10) fazer amizades. Embora não sejam sinônimas, já que as habilidades de enfrentamento são um construto mais amplo, com outros tipos de habilidades, é inegável a importância e o peso das habilidades sociais como fator de proteção no processo na manutenção da abstinência. Elas colaboram para a prevenção da recaída ao favorecer o estabelecimento de vínculos responsáveis, estáveis e seguros e ampli ar a probabilidade de consecução de metas como identificar e afastar-se das situações de risco e manter o autocontrole, além de melhorar a autoestima e a qualidade de suas relações com as demais pessoas. Se tudo isto acontece, as chances de que o indivíduo passe por situações estressoras que levem ao uso podem diminuir consideravelmente.

Palalvras-chave: habilidades sociais, prevenção da recaída, drogas

2) HABILIDADES SOCIAIS COMO FATOR DE PROTEÇÃO AO USO DE DROGAS POR ADOLESCENTES.

Daniely Ildegardes Brito Tatmatsu e Zilda Aparecida Pereira Del Prette (UFSCar, São Carlos, SP).

O uso abusivo de drogas na adolescência pode ser considerado um problema de saúde pública por acarretar prejuízos ao sujeito, à família e à sociedade. Embora, de um modo geral, o consumo de drogas entre estudantes brasileiros não esteja aumentando, seu início está ocorrendo cada vez mais precocemente (10-12 anos) e fazendo uso pesado (20 vezes ou mais no mês). A lite ratura tem apontado para o fortalecimento da perspectiva da proteção integral e da promoção de saúde através do incremento de recursos pessoais e contextuais. Por isso, os fatores de proteção estão sendo cada vez mais estudados para minimizar as condições de vulnerabilidade dos adolescentes. Dentre os aspectos da vida identificados como fatores de proteção para uso de drogas na adolescência estão os relacionados às habilidades para interações interpessoais saudáveis. Reconhecendo o campo de conhecimento das habilidades sociais como particularmente pertinente à abordagem aos problemas dos adolescentes, foi desenvolvida uma revisão bibliográfica com o objetivo de verificar a relação entre habilidades sociais e o abuso de drogas na adolescência. As bases de dados definidas para a busca foram Scielo, PsycInfo e EBSCO, no período de janeiro de 2002 a março de 2013, acessados através do Portal de Periódicos da CAPES. Os descritores utilizados foram hab ilidades sociais,

competência social e uso de drogas e seus equivalentes em língua inglesa e hispânica. A literatura encontrada mostra evidências de uma relação positiva tanto entre competência social como habilidades sociais e recusa às drogas. De forma semelhante, sugere que o déficit destas habilidades, especialmente autocontrole e assertividade, parece expor os adolescentes em condições vulneráveis ao consumo de substâncias psicoativas. Fortalecendo estes resultados, os artigos acerca de intervenções baseadas em abordagens interpessoais, como o Treinamento de Habilidades Sociais ou o Programa de Habilidades de Vida, entre outros, apresentaram resultados positivos por, em geral, manterem as habilidades aprendidas e evitarem o engajamento em comportamentos de risco, comprovados nos estudos de seguimento. Porém, estes achados não descrevem que habilidades sociais estão deficitárias na iniciação e manutenção do uso de drogas por adolescentes e que tipo de déficit– aquisição, fluência ou desempenho - está envolvido nestes dois processos. Além disto, não há dados acerca de que contextos específicos estão relacionados ao uso, abuso e dependência tanto de drogas lícitas quanto ilícitas. Não obstante, a Organização Mundial de Saúde e o Ministério da Saúde vêm orientando o uso de metodologias que desenvolvam a competência e as habilidades sociais, capazes de melhorar a qualidade de vida e a cidadania de crianças e adolescentes.

Palavras-chave: habilidades sociais, adolescentes, drogas

3) HABILIDADES SOCIAIS DE FAMILIARES CUIDADORES DE PACIENTES COM TRANSTORNOS PSIQUIÁTRICOS.

Diego Costa Lima, Marina Bandeira, Joanna Gonçalves de Andrade Tostes e Daniela Cristina Souza Santos (UFSJ, São João Del Rei, MG)

Com a desinstitucionalização psiquiátrica, realizada nas últimas décadas, as famílias que antes eram excluídas e, muitas vezes, culpabilizadas pelo desenvolvimento dos transtornos psiquiátricos dos pacientes, passaram a ter um papel importante na sua reinserção social. No entanto, devido à falta de informação e de preparo para prestar cuidados adequados aos pacientes, os familiares têm apresentado níveis elevados de sobrecarga com o papel de cuidadores. A literatura indica que um bom relacionamento entre o familiar cuidador e o paciente constitui um importante fator modulador que pode diminuir o sentimento de sobrecarga. Um repertório elaborado de habilidades sociais é, então, essencial para garantir a qualidade do relacionamento entre o familiar cuidador e o paciente. Considerando a importância de avaliar as habilidades sociais dos familiares cuidadores de pacientes com transtornos psiquiátricos os objetivos do presente estudo foram: 1) caracterizar o repertório de habilidades sociais e da subclasse de assertividade dos familiares cuidadores; 2) investigar a relação entre o grau de sobrecarga dos familiares cuidadores com os níveis de suas habilidades sociais e, mais especificamente, da assertividade; 3) identificar os fatores associados às habilidades sociais gerais, e em particular, à assertividade; 4) Investigar as principais situações sociais cotidianas, em que os familiares encontram dificuldades para lidar com os pacientes, e as situações em que apresentam maior facilidade do manejo do paciente psiquiátrico. Foram realizadas entrevistas com 53 familiares cuidadores de pacientes atendidos em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) de M inas Gerais. Todos participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os instrumentos utilizados foram o Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette), a Escala de Assertividade Rathus (RAS), a Escala Burden Interview (BI), um questionário sociodemográfico e clínico e uma entrevista semi-estruturada. Os resultados mostraram que uma porcentagem elevada dos familiares cuidadores apresentou déficits no repertório de habilidades sociais e na subclasse de assertividade. Observou-se, ainda, que os familiares com maior grau de inibição e timidez (medidos pela RAS) apresentaram escores significativamente mais elevados de sobrecarga. Por outro lado, os familiares com escores mais elevados no IHS-Del-Prette apresentaram mais estratégias para

lidar com os pacientes e buscaram mais frequentemente por suporte social. As análises de regressão linear múltipla indicaram quais variáveis sociodemográficas estavam associadas a um maior nível de habilidad es sociais e da subclasse de assertividade. Os resultados de uma análise de conteúdo de questões abertas do questionário mostraram que a supervisão dos comportamentos problemáticos emitidos pelos pacientes foi a principal dificuldade enfrentada pelos familiares cuidadores. Esses resultados apontam para a necessidade da implantação de treinamento de habilidades sociais nos serviços de saúde mental, com intuito de promover um melhor relacionamento entre o familiar cuidador e o paciente, melhores estratégias de enfrentamento para lidar com a situação de cuidar e uma maior rede de suporte social, potencializando cuidados mais adequados aos pacientes e diminuindo o grau de sobrecarga dos familiares cuidadores.

Palavras-chave: Habilidades Sociais, Sobrecarga, Familiares Cuidadores

07 Simpósio

HABILIDADES SOCIAIS E PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO EM ESCOLARES: AVALIAÇÃO E INTERVENÇÃO.

Coordenadora: Andréa Regina Rosin Pinola (Centro Universitário UniSEB- Ribeirão Preto)

As habilidades sociais enquanto conjunto de comportamentos que contribuem para o estabelecimento ou melhoria das relações sociais tem sido consideradas na literatura como importante fator de proteção e prevenção de riscos na vida. A área das habilidades sociais tem evidenciado a importância delas para que as crianças consigam atender as expectativas nos diferentes grupos sociais nos quais elas participaram e ao mesmo tempo realizar-se pessoalmente conseguindo fazer amigos e desenvolver autonomia e independência. Considerando que as habilidades sociais na infância envolvem classes como assertividade (expressão apropriada de sentimentos negativos e defesa dos próprios direitos), autocontrole e expressividade emocional, empatia, solução de problemas interpessoais, de cooperação e habilidades sociais acadêmicas, e que os problemas de comportamento dificultam ou impedem o processo de aceitação da criança no criança no grupo de amigos ou por parte dos professores. Torna-se importante os dados da literatura que tem evidenciado que crianças consideradas com dificuldades de aprendizagem ou com necessidades educacionais especiais têm um baixo repertório de habilidades sociais e alta frequência de problemas de comportamento, desta forma, uma das alternativas eficaz tem sido a oferta de programas de promoção de habilidades sociais a fim de contribuir para que as crianças ampliem seus repertórios de habilidades sociais, o que pode favorecer a melhor aceitação delas no grupo e a ampliação dos grupos de amizades e socialização e diminuam os problemas de comportamento. Assim, as proponentes irão apresentar estudos com diferentes objetivos: 1) avaliar crianças que passaram por um treinamento específico para desenvolver as habilidades de solução de problemas interpessoais, foram realizadas avaliações em três diferentes momentos: antes do início da intervenção, logo após o término da intervenção e meses após o término da intervenção (apenas o grupo de intervenção), a autora irá discutir o impacto do treinamento sobre o desempenho das crianças e discutir repercussões frente aos desafios escolares por parte dos alunos e dos professores; 2) avaliar a efetividade de uma intervenção com um grupo de crianças que frequentavam o segundo ano do ensino fundamental e foram diagnosticados clínicos para problemas de comportamento por pais e professores, e analisar o impacto da intervenção sobre as crianças, a autora irá apresentar dados significativos do impacto dos problemas de comportamento sobre o desempenho escolar dos alunos e um terceiro estudo que irá descrever e discutir a avaliação realizada pelos professores sobre o repertório de habilidades sociais e problemas de comportamento dos alunos com necessidades educacionais especiais, que tinham deficiências ou dificuldades acentuadas de aprendizagem

que requeriam recursos educacionais especiais para aprender. Pretende-se com essa proposta contribuir para divulgação de estudos sobre avaliação de habilidades sociais e problemas de comportamento, por meio de diferentes instrumentos, e discutir os impactos de diferentes intervenções com crianças na área de habilidades sociais. Compreendendo que a importância da promoção das habilidades sociais nos diferentes contextos, familiar, escolar, lazer, trabalho, dentre outros.

1) HABILIDADES SOCIAIS E PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO DE ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS INCLUÍDOS EM ESCOLAS REGULARES.

Andréa Regina Rosin Pinola (Centro Universitário UniSEB- Ribeirão Preto) e Zilda A. P. Del Prette (UFSCar, São Carlos, SP).

A inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais tem requerido diferentes processos de mudança, que vão desde a relação professor-aluno, até a reorganização do currículo, do projeto pedagógico e das leis norteadoras dessa proposta. No entanto, a inclusão já é uma realidade na maioria das escolas públicas e particulares brasileiras e os estudos que investigam o contexto das escolas têm evidenciado diferentes dificuldades em relação a essa nova realidade, desde a questão das crenças e expectativas de pais e professores sobre o sucesso acadêmico e das relações interpessoais desses alunos com os demais, até mesmo às dificuldades de reorganizar o currículo e as práticas pedagógicas a fim de garantir que todos se apropriem dos saberes inerentes à escola e construam relações sociais favoráveis ao desenvolvimento socioafetivo de todos os alunos, inclusive daqueles com necessidades educacionais especiais. Em relação a esses alunos, os estudos têm mostrado que as dificuldades são relacionadas ao desempenho escolar, às habilidades sociais e aos problemas de comportamento. Sabe-se que a literatura da área de Treinamento em Habilidades Sociais (THS) tem evidenciado os efeitos positivos de programas de THS com professores sobre o repertório de alunos com dificuldades acadêmicas e/ou sociais. E, mais recentemente, foram definidas as classes de habilidades sociais educativas, ou seja daquelas voltadas intencionalmente ao desenvolvimento e aprendizagem do educando. A fim de contribuir para a melhoria das condições educativas em ambientes inclusivos, as autoras desenvolveram um programa de habilidades sociais educativas para professores, de alunos com necessidades educacionais especiais, e avaliaram o impacto desse programa sobre o repertório social dos próprios professores e o dos alunos com necessidades educacionais especiais. Nesse estudo, iremos descrever e discutir a avaliação realizada pelos professores sobre o repertório de habilidades sociais e problemas de comportamento dos alunos em foco. Serão apresentados três casos de alunos com necessidades educacionais especiais, que tinham deficiência ou dificuldades acentuadas de aprendizagem que requeriam recursos educacionais especiais para aprender. O caso 1 foi de um aluno do 2º ano do ensino fundamental, com 10 anos e com diagnóstico psiquiátrico de transtorno do comportamento opositor. O caso 2, de uma aluna do 4º ano do ensino fundamental, com 11 anos e com Síndrome de Sotos, deficiência múltipla. E o caso 3, aluna do 4º ano com 12 anos com histórico escolar de dificuldades acadêmicas e sociais acentuadas, participante do PROALLE e com histórico de exclusão por parte de colegas, familiares e professores. A avaliação do repertório social desses alunos foi realizada por meio do Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais (Social Skills Rating System, SRSS-BR, adaptado ao Brasil por Bandeira, Del Prette, Del Prette & Magalhães, 2009) versão respondida por professores, antes e após a intervenção. Discute-se o impacto de programas de assessoria colaborativa junto a professores em contexto de inclusão e as contribuições da promoção de habilidades sociais educativas sobre o repertório de alunos com necessidades educacionais especiais a fim de ampliar as possibilidades de interação desses alunos com o grupo e com seus educadores, favorecendo a verdadeira inclusão escolar.

Palavras-chave: Inclusão escolar, habilidades sociais e problemas de comportamento

2) TREINAMENTO EM HABILIDADES DE SOLUÇÃO DE PROBLEMAS INTERPESSOAIS EM CRIANÇAS NO AMBIENTE ESCOLAR.

Luciana Carla dos Santos Elias (FFCLRP, Ribeirão Preto, SP)

Problemas interpessoais entre alunos em sala de aula é queixa frequente por parte de professores. Segundo os mesmos esses conflitos atrapalham não só a harmonia da sala de aula, mas sobre tudo o rendimento escolar. Sabe-se que a exposição cotidiana a situações de confronto é condição de risco ao desenvolvimento. A literatura tem apontado para a importância das habilidades sociais (HS) na prevenção de problemas de comportamento. Dentre as diferentes HS encontram-se as habilidades de solução de problemas interpessoais (HSPI). As HSPI são constituídas por seis capacidades (1) gerar soluções alternativas, (2) consideração de consequências de atos sociais, (3) desenvolvimento de pensamento meio-fim, (4) desenvolvimento do pensamento social-causal, (5) sensibilidade para problemas e (6) orientação dinâmica. Estudos relacionados às HSPI apontam que crianças com dificuldades nessas habilidades frequentemente sinalizam problemas de relacionamento, comportamento, desempenho escolar, entre outros. Considerando que essas habilidades são aprendidas e podem ser desenvolvidas, observa-se o caráter preventivo do treino dessas habilidades, focando em cada uma das capacidades envolvidas. Diante desse contexto o presente trabalho teve por objetivo avaliar crianças que passaram por um treinamento específico para desenvolver as HSPI, executado pelas próprias professoras em sala de aula. Participaram 173 crianças (meninos e meninas), com idade entre seis e dez anos, pertencentes a uma escola da rede pública de ensino de uma cidade do interior paulista (93 do grupo de intervenção e 80 do grupo de comparação). Todas as crianças frequentavam o mesmo período letivo e foram avaliadas na própria escola. As avaliações compreenderam três diferentes momentos antes do início da intervenção, logo após o término da intervenção e meses após o término da intervenção (apenas o grupo de intervenção). Os participantes foram avaliados quanto as HS, HSPI, problemas de comportamento e desempenho acadêmico através dos seguintes instrumentos: Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais (Social Skills Rating System) - formulário para professores- SRSS-BR, Procedimento de investigação de Solução de Problemas Interpessoais em Crianças- CHIPS; e Teste de Desempenho Escolar-TDE. As avaliações foram realizadas no ambiente escolar, em espaço cedido pela diretora. As crianças foram avaliadas por psicólogos treinados e pelos professores que responderam ao instrumento após orientação. Os resultados apontaram que o grupo de intervenção aumentou suas médias em HS e HSPI após o treino em sala de aula, reduziram problemas de comportamento (externalizante e internalizante) e melhoraram seu desempenho acadêmico (todos estatisticamente significativos). O grupo de comparação também apresentou progresso no desempenho acadêmico, mas as dificuldades comportamentais persistiram, assim como os valores em HS e HSPI. Diante desses resultados parece ser pertinente o treino de HSPI em ambientes acadêmicos como parte do currículo escolar.

Palavras-chave: Habilidades Sociais, Problemas de comportamento, Desempenho acadêmico

3) AVALIAÇÃO DA EFETIVIDADE DE UMA INTERVENÇÃO EM GRUPO PARA CRIANÇAS.

Alessandra Pereira Falcão e Alessandra Turini Bolsoni-Silva (Unesp, Bauru, SP).

Crianças que apresentam problemas de comportamento vêm sendo a preocupação de pais e equipe pedagógica que procuram por ajuda em consultórios psicológicos. Nesse trabalho problemas de comportamento são entendidos como: “déficits ou excessos comportamentais que prejudicam a interação das crianças com pares e adultos e que dificultam o acesso da criança a novas contingências de reforçamento, que por sua vez, facilitariam a aquisição de repertórios relevantes de aprendizagem”. Foram identificadas e descritas através de pesquisas duas categorias de problemas de comportamento os internalizantes e externalizantes. Problemas de comportamento são multideterminados. Descrever a função do comportamento

problema pode ser útil para avaliar e intervir junto a crianças com tais dificuldades. O termo habilidades sociais pode ser aplicado às diferentes classes de comportamentos sociais que fazem parte do repertório de um indivíduo e que contribuem para a competência social. As Habilidades sociais podem promover o desenvolvimento e prevenir o aparecimento de problemas de comportamento, possibilitando que as crianças interajam de uma forma mais positiva aumentando a chance de acesso ao reforçamento social. Parte-se do pressuposto que problemas de comportamento e habilidades sociais possuem a mesma função e assim ao se instalar um repertório socialmente habilidoso o indivíduo não necessita mais apresentar problemas de comportamento. O objetivo do estudo foi avaliar a efetividade de uma intervenção em grupo. Para tanto, foi elaborado um procedimento de intervenção em grupo para o ensino das habilidades sociais funcionalmente concorrentes aos problemas de comportamento encontrados na literatura da área. Os participantes foram 7 crianças que frequentavam o segundo ano do ensino fundamental e foram diagnosticados clínicos para problemas de comportamento por pais e professores. A intervenção constou de 8 sessões em que foi realizado o ensino de habilidades sociais previamente definidas por meio de análise funcional, role-playing, teatro, desenho e análise dos comportamentos apresentados pela personagem principal de um filme infantil. A avaliação dos participantes foi realizada antes e após a intervenção por instrumentos (CBCL, TRF, QRSH) e pela tabulação dos comportamentos apresentados durante as sessões. Para a definição das habilidades trabalhadas foi realizada uma revisão dos estudos que envolviam problemas de comportamento e avaliada a partir da análise das diferenças nos repertórios de crianças clínicas e não clínicas para problemas de comportamento quais as habilidades deveriam ser enfatizadas para que as crianças clínicas se tornassem habilidosas socialmente. Os resultados mostraram que as crianças ampliaram significativamente o repertório de habilidades sociais após a intervenção. Os problemas de comportamento se mantiveram em baixa frequência durante toda a intervenção. Os resultados comprovam que à medida que a criança apresenta habilidades sociais há redução dos problemas de comportamento. O procedimento foi capaz de ensinar habilidades sociais.

Palavras-chave: Problemas de comportamento, Habilidades sociais, intervenção em grupo.

02 Mesa

HABILIDADES SOCIAIS E ANÁLISE DO COMPORTAMENTO: INTERLOCUÇÕES POSSÍVEIS.
Coordenador: Talita Pereira Dias (UFSCar, São Carlos, SP).

O campo teórico-prático das Habilidades Sociais apresenta contribuições de diferentes abordagens psicológicas, entre as quais: Análise do Comportamento, Psicologia Cognitiva e Teoria Social-Cognitiva. Essas abordagens podem contribuir tanto em termos explicativos, metodológicos, como práticos. Identificar as contribuições de diferentes bases teóricas para o campo das Habilidades Sociais pode oferecer um panorama de iniciativas que já se mostraram viáveis e efetivas, fomentar a identificação de novas contribuições e também favorecer uma reflexão sobre outros possíveis diálogos entre as diferentes abordagens, de modo que achados do campo das Habilidades Sociais possam oferecer contribuições para as demais abordagens. No caso específico da Análise do Comportamento, que trata da interação organismo-ambiente e admite o valor fundamental das consequências para a seleção dos comportamentos, há muitas possibilidades de intercâmbios entre as abordagens no que concerne à explicação do comportamento social, que é o objeto de estudo das Habilidades Sociais. Além disso, a Análise do Comportamento pode oferecer uma diversidade de procedimentos e técnicas que tem se mostrado efetivos e podem ser transpostos para investigações e intervenções em habilidades sociais. Por outro lado, a área das Habilidades Sociais, ao se dedicar detalhadamente aos comportamentos sociais, pode favorecer uma série de avanços no estudo e refinamento de

intervenção para essa classe específica de comportamento. Desse modo, a presente mesa redonda busca apresentar as contribuições especificas da Análise do Comportamento para investigações e intervenções no campo das Habilidades Sociais, a partir da apresentação de três trabalhos desenvolvidos nesse campo, ao mesmo tempo em que se respaldaram em pressupostos, conceitos e procedimentos de intervenção já bem consolidados na Análise do Comportamento. O primeiro trabalho buscou avaliar a qualidade da previsão de consequências em crianças com diferentes padrões sociais, verificando frequência de acertos e erros nessa tarefa, assumindo a importância da previsão para o autoconhecimento e automonitoria. Já a segunda apresentação explicita uma proposta de capacitação para professores, fundamentada em ideias de manejo, modificação de comportamento e análise do comportamento, implementada antes da aplicação da intervenção por esses professores de um programa universal de habilidades sociais para crianças em idade escolar. Já a terceira apresentação tem como objetivo apresentar, sob um enfoque operante, estratégias adotadas em um programa de intervenção que teve como finalidade ensinar e aprimorar o repertório de expressão facial de emoções de crianças com deficiência visual e videntes na sua relação com as habilidades sociais. A viabilidade, a efetividade e os desafios das interlocuções entre Análise do Comportamento e Habilidades Sociais serão discutidas.

1) DESCRIÇÃO DE CONSEQUÊNCIAS EM SITUAÇÕES SOCIAIS DE CRIANÇAS EM IDADE PRÉ-ESCOLAR.

Talita Pereira Dias, Camila Negreiros Comodo, Luziane de Fatima Kirchner e Zilda A. P. Del Prette (UFSCar, São Carlos, SP).

Autoconhecimento, na proposta de Skinner, seriam respostas verbais em que o próprio indivíduo descreve contingências ou variáveis que controlam seu comportamento, o que pode ajudá-lo a ordenar seu próprio comportamento (forma de autocontrole), tomar decisões, formular planos, etc. Considerando as características do autoconhecimento, ele parece relacionar-se com a habilidade de automonitoria, no campo das Habilidades Sociais. Automonitoria é considerada pré-requisito para competência social, o que permite supor que indicadores de automonitoria e de autoconhecimento, como previsão de consequências, seriam mais desenvolvidos em crianças com habilidades sociais, comparando-os com aquelas com problemas de comportamento. Atentar para qualidade da descrição de consequências em crianças pode favorecer a identificação de variáveis que controlam o relato das crianças, trazendo desdobramentos para pesquisas e intervenções em automonitoria e autoconhecimento. Porém, na área de Habilidades Sociais ou Análise do Comportamento não foram encontrados estudos sobre isso. Assim, este estudo buscou avaliar a qualidade da previsão de consequências em crianças com diferentes padrões sociais, verificando frequência de acertos e erros nessa tarefa. Participaram 53 crianças entre quatro e seis anos com habilidades sociais, com problemas de comportamento internalizante e com problemas de comportamento externalizante ou misto, conforme avaliação de pais e professores. Foi aplicado o Recurso de Avaliação e Promoção de Automonitoria para Crianças (RAPAC), que avalia entre outros indicadores, previsão de consequência, por meio da apresentação de 12 situações sociais. Para cada situação, são apresentadas três possíveis respostas sociais, uma habilidosa e duas não habilidosas: ativa e passiva. Em cada resposta, a criança descreve o que acontece depois que a personagem faz daquela forma. Dados de previsão de consequências foram analisados por juízes treinados, adotando-se manual de correção. Ainda, erros foram categorizados a partir das seguintes categorias: Erro de consequência passiva – descreve consequência da resposta passiva para respostas habilidosas ou agressivas; Erro de consequência agressiva – relata consequência da resposta agressiva para respostas habilidosas ou passivas; Erro de consequência habilidosa

- menciona consequência da resposta habilidosa para respostas agressiva ou passiva; Erro de consequência indeterminada negativa – descreve consequência negativa inespecífica para uma resposta habilidosa; Erro de consequência indeterminada positiva – relata consequência positiva inespecífica para uma resposta passiva ou agressiva; Equívoco de Resposta – relata uma consequência que não tem relação nenhuma com a demanda da situação e Não Resposta – quando não responde, com frases como "não sei" ou fica calado). Os resultados encontrados mostram que o grupo de crianças com habilidades sociais cometeram menos erros que os demais grupos em quase todas as categorias. Para todos os grupos, a categoria mais encontrada foi Equívoco de resposta, enquanto a menos encontrada variou entre os grupos: Erro de consequência habilidosa para o grupo com habilidades sociais; Erro de consequência indeterminada positiva para os demais grupos. O grupo internalizante teve mais erros de Equívoco de respostas, de Não resposta e de consequência indeterminada negativa. No grupo misto, houve mais Erros de consequência agressiva, de habilidosa, de passiva e de indeterminada positiva, indicando que nesse grupo houve maior probabilidade de trocar consequências prováveis das situações. Discutem-se possíveis hipóteses para esses achados e suas possíveis implicações empíricas, teóricas e práticas.

Palavras-chave: Descrição de consequências, habilidades sociais, problemas de comportamento

2) CAPACITAÇÃO DE PROFESSORES: PRÉ-REQUISITO PARA CONDUÇÃO DE UM PROGRAMA UNIVERSAL DE HABILIDADES SOCIAIS.

Daniele Carolina Lopes e Zilda Aparecida Pereira Del Prette (UFSCar, São Carlos, SP).

No contexto escolar, o professor tem importante papel como o mediador do conhecimento, visto que, cotidianamente, interfere em todo o processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança. O professor também é o mediador principal das relações sociais da criança com seus colegas por: (a) ampliar ou restringir as oportunidades de interação em sala de aula; (b) expressar rejeição ou aceitação de formas desejáveis de relacionamento entre os alunos; (c) oferecer modelos adequados ou inadequados de relacionamento com as crianças, influenciando, portanto, na qualidade dessas interações. A implementação de programas universais de habilidades sociais na escola pelo professor poderia aumentar a probabilidade de manutenção do programa no ambiente escolar e auxiliar na generalização das habilidades sociais. Para que o professor atue como facilitador de programas de intervenção torna-se capacitá-los para manejar comportamentos, em procedimentos específicos, em estratégias motivacionais e de mediação de interações em sala de aula. Estudos mostram que professores não estão recebendo capacitação antes e mesmo durante da implementação do currículo de habilidades sociais, sejam da rede regular de ensino como da especial. E um aspecto relevante é que professores relataram que gastam mais tempo em manejar comportamentos dos alunos a ensinar comportamentos adequados, destacando, portanto, a importância de se ensinar manejo de comportamento na capacitação dos professores que serão agentes da intervenção em programas de habilidades sociais. Sendo assim, nesta mesa será explicitado uma proposta de capacitação para professores utilizada em um programa universal de habilidades sociais para crianças em idade escolar. O programa de capacitação foi um curso preparatório que ocorreu antes da intervenção com as crianças e contemplou temas como: manejo de comportamento, habilidades sociais na infância, importância das habilidades sociais na infância, definições operacionais das habilidades sociais que seriam treinadas com as crianças, discussão das etapas de cada sessão e etc. Foram realizados três encontros de 90 minutos, totalizando quatro horas e meia, com as duas professoras ao mesmo tempo. Em cada encontro com as professoras, foram entregues cartilhas sobre o conteúdo, além disto, a exposição sobre os temas do encontro foi realizada com a ajuda de computador, projetor multimídia, vídeos e trechos de filmes. Os encontros abordaram os seguintes temas: (1) Introdução aos conceitos básicos da análise do comportamento (definição de comportamento,

técnicas para aumentar e diminuir frequência de comportamentos, estratégias para manejo de comportamento, análise das contingências que controlam comportamentos, principalmente dos alunos); (2) Introdução ao campo teórico-prático das habilidades sociais; (3) Programa de intervenção. Outra estratégia planejada para garantir a condução do programa pelo professor e aperfeiçoá-lo nos aspectos ensinados durante a capacitação foi a assessoria em serviço. Neste caso, o psicólogo/pesquisador permanecia presente em todas as sessões de intervenção e fornecia dicas pontuais sobre o desempenho do professor. Além disto, foram realizadas reuniões semanais individuais com os professores para orientação e consultoria ao longo de toda a implementação do programa de promoção em habilidades sociais. Discutem-se aspectos específicos da capacitação e as implicações para intervenções futuras.

Palavras-chave: Programa universal de habilidades sociais, capacitação, professor

3) A PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO EM UMA INTERVENÇÃO EM HABILIDADES SOCIAIS E EXPRESSÃO FACIAL DE EMOÇÕES.

Bárbara Carvalho Ferreira e Zilda Aparecida Pereira Del Prette (UFSCar, São Carlos, SP).

No campo teórico-prático das habilidades sociais diferentes estudos têm sido conduzidos sob a perspectiva da Análise do Comportamento, destacando-se aqueles que analisam este construto funcionalmente, outros que ressaltam e utilizam a avaliação funcional em programas terapêuticos e educativos nessa área, e aqueles que aplicam os conhecimentos e recursos do campo das HS para a análise comportamental aplicada a diferentes contextos e problemas. Considerando as possibilidades de intervenção na área das habilidades sociais sob a perspectiva analítico-comportamental, o presente trabalho tem como objetivo apresentar as estratégias baseadas no enfoque operante adotadas em um programa de intervenção que teve como finalidade ensinar e aprimorar o repertório de expressão facial de emoções de crianças com deficiência visual e videntes na sua relação com as HS. Por meio de um delineamento pré e pós-teste com sujeito único, com múltiplas sondagens e replicações intra e entre sujeitos com diferentes graus de comprometimento visual, participaram da pesquisa nove crianças, três cegas congênitas, três com baixa visão e três videntes, além de seus pais e professores. O programa de intervenção foi em formato individual, com 21 sessões, que tinham uma estrutura semelhante, mas com flexibilidade para alterações de procedimentos e dos materiais diferenciados e adaptados às características, recursos, dificuldades e especificidades de cada criança. Os resultados indicaram que o programa de intervenção foi efetivo para o aprimoramento e manutenção da expressão facial de emoções e de algumas classes de habilidades sociais. No que se refere a estrutura do programa de intervenção, em termos do enfoque da Análise do Comportamento, foram adotadas diferentes estratégias: (a) a escolha de um delineamento com o sujeito como o próprio controle, e cuidados quanto a validade interna e externa; (b) realização de avaliação funcional do comportamento de cada criança, objetivando o planejamento e condução da intervenção considerando o repertório de entrada de cada um, em termos de recursos e déficits comportamentais; (c) utilização de diferentes atividades e materiais lúdicos e educativos, sendo esses associados a técnicas de manejo de comportamento, dentre elas, reforçamento e reforçamento diferencial, modelagem, imitação e extinção; (d) organização e distribuição das sessões de acordo com grau de complexidade dos comportamentos alvos da intervenção; (e) planejamento das atividades de cada sessão em caráter cumulativo, ou seja, habilidades que foram objeto de sessões anteriores eram recapituladas nos módulos seguintes, visando o aperfeiçoamento e o monitoramento de possíveis déficits adicionais; (f) avaliações intermediárias, finais e de seguimento; (g) a instrumentalização de pais e professores para aplicar no dia a dia as questões discutidas semanalmente com a pesquisadora e, disponibilizadas nos folhetos instrucionais; (h) telefonemas para os pais, para verificar dúvidas bem como sondar envolvimento e reações aos eventuais impactos do programa; entre outros procedimentos.

Palavras-chave: habilidades sociais, Análise do Comportamento, expressão facial de emoções

08 Mesa

RELATOS DE EXPERIÊNCIAS: PROGRAMAS DE HABILIDADES SOCIAIS COM ADOLESCENTES.
Coordenadora: Anelisa Vaz de Carvalho (FFCLRP-USP, Ribeirão Preto, SP).

Sustenta-se na literatura científica a premissa de que as habilidades sociais são um dos fatores cruciais para um desenvolvimento cognitivo e socioemocional saudável. A priori um repertório social elaborado minimiza fatores de risco e maximiza fatores de proteção ao desenvolvimento, dados por seu suporte a relações sociais favoráveis, concessão da possibilidade do manejo adequado de situações conflitantes (tanto aquelas intrínsecas quanto as extrínsecas à adolescência) e, também, de algumas situações que emergem de determinados contextos sociais. É durante a infância e adolescência, que o desenvolvimento humano se processa de uma forma mais intensa, sendo que, sob a ótica da promoção de saúde, seriam estes, portanto, os momentos ideais, ou críticos, do ciclo de vida para que estas habilidades sejam trabalhadas. Se previamente tão somente o acesso à educação formal era concebido como uma panaceia aos grupos de vulnerabilidade social, atualmente, no Brasil, existem diversas iniciativas sociais, sendo um grande contingente não-governamentais, para a inserção de adolescentes de classes socioculturais baixas em atividades paralelas àquelas educacionais, com a finalidade de ocupá-los em turno não-escolar e a fim de livrá-los das mais diversas mazelas sociais (tais como criminalidade, acesso e uso de substâncias ilícitas e envolvimento nas mais diversas atividades antissociais). Não obstante, programas de habilidades sociais, que tem se mostrado uma metodologia terapêutica eficaz para maximizar fatores de proteção ao desenvolvimento e na prevenção de fatores de riscos sociais, ainda são pouco aplicados entre estes grupos no país. Neste sentido, verifica-se que se faz imprescindível a elaboração, aplicação e avaliação de programas de treino de habilidades sociais (THS) que visem atender crianças e adolescentes, sobretudo de camadas socioculturais baixas, por se encontrarem mais expostos à fatores de vulnerabilização e de riscos ao desenvolvimento (e, por conseguinte, à eventuais problemas em ciclos de desenvolvimento posteriores). Entrementes, a atuação do psicólogo neste contexto prima, fundamentalmente, a promoção de saúde e a prevenção de riscos sociais, através da psicoeducação das habilidades sociais, fomentando a emissão de respostas mais assertivas e / ou adaptativas ao meio em que estes adolescentes estão inseridos e fortalecendo fatores protetivos. Deste modo a presente proposta, que integra diferentes relatos de THS com adolescentes, se justifica devido à relevância das habilidades sociais no desenvolvimento de adolescentes e sua influência na saúde e qualidade de vida dos mesmos, levando em consideração às peculiaridades do contexto social em que estão inseridos. Ao se considerar que tais habilidades podem ser aprendidas em quaisquer fases do ciclo vital e em contextos diversos, são relevantes propostas de programas de treinamento dessas habilidades no contexto educacional, na medida em que ONGs e escolas constituem espaços privilegiados onde ocorrem um conjunto complexo de interações sociais. Ademais, esta proposta destaca-se também por tratar de grupos heterogêneos de adolescentes, sem um transtorno ou queixa específica, visando não apenas a resolução e/ou a prevenção de um problema, mas principalmente a promoção da saúde.

1) **RELATOS DE EXPERIÊNCIAS: PROGRAMAS DE HABILIDADES SOCIAIS COM ADOLESCENTES.**
Anelisa Vaz de Carvalho, Carmem Beatriz Neufeld, Carla Cristina Daolio e César Oscar Ornelas
Carla Cristina Daolio (FFCLRP-USP, Ribeirão Preto, SP).

Durante a infância e adolescência o desenvolvimento físico, cognitivo e psicossocial se processa mais intensa e expressivamente. Entrementes, as interações sociais são

concebidas como importante fator do desenvolvimento cognitivo e socioemocional, sendo que um repertório social empobrecido pode fomentar o aparecimento de sintoma ou transtornos psicológicos, contribuir para relações sociais restritas e conflitivas, bem como sinalizar problemas em ciclos posteriores do desenvolvimento. Nesta perspectiva, este trabalho se justifica devido à relevância das habilidades sociais no desenvolvimento de adolescentes e sua influência na saúde e qualidade de vida dos mesmos. Por sua vez, seu objetivo consiste em relatar a experiência de aplicação de um programa de Treinamento de Habilidades Sociais baseado na abordagem Cognitivo-Comportamental. Tal programa utilizou conhecimentos sobre Habilidades Sociais e Terapia Cognitivo-Comportamental visando promover saúde mental em crianças e adolescentes, minimizando fatores de risco e maximizando fatores de proteção ao desenvolvimento. O programa foi realizado em uma ONG (Organização Não Governamental) de atendimento à crianças e adolescentes de baixa renda de Ribeirão Preto, que oferece suporte social primando estimular a convivência e proteção à vulnerabilidade. Embora todos os adolescentes da ONG tenham sido convidados a participar do Grupo, somente participaram 18 adolescentes com idades entre 12 e 14 anos. Após anuência dos responsáveis, 10 adolescentes responderam o Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes -IHSA-Del-Prette. Além das sessões de pré-teste e pós-teste, realizou-se onze sessões, de frequencia semanal, de duração de 50 minutos, coordenadas por um terapeuta, um coterapeuta e um observador. As sessões seguiram, respectivamente, à seguinte estrutura temática: 1) Identidade e Regras do grupo; 2) Psicoeducação sobre habilidades sociais; 3) Direitos humanos, civilidade e empatia; 4) Psicoeducação sobre assertividade; 5) Treino de assertividade; 6) Psicoeducação sobre emoções; 7) Expressividade emocional e autocontrole; 8) Manejo de emoções; 9) Psicoeducação sobre modelo cognitivo; 10) Modelo cognitivo, distorções cognitivas e pensamentos alternativos; 11) Resolução de problemas. As sessões previram exposições orais dos temas pelos terapeutas, que eram ampliadas mediante a colaboração dos membros do grupo. Após as exposições eram realizadas distintas atividades de modo complementar (exibição de vídeos, teatros e atividades lúdicas correlatas). Utilizou-se, também, a técnica de Economia de Fichas, a fim de incentivar o cumprimento das regras (falar um de cada vez, respeitar, etc). Esta técnica mostrou-se eficaz e, de modo geral, o grupo quase sempre conseguia alcançar as pequenas premiações propostas. No que tange aos resultados, análises qualitativas evidenciaram melhorias no repertório social e comportamental dos adolescentes, sendo tais evidências sustentadas pela análise da progressão do grupo ao longo das sessões, feedbacks dos adolescentes, pais e funcionários da ONG: grande contingente apreendeu maioria dos conceitos, chegando a aplica-los no grupo; houve um expressivo e progressivo declínio de comportamentos agressivos, aumento de controle-emocional, da empatia e assertividade. Destaca-se ainda que o grupo foi considerado uma atividade atrativa para os adolescentes, contudo, a demanda foi além do programa: questões como sexualidade, educação e renda, prevaleciam. O programa não abrangia tais temas que parecem ser mais constituintes da realidade dos participantes, sugerindo que tais aspectos possam ser integrados em intervenções futuras.

Palavras-chave: Habilidades sociais, Adolescência, Promoção de saúde, Vulnerabilidade Social

2) ANALISANDO UM PROGRAMA DE PROMOÇÃO DE SAÚDE EM UMA INSTITUIÇÃO SOCIAL.

Saulo Valmor Batista, Saulo Valmor Batista, Katherine Godoi, Patrícia Pimenta Monteiro, Nayara Benedittini, Thalita Roque Martins e Carmem Beatriz Neufeld (FFCLRP-USP, Ribeirão Preto, SP).

O objetivo do presente estudo consiste em apresentar os resultados obtidos a partir da aplicação de um programa de promoção de saúde com base no modelo cognitivo em uma Instituição Social Não-Governamental. A literatura tem demonstrado que a educação não formal se caracteriza como uma área de conhecimento ainda em construção e, portanto, apresenta diversas lacunas. Pesquisas recentes apontam que as instituições têm oferecido

programas voltados para a profissionalização das crianças e adolescentes a fim de formar futuros trabalhadores ou realizam atividades pouco estruturadas com o intuito de ocupar os jovens para que estes não usem as ruas como substitutos deste período. Propostas com o intuito de desenvolver habilidades de vida e habilidades sociais são pouco aplicadas ou ainda não são aplicadas. Portanto faz-se importante prover programas de atendimento a crianças e adolescentes, pois como os estudos tem demonstrado, problemas de comportamento prejudicam as relações interpessoais, geram rejeição por pares e por adultos e normalmente são acompanhados de baixo desempenho acadêmico e queixas escolares. Além disso, as organizações não-governamentais são lugares propícios para a promoção destes programas devido a sua natureza interativa. Sabendo que Programas de Promoção de Saúde encontram-se entre as intervenções mais eficazes e freqüentemente utilizadas para a prevenção dos problemas psicológicos, esta pesquisa teve como objetivo a aplicação de um programa voltado para a melhoria da efetividade interpessoal, buscando ampliar o repertório de comportamento pró-sociais e ensinar valores humanos. A principal meta foi tornar as crianças mais competentes socialmente, melhorando a capacidade de articular pensamentos, sentimentos e ações. Participaram deste estudo 27 crianças com idades entre dez e doze anos que freqüentam uma instituição social não-governamental da cidade de Ribeirão Preto, sendo esta pesquisa desenvolvida ao longo do primeiro semestre do ano de 2012. Durante a intervenção, as crianças estavam divididas em dois grupos ficando um grupo com 14 participantes e outro grupo com 13 participantes. Foram realizadas 11 sessões com uma hora de duração, sendo trabalhados os temas: direito humanos, habilidades sociais, modelo cognitivo e resolução de problemas. Os participantes foram avaliados através de instrumentos de auto relato, sendo eles a Escala de Estress Infantil (ESI), o questionário Spence Children's Anxiety Scale (SCAS) e a Escala de Depressão Infantil (BDI-II). Apesar das dificuldades encontradas para motivar os participantes para participarem dos encontros e o grande agito motor de algumas crianças durante as sessões, os resultados encontrados sugerem efeitos positivos entre a pré e pós testagem da intervenção, mostrando-se, portanto, promissor para a promoção das habilidades sociais, da cognição social e do relacionamento entre as crianças.

Palavras-chave: Promoção de Saúde, Crianças, Instituição Não-Governamental

3) RELATO DE EXPERIÊNCIA DE TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS NO PROJETO ALUNO-MONITOR.

Cláudia Cabral da Costa (Secretaria de Estado da Saúde, Porto Velho, RO), Fábio Biasotto Feitosa (UFRO, Porto Velho, RO), Eduardo Sarmento de Rezende (UFRO, Porto Velho, RO) e Wagner Marques (Polícia Civil do Estado de Rondônia, Porto Velho, RO).

O Treino de Habilidades Sociais em grupos de adolescentes vem sendo amplamente motivado, principalmente devido aos resultados obtidos, os quais expõem a eficácia do método. O presente trabalho consiste em apresentar atividades realizadas por psicólogos voluntários entre 2010 e 2013 no Projeto Aluno-Monitor (PAM), com enfoque na promoção de habilidades sociais. O PAM, de autoria de Wagner Marques (servidor da Polícia Civil do Estado de Rondônia) e instituído pela própria Polícia Civil, possui dez anos de implantação e tem como objetivo capacitar alunos do ensino médio para o enfrentamento adequado de situações próprias da adolescência e do contexto social em que vivem. Por ser itinerante, o PAM atende duas escolas públicas por ano no município de Porto Velho – RO e conta com o apoio de diversas entidades civis e empresariais, incluindo o apoio da Polícia Civil do Estado de Rondônia. Desta forma, logo que uma etapa do projeto é concluída, os alunos do curso anterior acompanham, enquanto monitores, os alunos da próxima turma, gerando um ciclo de intercâmbio social e cultural enriquecedor. Os jovens recebem palestras educacionais, cursos profissionalizantes variados, participam de eventos comemorativos e festivos, recebem visitas domiciliares, acompanhamento familiar e educacional, são engajados para ingressar em programas de

estágios, entre outras atividades intersetoriais. Assim, o trabalho dos psicólogos visa à promoção de ações que contemplem habilidades sociais, proporcionando o fortalecimento de fatores protetivos, como o treino de respostas adequadas às demandas ansiogênicas típicas da adolescência, bem como potencializando as demais atividades realizadas no projeto. As diversas ações de treino de habilidades sociais incluem: psicoeducação, defender-se e dizer não em situações de risco, ensaio de assertividade, discussão sobre empatia, rodas de conversa sobre profissões, oficinas temáticas sobre drogas e cidadania, resolução de problemas, apresentar alternativas para lidar com estressores de vida, fortalecimento da autoeficácia e apresentações didáticas sobre a adolescência e os seus desafios. Os resultados, somados às demais atividades desenvolvidas durante o projeto, evidenciam a satisfação dos jovens ao serem contemplados pela iniciativa e isto se torna evidente conforme demonstram um melhor repertório comportamental, bem como argumentações mais coerentes em discussões, melhora no desempenho escolar, motivação para superar desafios, e a partir de relatos de familiares e educadores. Ao término de cada etapa do programa, os próprios adolescentes relatam sentir-se motivados em busca de melhores alternativas para lidar com situações críticas, como relacionamentos afetivos, estágios, escolha profissional, entre outras situações. Portanto, programas abrangentes de desenvolvimento social, ao serem inseridos no ambiente escolar, como a proposta do PAM, são capazes de estimular saúde e qualidade de vida aos beneficiados e têm seus resultados potencializados quando a promoção de habilidades sociais é inserida.

Palavras-chave: Habilidades sociais, Adolescência, Promoção de Saúde, Fatores protetivos

◗ 07 Mesa

HABILIDADES SOCIAIS NA ESTRATÉGIA DE SAÚDE DA FAMÍLIA: UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR.
Coordenadora: Célia Caldeira Fonseca Kestenberg (UERJ, RJ).

1) HABILIDADES SOCIAIS NA ESTRATÉGIA DE SAÚDE DA FAMÍLIA: PROPOSTA INTERDISCIPLINAR ATRAVÉS DO PET-SAÚDE.
Célia Caldeira Fonseca Kestenberg e Sandra Fortes (UERJ, RJ).

2) HABILIDADES SOCIAIS NA PROMOÇÃO DE SAÚDE BUCAL NA ESTRATÉGIA DE SAÚDE DA FAMÍLIA.
Elizabeth Santos Botelho (Centro Municipal de Saúde Professor Júlio Barbosa, RJ), Célia Caldeira Fonseca Kestenberg, Ângela Machado da Silva, Beatriz Faro Wanzeller, Thamyris da Silva Cruz e Jardel Galvão Silva (UERJ, RJ).

3) TRABALHANDO COM FAMÍLIAS EM CRISE NA ESTRATÉGIA DE SAÚDE DA FAMÍLIA.
Mariana Scardua (Centro Municipal de Saúde Nicola Albano, RJ), Angela Machado da Silva, Célia Caldeira Fonseca Kestenberg (UERJ, RJ), Elizabeth Santos Botelho, Flávia Sampaio, Renata Valle (Centro Municipal de Saúde Nicola Albano, Rio de Janeiro), Fabrício Glauber Suzano Maciel, Marcela Guimarães de Menezes e Jansen Fernandes (UERJ, RJ).

13h30m-15h30m

◗ Minicurso 07

HABILIDADES DE COMUNICAÇÃO DE MÁS NOTÍCIAS NA ÁREA DE SAÚDE USANDO PROTOCOLO SPIKES.
Alice Menezes, Daniela Tavares Pimenta, Sandra Fortes e Célia Kestenberg (UERJ, RJ).

A infância é uma etapa do desenvolvimento em que a aprendizagem de comportamento se dá de forma muito acentuada, dada à plasticidade comportamental, característica dessa etapa. No campo teórico-prático das Habilidades Sociais, admite-se que desenvolver habilidades sociais já na primeira infância pode contribuir para a promoção de competência social e minimização ou prevenção de problemas de comportamento. As habilidades sociais estão relacionadas a inúmeros indicador es de ajustamento psicossocial, como bom rendimento acadêmico, status social positivo, relações interpessoais positivas. Por outro lado, problemas de comportamento estão relacionados a uma diversidade de consequências negativas ao indivíduo e à sociedade, como transtornos psicológicos, delinquência juvenil, abuso de drogas, etc. Ainda que esforços na direção de prevenir problemas de comportamento, por meio da promoção de habilidades sociais sejam muito frequentes em outros países, principalmente na Europa e na América do Norte, na América Latina e, mais especificamente no Brasil, iniciativas desse tipo ainda são escassas e/ou incipientes. Estudos brasileiros com a população pré-escolar na área de habilidades sociais iniciaram na última década somente e os estudos disponíveis envolveram: validação de instrumentos de avaliação, análises comparativas entre relatos de pais e professores sobre comportamentos sociais de pré-escolares, caracterização e/ou intervenção em habilidades sociais educativas de pais de crianças com comportamentos-problema e variáveis relacionadas, estudo descritivo sobre agressividade e empatia; elaboração de materiais e recursos lúdicos para promoção de habilidades. Entretanto, foram encontrados somente dois estudos especificamente direcionados A intervenção em habilidades sociais. Programas de intervenção com a finalidade de promover habilidades sociais poderiam, portanto, serem elaborados a partir de revisão de programas já disponíveis em outros países e que tenham resultados efetivos. Outro passo importante para elaboração de programas de o levantamento, no país, de recursos de intervenção e de procedimentos de avaliação direcionados ou que possam ser adaptados a essa faixa etária. Dada importância de programas desse tipo, a disponibilidade de recursos de intervenção e procedimentos de avaliação disponíveis no Brasil e a ausência de estudos nessa área, o presente trabalho busca explorar possibilidades de programas de habilidades sociais para crianças em idade pré-escolar. Para tanto serão abordados brevemente pressupostos teóricos que fundamentam essas intervenções, tanto no campo das Habilidades Sociais, como na Psicologia do Desenvolvimento; apresentados recursos de intervenção disponíveis no contexto brasileiro e/ou utilizados em programas desenvolvidos em outros países, instrumentos e procedimentos de avaliação voltados para primeira infância e procedimentos e estratégias de intervenção e de manejo comportamental que podem ser adotadas em intervenções com pré-escolares, além de se abordar outras características como duração, intensidade e estrutura das sessões. Discute-se o status atual desse tipo de iniciativa no Brasil, necessidades de investimento e o que já¡ se tem produzido no contexto brasileiro que poderia ser facilmente transposto para programas de intervenção a serem implementados.

Palavras-chave: Programas de habilidades sociais, prevenção de problemas de comportamento, pré-escolares

Minicurso 08

SISTEMA DE AVALIAÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS (SSRS-BR): BASES TEÓRICAS, ESTUDOS PSICOMÉTRICOS, APURAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS.

Lucas Cordeiro Freitas (UFSCar, São Carlos, SP).

O Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais (SSRS-BR) é a versão brasileira adaptada do Social Skills Rating System (SSRS) (Gresham & Elliott, 1990), um instrumento originalmente norte-americano, que já foi submetido a estudos psicométricos em diferentes países, como

Alemanha, Eslováquia, Irã, Portugal, Noruega, Holanda e Porto Rico. O SSRS-BR é uma das medidas mais estudadas na literatura da área e mais frequentemente utilizadas para avaliar habilidades sociais de crianças em idade escolar. O SSRS-BR provê uma avaliação ampla, com múltiplos avaliadores - professores, pais e estudantes - sobre os comportamentos sociais da criança que podem afetar as relações professor-aluno, a aceitação por pares e o desempenho acadêmico. Compõe-se de três escalas padronizadas, com referência normativa, que podem ser usadas com alunos do ensino fundamental, do 1º ao 5º ano. O SSRS-BR registra a frequência percebida e a importância dos comportamentos que influenciam o desenvolvimento da competência social do estudante e o seu funcionamento adaptativo na escola e no ambiente familiar: as habilidades sociais, os problemas de comportamento e a competência acadêmica. O uso do SSRS-BR pode auxiliar pesquisadores e profissionais a identificar e classificar crianças com déficits em habilidades sociais e excessos de problemas de comportamento e a desenvolver intervenções apropriadas para as crianças identificadas. O SSRS-BR tem contribuído para a realização de estudos de avaliação multimodal do repertório social de diferentes grupos de crianças brasileiras, incluindo crianças com deficiência visual, deficiência auditiva, deficiência intelectual, autismo, dificuldades de aprendizagem, problemas de comportamento, crianças contaminadas por chumbo, dentre outras populações. As escalas vêm sendo utilizadas ainda em estudos de avaliação da efetividade de intervenções em habilidades sociais realizadas com pais de crianças com TDAH e com deficiência visual, bem como em intervenções envolvendo o treinamento direto com as próprias crianças em contexto escolar. Este mini-curso tem como objetivo apresentar as escalas do SSRS-BR e será constituído por quatro eixos principais de discussão: (1) Exposição de conceitos básicos do campo das Habilidades Sociais e de variáveis relacionadas ao desenvolvimento social na infância; (2) Apresentação dos estudos psicométricos realizados com as escalas do SSRS-BR; (3) Instruções de aplicação, apuração e interpretação dos resultados e (4) Implicações da avaliação para o treinamento de habilidades sociais com crianças.

Palavras-Chave: Habilidades sociais, problemas de comportamento, competência acadêmica

Minicurso 10

HABILIDADES DE COMUNICAÇÃO PARA INTERVENÇÕES PSICOSSOCIAIS NO ATENDIMENTO DE SAÚDE

Daniela Tavares Pimenta (UERJ/LIPAPS/RJ/BRASIL), Alice Menezes (UERJ/LIPAPS/RJ/BRASIL), Sandra Fortes (UERJ/FCM/RJ/BRASIL), Célia Kestenberg (UERJ/FACULDADE DE ENFERMAGEM/ RJ BRASIL)

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para os cursos de graduação na área da saúde, homologadas em 2001 pelo Ministério da Educação e Cultura, entre outras coisas, objetivam a formação de profissionais que estejam preparados para trabalharem em diversos cenários de atuação, atuarem em equipe multi e interdisciplinar, comunicarem-se adequadamente com paciente, família e equipe e estarem inseridos e comprometidos socialmente. Apesar de reconhecermos que vivemos em um mundo permeado e construído pela comunicação, ainda hoje somos induzidos a acreditar que as habilidades de comunicação interpessoais são inatas e/ou automáticas. No entanto, essas habilidades podem ser apreendidas e desempenhadas com maior ou menor qualidade, inclusive nas ações de cuidado dos profissionais de saúde. Habilidades de comunicação e interpessoais efetivas estão associadas a maior adesão ao tratamento e a melhores desfechos de saúde. Por outro lado, a presença de habilidades de comunicação não-eficientes propicia questões iatrogênicas e está associada a queixas e processos contra profissionais de saúde. Nesse sentido, ao compreendermos as habilidades

comunicacionais como componente essencial para ações de saúde com qualidade, propomos, um mini curso de capacitação com o objetivo de aperfeiçoar o desempenho das habilidades de comunicação com foco nas intervenções psicossociais para o atendimento na área de saúde. Serão apresentadas as seguintes modalidades de intervenção psicossocial: entrevista motivacional e terapia de resolução de problemas. A Entrevista Motivacional é uma técnica específica que auxilia o paciente a reconhecer e fazer algo a respeito de seus problemas. Ela atua na motivação do indivíduo e tem como instrumento a utilização de um modelo de mudança dinâmico - mecanismo da porta giratória. Esse esquema é fundamental para o profissional de saúde situar a fase em que se encontra o paciente, pois a estratégia de abordagem será diferenciada para cada uma delas. A Terapia de Resolução de Problemas tem como objetivo auxiliar o paciente na identificação de problemas como fator desencadeante do mal - estar psicológico; ensiná-lo a reconhecer recursos que possuem para abordar suas dificuldades; favorecer o aumento da percepção de controle diante de circunstâncias negativas; facilitar um método sistemático de superação de problemas e desenvolver com cada paciente uma estratégia de lidar com dificuldades no futuro Cabe ressaltar que a abordagem desse curso está baseada no programa "Entrevista Clínica e Comunicação Assistencial", há anos desenvolvido e utilizado na Universidade de Zaragoza (Espanha), e que preconiza uso de metodologias ativas, tais como: exposição dialogada, dramatização, dinâmicas, gravação de vídeo com discussão e feedback sobre o desempenho do aluno. Serão utilizados os seguintes recursos: data show, flipchart, canetas pilote câmera de fotografia/vídeo (esta oferecida pela equipe do curso). Público: serão oferecidas 12 vagas para profissionais de saúde interessados no tema, que deverão realizar a inscrição previamente. Caso haja a possibilidade de termos acesso aos e-mails dos inscrito previamente, a um interesse do curso em levantar alguns dados em relação ao perfil da turma e a expectativa dos temas a serem abordados com o objetivo de planejarmos uma atividade que considere as características desse grupo.

Palavras-Chave: habilidades de comunicação, capacitação, metodologias ativas

Minicurso 11

PROGRAMA DE HABILIDADES SOCIAIS PARA PRÉ-ESCOLARES: PLANEJAMENTO, AVALIAÇÃO, RECURSOS E ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO.

Talita Pereira Dias e Zilda A. P. Del Prette (UFSCar, São Carlos, SP).

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para os cursos de graduação na área da saúde, homologadas em 2001 pelo Ministério da Educação e Cultura, entre outras coisas, objetivam a formação de profissionais que estejam preparados para trabalharem e em diversos cenários de atuação, atuarem em equipe multi e interdisciplinar, comunicarem-se adequadamente com paciente, família e equipe e estarem inseridos e comprometidos socialmente. Apesar de reconhecermos que vivemos em um mundo permeado e construído pela comunicação, ainda hoje somos induzidos a acreditar que as habilidades de comunicação interpessoais são inatas e/ou automáticas. No entanto, essas habilidades podem ser apreendidas e desempenhadas com maior ou menor qualidade, inclusive nas ações de cuidado dos profissionais de saúde. Dar más notícias a pacientes e familiares em unidades de saúde é uma das tarefas mais difíceis e importantes que as equipes de saúde enfrentam. Entretanto, muitos profissionais ainda carecem de preparo adequado para lidar com isso. Porém, muitos estudos demonstram que uma educação focada no desenvolvimento da habilidade em comunicar más notícias pode minimizar essa lacuna. Sabe-se que as principais dificuldades na comunicação de notícias dolorosas relacionam-se a: preocupação em como notícia afetará o paciente/familiar; receio de causar dor a outro ou sentir-se culpado; receio de falha terapêutica, de problema judicial, do

desconhecido, de dizer “não sei” e até mesmo de expressar as próprias emoções em relação àquela situação. Por compreender as habilidades comunicacionais como componente essencial para ações de saúde com qualidade, propomos, um breve curso de capacitação com o objetivo de treinar a comunicação de más notícias por meio do uso do protocolo SPIKES. Esse protocolo está organizado numa sequência de seis passos denominados de acordo com as iniciais: Setting – Perception – Invitation – Knowledge - Explore emotions - Strategy and Summary. Os passos envolvem: cuidado com o ambiente/local onde será comunicada a notícia; percepção das condições emocionais e cognitivas do paciente para receber a notícia; convite à conversa e troca de informações; apresentação de opções e alternativas de tratamento, conhecimento e exploração das emoções e sentimentos que podem surgir neste encontro; e síntese e finalização da comunicação. Espera-se que, ao seguir esses passos, a comunicação flua melhor, o laço médico-equipe de saúde seja fortalecido, o paciente obtenha melhores resultados no seu tratamento. Em termos de abordagem didática, serão usadas metodologias ativas, tais como: exposição dialogada, dramatização, dinâmicas, gravação de vídeo com discussão e feedback sobre o desempenho do aluno. Serão utilizados os seguintes recursos: data show, flipchart, canetas pilote câmera de fotografia/vídeo (esta oferecida pela equipe do curso). Público: serão oferecidas 12 vagas para profissionais de saúde interessados no tema. Caso haja a possibilidade de termos acesso aos e-mails dos inscrito previamente, a um interesse do curso em levantar alguns dados em relação ao perfil da turma e a expectativa dos temas a serem abordados com o objetivo de planejarmos uma atividade que considere as características desse grupo.

Palavras-Chave: habilidades de comunicação, capacitação, metodologias ativas

15h30m-16h .....

- Intervalo
- Sessão de painéis 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 38, 39, 41, 42, 43 e 44

16h-17h30m .....

- 09 Sessão de comunicação livre

CL41 - IMPLANTAÇÃO DE UM PROGRAMA INSTITUCIONAL DE DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS EM UM GRUPO EDUCACIONAL PRIVADO.
Fernanda Rossetto Prizibela e José Francisco MalucelliKlas (Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus, Departamento de Saúde Escolar, Curitiba, PR).

O objetivo do presente trabalho é ensinar aos alunos da Educação Infantil ao 8.º ano técnicas, estratégias e formas de refletir envolvendo as principais habilidades sociais necessárias para cada faixa etária, uma vez que as evidências científicas apontam que crianças que desenvolvem um amplo repertório dessas habilidades terão maior probabilidade de estabelecer relações sociais mais saudáveis, tornando-se, no futuro, menos vulneráveis a transtornos emocionais, incluindo o abuso de substâncias psicoativas. Para atingir esse objetivo, a equipe multidisciplinar do Departamento de Saúde Escolar (DSE) de um grupo educacional privado, implantou o Programa Institucional de Desenvolvimento de Habilidades Sociais a partir de 2012. Inicialmente, os professores da Educação Infantil ao 8.º ano do Ensino Fundamental receberam capacitação teórico-prática e permanecem em educação continuada envolvendo as

técnicas de desenvolvimento das referidas habilidades de forma a serem os multiplicadores para seus alunos. Para o trabalho a ser realizado pelos professores com os alunos, a equipe do DSE elaborou materiais e atividades específicas para cada faixa etária, envolvendo uma ou mais das seguintes habilidades: utilizar locuções apropriadas em diversos contextos; identificar estratégicas de aproximação para fazer amizades; seguir passos para a solução de problemas; compreender a importância de respeitar a diversidade; identificar sentimentos; responder apropriadamente a críticas ou provocações; aprender a lidar com as pequenas frustrações do cotidiano; enfrentar apropriadamente situações de agressão física ou verbal direcionada a si ou ao outro, incluindo bullying; compreender a importância das regras sociais; acalmar-se diante de situações de estresse; comunicar-se de forma assertiva, incluindo o uso de mensagens na primeira pessoa; utilizar estratégias de recusa, inicialmente direcionadas ao tabaco, diminuindo o espaço para a pressão dos pares a que os adolescentes podem estar sendo expostos; entre outras. Concomitante ao trabalho realizado pelos professores com os alunos, os pais ou o responsável pelo aluno participaram do programa por meio de palestras e de textos esclarecendo o conceito de Habilidades Sociais; reforçando a importância do seu desenvolvimento desde a infância; explicando as técnicas aplicadas com os alunos; sugerindo intervenções e chamando a atenção para os sinais de alerta que possam identificar quais habilidades estão pouco desenvolvidas na criança e no adolescente e que podem prejudicar a sua interação social. Tendo em vista a dificuldade de mensurar quantitativamente os resultados, foram feitas avaliações qualitativas com os professores e avaliações do uso das técnicas pelos alunos. A avaliação dos dados qualitativos demonstrou que os professores aprovaram o programa, compreenderam seus fundamentos, perceberam a importância de aplicar as técnicas no cotidiano, identificaram que ao utilizarem-nas obtiveram resultados positivos e perceberam que os alunos assimilaram o conteúdo, por tempo relativamente prolongado. Conclui-se que é necessário implantar e manter Programas de Desenvolvimento de Habilidades Sociais direcionado aos professores, pais e alunos, uma vez que são exequíveis e mostram resultados positivos.

Palavras-chave: Habilidades Sociais, Programa, Grupo Educacional

CL31 - HABILIDADES SOCIAIS DE CRIANÇAS ADOTADAS: IMPACTO DAS REAÇÕES DOS PAIS ÀS EMOÇÕES NEGATIVAS DOS FILHOS.

Joana Lara Soares, Maria Barbosa-Ducharne e Marta Moreira (FPCEU, Porto, Portugal).

A família é o primeiro contexto de socialização da criança. As interações pais-criança são fundamentais no desenvolvimento socio-emocional, promovendo a aquisição de habilidades sociais e facilitando a regulação emocional. Em particular, a forma como os pais respondem às emoções negativas dos filho s influencia a própria capacidade da criança para lidar com os seus estados emocionais, bem como com as emoções dos outros. Os pais que recorrem a estratégias construtivas para lidar com a expressão de emoções negativas dos filhos fomentam o desenvolvimento de estratégias de coping adaptativas, promovem a regulação emocional e contribuem para o desenvolvimento social e emocional dos seus filhos. O objetivo deste estudo é analisar o impacto das reações parentais às emoções negativas da criança no desenvolvimento da competência social, junto de crianças adotadas. O estudo da competência social em crianças adotadas assume importância capital por vários motivos: 1) as crianças adotadas são crianças com um passado de adversidade, que cresceram, muitas vezes, fora de um contexto familiar, ou numa família incapaz de a estimular, responder às suas necessidades e promover a socialização; 2) com frequência não foram os pais os primeiros agentes de socialização, mas esse papel foi desempenhado por pares, outras crianças institucionalizadas; 3) são crianças que, pelo seu passado, têm acentuadas dificuldades emocionais, nomeadamente de compreensão

e de regulação das emoções; 4) o seu desenvolvimento é pautado por diversas transições ecológicas que exigiram a estas crianças, que durante o seu desenvolvimento, fossem adotando comportamentos socialmente específicos em função dos diversos contextos onde foram sendo integradas; 5) com a adoção são integradas numa nova família e têm oportunidade de construir novas relações de vinculação. Participaram neste estudo 80 pais e mães por adoção, com crianças entre os 8 e os 10 anos de idade. Os participantes foram contatados pelos serviços de adoção que tinham acompanhado o seu processo e, questionados sobre a disponibilidade de participação voluntária no estudo, assinaram declarações de consentimento informado, no respeito das normas éticas da investigação com famílias que adotaram. Os dados foram recolhidos em casa no contexto de uma entrevista, através da resposta ao Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais (Social Skils Improvement System de Elliott & Gresham, 2008) para avaliação da competência social da criança e pela aplicação do CCNES (Coping with Children´s Negative Emotions Scale de Fabes, Eisenberg, & Bernzweig, 1990) para aceder às reações dos pais às emoções negativas dos filhos. Os resultados mostram associações significativas entre as habilidades sociais da criança adotada e o coping parental às suas emoções negativas. As reações parentais focadas na emoção predizem significativamente as habilidades sociais da criança; as reações parentais negativas predizem problemas de comportamento na criança. Estes resultados vêm contribuir para a compreensão dos processos inerentes ao desenvolvimento da competência social em crianças adotadas com um passado de adversidade.

Palavras-chave: Habilidades sociais, coping com emoções negativas, crianças adotadas

CL10 - CONSTRUINDO CAMINHOS: ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO EDUCACIONAL NA EDUCAÇÃO PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE DUQUE DE CAXIAS

Marcia Cristina Monteiro e Eliane Taveira (Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias, RJ).

O conhecimento psicológico no âmbito da educação é registrado desde o período colonial com o trabalho dos Jesuítas e a estruturação de um projeto educacional no Brasil. Estudos realizados no âmbito da Psicologia Escolar e Educacional relatam a atuação desses profissionais no contexto das escolas públicas e particulares, fornecendo dados relevantes sobre sua prática. O percurso da Psicologia Educacional ao longo do tempo no Município de Duque de Caxias tem sido a de mediar conhecimentos construídos na Psicologia que alicerçam o processo de aprendizagem e desenvolvimento. As concepções teórico-metodológicas que norteiam a prática profissional são diversas, conforme as perspectivas da Psicologia enquanto área de conhecimento, visando compreender as dimensões subjetivas do ser humano. Este trabalho pretende contribuir com informações sobre o percurso da prática de psicólogos que atuam na rede pública de ensino do Município de Duque de Caxias, relatando experiências com as equipes das unidades escolares, buscando resignificar encaminhamentos de alunos para atendimento na área da saúde e construindo vínculos entre o psicólogo e a equipe escolar. Pretende ainda instrumentalizar docentes para que estes possam implementar ações concretas de intervenção junto as para dificuldades de aprendizagem, fortalecendo a relação do educando com a aprendizagem. A importância das habilidades sociais para a qualidade de vida de crianças e adolescentes é crucial na sociedade com tantos desafios e demandas. O trabalho tem início com um contato prévio com a equipe da escola. A unidade escolar seleciona os professores e turmas participantes da atividade. São realizados encontros quinzenais com os docentes para planejamento e visitas semanais às turmas para acompanhamento, tendo o objetivo de desenvolver classes de habilidades sociais de asserção, responsabilidade, empatia, autocontrole e participação. Este modelo de atuação do Psicólogo Educacional demonstrou que as ações docentes em sala de aula transformam-se quando o professor tem oportunidade de aprender e refletir sobre sua prática e de conhecer como seu desempenho em sala de aula

devidamente conduzido pode contribuir para a mudança de comportamento dos alunos, lhes proporcionando qualidade de vida.

Palavras-chave: intervenção, educação, prática

CL21 - ESTUDIO BIBLIOMÉTRICO DE INSTRUMENTOS PSICOMÉTRICOS DE EVALUACIÓN DE HABILIDADES SOCIALES EN LATINOAMÉRICA.

Valeria Morán (Universidade Nacional de Córdoba, Córdoba, Argentina).

El estudio de las habilidades sociales es uno de los campos de la psicología que presenta importante crecimiento a partir de sus comienzos. Investigaciones sobre las tendencias de producción en esta área han revelado que en los últimos diez años ha habido un crecimiento notorio en la productividad teórica, y, fundamentalmente, empírica sobre la temática en la región. La evaluación de las habilidades sociales ha sido una rama de este ámbito que ha sido ampliamente explotada a nivel internacional, siendo España uno de los países con mayor desarrollo en escalas de HHSS. El objetivo del presente trabajo fue realizar un estudio bibliométrico sobre la producción en América Latina de instrumentos psicométricos (inventarios, escalas y cuestionarios) de evaluación de las habilidades sociales, competencia social, asertividad y autoeficacia social. Se analizaron 37 estudios instrumentales recabados de publicaciones en revistas, tesis, y, anales y resúmenes de congresos en el periodo 1990-2013. Para la búsqueda se consultaron bases de datos y directorios especializados. Los indicadores estudiados fueron productividad, índice de colaboración y análisis de materias. Con respecto a la productividad, se encontró que los años de mayor producción son 2009 y 2003, y los países que más trabajos han realizado son Brasil y Argentina. Los estudios se encuentran distribuidos en diversos grupos de investigación, y solo pocos autores concentran más de un artículo bajo su firma. Referido a la colaboración, existe una tendencia a trabajar en grupos reducidos de dos o tres autores, la cual se ha mantenido a lo largo del periodo estudiado. Finalmente, el análisis de materias mostró que el constructo más evaluado es h abilidades sociales y los estudios se realizan especialmente con poblaciones de niños y estudiantes universitarios. Con respecto a las características de los instrumentos analizados, la modalidad de administración empleada en mayor medida fue la de autoinforme. Sobre los estudios psicométricos realizados, la mayoría empleó pruebas de confiabilidad y validez, evaluando en gran parte, la validez de constructo. Estos resultados permiten concluir que el crecimiento de la producción a nivel teórico y de investigación empírica sobre las habilidades sociales, también se acompaña de un desarrollo paralelo importante del repertorio instrumentos de evaluación disponibles para garantizar la cientificidad de los resultados de los estudios realizados, así como también contar con confiabilidad y validez en la estimación de la eficacia de dispositivos de entrenamiento.

Palavras-chave: Recursos, instrumentos y procedimientos de evaluación de habilidades sociales

CL5 - PAPO FEDERAL: UMA EXPERIÊNCIA DE INTERVENÇÃO COM ADOLESCENTES.

Amanda Chaves Moreira Cangussu (PUCMG, Montes Claros, MG) e Alana Mendes da Silva (IFNMG, Campus Montes Claros, MG)

A população de jovens e adolescentes no Brasil, 54 milhões de habitantes na faixa etária de 10 a 24 anos de idade, representa 30,3% da população nacional. Neste sentido, é relevante desenvolver trabalhos relacionados à educação e socialização dessa parcela da população exposta a riscos e relações de vulnerabilidade, uma vez que o comportamento do ser humano é desenvolvido em grande parte dentro do ambiente social em que vive, devendo este ser compatível com o que é exigido socialmente. Tendo a escola um papel abrangente na educação,

socialização e conscientização, o projeto “Papo Federal”, a que se refere este trabalho, objetivou trabalhar questões da adolescência, no sentido de orientar e desenvolver comportamentos habilidosos para o relacionamento interpessoal dos adolescentes, que inclui o contato visual, a expressão facial, a maneira de verbalização, bem como estimular a autonomia, argumentação, a capacidade crítica e cooperação dos alunos envolvidos. O trabalho foi realizado dentro da perspectiva de intervenção de trabalho com grupos através de oficinas em dinâmicas de grupo, considerando que esta metodologia possibilita uma reflexão integrada ao pensar, ao sentir e culmina na ação. As oficinas aconteceram quinzenalmente, totalizando sete encontros de duas horas cada que ocorreram após a assinatura do termo de consentimento por um de seus responsáveis. O público-alvo do “Papo Federal” foi adolescentes dos cursos técnicos integrados ao ensino médio do IFNMG – Campus Montes Claros. No decorrer das atividades desenvolvidas, foram obtidos resultados positivos com os adolescentes, o que ficou claro com o avançar dos encontros, na medida em que houve mudanças de comportamentos e habilidades na convivência grupal. Além disso, observou-se que com a estimulação das habilidades sociais, houve um avanço no que diz respeito à inclusão dos sujeitos participantes ao grupo, sendo que alguns alunos que a princípio apresentavam comportamento de afastamento do grupo conseguiram se incluir ao meio. A cooperação, o respeito à opinião dos outros, a capacidade crítica e o direito de expressar suas opiniões certamente foram situações imprescindíveis para que houvesse esse avanço de inclusão no grupo. Diante destas evoluções observadas, concluiu-se que o projeto atingiu o objetivo de trabalhar as habilidades sociais dos adolescentes a partir do momento que possibilitou a estes expressar sentimentos, atitudes, desejos, opiniões, direitos e incentivo u o respeito ao direito do outro. Inevitavelmente, quando se trabalhou as habilidades sociais dos alunos, também se trabalhou a autoestima dos mesmos de forma positiva, uma vez que esta aumenta quando o sujeito tem atitudes compatíveis com o que acredita ser correto, gerando satisfação. Ao final do trabalho, com o grupo de adolescentes com bons resultados alcançados, vale reafirmar a importância de pensar intervenções que considerem o sujeito enquanto ser social que precisa se desenvolver para estabelecer relações saudáveis nos grupos em que está inserido.

Palavras-chave: Adolescente, habilidades sociais, autoestima

10 Sessão de comunicação livre

CL35 - GRAFFITI: CRIAÇÃO E SOCIABILIDADE.

Anita Rink e Marsyl Mettrau (Universo, Niterói, RJ).

Este estudo investiga as interações sociais e materiais dos grafiteiros no meio urbano que ressoam no ciberespaço e possibilitam a criação de novas formas de relações sociais. Isto significa que estes atores têm desenvolvido habilidades sociais relacionadas à emoção, inteligência e á capacidade de percepção de novas situações interpessoais. A literatura existente não permite relacionar os grafiteiros ao ciberespaço ou às suas habilidades de construção de laços sociais. Esta investigação apresenta importantes e novos conteúdos relacionados a estas habilidades sociais dos grafiteiros. Temos como objetivo compreender, além de determinadas habilidades sociais desenvolvidas pelos grafiteiros, as produções artísticas e as interferências da grafitagem na cultura. A hipótese é que relações de empatia podem ser estabelecidas por meio da exibição dos graffitis feitos no ambiente urbano em redes sociais do ciberespaço. Uma vez que o comportamento social é influenciado por sentimentos e cognição, pode ser continuamente elaborado por meio dos relacionamentos no ciberespaço. Ao se usar os meios tecnológicos para contato interpessoal, são necessários ao sujeito afeto e cognição que são revelados pelas releituras apresentadas no ciberespaço, fruto dos movimentos circulares do graffiti entre o mundo virtual e o geográfico. Por meio deste estudo, buscou-se verificar como as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) são utilizadas pelos grafiteiros. O objeto da

pesquisa é a produção de graffiti vista pela perspectiva das habilidades sociais, e as categorias de análise são: ciberespaço, criatividade e empatia. Em uma perspectiva histórico-social e transdiciplinar, a investigação se pautou em uma metodologia etnográfica e fotoetnográfica. Os dados foram colhidos mediante anotações de campo, fotografias e uma entrevista de 'Grupo Focal' semi-estruturada focada no problema. A entrevista contou com a assinatura do termo de consentimento livre esclarecido por parte dos participantes, 4 grafiteiros do sexo masculino. O exame interpretativo dos dados se deu pela Análise do Discurso. Nossos resultados apontam para novos aspectos relacionados às habilidades sociais dos grafiteiros, que, por meio das redes sociais constroem, renovam e dinamizam suas relações sociais. A pesquisa ainda demonstra como os grafiteiros inventam, criam e produzem novas formas de sociabilidade pela captação do graffiti e publicação no ciberespaço. O estabelecimento de formas de sociabilidade entre grafiteiros e cibernautas tem se constituido pela construção de novos símbolos sociais apoiados na execução e compartilhamento virtual da arte de rua. Pôde-se constatar ainda, que embora exista uma forte pressão social e ideológica sobre os indivíduos e, consecutivamente, os participantes da pesquisa, estes não estão contidos nas circunstâncias culturais como meras máquinas, já que grafiteiros alem de produzirem intervenções na cidade de diversos tipos, utilizam as TICs para ressignificar suas marcas urbanas e seus relacionamentos interpessoais, fazendo com que suas criações transitem no imaginário urbano, e ao mesmo tempo em ambiente virtual. Nossos resultados indicam, portanto, que estes atores sociais produzem linguagens criativas, estéticas e políticas; e suas múltiplas formas de relações se estabelecem pela empatia que ocorrem nos ambientes urbanos e no ciberespaço, e, com isso, colaboram com a ampliação de formas relacionadas a sociabilidade e a construção cultural.

Palavras-chave: Graffiti, Habilidade Social, Ciberespaço

CL36 - GRAFFITI EM AÇÃO.

Anita Rink e Marsyl Mettrau (Universo, Niterói, RJ).

Atualmente grafiteiros participam de novas redes de diálogos com a sociedade e, por meio deste estudo, também com a academia. O objetivo deste vídeo é fazer uma devolução aos atores sociais participantes da pesquisa "Graffiti: os muros da Imaginação Urbana" dos resultados de sua participação. Este estudo investiga as novas produções de sentidos feitas por estes atores. O objeto da pesquisa é o graffiti enquanto produção artística e as categorias de análise que se conectam aos objetivos são: status quo, intervenção urbana e criatividade. Os participantes selecionados para o estudo são 4 grafiteiros da cidade de Niterói e São Gonçalo. Este vídeo apresenta imagens do percurso desta pesquisa de metodologia etnográfica e fotoetnográfica, que coletou dados no campo a partir de fotos, filmagens, anotações de campo e de uma entrevista de "Grupo Focal" centrada no seguinte problema: verificar se a estética do graffiti vem contribuindo para a criação de discursos e narrativas que desestabilizam o status quo. As análises dos dados foram feitas através da análise do discurso. As imagens do vídeo apresentam alguns materiais produzidos na pesquisa, em que foram selecionados aqueles que representavam as interações sociais e materiais dos grafiteiros em diversas localidades no Rio de Janeiro, seus arredores e Niterói (Favela do Sabão). Para a produção do documentário utilizou-se tecnologias disponibilizadas pelo Windows Movie Maker, em edição feita pelo pesquisador. Sendo assim, não se contabilizou custos, por serem ínfimos. O vídeo não mostra nenhum dos participantes frontalmente, por isso, não fere o sigilo da pesquisa, que contou com a assinatura do termo de consentimento livre esclarecido por parte dos participantes. O vídeo tem a duração de 03 minutos e 03 segundos e a escolha deste formato como devolução aos participantes se dá uma vez que os resultados revelam que os atores se utilizam do ciberespaço como estratégia

para divulgação de suas intervenções urbanas. O que faz desta devolutiva em formato de vídeo uma forma adequada de inserir socialmente alguns dos resultados provenientes da pesquisa, apresentados de modo sucinto, em pequenos textos ilustrativos ao longo do documentário. Os resultados sugerem que estes atores inventam modos de ação, de linguagem e de comunicação em sintonia entre eles, a partir de suas habilidades sociais; com a materialidade urbana, sua arquitetura e seus muros, por vezes em estado precário de conservação, transformados pela estética artística; e com os acontecimentos sociais, colaborando na construção cultural e na produção de subjetividade no imaginário local. A relevância do vídeo se evidencia pelo fato de apresentar resultados de uma pesquisa acadêmica que revela como grafiteiros resignificam e conectam espaços urbanos e comunitários gerando inúmeras contribuições para a sociedade.

Palavras-chave: Graffiti, Criatividade, Habilidades Sociais

CL44 - PSICÓLOGO DESPORTISTA NO CONTROLE EMOCIONAL DO ATLETA: UM TREINAMENTO EM HABILIDADE SOCIAL.

Jane Guimarães Felizardo e Marsyl Bulkool Mettrau (Universo, Niterói, RJ).

Esse estudo objetiva contribuir para um melhor relacionamento intra e interpessoal dentro do ambiente esportivo que por si só já é competitivo. De caráter qualitativo tem como objetivo geral verificar como o psicólogo desportista, através de uma habilidade social, pode melhor intervir no controle emocional do atleta para que consiga obter bons resultados durante a carreira do competidor. O específico é indicar a importância a do controle emocional para a saúde física e mental do atleta. O instrumento da pesquisa foi uma entrevista semiestruturada criada especificamente para esse estudo que teve a duração de 40 minutos, foi filmada, gravada e fotografada e teve o consentimento de todos os participantes, que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os dados coletados foram categorizados, transcritos e organizados em três eixos específicos de análise a saber: o papel do psicólogo desportista, a relevância do controle emocional na vida do atleta e como isso o influencia no seu desempenho. Esta pesquisa foi realizada no município do Rio de Janeiro, com a participação de 6 sujeitos de ambos os sexos, sendo a faixa etária adulta de 18 a 33 anos e de diferentes modalidades esportivas com atuação individual, sendo: um atleta do judô, dois atletas de ambos os sexos dos saltos ornamentais e duas atletas da modalidade ginástica rítmica. A amostra teve como pré-requisito serem participantes brasileiros que durante a sua carreira esportiva conseguiram obter, pelo menos, uma classificação entre os primeiros e terceiros lugares em Campeonato Nacional e ou Internacional. Os resultados, ainda parciais; indicam que todos os atletas relatam que o controle emocional tem importância significativa nas suas vidas, principalmente no momento da competição que requer muita concentração e calma, além da destreza de movimentos. Não basta o melhor treinamento com a melhor tática e técnica, pois o aspecto emocional também precisa ser abordado, uma vez que, estão em plena interação social sendo necessário primeiro ter domínio sobre si mesmo para depois tentar interagir com o outro. Os entrevistados alegam que o psicólogo desportista é o profissional mais habilitado para ensiná-los a dominar os seus próprios nervos, aprendendo assim uma habilidade social na vivência diária com o outro. Em relação ao desempenho do competidor, eles associam ter um bom desempenho quando conseguem uma boa colocação no ranque das competições e isso independe de ter conseguido uma medalha. Esse estudo vem ampliar e corroborar outras pesquisas relacionadas ao aprendizado de uma habilidade social e como isso pode influenciar na qualidade de vida psicoemocional de um ser humano.

Palavras-chave: controle emocional, atleta, habilidade social.

CL19 - HABILIDADES SOCIAIS EM PRESBÍTEROS.

Cristiane Oliveira dos Santos, Silvia Maria Matias Leite Lopes e Maria Luiza Pontes de França-Freitas (Faculdade Estácio de Sergipe, Aracaju, SE).

Na literatura científica da área das habilidades sociais são encontrados estudos sobre o repertório dessas habilidades de profissionais de diversos campos de atuação, principalmente daqueles que trabalham no âmbito da saúde e educação. No entanto, apesar das várias publicações, não são encontradas pesquisas empíricas que tratem dessa temática em relação à população de presbíteros, mesmo esses sendo profissionais que também se dedicam ao orientar e cuidar do outro. Diante disso, este trabalho teve como objetivo caracterizar o repertório de habilidades sociais em presbíteros. A amostra desta pesquisa foi composta de 60 presbíteros com idade média de 41 anos (DP = 11,08) variando de 26 a 78 anos. O número de anos em que esses indivíduos exercem a profissão de presbítero variou de 1 a 50 anos (M = 12, DP = 10,76). Os participantes responderam ao Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del Prette) e ao Questionário sociodemográfico. As análises realizadas para caracterização do repertório de habilidades sociais dos presbíteros forneceram o número de sujeitos e percentagem distribuídos entre os intervalos percentis (Abaixo de 50, 51 a 75 e 76 a 100) para o escore geral e subescalas de habilidades sociais. Os resultados indicaram que a maioria dos presbíteros apresentou escores acima da média (percentil de 51 a 100) no escore geral (58,3%), bem como nas subescalas Enfrentamento e Autoafirmação com Risco (53,4%), Autoafirmação na Expressão de Sentimento Positivo (60,2%) e Conversação e Desenvoltura Social (58,3%). No entanto, referente às subescalas Autoexposição a Desconhecidos e Situações Novas (57,3%) e Autocontrole da Agressividade (55,5%) foi verificado um quantitativo maior de presbíteros com escores abaixo da média (abaixo de 50). A partir desses resultados verificou-se que a maioria dos presbíteros apresentou níveis médios e altos em quase todas as subescalas de habilidades sociais, ou seja, um repertório elaborado de habilidades sociais, o que pode contribuir para enfrentamento das demandas diárias de interação presentes na profissão dos mesmos. Todavia, os resultados encontrados em relação às subescalas de Autoexposição a Desconhecidos e Situações Novas e Autocontrole da Agressividade evidenciam a possível necessidade de intervenção com essa população específica para que, assim, possam apresentar relações interpessoais m ais produtivas e satisfatórias e duradouras. Destaca-se que a profissão de presbítero tem como demanda o exercício das habilidades sociais em suas atividades diárias em situações de exposição constante ao outro sendo necessário o desenvolvimento da habilidade de autoexposição. Além disso, ao desenvolver a habilidade de Autocontrole da Agressividade, os presbíteros podem ter maior controle de suas reações emocionais, como, por exemplo, raiva em momentos de tensão durante uma interação. Conclui-se que o presente estudo pode contribuir com informações relevantes a respeito das habilidades sociais em presbíteros, que podem ser utilizadas para novas discussões acadêmicas, uma vez que estudiosos tem justificado e estimulado o investimento em pesquisas no campo das habilidades sociais com diferentes populações e contextos de atuação profissional. Essas informações também podem ser utilizadas para propor possíveis intervenções educativas na formação desses profissionais com o objetivo de aprimorar seu repertório de habilidades sociais necessário para o exercício da profissão.

Palavras-chave: habilidades sociais, presbíteros, caracterização

CL15 - O CONTROLE EMOCIONAL DO ATLETA NO ESPORTE BRASILEIRO.

Jane Guimarães Felizardo (Universo, Niterói, RJ)

Esse estudo objetiva contribuir para um melhor relacionamento intra e interpessoal dentro do ambiente esportivo que por si só já é competitivo. De caráter qualitativo tem como objetivo geral observar como o psicólogo desportista através de uma habilidade social pode melhor intervir

no controle emocional do atleta para que consiga obter bons resultados durante a carreira do competidor e o específico é identificar a importância do controle emocional para a saúde física e mental do atleta. O instrumento da pesquisa foi uma entrevista semiestruturada criada especificamente para esse estudo. A mesma teve duração de entorno de 40 minutos, a qual foi filmada, gravada e fotografada com o consentimento de todos os participantes, onde os mesmo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, por se tratar de uma pesquisa realizada com pessoa. Os dados coletados foram categorizados, transcritos e organizados em três eixos específicos de análise a saber: o papel do psicólogo desportista, a relevância do controle emocional na vida do atleta e como isso o influencia no seu desempenho. Esta pesquisa foi realizada no município do Rio de Janeiro, com a participação de 6 sujeitos de ambos os sexos, sendo a faixa etária adulta de 18 a 33 anos e de diferentes modalidades esportivas com atuação individual, sendo um atleta do judô, dois atletas de ambos os sexos dos saltos ornamentais e duas atletas da modalidade ginástica rítmica. A amostra teve como pré-requisito participantes brasileiros que durante a sua carreira esportiva conseguiram obter, pelo menos, uma classificação entre os primeiros e terceiros lugares em Campeonato Nacional e ou Internacional. Através das análises das entrevistas pode-se perceber que todos os atletas relatam que o controle emocional tem importância significativa nas suas vidas, principalmente no momento da competição que requer muita concentração e calma, além da destreza de movimentos e só os que conseguem separar a emoção da razão, conseguem ter o melhor desempenho. Não basta o melhor treinamento com a melhor tática e técnica, o aspecto emocional também precisa ser abordado, uma vez que, estão em plena interação social sendo necessário primeiro ter domínio sobre si mesmo para depois tentar interagir com o outro, conviver harmoniosamente é necessário e bem vindo. Os entrevistados alegam que o psicólogo desportista é o profissional mais habilitado para ensiná-los a domar os seus próprios nervos, aprendendo assim uma habilidade social na vivência diária com o outro. Em relação ao desempenho do competidor, eles associam ter um bom desempenho quando conseguem uma boa colocação no ranque das competições e isso independe de ter conseguido uma medalha. Esse estudo vem ampliar e corroborar com outras pesquisas relacionadas ao aprendizado de uma habilidade social e como isso pode influenciar na qualidade de vida psicoemocional de um ser humano, independente de sua profissão.

Palavras-chave: controle emocional, atleta, interação social.

11 Sessão de comunicação livre

CL17 - AVALIAÇÃO DO REPERTÓRIO SOCIAL E DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS PARENTAIS DE CRIANÇAS INTOXICADAS POR CHUMBO.

Denise Dascanio (UNIP, Bauru, SP) e Zilda A. P. Del Prette (UFSCar, São Carlos, SP).

As relações entre pais e filhos e sua influência no desenvolvimento socioemocional e cognitivo de crianças acarretam um crescente questionamento sobre o papel dos pais na educação de seus filhos, investigado sob diferentes perspectivas. Nesse sentido, pesquisar as estratégias educativas parentais utilizadas na interação com seus filhos, em situação de risco, como no caso de crianças contaminadas por chumbo, pode ampliar a compreensão sobre o possível impacto da plumbemia no relacionamento familiar. Considerando a revisão de literatura que associa plumbemia, bem como práticas parentais coercitivas e/ou negativas, a problemas de comportamento, pode-se supor que as duas condições, quando presentes na mesma família, estariam relacionadas a mais problemas de comportamento nesse grupo, em comparação com grupos expostos somente a práticas parentais coercitivas ou a contaminação por chumbo. Pode-se supor, também, que crianças expostas ao chumbo, mas em famílias com práticas parentais

indutivas/positivas, teriam menos problemas de comportamento em comparação às crianças também expostas, mas em famílias sem esse perfil. O presente estudo teve por objetivo avaliar práticas educativas dos pais de crianças com diferentes níveis de intoxicação por chumbo, bem como sua correlação com problemas de comportamento nos filhos. Foi utilizada uma versão reduzida do IEP para avaliar as práticas parentais e o SSRS-BR professores para problemas de comportamento. Participaram 155 estudantes, sendo 79 meninas e 76 meninos, com idade média de 13 anos, e suas respectivas mães e professores. Os participantes foram divididos em três grupos: GAP– Grupo com Alta Plumbemia (superior a 10µg/dl); GBP– Grupo com Baixa Plumbemia (inferior a 5µg/dl) e GC– Grupo de Comparação (sem plumbemia). Os resultados obtidos com a análise de variância e teste Post Hoc de Bonferroni permitiram detectar diferenças entre as práticas educativas parentais utilizadas, sugerindo uma associação entre as práticas educativas adotadas pelas mães e as condições de contaminação por chumbo dos filhos, ainda que nem sempre na direção intuitivamente suposta. Os dados não permitiram apontar uma relação linear entre o grau de plumbemia e o continuum positivo-negativo das práticas parentais, mas, levam à reflexão sobre a quantidade de variáveis que podem alterar essa relação, quando se consideram as condições específicas vivenciadas pelas crianças contaminadas por chumbo na presente amostragem, impondo uma análise mais geral das contingências de vida das crianças à época da contaminação. O fato de obter resultados contraintuitivos ou contrários à literatura, também enseja questões que podem ser objeto de novos estudos. De todo modo, espera-se que estes resultados apontem indicadores relevantes para se pensar em estratégias de proteção, visando minimizar o impacto de situações de riscos ambientais em ocasiões semelhantes e ampliar as estratégias governamentais na área da saúde pública.

Palavras-chave: Avaliação, repertório social e práticas parentais.

CL48 - HABILIDADES SOCIAIS EM ADOLESCENTES EM CUMPRIMENTO DE MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO EM GRUPO BASEADA NA TERAPIA ANALÍTICO FUNCIONAL (FAP).

Renata Teresa Sousa Cavalcante e Cristiane Costa Fonseca (Universidade Ceuma, São Luís, MA)

A pesquisa realizada teve como objetivo avaliar a eficácia de um programa de intervenção baseado na Terapia Analítico Funcional (FAP) em grupo, no desenvolvimento de habilidades sociais de adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas, levando em consideração os objetivos dessas medidas que possuem aspectos educativos na tentativa de reinserção social. As intervenções propostas foram apresentadas através de um processo de dinâmica de grupo dividida em três fases. Na primeira fase do programa foram apresentadas situações do cotidiano dos adolescentes, nas quais estes apresentam dificuldades em comportar-se habilidosamente, em seguida, três alternativas de reação: (a) assertiva; (b) passiva; (c) agressiva. Os adolescentes analisaram cada uma das opções e responderam com que frequência se comporta de forma semelhante a cada reação, a adequação que atribuíram a elas e as dificuldades que encontravam para se comportarem em cada uma das propostas. Na segunda fase, cada adolescente apresentou ao grupo uma situação de difícil manejo e em seguida discutíamos o assunto, e em grupo foram sugeridas alternativas para lidar com o problema, além de apresentarem exemplos de reações passivas e agressivas. A terceira e última fase do programa consistiu em um momento de discussão de experiências reais dos adolescentes e uma análise com o grupo sobre formas de lidar com cada uma das situações, fazendo uma análise de perdas e ganhos. Como recurso adicional foi utilizado o IHSA - Inventário de habilidades sociais para adolescentes (IHSA-Del Prette), antes e depois da pesquisa. Foram avaliadas os Comportamentos Clinicamente Relevantes (CRBs), que estão

divididos em três tipos, a saber: CRB1 seriam os comportamentos problema emitidos durante a dinâmica de grupo. Os CRB2 seriam os comportamentos de melhora dos integrantes do grupo. E os CRB3 seriam a capacidade de fazer uma análise funcional adequada dos seus comportamentos. Diante disso, fora verificado a frequência de CRB1, buscamos classificar possíveis déficits ou excessos no repertório comportamental, e analisamos se o procedimento utilizado favoreceu a diminuição na frequência dos CRB1 e aumento na ocorrência de CRB's dos tipos 2 e 3. Com os dados levantados foram comparados os comportamentos registrados antes e depois das intervenções e percebeu-se que a intervenção propiciou o aumento da ocorrência de CRB3, ou seja, os adolescentes conseguiram fazer análises funcionais adequadas dos seus comportamentos. Esse resultado fora evidenciado por meio da observação direta do comportamento dos participantes durante as dinâmicas, e análise do relato verbal. A ocorrência dos três tipos de classes de respostas (CRB 1, 2 e 3) foram observadas e quantificados por dois observadores treinados.

Palavras-chave: Habilidades Sociais, Terapia Analítico Funcional, Medidas Socioeducativas, adolescentes, Análise do Comportamento

CL45 - GRUPO DE REFLEXÃO PARA AUTORES DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: UMA PROPOSTA DE TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS.

Karla da Silva Pontes Cunha e Monique Castro Pontes (Universidade Estácio de Sá, Nova Friburgo, RJ)

A violência já ocupa, desde 1989, o segundo lugar das causas de morte ocorridas no Brasil, e o primeiro lugar para óbitos de pessoas entre cinco e quarenta e nove anos de idade. Em meio a esses dados, tem-se a violência doméstica, com crescimento alarmante em cada ano. Os estudos e programas voltados à violência doméstica no Brasil são poucos e ainda em menor quantidade que os direcionados ao agressor. Segundo alguns especialistas ligados às políticas públicas para as mulheres, as pessoas envolvidas na relação violenta necessitam ter o desejo de mudar. É por esta razão que não se acredita numa mudança radical dessa relação violenta, quando se trabalha exclusivamente com a vítima, sofrendo esta algumas mudanças, enquanto a outra parte permanece o que sempre foi, mantendo seus hábitos. Nestes casos, a relação pode, inclusive, tornar-se ainda mais violenta. Todos percebem que a vítima precisa de ajuda, mas poucos veem esta necessidade referida ao agressor. É preciso trabalhar com os homens, estimulando que eles reflitam acerca de suas fraquezas e seus impulsos, para a conscientização de outras formas de resolução do conflito. A partir da alta demanda e de outros dados alarmantes que envolvem a violência doméstica, notou-se a necessidade de direcionar uma política de atendimento para os autores em situação deste conflito. O estudo desenvolvido no artigo parte da necessidade da redução da demanda de autores de violência doméstica na medida em que o número cresce consideravelmente. Nesse ínterim, neste programa de atendimento ocorreu a partir do trabalho como Psicólogas no Juizado Especial Criminal na Comarca de Nova Friburgo onde empenhou-se esforços no sentido de criar aquilo que se convencionou chamar de "Grupo de Reflexão", que tem por público-alvo autores de agressões domésticas sob pena da Lei Maria da Penha, e, por pretensão, conscientizar os destinatários quanto à necessidade de mudança de comportamento, melhoria, a partir disso, na qualidade de vida, objetivando a diminuição da reincidência de tais fatos ilícitos, através do treinamento de habilidades sociais e desenvolvimentos de conceitos de empatia, que possibilitam a identificação de comportamentos agressivos e monitoramento cognitivo e funcionais. Com a fundamentação teórica da Terapia Cognitivo-Comportamental, atribuídos aos instrumentos de avaliação e o Treinamento de Habilidades Sociais a qual fornece instrumentos e técnicas apropriadas ao processo, dirigido aos participantes do referido grupo. O desenvolvimento dessas habilidades em geral e da assertividade, em particular, é

primordial na promoção de interações sociais bem-sucedidas, o que verificou-se não ocorrer na violência doméstica. O comportamento assertivo pode contribuir para melhorar a comunicação interpessoal, expressar sentimentos e necessidades, solicitar mudança de comportamento e reduzir as dificuldades de entendimento que podem advir nestas interações. Portanto, na demanda de autores de violência doméstica foi necessário usar a metodologia baseada na pesquisa bibliográfica e na aplicação de técnicas da abordagem cognitivo comportamental. Primeiramente, utilizaram-se recursos para a identificação de seus comportamentos, avaliações de estado de humor ou indicativos de questões psicológicas, psiquiátricas e/ou clínicas. Para isso, as técnicas utilizadas foram: Registro de Humor; Lista de Regras; Instrumentos de avaliação tais como: Inventário de Ansiedade de Beck (BAI), Inventário de Depressão de Beck (BDI), Inventário de Habilidades Sociais (IHS) e Inventário de Empatia; o Feedback; Resgate da Infância, Adolescência e início da Fase Adulta; Construção dos Gêneros; Reconhecimento das Emoções; Tarefa de Casa; Dinâmica dos Cartões, atribuído ao comportamento assertivo, agressivo e passivo; Registro de Pensamentos Disfuncionais (RPD); Psicoeducação; Expressão da Raiva; Dramatização do ciclo da violência; Lista de metas; Treinamento de Habilidades Sociais. Os resultados mostraram redução significativa na reincidência judicial e mudanças de comportamentos agressivos, implantando os comportamentos de assertividade, habilidades na comunicação e empatia conforme aplicação e avaliação das técnicas, após o treinamento. Concluiu-se que o treinamento de habilidades sociais para autores de violência doméstica pode contribuir positivamente para o desenvolvimento de práticas disciplinares não coercivas junto a essa clientela.

Palavras-chave: Violência Doméstica, Treinamento de Habilidades Sociais, Comunicação não-violenta

CL9 - PREOCUPAÇÕES E DOS ASPECTOS POSITIVOS REPORTADOS POR ADOLESCENTES.

Marina Monzani da Rocha, Alessandra M. F. Moscaritolo e Edwiges F. de Mattos Silvares (USP, São Paulo)

Um bom autoconceito desempenha um papel importante na adaptação do sujeito em seu ambiente. Assim, compreender o autoconceito dos adolescentes pode ser uma forma eficiente de obter dados sobre seu comportamento como um todo. O presente estudo teve como objetivo analisar o autoconceito de adolescentes a partir de respostas às questões sobre suas preocupações e seus aspectos positivos. Um total de 343 adolescentes de ambos os sexos, com idade entre 11 e 18 anos, alunos da rede pública e privada de ensino, responderam um questionário de autoavaliação que incluía questões abertas sobre preocupações relacionadas ao ambiente escolar, preocupações gerais e seus aspectos mais positivos. Uma análise preliminar das respostas permitiu a elaboração das categorias para classificação das respostas dos participantes. O teste qui-quadrado de Pearson foi utilizado para verificar se a proporção de respostas de cada categoria diferia significativamente em função das variáveis sexo (masculino x feminino), tipo de escola (pública x particular) e faixa etária (11-14 anos x 15-18 anos). O nível de significância estatística adotado foi $p<0,05$. Sobre preocupações no ambiente escolar, 29% das respostas estavam relacionadas ao “desempenho acadêmico”. Meninos apresentaram mais queixas quanto à estrutura física da escola, enquanto as meninas destacaram mais problemas relativos à qualidade dos profissionais. Os estudantes de escola pública citaram mais vezes problemas relativos à estrutura física da escola e à qualidade dos profissionais, já os alunos de escola particular citaram mais preocupações com o alto nível de exigência da escola, dificuldades de aprendizagem, próprio comportamento e desempenho acadêmico. Os adolescentes mais novos queixaram-se mais quanto à qualidade dos profissionais e ao baixo nível de exigência, enquanto os mais velhos reportam mais problemas quanto à metodologia adotada pela escola

e ao alto nível de exigência. Sobre preocupações gerais, 34% dos adolescentes responderam que não tinham "nenhuma preocupação", enquanto que 11% apresentaram queixas escolares e 10% reportaram preocupações com o futuro. Sobre os aspectos positivos, os adolescentes responderam prioritariamente aspectos relacionados às habilidades sociais: 26% destacaram a própria atitude no relacionamento com o outro (ex.: legal, carinhoso, simpático etc.) e 19% características expansivas (ex.: alegre, divertido, engraçado etc.). As meninas citaram com maior frequência aspectos relacionais e temperamento expansivo, enquanto que os meninos valorizaram mais suas habilidades esportivas. Os alunos da escola particular reportaram mais aspectos relacionais, diretivos, qualidades expansivas e habilidades artísticas e gerais, enquanto que os alunos de escola pública deixaram a questão em branco com maior frequência. Além disso, os jovens mais velhos destacaram mais aspectos diretivos e de moralidade, enquanto que os mais novos citaram mais aspectos físicos. Para todas as perguntas, a variável tipo de escola foi a que gerou mais diferenças significativas. Os resultados obtidos no presente estudo favorecem a afirmação de que o contexto no qual o jovem está inserido é decisivo para a construção de um autoconceito positivo, o que leva à reflexão quanto à necessidade de ambientes familiares e escolares ricos e estimulantes para um desenvolvimento saudável.

Palavras-chave: Autoconceito, Adolescência, Desenvolvimento

CL4 - AVALIAÇÃO DAS HABILIDADES SOCIAIS E DO BEM-ESTAR SUBJETIVO NO ENSINO DE HABILIDADES DE VIDA ENTRE ADOLESCENTES.

Gisele de Rezende Franco e Marisa Cosenza Rodrigues (UFJF,iversidade Federal de Juiz de Fora)

A adaptação ao mundo social requer o desenvolvimento de um conjunto de habilidades cognitivas, afetivas e sociais, configurando-se como fatores protetivos frente a situações de vulnerabilidade. Diante dis so, intervenções proativas vêm sendo amplamente recomendadas pela Organização Mundial de Saúde como uma estratégia efetiva de prevenção e promoção da saúde, em uma perspectiva biopsicossocial. Nesta vertente, insere-se o Programa de Habilidades de Vida, modelo destinado ao enfrentamento saudável às demandas cotidianas, incluindo habilidades para a tomada de decisão, resolução de problemas, pensamento crítico e criativo, autoconhecimento, manejo de emoções e de estresse, comunicação eficaz, empatia, relacionamento interpessoal. Pesquisas recentes indicam os adolescentes como foco prioritário destes programas, por serem mais maleáveis, apresentando uma facilidade maior para modificar hábitos e atitudes. Ainda é escasso na literatura nacional estudos que avaliam de forma objetiva estes programas, tanto em relação aos efeitos diretos sobre habilidades específicas, quanto ao efeito preconizado sobre o bem-estar. O objetivo da presente pesquisa foi imp lementar e avaliar os efeitos de uma intervenção baseada no ensino de habilidades de vida, entre adolescentes em situação vulnerabilidade social. Especificamente, foram avaliados os efeitos da intervenção sobre Bem-estar subjetivo e Habilidades Sociais específicas, interligadas a domínios das habilidades de vida por equivalência conceitual, a saber: Abordagem afetiva, Autocontrole, Empatia e Assertividade. Participaram 33 adolescentes do sexo masculino, com idade média de 12,8 anos, de um instituto filantrópico da cidade de Juiz de Fora. A pesquisa com desenho quase-experimental contou com avaliação pré e pós intervenção. Os adolescentes foram divididos em: GI- grupo de intervenção com 18 adolescentes e, GC- grupo de comparação com 15 adolescentes. Após aprovação do Comitê de Ética, obteve-se o Consentimento Livre e Esclarecido dos pais/responsáveis, adolescentes, e do responsável pelo instituto, dando-se início à pré-avaliação: aplicação do Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA); e da Escala de Bem-Estar Subjetivo (EBES). Ao término da pré-avaliação, foi implementado o

programa junto ao GI envolvendo: 12 encontros, de 60 minutos cada, totalizando 24 horas de intervenção. Utilizou-se dinâmicas, vivências e jogos, acompanhados por observações assistemáticas registradas em um diário de campo. Finalizado o programa realizou-se a pós-avaliação mediante os mesmos instrumentos descritos, bem como sua implementação junto ao GC. Os dados obtidos foram tabulados e analisados no SPSS V.17. Utilizou-se estatística descritiva e inferencial, teste U de Mann-Whitney para comparar a diferença entre os grupos, e o teste de Wilcoxon para avaliar a diferença dentre grupos antes e após intervenção. Os resultados indicaram que na pré-avaliação os grupos não diferiam entre si, quanto às habilidades sociais e bem-estar subjetivo, exceto com relação ao componente assertividade. Na pós-avaliação, observou-se diferença estatística significativa em relação ao afeto positivo, um dos indicadores do bem-estar, sugerindo a presença de atitudes mais positivas dos participantes do GI, sendo que o GC se manteve estável. Esses resultados reforçam a relevância da implementação de programas proativos, na medida em que podem beneficiar aspectos do desenvolvimento psicossocial dos adolescentes, fomentando assim, fatores de proteção frente situações adversas. Conclui-se pela viabilidade do desenvolvimento de novos estudos envolvendo os constructos referidos em contexto brasileiro.

Palavras-chave: habilidades sociais, bem-estar subjetivo, habilidades de vida.

12 Sessão de comunicação livre

CL47 - ASPECTOS PSICOPATOLÓGICOS EM UMA POPULAÇÃO DEPENDENTE DE ÁLCOOL COM FOBIA SOCIAL.

Margareth da Silva Oliveira, Dhiordan Cardoso da Silva (PUCRS, RS), Raquel de Melo Boff, (Universidade de Caxias do Sul, RS) e Simone Armentano Bittencourt (Instituto Ciro Martins, RS).

A variação na prevalência de comorbidades psicológicas junto à dependência química é evidenciada em muitos dos tratamentos clínicos psicológicos. Frequentemente é relatado, por pacientes que buscam serviços de atendimento para fobia social e/ou que já estão em um tratamento psicopatológico, a utilização de álcool para aliviar seus sintomas de ansiedade. Estudos apontam o quão pertinente é o comportamento fóbico em usuários de álcool, que aderem ao abuso da droga, a fim de aliviar sentimentos de medo quando em situações sociais e, ou, de ansiedade antecipatória ao enfrentar os estímulos que ativam sua patologia. Este estudo visou estudar sujeitos dependentes de álcool internados em unidades especializadas e a co-morbidade com fobia social. Objetivo: Estudar as associações entre a dependência do álcool e a fobia social nos aspectos: gravidade da dependência do álcool, sintomas de ansiedade, e sintomas de depressão, estudar as diferenças dos sintomas de Fobia Social em alcoolista as nos períodos de consumo e de abstinência. Além destes aspectos procurou-se identificar preferência da modalidade de tratamento para o alcoolismo dos pacientes com Fobia social. Método: O delineamento do estudo foi transversal. A amostra foi composta de 100 pacientes com idades entre 20 e 65 anos internados por dependência do álcool, em abstinência há no mínimo duas semanas. Instrumentos: Entrevista Estruturada, Inventário de Ansiedade e Fobia Social, Escala de Fobia Social Leibowitz, Questionário para avaliar a gravidade da Síndrome de Dependência do Álcool - SADD e Inventário de Depressão (BDI) e Ansiedade (BAI), e Questionário Complementar de Comorbidade. Resultados: Dependência (gravidade) Observou-se expressiva ocorrência do diagnóstico de Fobia Social (35%). A presença dos sintomas de Fobia Social foram descritos pelos pacientes antes do histórico da dependência do álcool na totalidade na amostra que apresentava Fobia Social. Verificou-se, associação entre Fobia Social e o aumento dos sintomas de ansiedade, e a associação entre Fobia Social e o aumento dos sintomas de depressão (pÐ0,001). A gravidade dependência do álcool mostrou-se associada a Fobia Social dentro da categoria Grave (p=0,027). Verificou-se que os sintomas de Fobia Social são atenuados no período de uso do álcool, onde 97,6% têm esta percepção, e se agravam

na abstinência deste segundo 85,71%. A maioria do total dos pacientes nunca esteve em tratamento psicoterápico (63%), e a maioria dentro da amostra de fóbicos sociais (75,75%) refere preferência pela modalidade de tratamento individual. Conclusão: A dependência de álcool e a comorbidade com fobia social pode sugerir estratégias terapêuticas específicas e alterar o prognóstico em muitos casos. A compreensão dos sintomas associados é importante para esclarecer o diagnóstico e explorar o desenvolvimento de habilidades sociais, mais ainda quando o álcool aparece encobrindo sintomas de Fobia Social, e/ou, agravando a patologia já existente.

Palavras-chave: fobia social, alcoolismo, psicopatologia

CL57 - PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS: FOBIA SOCIAL E REPERTÓRIO DEFICITÁRIO DE HABILIDADES.

Marcia Fortes Wagner, Ana Caroline Martinelli e Carlisa Peccin, William Weber Cecconello (Faculdade Meridional, Passo Fundo, RS).

O conceito de Habilidades Sociais (HS) pode ser compreendido como um conjunto de comportamentos, através dos quais o indivíduo manifesta sentimentos, atitudes, desejos, opiniões ou direitos de modo apropriado, possibilitando resolução de problemas imediatos e diminuição de problemas no futuro. Déficits nas HS podem estar associados à presença de alguns transtornos, entre eles Fobia Social ou Transtorno de Ansiedade Social. Este trabalho visa descrever resultados de um estudo voltado à avaliação da presença de Fobia Social e déficits em habilidades sociais em estudantes de Ensino Superior do Estado do Rio Grande do Sul. Os instrumentos utilizados foram: Ficha de dados sociodemográficos, Inventário de Habilidades Sociais - Del Prette (IHS-Del Prette) e Questionário de Ansiedade Social para Adultos (CASO-A30). A amostra foi constituída por 22 sujeitos de ambos os sexos. Os resultados mostraram que a idade teve distribuição entre 17 a 49 anos, sendo a média de idade 26,4 anos (DP= 9,53). Do total da amostra, 68,2% (n=15) caracterizou-se por ser do sexo feminino, enquanto 31,8% (n=7) do sexo masculino. Após a aplicação do CASO-A30, 27,3% (n=6) da amostra apresentaram Fobia Social Não Generalizada (FSNG), 9,1% (n=2) Fobia Social Generalizada (FSG) e 63,6% (n=14) não apresentaram Fobia Social. Do total dos indivíduos (n=6) com FSNG, 66,7% (n=4) apresentaram no IHS-Del Prette percentil abaixo do escore de 25%, o que caracteriza um repertório de habilidades sociais bastante deficitário, enquanto 33,3% (n=2) apresentaram habilidades sociais abaixo da média. Do número de indivíduos (n=2) que apresentaram FSG, 50% (n=1) apresentou repertório muito deficitário de habilidades sociais. Da amostra total de 08 sujeitos com Fobia Social, 04 sujeitos atingiram o ponto de corte no F1- Falar em público, dimensão principal no CASO-A30, corroborado pela literatura que afirma que falar em público é o principal temor na Fobia Social. Também 03 sujeitos atingiram escore para F2- Interação com o sexo oposto, 4 sujeitos no F3- Interação com pessoas desconhecidas, 3 sujeitos no F4- Expressão assertiva de incômodo, desagrado ou tédio e 3 no F5- Estar em evidência e fazer papel de ridículo. Quanto à relação entre o CASO-A30 e o IHS-Del Prette, 50% (n=2) dos que pontuaram no Fator 1- Falar em Público e Interação com pessoas de autoridade no primeiro instrumento, apresentaram repertório deficitário em HS no Fator 3 - conversação e desenvoltura social do IHS-Del Prette. Os indivíduos que não apresentaram critérios diagnósticos para Fobia Social apresentaram um percentual de 27,8% (n=5) da amostra que exibiram no IHS-Del Prette déficits em suas habilidades sociais; já 22,2% (n=4) apresentaram HS muito acima da média, enquanto os demais estavam em posição mediana. Em relação à avaliação da presença de déficits nas habilidades sociais, os achados constataram que, apesar do tamanho reduzido da amostra e dos resultados do escore do IHS não terem sido significativos, as diferenças encontradas permitem inferir que existem habilidades sociais deficitárias em indivíduos com

Fobia Social.

Palavras-Chave: Habilidades sociais, Déficits, Fobia social.

CL49 - O TREINO DE HABILIDADES SOCIAIS E DEMAIS INTERVENÇÕES PSICOSSOCIAIS NO TRATAMENTO DE DEPENDÊNCIA QUÍMICA.

Itamar Jose Felix Junior, Fernando Henrique Melo Silva, Marcela Silva Chiecco e Paulo Renato Vitória Calheiros (UFRO, RO).

O Transtorno por Uso de Substâncias Psicoativas pode ser considerado como um problema de alta complexidade, com variadas manifestações e sujeito a influência de inúmeras variáveis. No entanto, quando se busca a intervenção psicossocial pode-se contar com os recursos da Entrevista Motivacional (EM), que se trata de um modelo de intervenção utilizado para ajudar o paciente a reconhecer e agir sobre determinado problema de sua vida, sejam presentes ou potenciais. Contribuem então, os conhecimentos produzidos pelo Modelo Transteórico de Motivação para Mudança (MTT), propiciam o reconhecimento do estágio de prontidão para mudança. E assim, assegura adequação do tratamento as reais necessidades dos pacientes. A partir das intervenções do EM e do MTT, o paciente pode necessitar do aprendizado de habilidades para enfrentamento dos problemas relacionados à manutenção da abstinência e mudanças no seu estilo de vida; daí a importância das Habilidades Sociais (HS) que promovem habilidades que asseguram o bem estar do cliente. As intervenções levam a necessidade de utilização também dos potentes recursos da Prevenção de Recaídas. O programa teve como objetivos: melhorar a qualidade de vida dos participantes; contribuir para o reconhecimento da adição por parte dos pacientes; colaborar para a manutenção do comportamento de abstinência; Motivar os pacientes para mudança de comportamento aditivo (para os que não estavam em abstinência). Como metodologia, foram utilizadas as técnicas da Entrevista motivacional; Modelo transteórico de prontidão para mudança; Terapia Cognitiva-Comportamental; Treinamento de Habilidades Sociais; Prevenção de recaída. O grupo foi dividido em duas fases, sendo uma realizada de setembro a dezembro de 2012, e a segunda fase de fevereiro a abril de 2013. Participaram do grupo sete pacientes na primeira e cinco na segunda, todos pacientes do CAPS-AD. As técnicas utilizadas foram a Entrevista Motivacional, Modelo Transteórico, Terapia Cognitiva, Prevenção de Recaídas e Habilidades Sociais. O programa teve O grupo teve sete encontros, onde foi trabalhada cada fase do programa, desde a compreensão do estágio de motivação para mudança de comportamento do uso de drogas dos pacientes, até o treinamento de habilidades que preveniam futuras recaídas. Como se tratou do primeiro contato através do Programa PET ainda não foi possível trabalhar com um grupo de pacientes homogêneos quanto ao estágio de motivação. Os resultados foram: maior compreensão dos problemas com drogas por parte dos pacientes, uma contribuição para a motivação para a continuação do tratamento, aumento da percepção dos aspectos positivos de se manterem abstinentes e a promoção e treinamento das habilidades sociais positivas para a prevenção de recaídas em diferentes situações que cada paciente está diariamente exposto, principalmente diante de momentos que exijam assertividade e autoeficácia. Chegou-se a conclusão de que o tratamento de dependentes químicos por meio de grupos de Intervenções Psicossociais com enfoque no Treino de Habilidades Sociais pode ser profícuo dentro de uma unidade como o CAPS-AD, pois através dos relatos dos pacientes e observação do grupo percebeu-se a oportunidade para os pacientes compreenderem os fatores de risco e aprenderem a lidar com essas situações. Igualmente contribuiu para se motivarem, compreenderem sua doença/dependência e serem ouvidos.

Palavras-chave: Treinamento de Habilidades Sociais, Dependência Química, CAPS-AD.

CL30 - CORRELAÇÕES ENTRE SINTOMATOLOGIA PSICOPATOLÓGICA E HABILIDADES SOCIAIS EM UMA AMOSTRA DE USUÁRIOS DE CRACK EM COMUNIDADES TERAPÊUTICAS DE RONDÔNIA.
Iagê Lage Donato, Itamar José Felix Junior, Fernando Henrique Melo Silva, Paulo Renato Vitória Calheiros e Paulo Rogério Morais (UFRO, RO).

No campo da saúde mental, é relevante conhecer a comorbidade de sintomatologia psicopatológica nos processos de tratamento de usuários de crack. A depressão é indicada em diversos estudos como uma das psicopatologias mais prevalentes em dependentes químicos, geralmente associada a sintomas de ansiedade. Pesquisas recentes demonstram a existência de relação significativa entre índices de sofrimento mental e o repertório de habilidades sociais dos indivíduos, sendo comum a presença de sintomas depressivos em indivíduos com repertório social deficitário. O presente estudo teve como objetivo verificar a existência de correlação entre comorbidades psiquiatrias com as habilidades sociais de usuários de crack internados em comunidades terapêuticas do Estado de Rondônia. A amostra foi composta por 158 indivíduos, sendo 90,5% homens, internados em 11 comunidades terapêuticas para tratamento da dependência de crack, com média (±DP) de idade de 31±9 anos, prevalência de solteiros (75%) e baixa escolaridade (50% da amostra com até o ensino fundamental incompleto). Para a coleta dos dados foram utilizados um questionário semiestruturado para levantamento de informações sociodemográficas, o Inventário de Habilidades Sociais (IHS) e os Inventários Beck de Depressão e Ansiedade (BDI e BAI), além do termo de consentimento livre e esclarecido. Foi empregado o teste de correlação de Spearman para a análise estatística não paramétrica dos dados. Foram detectadas correlações negativas e significativas entre a sintomatologia de ansiedade e as habilidades sociais de Conversação e desenvoltura social (r = -287, p= 0,05) e de Autoexposição a desconhecidos e situações novas (r= -164, p= 0,01). Os outros fatores do IHS não se correlacionaram significativamente com os sintomas de ansiedade. Com relação à sintomatologia depressiva, foram observadas correlações inversas e significativas com todos os fatores do IHS, sendo as habilidades sociais de Enfrentamento e autoafirmação com risco (r= -0,200, p= 0,05), Autoafirmação na expressão de sentimento positivo (r= -0,274, p= 0,01), Conversação e desenvoltura social (r= -0,283, p= 0,01), Autoexposição a desconhecidos e situações novas (r= -188, p= 0,05) e Autocontrole da agressividades (r= -231, p= 0,01). Em consonância com a literatura consultada, os dados do presente estudo demonstram que as baixas pontuações em um inventário de habilidades sociais, geralmente, são acompanhadas por pontuações elevadas em instrumentos que quantificam a sintomatologia depressiva e de ansiedade na amostra pesquisada. No entanto, o delineamento empregado no presente estudo não permite concluir se as limitações no repertório social são a causa ou o efeito do sofrimento psicológico daqueles com escores mais baixos na escala de habilidades sociais. Mesmo assim, os resultados encontrados permitem inferir que o emprego de estratégias que ampliem o repertório de habilidades sociais dos indivíduos pode ser um importante recurso tanto no tratamento quanto na prevenção da dependência química.

Palavras-chave: habilidades sociais, psicopatologia, crack-cocaína

CL16 - AVALIAÇÃO DA EMPATIA EM INDIVÍDUOS COM TRANSTORNO DE PERSONALIDADE.
Evlyn Rodrigues Oliveira, Eliane Mary de Oliveira Falcone, Stèphanie Krieger, Monique Gomes Plácido, Lucimar da Costa Torres Electo, Vanessa Dordron de Pinho, Juliana Furtado D' Augustin (UERJ, RJ) e Maria Cristina Ferreira (UNIVERSO, RJ).

A empatia é uma importante habilidade social, sendo compreendida como um fenômeno

multidimensional, que envolve componentes cognitivos, afetivos e comportamentais. É definida como a habilidade de compreender acuradamente o outro, bem como considerar os sentimentos, necessidades e perspectivas, expressando entendimento de forma que o outro se sinta validado. Personalidade é um padrão persistente de percepção, relação e julgamento sobre o ambiente e sobre si, exteriorizados em vastos contextos sociais e pessoais. Nos Transtornos de Personalidade (TP), estes padrões são inflexíveis, mal-adaptativos e resultam em debilitação significativa ou sofrimento subjetivo. São divididos em 3 agrupamentos (DSM-IV-TR): A, indivíduos isolados socialmente, pouco espontâneos e muito desconfiados (Esquizóides, Esquizo típicos e Paranóides); B, indivíduos manipuladores, dramáticos e intolerantes às decepções (Borderlines, Histriônicos, Narcisistas e Anti-sociais); C, indivíduos medrosos, ansiosos, dependentes e submissos (Dependentes, Evitativos e Obsessivo-Compulsivos). A literatura aponta que indivíduos com TP apresentam deficiências em experimentar e expressar empatia, comprometendo a qualidade das suas interações sociais. Esta pesquisa comparou níveis de empatia em três grupos: indivíduos sem TP (grupo controle), indivíduos no agrupamento B, e indivíduos no agrupamento C. Psiquiatras e psicólogos colaboraram, solicitando a seus pacientes com diagnóstico de TP que assinassem ao TCLE e respondessem ao Inventário de Empatia (IE). A seguir, especificavam os critérios diagnósticos de cada paciente, segundo o DSM-IV-TR. Participaram do estudo 88 sujeitos, de ambos os sexos. Destes, 58 preenchiam critérios para TP (24 no agrupamento B e 34 no agrupamento C) e 30 eram d o grupo controle (obtido através da rede social dos pesquisadores). O IE é composto por quatro fatores que avaliam a habilidade empática: TP- Tomada de Perspectiva, FI- Flexibilidade Interpessoal, AL- Altruísmo e SA- Sensibilidade Afetiva. Para a obtenção dos resultados estatísticos, foram utilizados cálculos descritivos (média), a ANOVA e o teste post hoc de Bonferroni. A ANOVA indicou que existiam diferenças significativas entres os grupos nos fatores TP, FI e AL. No teste de Bonferroni verificou-se que os indivíduos dos agrupamentos B e C apresentaram níveis significativamente inferiores de Tomada de Perspectiva do que os do grupo não clínico. Indivíduos do agrupamento C apresentaram níveis significativamente mais elevados de Flexibilidade Interpessoal do que os do agrupamento B. Indivíduos do agrupamento C mostraram Altruísmo significativamente superior ao grupo controle. Os resultados confirmam as afirmações da literatura sobre a dificuldade dos indivíduos com TP de se colocar no lugar dos outros, em razão de uma postura egocêntrica ou egoísta. Além disso, indivíduos dependentes, evitativos e obsessivo-compulsivos (Agrupamento C) tendem a ser mais focados nas necessidades dos outros, em razão de seus padrões de submissão e ansiedade, o que explica uma maior tendência à flexibilidade interpessoal e ao altruísmo.

Palavras-chave: Empatia; Transtorno de Personalidade; Interações sociais.

02 - Recursos culturais

AS VANTAGENS DE SER (IN)VISÍVEL: DESENVOLVENDO HABILIDADES SOCIAIS NA TRANSIÇÃO ENTRE ADOLESCÊNCIA E IDADE ADULTA.

Ana Carolina Braz e Zilda A. P. Del Prette (UFSCar, São Carlos, SP)

No decorrer do ciclo vital, o indivíduo se depara com diferentes ambientes sociais e interlocutores, e, sob estas condições e demandas subjacentes, pode aprender e desenvolver repertório de habilidades sociais. A cada transição para a etapa desenvolvimental posterior, o repertório de habilidades sociais adquirido anteriormente é condição necessária, porém muitas vezes não suficiente, para as tarefas sociais com que o indivíduo se depara, sendo, portanto, preciso que ele amplie seu repertório. Quando o indivíduo adquire novas habilidades sociais e/ou desenvolve as habilidades que já dispunha em seu repertório, além de ampliar o seu repertório e de cumprir

essas tarefas sociais, também são produzidos sentimentos de autoconfiança, autoestima e de bem-estar. Por outro lado, quando o indivíduo não dispõe de condições favorecedoras de ampliação e de desenvolvimento de seu repertório, há um impacto negativo sobre suas relações interpessoais, autoconfiança, autoestima, funcionamento psicológico e, comprometendo, assim, a conclusão das tarefas desenvolvimentais e, num sentido mais amplo, a saúde do indivíduo. Entre alguns problemas comumente associados aos déficits em HS estão: depressão, baixa autoestima, isolamento social, maior vulnerabilidade a agressões físicas, sexuais e/ou psicológicas, bem como abuso de substâncias, baixo desempenho acadêmico, evasão escola r, suicídio. Uma das etapas com maiores demandas interpessoais e com impactos sobre as etapas posteriores é a transição entre adolescência e idade adulta. Esta fase desenvolvimental tem sido o contexto escolhido por muitas obras literárias e cinematográficas, como, por exemplo, o filme norteamericano "As vantagens de ser invisível" (The perks of being a wallflower), lançado em 2012 e adaptado de livro homônimo escrito por Stephen Chbosky. O objetivo deste trabalho é descrever e analisar, sob a perspectiva da Psicologia das Habilidades Sociais, a versão adaptada desta história para o cinema. Para tanto serão analisadas as contingências relacionadas ao repertório de habilidades sociais do protagonista, Charlie, garoto que está se mudando para uma nova escola de ensino médio, após seu melhor amigo ter se suicidado, e de seus novos amigos, Sam e Patrick. Não obstante algumas reservas comportamentais, o trio de personagens apresenta déficits em muitas cl asses de habilidades sociais (por exemplo, Charlie tem dificuldade para expressar sentimentos e participar em sala de aula, Sam tem dificuldades em recusar pedidos abusivos de rapazes, Patrick tem dificuldades em habilidades sociais de autocontrole), com impacto significativo sobre a autoestima, autoconfiança e desenvolvimento dos três. Adicionalmente, eles se deparam com tarefas sociais muito importantes para a transição da adolescência para a idade adulta, como: estabelecer os primeiros relacionamentos afetivos, fazer escolhas profissionais, afirmar orientação sexual. Ao longo da apresentação, serão discutidos exemplos de recursos e déficits de HS destes três personagens, bem como possíveis estratégias de intervenção para indivíduos em transição da adolescência para a idade adulta.

Palavras-chave: Habilidades sociais; transição entre adolescência e idade adulta, As vantagens de ser invisível

16h-17h30m

- 08 Conferência

CULTURA, CONTROLE SOCIAL E FEMINISMO: O OLHAR DAS HABILIDADES SOCIAIS

Almir Del Prette e Zilda A. P. Del Prette (Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, SP)

Há algum tempo, a Psicologia Social de maneira mais geral e a psicologia das relações interpessoais em particular se aproximaram de temas que aparentemente apenas diziam respeito às Ciências Sociais, como a Sociologia e a Antropologia. Na década de 70 foram várias as pesquisas que buscaram compreender o universo feminino, em especial os movimentos sociais ligados à igualdade de direitos na perspectiva da assertividade. Aparentemente com o avanço de uma economia globalizada e a consequente arrefecimento dos movimentos sociais houve um recuo da Psicologia em tomar esses temas como objeto de pesquisa. Esta conferência pretende mostrar uma análise alternativa dessa situação, exemplificando com pesquisas recentes inclusive em nosso grupo de pesquisa. Se o campo teórico prático das habilidades sociais vem incorporando novas subclasses de habilidades sociais como objeto de pesquisa,

como, por exemplo, persuasão, negociação, habilidades narrativas etc., esse fenômeno mostra uma abertura que, teoricamente pode incorporar temas abrangentes como o feminismo. Serão exemplificados com alguns fatos recentes de quebra de hegemonia do poder de um grupo sobre outro na perspectiva da aprendizagem de habilidades de conversação que, concomitantemente, produzem mudanças de concepções e, finalmente o enfrentamento. A descrição de algumas situações será baseadas em filmes e reportagens jornalísticas que retratam de maneira detalhada as aquisições e mudanças de personalidades retratadas.

19h-20h

- ENCERRAMENTO

PAINÉIS

- Painel 1

HABILIDADES SOCIAIS E ESTRESSE EM UNIVERSITÁRIOS: UM ESTUDO CORRELACIONAL

Maria Luiza Pontes de França-Freitas (Faculdade Estácio de Sergipe, Aracaju-SE/Brasil), Yanne Leite Meneses (Faculdade Estácio de Sergipe – Aracaju/SE); Cássia Ismênia Queiroz Guimarães (Faculdade Estácio de Sergipe – Aracaju/SE); Juventino Moraes Filho (Faculdade Estácio de Sergipe – Aracaju/SE)

O ingresso no ensino superior produz mudanças na vivência escolar do estudante, este assume responsabilidades, e busca adquirir conhecimentos para sua formação profissional e atuação no mercado de trabalho. Nesse sentido, devido às expectativas e exigências acadêmicas, dois fenômenos estão presentes ao longo da vivência universitária, um deles é o estresse e o outro diz respeito às habilidades sociais. Na literatura científica tem sido encontradas evidências empíricas de que um reper tório elaborado de habilidades sociais pode ser considerado um fator de proteção contra diversos problemas, como, por exemplo, depressão, transtorno de ansiedade e comportamentos problemáticos, dentre outros. Diante disso, a presente pesquisa teve como objetivos: (1) verificar a possível relação entre as variáveis habilidades sociais e estresse; e (2) identificar o poder preditivo das habilidades sociais na explicação do estresse de universitários. A amostra foi composta por 151 acadêmicos dos cursos de Psicologia, Direito e Enfermagem, de uma instituição de ensino superior da cidade de Aracaju/SE. Os participantes responderam a três instrumentos: o Inventário de Habilidades Sociais (IHS), a Escala de Estresse Percebido (PSS) e o Questionário Sócio-Demográfico. Para atender aos objetivos foram realizadas análises inferenciais através do programa estatístico PASW versão 18. Os resultados obtidos com a análise de Spearman indicaram a presença de c orrelação entre o escore geral do repertório de habilidades sociais e o estresse, bem como desta última variável com as classes de habilidades sociais. Dentre essas classes, as que apresentaram maiores medidas de efeito na correlação com o estresse foi Autocontrole da agressividade e Enfrentamento e Autoafirmação com Risco. A análise de regressão linear múltipla tornou possível identificar o poder preditivo das habilidades sociais em relação ao estresse. Verificou-se que quanto mais elaborada a habilidade social Autoexposição a Desconhecidos e Situações Novas, maior o nível de estresse relatado pelos participantes. Contudo, quanto mais desenvolvidas as habilidades sociais de Enfrentamento e Autoafirmação com Risco, Conversação e Desenvoltura Social e Autocontrole da Agressividade menor o nível de estresse identificado. Ao perceber a relação entre esses dois fenômenos, torna-se relevante aprimorar o repertório de habilidades sociais dos acadêmic os, possibilitando melhor adaptação à universidade e contribuindo para a redução dos efeitos das fontes estressoras nesse contexto. Esses resultados podem indicar que de modo geral repertórios elaborados de habilidades sociais podem contribuir para minimizar níveis elevados de estresse, que podem ser nocivos a saúde e bem-estar, à medida que o indivíduo sabe lidar melhor com as diversas situações cotidianas e que podem ser potenciais fontes estressoras. Conclui-se que este estudo pode ser considerado como relevante para a literatura científica da área, visto que há uma escassez na publicação nacional acerca da influência do repertório de habilidades sociais no nível de estresse em graduandos de diferentes cursos. Esse estudo pode servir de incentivo para a elaboração e oferecimento de programas de treinamento de habilidades sociais nas faculdades, visando não somente a melhoria do desempenho acadêmico e preparação do universitário para o mercado d e trabalho, mas também servindo como um fator de proteção contra o estresse em níveis elevados.

Palavras-chave: habilidades sociais; estresse; universitários

Painel 2

ATUAÇÃO EM PROJETO SOCIAL: ETAPA INICIAL DO PLANEJAMENTO DE INTERVENÇÃO PARA A PROMOÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS EM CRIANÇAS ATRAVÉS DE UMA OFICINA DE TEATRO

Leandro Barros Ribeiro (Associação Municipal de Apoio Comunitário; Juiz de Fora; Minas Gerais; Brasil), Fernando Custódio Valério (Associação Municipal de Apoio Comunitário, Juiz de Fora, MG); Diogo Pinto Mendes Vieira (Associação Municipal de Apoio Comunitário, Juiz de Fora, MG); Danielle Carolina Lopes (Grupo de Pesquisa Relações Interpessoais e Habilidades Sociais – Universidade Federal de São Carlos, SP); Zilda Aparecida Pereira Del Prette (Grupo de Pesquisa Relações Interpessoais e Habilidades Sociais – Universidade Federal de São Carlos, SP)

A escola é indispensável na vida das crianças e adolescentes, mas não suficiente para lidar sozinha contra as mazelas da pobreza e da exclusão social. Torna-se importante a ajuda da Pedagogia Social, que se manifesta nos meios educacionais não formais, através das técnicas da Educação Social. Os processos da educação não formal ressaltam a sociabilidade e as habilidades sociais, baseadas na relação afetiva entre educador e educando, mais que na tradicional instituição escolar, que prioriza o ensino-aprendizagem e as notas nas disciplinas. Na cidade de Juiz de Fora (MG), no Curumim Olavo Costa, projeto social da Associação Municipal de Apoio Comunitário (AMAC), são realizadas atividades socioeducativas com crianças e adolescentes em situação de extrema vulnerabilidade socioeconômica. O Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, onde se situa o projeto, faz parte da Proteção Social Básica do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), ocorrendo em período alternado ao da escola. As atividades elaboradas no Curumim, através de Oficinas Pedagógicas, são realizadas numa concepção que faz do brincar, das práticas esportivas, da experiência lúdica, da vivência artística, formas privilegiadas de expressão, pensamento, interação e aprendizagem. A Oficina de Teatro, instrumento deste trabalho, adota uma metodologia com procedimentos lúdicos e vivenciais que possibilitam o alcance de tais objetivos socioeducacionais. A literatura evidencia que a aquisição de habilidades sociais está associada com o nível socioeconômico. Há a necessidade de atenção ao repertório de crianças de nível socioeconômico baixo, de escola pública, cujos pais possuem baixa escolaridade. Em comunidades situadas em áreas de extrema pobreza as famílias não valorizam o ensinamento de habilidades prossociais, por desconhecimento de sua importância na sociedade. Crianças e adole scentes vinculados a projetos sociais, em sua maioria, manifestam na rotina diária diversos problemas de comportamento. A literatura evidencia que a intervenção precoce em habilidades sociais pode prevenir ou superar comportamentos problemáticos. A Oficina de Teatro apresenta-se como um instrumento capaz de ser utilizado como metodologia de intervenção para o desenvolvimento das habilidades sociais nos educandos atendidos. Considerando estes aspectos, esse estudo foi desenvolvido com o objetivo de avaliar, primeiramente, os principais déficits em habilidades sociais de 22 educandos atendidos, com idades entre 9 e 12 anos, para que os resultados obtidos pudessem fornecer subsídios para o planejamento de uma intervenção técnica visando superar tais dificuldades. Para isto foi aplicado pelo educador de teatro, um Sociograma, de forma individual com cada criança, analisado pelo Protocolo de Indicação Sociométrica, de Coie, Dodge e Copottelli. Foi elaborado e aplicado um Checklist para a observação indireta do comportamento social destas crianças, organizado em três partes: habilidades sociais, comportamentos problemáticos internalizantes e comportamentos problemáticos externalizantes. Os dados analisados forneceram condições para o planejamento de um roteiro de intervenção baseado nas características apontadas. No período de junho a setembro de 2013, o educador social aplicará vivências de habilidades sociais mescladas com jogos teatrais em sua turma, para que ao final do processo, em outubro, as análises técnicas iniciais sejam repetidas, com o propósito de verificar se houve ou não melhora no repertório comportamental dos educandos atendidos.

Palavras-chave: Educação social, Habilidades sociais, Oficina de Teatro

Painel 3

AVALIAÇÃO DAS HABILIDADES SOCIAIS ENTRE DEPENDENTES QUÍMICOS

Shirley de Souza Silva Simeão (Programa de pós-graduação em psicologia social, João Pessoa--PB/Brasil), Cyntia Diógenes Ferreira (Mestranda em Neurociências pela Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB/Brasil), Mariana Bandeira Formiga (Universidade Federal de Pernambuco/Recife-PE/Brasil), Reginete Cavalcanti Pereira (Professora da Universidade Federal Rural de Pernambuco/ CODAI - Doutora em Neuropsiquiatria e Ciências do Comportamento, Recife-PE/ Brasil), Thiago Antônio Avellar de Aquino (Professor da pela Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB)

O presente trabalho teve como objetivo avaliar as habilidades sociais de dependentes químicos. P ara tanto, a amostra foi composta de 80 indivíduos com dependência de drogas e 80 familiares ou cuidadores de indivíduos com dependência de drogas, de ambos os sexos, com idade variando entre 18 a 80 anos, participantes do Projeto Corredor da Vida do Centro de Reabilitação Cidade Viva (CRCV) da cidade de João Pessoa. Após a aprovação do projeto pelo comitê de ética em Pesquisa com seres humanos, regido pela resolução 196/96, deu-se início a coleta de dados, mediante assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido dos participantes que se disponibilizavam participar do estudo. Utilizou-se o Inventário de Habilidades Sociais (IHS), que foi aplicado individualmente no processo de triagem do CRCV tanto nos indivíduos dependentes quanto familiares. No que se refere a análise dos dados da presente pesquisa, esta foi realizada através do Pacote Estatístico para as Ciências Sociais (SPSS – Statistical Package for the Social Sciences) para Windows, na sua versão 18.0, para efetuar as análises preliminares e as estatísticas básicas dos dados da pesquisa. Os resultados não apontam para déficits no repertório geral das HS dos dependentes. No entanto no Fator 5 (autocontrole da agressividade em situações aversivas) foi evidenciada uma pontuação abaixo da média, o que é refletida pela impulsividade e dificuldade em lidar com críticas, o que pode muitas vezes se agravar em comportamentos delinquentes.

Palavras-chave: Dependência Química, Habilidades Sociais, Avaliação

Painel 4

TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS (THS) NO CONTEXTO ESCOLAR: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO FRENTE AO BULLYING

Gabrielly Guimarães B. Lima (Centro Integrado de Tecnologia e Pesquisa, João Pessoa-PB), Anne Emanuelle Cipriano da Silva, (Centro Integrado de Tecnologia e Pesquisa, João Pessoa-PB); Elisa Pinto Seminotti (Centro Integrado de Tecnologia e Pesquisa, João Pessoa-PB); Simorion Rodrigues Diniz (Centro Integrado de Tecnologia e Pesquisa, João Pessoa-PB); Shirley de Souza Silva Simeão (Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB); Reginete Cavalcanti Pereira (Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife-PE)

De acordo com Gresham (2009), as habilidades sociais são consideradas competências adquiridas que propiciam o início e manutenção de relacionamentos sociais adequados e positivos, favorecendo um ajustamento escolar satisfatório. Segundo Angelin (2012), as dificuldades dos sujeitos em estabelecer e manter vínculos sociais, além de interferir

no desempenho cognitivo pode resultar em prejuízos para a comunidade escolar, como o envolvimento dos jovens em atos de violência. Considerando que o fenômeno bullying tem sido uma forma de violência tão presente no contexto educacional e que tem provocado danos psicológicos e consequências para toda a vida, o treino de habilidades sociais vem sendo percebido como uma importante ferramenta frente à essa realidade. Assim, o objetivo do presente trabalho é apresentar uma proposta de intervenção que vem sendo aplicada no sentido de favorecer o desenvolvimento de habilidades sociais que se relacionem ao fenômeno em questão. O público alvo é alunos do ensino fundamental, com idades variando entre 10 e 12 anos. O material utilizado foi car tolina, fotografias de crianças de diferentes nacionalidades, o cubo das emoções, livro "olhe pra mim: um livro sobre sentimentos, o texto "a disputa dos pensamentos", cartolina, caixa de madeira e canetas coloridas. A proposta se estrutura ao longo de 12 encontros em que serão trabalhadas a expressividade emocional, assertividade, empatia e solução de problemas. Entre as principais atividades contempladas na proposta estão: trabalhando os sentimentos, exercícios de relaxamento, semáforo dos pensamentos, treino assertivo, ensaios comportamentais e feedback. Diante do exposto, o foco da presente proposta é promover saúde e desenvolvimento individual possibilitando assim o uso do THS numa perspectiva preventiva e educacional, ampliando sua possibilidade de aplicação e sendo uma medida eficaz no combate a uma determinada problemática.

Palavras-chave: Habilidades sociais, Bullying, Intervenções

Painel 5

PROCESSOS DE RESILIÊNCIA EM MULHERES TRANSEXUAIS

Talmo Rangel Canella Filho (Universidade Salgado de Oliveira, Niterói - Rio de Janeiro / Brasil)

Este artigo busca, com base na revisão da literatura, articular o conceito de resiliência com questões da realidade de vida de mulheres transexuais, enfatizando as características individuais e rede de apoio sócioafetiva. Os estudos revisados revelam que o enfrentamento cognitivo, a participação da família no processo de transição corporal como fonte de apoio afetivo, o papel das organizações e a religiosidade contribuem para a promoção da saúde e do bem-estar psicológico. Nas ciências humanas, a resiliência representa a capacidade de um indivíduo construir-se positivamente frente às adversidades, procura abranger outras dimensões mais atentas às condições sociais. Observou-se que não há consenso sobre o tema, mas que este apresenta aspectos concernentes com a promoção da saúde. Destacou-se o entendimento moderno de promoção da saúde de modo a ilustrar aspectos que se relacionam à resiliência, como a ampliação da capacidade dos indivíduos de apropriarem-se dos determinantes das condições de saúde. Já em relação à transexualidade, entendemos que esta surge da incompatibilidade entre a constituição corporal e o sexo, sendo este último determinado por critérios anatômicos. Ela é entendida como o desejo de viver e ser aceito como um membro do sexo oposto. Daí decorre a necessidade de adequar o corpo à sua identidade, através da hormonoterapia e da cirurgia de transgenitalização, entre outros procedimentos. O presente trabalho tem como objetivo identificar o processo de resiliência percorrido por mulheres transexuais ao longo da vida, mormente quanto à participação da família no processo de transição corporal como fonte de apoio afetivo. Iniciamos problematizando a transexualidade a partir de suas diferenças em relação à travestilidade e à intersexualidade. Para isso, são analisados conceitos como sexo, gênero, identidade de gênero, papel de gênero e orientação sexual. A transexualidade é apresentada enquanto uma construção social e histórica, entendendo-se que ela é socialmente construída, mutável e, por isso, dependente do contexto

histórico e cultural. Também é apresentada uma análise crítica daquilo que se considera causas, diagnósticos e tratamentos da transexualidade, apontando para sua despatologização. Também serão apresentados os possíveis significados dados à resiliência através de uma perspectiva conceitual e histórica, enquanto uma interface da Psicologia Positiva com foco no indivíduo e na famîlia. A fim de entendermos melhor esse processo, desenvolvemos uma pesquisa de campo com cinco mulheres transexuais da cidade do Rio de Janeiro, com idades entre 21 a 31anos, que iniciaram o processo de transição. Fizemos uso de entrevistadas semiestruturadas, baseadas em um roteiro previamente elaborado, que foram gravadas e transcritas na i¬ntegra. Os textos das¬ resultantes foram submetidos a uma análise de discurso a partir das seguintes categorias: atribuindo sentido à adversidade, olhar positivo e transcendência e espiritualidade. Nossos resultados apontaram a presença constante de fobia social nas mulheres transexuais, no entanto, destacam-se as características individuais e a rede de apoio como principais fatores de proteção e colaboradores no processo de resiliência.

Palavras-chave: Transexualidade, Resiliência, Apoio social

Painel 6

SEXUALIDADES E SUAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Talmo Rangel Canella Filho (Universidade Salgado de Oliveira, Niterói - Rio de Janeiro / Brasil)

Assuntos relacionados à sexualidade esbarram em dois problemas conexos. O primeiro diz respeito à questão da velha oposição “natureza x cultura”, no qual nos deparamos com o antigo impasse sobre o fato de ser a sexualidade humana constituída apenas por impulsos genéticos ou ser ela reforçada ou, até mesmo, determinada pelo contexto social e cultural em que o indivíduo está inserido. O segundo, intimamente ligado ao primeiro, embora com uma ‘roupagem’ mais atual, se refere à oposição “essencialismo x construtivismo”, que está no cerne da própria noção de identidade de gênero. Enquanto os essencialistas consideram que existem categorias, tais como a homossexualidade, a bissexualidade, a travestilidade e a transexualidade, que seriam da ordem da essência dos indivíduos e dos grupos, para os construtivistas tais categorias seriam apenas fruto de uma construção sociocultural. Assim, as sexualidades não estariam ligadas a uma ou mais características essenciais de um indivíduo ou grupo, mas, antes, seria resultado de uma categorização social com base em atributos e comportamentos próprios dessa pessoa ou grupo. Os estudos revisados revelam que as representações sociais das sexualidades não heterossexuais são compostas por cinco princípios organizadores: crença na natureza religiosa (tendência pecaminosa), crença na natureza ético-moral (tendência para a violação dos valores morais e tradicionais), crença na natureza psicológica (transtorno psicológico), crença na natureza biológica (relacionada com os fatores hereditários, hormonais e gestacionais) e crença na natureza psicossocial (relacionada com aspectos identitários e não-essencializantes). A importância dessas representações é que as teorias e as práticas científicas quando são transformadas em saber de senso comum pode m contribuir para o processo de discriminação social. O presente estudo objetivou analisar as representações sociais de estudantes universitários do curso de Direito no tocante a homossexualidade, bissexualidade, travestilidade e transexualidade. A amostra foi não probabilística e intencional constituída por 272 universitários. Os dados foram coletados por meio de questionário sociodemográfico e de Teste de Associações Livres de Palavras (TALP) com base nos estímulos-indutores “gay”, “lésbica”, “bissexual”, “travesti” e “transexual”. Os dados coletados foram analisados pela Técnica de Redes Semânticas Naturais. Durante a realização da pesquisa, as diretrizes que norteiam as pesquisas envolvendo seres humanos foram observadas e, assim, conservamos o anonimato dos participante, bem como a confidencialidade de suas respostas.

As representações sociais sobre as sexualidades não heterossexuais foram objetivadas pelos participantes em três categorias semânticas principais: a) religião e pecado; b) tutela jurídica e aceitação e c) identidades estigmatizadas. Estes achados revelem que as representações sociais estiveram fortemente associadas às crenças religiosas dos participantes, apontando para formas significativas de expressão do preconceito e da discriminação, bem como corroborando que o posicionamento dos atores sociais frente às sexualidades é mediado pelas teorias científicas e/ou crenças socialmente compartilhadas por eles.

Palavras-chave: Sexualidades, Representações Sociais, Psicologia Social Cognitiva

Painel 7

VIVÊNCIA DE ACADÊMICAS DE ODONTOLOGIA NA ESTRATÉGIA DE SAÚDE DA FAMÍLIA: ANÁLISE DA CONTRIBUIÇÃO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Celia Caldeira Fonseca Kestenberg (Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Brasil), Beatriz Faro Wanzeller (Faculdade de Odontologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Brasil), Thamyris da Silva Cruz (Faculdade de Odontologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Brasil), Elizabeth Santos Botelho (Centro Municipal de Saúde Professor Julio Barbosa. Rio de Janeiro. Brasil)

Introdução: O estudo tem por objetivo descrever a contribuição das experiências vividas por acadêmicas de odontologia, bolsistas do Programa d e Ensino para o Trabalho em Saúde (PET-Saúde) intitulado Laboratório de Habilidades Sociais e Interpessoais (PET-LAHIS), no que diz respeito a formação profissional. Através da integração entre os cursos de odontologia, medicina, nutrição, enfermagem, psicologia e os profissionais da unidade da Estratégia de Saúde da Família no Estado do Rio de Janeiro, elaborou-se a construção interdisciplinar do conhecimento em saúde através de cursos de capacitação. O foco principal da abordagem teórica foram os conceitos de habilidades sociais, que podem ser aprendidas na infância e/ou desenvolvidas ao longo da vida, inclusive através de capacitação. Objetivos: Relatar a vivência das acadêmicas de odontologia na Estratégia de Saúde da Família e a contribuição do PET-LAHIS na formação de profissionais qualificados. Determinar de que forma a participação nas atividades realizadas no cotidiano da Atenção Primária, contribuiu para formação profissional. Metodologia: descrição das diferentes atividades que ocorreram semanalmente, de março a agosto de 2013, na comunidade da Formiga RJ, sobe a orientação da preceptora Cirurgiã Dentista e avaliação da prática das habilidades sociais. Atividades desenvolvidas: 1.Mutirão da criança (01): atividades informativas dinâmicas destinadas a cada faixa etária, como avaliação da saúde oral e demais exames; 2.Atendimento odontológico(90): somado ao procedimento técnico, era possibilitado a cada paciente “desabafar” suas angústias, refletir sobre seu sofrimento e suas causas e por consequência, tomar consciência de suas ações; 3.Consultas conjuntas (02): atendimento interdisciplinar entre os profissionais da saúde como médicos, odontólogos, enfermeiros e nutricionistas, é possível promover uma interação de diferentes modelos e conceitos de distintas disciplinas e áreas do conhecimento; 4. Grupos de saúde bucal (03): atividades dinâmicas informativas s obre saúde oral, demonstração de técnicas para a adequada higiene bucal, seguidos de atendimentos clínicos da população; 5.Visitas Domiciliares (02): Na Atenção Básica, são realizadas ações em domicílio, como o cadastramento, a busca ativa, ações de vigilância e de educação em saúde. A atenção domiciliar ocorre também quando pacientes cuja situação demande um cuidado e acompanhamento periódico, estão impossibilitados ou com dificuldade de locomoção à Unidade Básica de Saúde; 6.Planejamento familiar(01): através de um conjunto de ações foram apresentadas, discutidas e reveladas informações sobre sexualidade, além de métodos e técnicas para concepção e anticoncepção; 7.Acolhimento(01):

Desde a recepção ao fim do atendimento do usuário, o acolhimento esteve presente, permitindo a expressão das angústias e preocupações do indivíduo. Resultados: foi possível observar a ruptura do enfoque ensinado no decorrer da graduação que consiste na observação única das enfermidades físicas, sem atribuir relevância ao grau de comprometimento emocional e condição socioeconômica do paciente. Houve ampliação do olhar das acadêmicas através do desenvolvimento das habilidades sociais como: a escuta ativa, o olhar sensível, a assertividade, empatia, fortalecimento e criação de vínculo com os pacientes. Conclusão: a participação em programas que visam aproximar a graduação ao sistema público de saúde como o PET-LAHIS, complementam a formação teórica e prática de acadêmicos da área de odontologia. O cuidado integral em saúde só acontece mediante a identificação e preparo do profissional.

Palavras-chave: Habilidades sociais, graduandos de odontologia, aprendizagem

Painel 8

SATISFAÇÃO POR COMPAIXÃO E HABILIDADES SOCIAIS EM PRESBÍTEROS

Silvia Maria Matias Leite Lopes (Faculdade Estácio de Sergipe, Aracaju-SE), Cristiane Oliveira Santos (Faculdade Estácio de Sergipe, Aracaju-SE), Maria Luiza Pontes de França-Freitas (Faculdade Estácio de Sergipe, Aracaju- SE)

A satisfação por compaixão caracteriza-se pela tarefa extremamente prazerosa ao ato de compadecer-se, ou seja, de intervir numa situação quando por meio do processo empático toma-se conhecimento de que alguém sofre. Somado ao fato desse fenômeno ser pouco estudado e conhecido não são encontradas pesquisas empíricas a respeito da satisfação por compaixão e do repertório de habilidades sociais de presbíteros, bem como não são encontrados estudos relacionando essas variáveis. A profissão dos presbíteros demanda que, no exercício de suas atividades, esses apresentem um comportamento empático, de compaixão e, ao mesmo tempo de exposição constante ao outro. Pretende-se, então, responder a questão: o fato desse profissional se sentir satisfeito por se compadecer e ajudar o outro teria relação com o seu repertório de habilidades sociais? Os objetivos desse estudo foram, portanto, verificar a correlação entre habilidades sociais e satisfação por compaixão em presbíteros e identificar o poder preditivo das habilidades sociais na explicação da satisfação por compaixão. Participaram deste estudo 60 presbíteros com idade média de 41 anos (DP= 11,08) variando de 26 a 78 anos. Os instrumentos utilizados para coleta de dados foram: (1) Inventário de Habilidades Sociais (IHS); (2) Escala de Qualidade de Vida Profissional (PROQQL); e (3) Questionário sociodemográfico. Foram realizadas análises descritivas e inferenciais. A partir de análise de correlação de Spearman foi possível identificar correlação positiva e estatisticamente significativa da variável Satisfação por Compaixão com o Escore Geral de habilidades sociais e as subescalas Autoafirmação na Expressão de Sentimento Positivo e Autoexposição a Desconhecidos e Situações Novas. Os resultados obtidos a partir de análise de regressão linear múltipla indicaram que o repertório elaborado nessas duas subescalas de habilidades sociais está associado a um maior nível de Satisfação por Compaixão em presbíteros. A Autoafirmação na Expressão de Sentimento Positivo é a habilidade que permite ao indivíduo expressar afeto positivo bem como apresentar comportamentos como saber elogiar, defender outrem em grupo e participar de conversação. Essa habilidade é fundamental para estabelecer e manter os vínculos de afetividade nos relacionamentos interpessoais o que é de extrema importância na atuação do presbítero em situações e m que ele se dispõe a ajudar bem como pode permitir que o mesmo sinta-se satisfeito ao apresentar esses comportamentos em interação com o outro. Espera-se que aqueles que assumem essa profissão tenham a habilidade de Autoexposição a Desconhecidos e Situações Novas desenvolvida, uma vez que dentre as funções da atuação

desse profissional estão as seguintes: lidar com situações imprevistas de assistência àqueles que buscam por esse profissional para minimizar o sofrimento psíquico; capacidade de oratória desenvolvida parar palestrar para pessoas desconhecidas; e aptidão para lidar com situações de constante exposição aos eventos traumáticos e sofrimento do outro. Os presbíteros, portanto, relataram sentir-se satisfeitos ao ser capaz de intervir através desses comportamentos pro-sociais de ajuda ao outro. Pode-se afirmar que os resultados dessa pesquisa podem contribuir para a área de estudo de fenômenos psicológicos embasados na perspectiva da Psicologia Positiva.

Palavras-chave: Satisfação por compaixão, Habilidades Sociais, Presbíteros

Painel 9

AVALIAÇÃO DE UM PROGRAMA PROMOTOR DA HABILIDADE EMPÁTICA EM UNIVERSITÁRIOS E BOLSISTAS DO PET-PSICOLOGIA (UFJF-MG)

Nayara Benevenuto Peron (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG), Marisa Cosenza Rodrigues (Docente do Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG); Gisele de Rezende Franco (Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG); Melissa Gevezier Fioravante (Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG); Monaliza Medeiros Cornélio (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG)

A empatia constitui uma habilidade socialmente aprendida que favorece relações interpessoais saudáveis e duradouras facilitando a formação de vínculos afetivos. Refere-se à capacidade de inferir e compreender, de forma acurada, os sentimentos, pensamentos e perspectivas de alguém, considerando as necessidades do outro e se expressando de forma que o outro se sinta compreendido e validado. Nesta direção, a empatia é considerada uma habilidade multidimensional constituída por aspectos cognitivos, afetivos e comportamentais. Na Psicologia, bem como no campo da saúde em geral, a empatia é uma habilidade essencial para a prática profissional. O desenvolvimento desta habilidade é pré-requisito para uma prática profissional mais efetiva e comprometida considerando a ótica preventiva e promotora de saúde. Objetivo: A presente pesquisa-intervenção objetivou implementar e avaliar um programa de desenvolvimento de empatia, bem como investigar o efeito desse programa nas relações interpessoais e nas práticas acadêmicas de 12 alunas bolsistas do Programa de Educação Tutorial- PET-Psicologia (UFJF) e 2 estudantes do referido curso (média de 21,9 anos). Método: Após procedimentos éticos, obteve-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos participantes e aplicou-se um Questionário de Caracterização e, para pré e pós-avaliar os participantes, os seguintes instrumentos: Inventário de Empatia (IE) e a Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal de Davis (EMRI). Após três meses do término do programa, foi realizada uma pesquisa de seguimento mediante realização de entrevistas semiestruturadas que foram submetidas à análise de conteúdo temática e frequencial. O programa foi realizado mediante cinco encontros, totalizando 18 horas de intervenção com foco na compreensão empática e na verbalização empática verbal e não verbal, distribuídas nas seguintes temáticas: identificação das emoções e sinais não verbais comunicação interpessoal; desenvolvimento de habilidades de tomada de perspectiva, escuta e compreensão sensível e modelagem do comportamento empático verbal. Foram utilizadas vivências, jogos, dinâmicas de grupo, exposição dialogada e leitura de textos, utilização de técnicas de relaxamento e tarefas de casa. Os dados obtidos foram tabulados e analisados quantitativa e qualitativamente. Resultados: O teste t de Student indicou diferença significante para todos os fatores do Inventário de Empatia, sugerindo efeito positivo do programa implementado junto aos participantes. Embora tenham

sido constatadas diferenças no tocante aos escores dos itens da Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal de Davis após o programa, tais diferenças não foram significantes. Quanto ao estudo de seguimento, a análise das entrevistas revelou, dentre outros aspectos que, todas as participantes indicaram benefícios para a vida diária e relacional, melhoria e maior preparação no âmbito das práticas psico lógicas e aprimoramento da formação acadêmica, decorrentes da implementação do programa. O presente trabalho indica a relevância da promoção do desenvolvimento da habilidade empática no contexto universitário e a necessidade da realização de outros estudos no contexto brasileiro.

Palavras-chave: Habilidades sociais, empatia, universitários

Painel 10

PROGRAMA DE TREINAMENTO DA HABILIDADE SOCIAL PARA LEITURA EM PÚBLICO COM A UTILIZAÇÃO DE TERAPIA COGNITIVO COMPORTAMENTAL E HIPNOSE COGNITIVA: UM ESTUDO DE CASO

Clystine Abram Oliveira Gomes (Instituto Brasileiro de Hipnose Aplicada, Rio de Janeiro, RJ. Brasil)

Programa de Treinamento da Habilidade Social para leitura em público com a utilização de Terapia Cognitivo Comportamental e Hipnose Cognitiva: Um Estudo de Caso. Resumo: Este trabalho apresenta um Estudo de Caso sobre os resultados do Treinamento de Habilidades Sociais (THS) de um paciente fóbico social na exposição à leitura para público conhecido e desconhecido. O paciente de 62 anos, engenheiro de telecomunicações, trabalhando em empresa telefônica em cargo de gerência, religioso com atribuições na sua doutrina, procurou auxílio psicológico por ter incumbência laboral de ler textos de contrato de terceirização de trabalho e textos religiosos para as pessoas que frequentavam as reuniões públicas de sua religião, essas pessoas poderiam ser conhecidas ou desconhecidas e geralmente eram um público em torno de 10 a 50 pessoas, respectivamente se ocorresse em local de trabalho ou local religioso. Apesar de ser responsável pela leitura dos textos, não conseguia ler, ao tentar gaguejava, tremia, sentia calafrios, taquicardia, tonteiras, muito medo, pavor e ansiedade, pensava que as pessoas iriam criticá-lo e achá-lo um idiota; sempre evitava essas situações e arrumava um substituto para ler por ele, o que era bastante inconveniente nas situações de trabalho, já que era o gerente. Inconformado com essa situação pensou que buscar um tratamento com Terapia Cognitivo Comportamental e Hipnose poderia ajudá-lo a vencer o medo que o assombrava. O objetivo do programa foi promover a Habilidade Social do paciente, minimizando a ansiedade de enfrentar situações de exposição à leitura para pessoas conhecidas e desconhecidas, permitir ao paciente ser competente social nessas situações, reestruturar suas crenças disfuncionais sobre ser um idiota e solucionar o problema. O THS consistiu de sessões semanais de uma hora, totalizando 12 encontros, com a utilização de Terapia Cognitivo Comportamental e Hipnose Cognitiva, com a utilização de psicoeducação, técnicas de relaxamento, visualização criativa, sugestões diretas e indiretas, metáforas, âncoras de segurança, ressignificação e reestrutura. Os resultados foram analisados através do Inventário de habilidades Sociais que foi aplicado antes e após o THS, esses resultados indicaram significativas mudanças comportamentais, emocionais e cognitivas no paciente, permitindo que ele tenha um desempenho satisfatório ao ler em público, enfrentando a situação com baixa ansiedade e posteriormente nenhuma ansiedade, produzindo uma habituação na situação de ler para público conhecido e desconhecido. Os resultados foram acompanhados com follow up de três e seis meses após o tratamento o que permitiu verificar que a evolução do paciente continuou, demonstrando que as técnicas utilizadas para esse paciente foram eficazes.

Palavras-chave: Hipnose, fobia social, THS

Painel 11

COMPARAÇÕES DO REPERTÓRIO DE HABILIDADES SOCIAIS E DO DESEMPENHO ACADÊMICO DE UNIVERSITÁRIOS EMPREGADOS E NÃO EMPREGADOS

Alessandra Salina Brandão (Doutoranda Psicologia FFCLRP, USP, Ribeirão Preto, S.P.), Alessandra Turini Bolsoni Silva (Departamento de Psicologia, Unesp, Bauru, S.P.), Sonia Regina Loureiro (Departamento de Neurociências e Ciências do Comportamento FMRP, USP, Ribeirão Preto, S.P.)

O ingresso na universidade traz para os estudantes diferentes desafios, como, adaptar-se as novas demandas acadêmicas, sociais e muitas vezes aprender a conciliar emprego e estudo. Nesse contexto se insere a presente pesquisa, que tem como fonte um banco de dados de um amplo estudo desenvolvido com universitários da UNESP-Bauru, caracterizando-se como um desdobramento deste estudo. Objetiva-se comparar o repertório de habilidades sociais e o desempenho acadêmico de universitários das áreas de humanas e exatas, distribuídos em dois grupos: alunos empregados e alunos não empregados. Participaram do estudo 276 estudantes universitários da UNESP–Bauru, sendo 125 da área de humanas e 191 da área de exatas. Dentre os alunos da área de humanas, 36 eram do sexo masculino e 89 do sexo feminino, 35 declararam estarem empregados e 90 não empregados; da área de exatas, 125 eram do sexo masculino e 66 do sexo feminino, 63 declararam estarem empregados e 128 não empregados. Procedeu-se a avaliação das habilidades sociais dos estudantes, em situação coletiva, em sala de aula, por meio do Inventário de Habilidades Sociais (IHS - Del Prette) e do Questionário de Avaliação de Habilidades Sociais, Comportamentos e Contextos para Universitários (QHC - Universitários) quando esses cursavam o início da graduação, definido, para cada curso, como até um semestre antes da metade do tempo previsto de conclusão. Para a avaliação do desempenho acadêmico procedeu-se a um levantamento sistemático junto ao sistema eletrônico da seção de graduação da universidade, verificando a média das notas obtidas pelos estudantes no mesmo período da avaliação das medidas de habilidades sociais. Comparou-se o padrão de habilidades sociais entre os dois grupos, usando-se o teste T ($p<0,05$) e o desempenho acadêmico (na média, abaixo e acima da média) por meio do teste Qui-quadrado ($p<0,05$). Não foram verificadas diferenças estatisticamente significativas nas comparações relativas aos alunos da área de humanas e verificou-se diferenças significativas quando das comparações com os estudantes da área de exatas, a saber: a) em relação às habilidades sociais, os estudantes não empregados apresentaram médias maiores no fator expressão de sentimento negativo, faz e recebe críticas do QHC-Universitários ao serem comparados com os empregados; e b) quanto ao desempenho acadêmico na média, maior número entre de estudantes não empregados, em comparação aos empregados. Os dados sugerem que a variável estar empregado está mais frequentemente associada a problemas de habilidades sociais e desempenho acadêmico entre os estudantes da área de exatas, o que não foi observado para os estudantes da área de humanas, colocando em evidência peculiaridades de áreas. A variável estar empregado remete também a outras condições, tais como: necessidade econômica, estrutura da grade curricular, suporte da família e da própria universidade, aspectos esses que requerem consideração, quando do planejamento de condições que visam à valorização do bem estar dos alunos na vida acadêmica.

Palavras-chave: Habilidades sociais, desempenho acadêmico, universitários

Painel 12

UM ESTUDO DA RELAÇÃO ENTRE HABILIDADES SOCIAIS E ESTRESSE EM PROFESSORES

Rachel Shimba Carneiro (UNISUAM, Psicologia, Rio de Janeiro/Brasil), Ângela da Silva Gomes; Bárbara Ricardo O. Bianchini; Benilde Lobo Teles; Carine do Espírito Santo Barreto; Jaqueline W. Sampaio Pereira; Jorge Mendes; Leila Bati sta Nunes; Maria Angélica Oliveira Gabriel; Monique Ribeiro de Assis; Pedro Defante; Tatiane Parrine dos Reis; Vera Lúcia P. Nascimento (Centro Universitário Augusto Mota, UNISUAM, Rio de Janeiro/Brasil).

A constatação de que as habilidades sociais estão relacionadas a melhor qualidade de vida, a relações interpessoais mais gratificantes, a maior realização pessoal e ao sucesso profissional vem despertando o interesse de especialistas e multiplicando as pesquisas sobre o tema. Além disso, os estudos têm mostrado que deficiências em habilidades sociais podem contribuir para o desenvolvimento do estresse. Entretanto, a inclusão das habilidades sociais como componente necessário para o exercício da cidadania e preparação dos jovens para os desafios deste início de milênio se coloca como uma questão que, apenas recentemente, começa a ser objeto de preocupação na educação brasileira. O presente estudo constitui uma parte de um trabalho mais amplo que pretende aumentar o repertório de habilidades sociais dos professores e diminuir o nível de estresse destes em sala de aula. Diante de tais considerações, a pesquisa atual teve como objetivo investigar as habilidades sociais e o nível de estresse de 65 professores do Ensino Fundamental atuantes em duas escolas públicas do Rio de Janeiro. As habilidades sociais foram avaliadas através do Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del Prette) e o estresse a partir do Inventário de Sintomas de Estresse para Adulto de Lipp (ISSL). A partir dos dados obtidos no material especificado acima, pôde-se observar que dos 22 professores que apresentaram estresse: 8 foram identificados com repertório bastante elaborado de habilidades sociais; 4 com bom repertório de habilidades sociais; 2 com repertório médio de habilidades sociais; 3 com repertório abaixo da média de habilidades sociais e 5 com indicação para treinamento em habilidades sociais. Por outro lado, dos 43 professores que não apresentaram estresse: 26 foram identificados com repertório bastante elaborado de habilidades sociais; 5 com bom repertório de habilidades sociais; um com repertório médio de habilidades sociais; 3 com repertório abaixo da média de habilidades sociais e 8 com indicação para treinamento em habilidades sociais. Para avaliar a relação entre habilidades sociais e estresse, foi calculada a correlação total através do teste de correlação linear Pearson. O resultado desse estudo identificou uma correlação estatisticamente significante entre o escore total da variável habilidade social e o escore total do estresse. Considerando que as ações preventivas só poderão ter um grande impacto no desenvolvimento das habilidades sociais e na diminuição do estresse dos professores, se forem baseadas nos resultados de rigorosas pesquisas científicas sobre o tema, é possível verificar a importância dos conhecimentos gerados a partir desse levantamento que podem contribuir para que os professores aumentem o repertório de habilidades sociais e diminuam o nível de estresse em sala de aula.

Palavras-chave: Habilidades sociais, Estresse, Professores

Painel 13

COABITAÇÃO, COGNIÇÃO E SINTOMAS DEPRESSIVOS EM IDOSOS

Luciane Scheufler, Camila Rosa de Oliveira, Cristiane Silva Esteves, Valéria Gonzatti, Irênio Gomes Filho, Irani Iracema de Lima Argimon e Tatiana Quarti Irigaray (Programa de Pós Graduação de Psicologia da PUCRS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil)

A coabitação, caracterizada pela relação de convivência entre pessoas de idades semelhantes ou não, tem demonstrado ser um importante fator para a qualidade de vida em idosos. A

qualidade dessas interações pode influenciar diretamente no desempenho cognitivo de idosos, além de contribuir para o desenvolvimento de quadros neuropsiquiátricos nessa população, como a presença de sintomas depressivos e/ou de ansiedade. Dessa forma, o objetivo desse estudo é investigar se idosos com diferentes níveis de coabitação apresentam diferenças de desempenho em funções cognitivas e na quantidade de sintomas depressivos. Participaram deste estudo 425 idosos de ambos os sexos, com idades entre 60 a 104 anos. A composição dos grupos conforme a coabitação foi de 84 idosos que moram sozinhos, 87 que moram com cônjuge/companheiro, 104 que moram com cônjuge/companheiro e familiares, e 150 que moram apenas com familiares. Os idosos responderam ao questionário de caracteri zação sociodemográfica, à Escala de Depressão Geriátrica de 15 pontos (GDS-15), ao Mini Exame do Estado Mental (MEEM), e às tarefas de atenção, lista de palavras (evocação imediata, tardia e reconhecimento) e nomeação verbal do Consortium to Establish a Registry for Alzheimer's Disease (CERAD), ao subteste memória lógica (evocação imediata e tardia) da Escala Wechsler de Memória (WMS) e à tarefa de fluência verbal semântica (animais). A comparação entre os grupos nas variáveis sociodemográficas, desempenho cognitivo e sintomas depressivos foi realizada a partir da análise de variância One-Way ANOVA, com post-hoc Bonferroni. Na comparação entre variáveis categóricas utilizou-se o Qui-quadrado. Resultados foram considerados significativos quando $p \leq 0,05$. O pacote estatístico utilizado foi o SPSS 17.0. De acordo com as análises, os idosos que moram sozinhos são significativamente mais velhos que os idosos dos demais grupos. Além disso, houve diferença na distribuição do sexo nos grupos que moram sozinhos e que moram apenas com familiares apresentando uma proporção maior de mulheres. Não houve diferença entre os grupos em relação à quantidade de sintomas depressivos e nas habilidades cognitivas. A partir dos resultados encontrados nesse estudo não foram encontradas alterações significativas de desempenho cognitivo e de sintomatologia depressiva em idosos de acordo com a coabitação. Embora o grupo de idosos que moram sozinhos seja o de maior idade, não necessariamente esse dado refletiu em melhor funcionamento cognitivo. Contudo, é importante investigar em estudos futuros possíveis variáveis que podem ter influenciado as habilidades cognitivas e a presença de sintomas depressivos em conjunto com a coabitação.

Palavras-chave: coabitação, cognição e depressão em idosos

Painel 14

INFLUÊNCIA DO ESTADO CIVIL SOBRE A COGNIÇÃO E PRESENÇA DE SINTOMAS DEPRESSIVOS EM IDOSOS

Luciane Scheufler (Programa de Pós graduação em Psicologia da PUCRS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil), Camila Rosa de Oliveira, Cristiane Silva Esteves, Valéria Gonzatti, Irênio Gomes Filho, Irani Iracema de Lima Argimon e Tatiana Quarti Irigaray (Programa de Pós graduação em Psicologia da PUCRS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil)

Introdução: Diversas formas de relacionamento social e familiar ao longo da vida têm demonstrado impacto na manutenção do desempenho cognitivo no envelhecimento, de acordo com a hipótese da reserva cognitiva. Porém são poucos os estudos que investigam a relação entre o estado civil e o funcionamento cognitivo de idosos. Objetivo: Investigar a influência do estado civil (solteiro, casado, viúvo e/ou separado/desquitado) no desempenho cognitivo e na expressão de sintomas depressivos em idosos saudáveis. Método: Trata-se de um estudo transversal e comparativo. Participaram 442 idosos de ambos os sexos, com idades entre 60 a 104 anos. A composição dos grupos, conforme estado civil, foi de 76 participantes solteiros, 159 casados, 121 viúvos e 73 separados. Os idosos responderam ao questionário de caracterização sociodemográfica, à Escala de Depressão Geriátrica de 15 pontos (GDS-15), ao Mini Exame do Estado Mental

(MEEM), e às tarefas de atenção do The Montreal Cognitive Assessment (MOCA), lista de palavras (evocação imediata, tardia e reconhecimento do Consortium to Establish a registry for Alzheimer's Disease (CERAD), linguagem (nomeação) do Teste de Boston abreviado, à memória lógica (evocação imediata e tardia) da Escala Wechsler de Memória (WMS) e à tarefa de fluência verbal semântica (animais). A comparação entre os grupos nas variáveis sociodemográficas, desempenho cognitivo e sintomas depressivos foi realizada a partir da análise de var iância One-Way ANOVA, com post-hoc Bonferroni. Na comparação entre variáveis categóricas utilizou-se o Qui-quadrado. Resultados foram considerados significativos quando p≤0,05. O pacote estatístico utilizado foi o SPSS 15. Resultados: Os idosos separados, em comparação com os demais grupos, são mais jovens e mais escolarizados. Além disso, apresentaram melhores resultados na avaliação cognitiva geral, nas tarefas de memória verbal episódico-semântica de evocação imediata (lista de palavras e texto) e tardia (texto), nomeação verbal e fluência verbal. Não houve diferença significativa entre os grupos em relação ao número de sintomas depressivos. Discussão/Conclusão: Neste estudo, o melhor funcionamento cognitivo foi encontrado no grupo de idosos separados, que tinha mais escolaridade e menor idade. Este resultado está em conformidade com a literatura, que aponta maior declínio cognitivo em idosos com escolaridade mais baixa e idade mais avançada. Os separados apresentaram melhor desempenho cognitivo, o que pode ocorrer devido à maior escolaridade, menor idade e a uma maior motivação de manter-se bem cognitivamente, o que influenciaria em sua independência e autonomia. Ademais, por estarem cognitivamente melhores, terem mais estudo e serem mais jovens, apresentam-se mais seguros, motivados e confiantes para buscarem a separação. Conclui-se ainda que o estado civil parece não influenciar na expressão de sintomas depressivos em idosos. Estar separado na velhice pode ser indicativo de boas condições cognitivas, em contraposição à falsa ideia de desamparo e solidão.

Palavras-chave: estado civil, cognição e depressão em idosos

Painel 15

ADAPTAÇÃO E VALIDAÇÃO DAS ESCALAS MULTIDIMENSIONAIS DE EXPRESSÃO SOCIAL PARTES COGNITIVA E MOTORA (EMES-C E EMES-M): RESULTADOS PRELIMINARES

Anderson Siqueira Pereira (UFRGS, Instituto de Psicologia, Porto Alegre - RS/Brasil), Silvia Helena Koller (UFRGS, Instituto de Psicologia, Porto Alegre - RS/Brasil)

A Escala Multidimensional de Expressão Social parte Motora (EMES-M) é um instrumento autoaplicável composto por 64 itens e tem como finalidade avaliar a ocorrência de comportamentos socialmente hábeis em interações sociais. Em sua versão original possui 12 fatores que avaliam diferentes contextos onde se necessita das habilidades sociais para um desempenho social satisfatório. Por sua vez, a Es cala Multidimensional de Expressão Social parte Cognitiva (EMES-C) é um instrumento autoaplicável composto de 44 itens e tem por objetivo avaliar a ocorrência de cognições negativas referentes às interações sociais. Em sua versão original também possui 12 fatores que buscam avaliar as diferentes situações onde cognições negativas relativas à interação social podem estar presentes. O objetivo do estudo é traduzir, adaptar e validar as escalas EMES-C e EMES-M para uso na população brasileira. O processo de tradução consistirá de 7 etapas: 1) tradução para o português por 2 tradutores independentes; 2) Síntese das duas versões traduzidas em uma única versão por um terceiro tradutor; 3) avaliação da tradução por quatro juízes para correção de erros de português e avaliar a adequação da linguagem para a realidade brasileira; 4) síntese das correções em uma única versão; 5) estudo piloto com uma amostra de adultos para avaliar possíveis problemas de compreensão; 6)retrotradução do instrumento para o espanhol; 7) avaliação

por parte do autor original da escala. Resultados: Os instrumentos encontram-se traduzidos. Na avaliação da linguagem, discutiu-se, juntamente com experts em avaliação e habilidades sociais, palavras que refletissem o cotidiano da população alvo do instrumento, buscando uma melhor compreensão das questões, o que resultou na atualização de alguns termos que eram utilizados na escala original. Outro tema foi o uso da expressão "membro do sexo oposto" que era utilizada em diversas questões de ambos os instrumentos. Esta expressão poderia causar dificuldades de entendimento caso o questionário fosse respondido por pessoas de diferentes orientações sexuais. Em correspondência com o autor da escala, foi discutido qual o proposito desta expressão e se chegou a conclusão que ela buscava se referir a pessoas com a qual o respondente sentia-se fisicamente atraído ou que buscaria ter algum tipo de relacionamento intimo. Desta forma, foi decidida que a expressão "membro do sexo oposto" seria substituída pela expressão "alguém que considero atraente" para que pudesse haver um entendimento melhor de o que a questão estava buscando avaliar. Os próximos passos do estudo serão a aplicação em um grupo de adultos para a avaliação de possíveis problemas no entendimento das questões dos instrumentos para, após isso, iniciar-se o processo de retrotradução e avaliação das mesmas pelo autor original dos instrumentos. Após este processo, será iniciado o estudo de validação psicométrica dos instrumentos.

Palavras-chave: Habilidades Sociais, Instrumentos de avaliação, Validação transcultural

Painel 17

AS CATEGORIAS TEMÁTICAS DA SESSÃO NO ATENDIMENTO A UNIVERSITÁRIOS COM FOBIA SOCIAL

Vagner Angelo Garcia (Departamento de Psicologia, Laboratório de Aprendizagem, Desenvolvimento e Saúde, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Bauru, SP), Alessandra Turini Bolsoni-Silva (Departamento de Psicologia, Laboratório de Aprendizagem, Desenvolvimento e Saúde, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Bauru, SP)

A fobia social é caracterizada como um transtorno de ansiedade, sem remissão espontânea que acarreta inúmeros prejuízos a vida de seus portadores. Diversos procedimentos se mostram eficazes em seu tratamento, sendo um deles o treinamento em habilidades sociais (THS). Contudo, há carência na literatura em pesquisas que tiveram como objetivo descrever quais os temas abordados durante as intervenções com essa população. Assim, este trabalho se propôs a descrever em termos de frequência e duração os temas presentes em sessões de terapia comportamental no atendimento com universitários com fobia social. Participaram da pesquisa dois clientes diagnosticados com o transtorno e uma terapeuta. A intervenção foi THS associada com terapia comportamental. Cada cliente passou por onze sessões que foram gravadas em vídeo e categorizadas de acordo com a temática da sessão. As análises (total de 38h15min de sessões) foram realizadas por dois observadores, treinados quanto ao uso do sistema de categorias, com índice de concordância satisfatório (acima de 70%). Os resultados foram agrupados de acordo com o momento da terapia: Inicio (três sessões), Desenvolvimento (cinco sessões) e Encerramento (três sessões). Na fase inicial e desenvolvimento o tema mais frequente para ambos os clientes foi o 'Relacionamento interpessoal', que compreende os relacionamentos do cliente fora da sessão, excetuando-se relacionamento com a família, relações amorosas e relações profissionais, que são categorizados em tema próprio. Observa-se que com o desenvolvimento da terapia, a frequência com que tal tema foi abordado diminuiu. Uma hipótese é de que com o tratamento, o relacionamento interpessoal com amigos e outras pessoas apresentaram melhora e outras temáticas passaram a também fazer parte das sessões. O assunto 'Trabalho, estudo e/ou Carreira' foi o segundo mais frequente na fase inicial

e depois também diminuiu de frequência e duração. A mesma hipótese anterior é sugerida neste tema, pois a população de universitários comumente apresenta mais dificuldades nos relacionamentos com amigos e colegas da faculdade, compreendendo ambos os temas, e com o transcorrer da terapia tais relações foram melhorando e outras necessidades, como por exemplo, o 'relacionamento com cônjuges/parceiro' e o 'relacionamento com pais' aumentaram em frequência e duração. Outro tema de destaque foi 'atividades de fantasia', que contempla as atividades de ensaio comportamental presentes na intervenção. Essa temática apresentou médias de frequência e duração crescentes do início para o encerramento das sessões, e que pela característica da intervenção era o momento em que o universitário treinava os comportamentos habilidosos aprendidos na sessão. A temática 'relação terapêutica' também foi crescente do início para o encerramento da terapia, que sugere que cliente e terapeuta passaram a avaliar/comentar mais sobre aspectos da relação de ambos na sessão. Os resultados descritos permitem uma visão de quais os temas presentes na intervenção com fóbicos sociais e novas pesquisas devem ser conduzidas a fim de verificar a frequência dos temas aqui descritos. Uma sugestão é de que alguns temas sejam divido a fim de permitir uma análise mais precisa, como por exemplo, o tema 'relacionamento interpessoal', dividido em relacionamento com amigos, colegas da universidade e estranhos.

Palavras-chave: tema da sessão, fobia social, terapia analítico-comportamental

Painel 19

ASPECTOS CORRELACIONAIS ENTRE HABILIDADES SOCIAIS CONJUGAIS E CONSTRUTOS PSICOSSOCIAIS EM RELACIONAMENTO RÔMANTICO

Caroline Egert (Avaliação e Mensuração Psicológica, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, E.S.), Mayara Tulli Netto(Avaliação e Mensuração Psicológica, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, E.S.); Andressa Tonini Pissaia (Avaliação e Mensuração Psicológica, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, E.S.); Alexsandro Luiz De Andrade (Avaliação e Mensuração Psicológica, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, E.S.)

Habilidades sociais representam um conjunto de comportamentos emitidos por um indivíduo em um contexto interpessoal que expressa sentimentos, atitudes, desejos e opiniões ou direitos desses indivíduos de modo adequado à situação. No campo científico, são aspectos amplamente estudados e tidos como facilitadores de aspectos de saúde, satisfação com a vida, realização profissional e também aspectos de qualidade conjugal. O presente estudo teve por objetivo compreender a relação entre diferentes construtos psicossociais e habilidades sócio-conjugais em relacionamentos de namoro. Na condução do estudo participaram um total de 500 pessoas envolvidas em um relacionamento romântico do tipo namoro, sendo 174 (34,8%) do sexo masculino e a média de idade dos participantes foi de 22,1 anos (DP = 4,5 anos). Resultados, a partir de procedimentos correlacionais, apontaram que: os aspectos de habilidade social conjugal comunicação e expressividade, autocontrole e evitação de conflito se correlacionam positivamente com a qualidade da intimidade, da comunicação e do comprometimento com o relacionamento. No que diz respeito à qualidade do envolvimento sexual, apenas o fator comunicação e expressividade obteve valor positivamente significativo. Contrapondo a relação entre habilidade social conjugal e qualidade do relacionamento, observamos que asserção de autodefesa e expressão de intimidade associam-se negativamente com aspectos distintos da qualidade do relacionamento romântico. Em relação às habilidades sócio-conjugais e atitudes frente a relacionamentos românticos, caracterizados com base no modelo de estilo de amor, podemos observar a correlação negativa entre habilidade de comunicação e expressividade e o estilo de amor ludus, aspecto que demonstra a relação entre o baixo comprometimento

com o envolvimento e as habilidades de expressão de sentimentos e opiniões positivas. No que se refere à relação entre asserção de autodefesa e estilos de amor, o padrão romântico mania, ágape e pragma, apresentam correlações positivas e significativas, dados que são pouco claros em termos da relação teórica entre os construtos. Por fim, com objetivo de predizer o conjunto de variáveis e os aspectos de qualidade geral do relacionamento, realizou-se um procedimento de regressão múltipla. Os resultados do modelo explicaram 22%, sendo que as significativamente preditoras foram: estilo de amor ágape (positivo) e ludus (negativo), e habilidade sociais conjugais comunicação e expressividade (positivo) e evitação de conflito (positivo), sendo esta última a variável de maior importância para o modelo. Conclui-se a necessidade de maiores investigações sobre o papel de determinadas habilidades sociais, entre elas, asserção de autodefesa e expressão da intimidade na qualidade e manutenção de um relacionamento romântico.

Palavras-chave: habilidades sócio-conjugais, relacionamento romântico, estilos de amor

Painel 20

MANUTENÇÃO EM RELACIONAMENTOS ROMÂNTICOS: UM MODELO ESTRUTURAL

Alexsandro Luiz De Andrade (Avaliação e Mensuração Psicológica, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, E.S. , Brasil), Caroline Egert (Avaliação e Mensuração Psicológica, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, E. S., Brasil); Mayara Tulli Netto (Avaliação e Mensuração Psicológica, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, E.S., Brasil); Andressa Tonini Pissaia (Avaliação e Mensuração Psicológica, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, E.S., Brasil)

Os relacionamentos românticos podem ser compreendidos como fenômenos interpessoais envolvendo além de processos sociais e culturais, uma variedade de processos psicológicos como, por exemplo, processamentos neuroquímicos, padrões de apego, personalidade, habilidades sociais, entre outros. Nessa variedade de fenômenos, a manutenção de um relacionamento romântico é um processo ligado ao julgamento sobre o grau de qualidade no relacionamento romântico e diferentes aspectos, entre os quais podemos citar o conjunto de estratégias de negociação, de resolução de conflito e habilidades sociais conjugais. Como objetivo esta pesquisa pretende desenvolver um modelo teórico explicativo preditivo sobre término ou manutenção do relacionamento romântico. Como estratégia metodológica utilizou recursos do tipo survey para avaliação de diferentes aspectos do campo do relacionamento diádico. Na condução do estudo participaram um total de 725 pessoas, sendo 285 (39,3%) delas do sexo feminino e 440 (60,7%) do sexo masculino, a média de idade dos participantes foi de anos 22,3 anos (DP = 4,6 anos). Os resultados, com base em procedimentos de modelagem de equações estruturais, apontam um modelo casuístico ajustado, no qual habilidades sociais conjugais multidimensionais influenciam a qualidade geral do relacionamento, que por sua vez, prediz a permanência no relacionamento. Especificamente no modelo observa-se que fatores de comunicação expressiva, autocontrole e evitação de conflito são variáveis facilitadoras da qualidade geral do relacionamento, por sua vez, asserção com autodefesa, expressão de intimidade e asserção pró-ativa são preditores negativos da qualidade no relacionamento. Observa-se no conjunto dos resultados que algumas habilidades sociais conjugais, principalmente as que caracterizam maior assertividade, são varáveis negativas para percepção de qualidade no relacionamento. Nesta mesma direção, qualidade no relacionamento prediz diretamente e satisfatoriamente a manutenção da relação. Ao se comparar o modelo, com base numa análise multigrupo, se observa que para participantes do sexo masculino, a habilidade de autocontrole é significativamente preditiva da qualidade geral do relacionamento, enquanto que para participantes do sexo feminino não. Por fim, consideram-se necessários novos estudos

para melhor compreensão dos dados. Aspectos como tempo de relacionamento e atitudes sobre o amor são sugeridos como linhas de investimento no entendimento do assunto.

Palavras chaves: relacionamento romântico, qualidade conjugal e habilidades sociais conjugais.

Painel 21

HABILIDADES DE SOLUÇÃO DE PROBLEMAS INTERPESSOAIS, DESEMPENHO ACADÊMICO E PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO EM CRIANÇAS, ANTES E APÓS TREINO ESPECÍFICO

Márcia Viana Amaral (Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, Brasil), Luciana Carla dos Santos Elias (Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, Brasil)

O termo Habilidades Sociais (HS) se aplica às diferentes classes de comportamentos sociais do repertório de um indivíduo e devem colaborar para a resolução de problemas imediatos e redução da ocorrência de problemas futuros. Dentre as diferentes HS, o presente estudo destacou as Habilidades de Solução de Problemas Interpessoais (HSPI). Crianças com melhor desempenho nas HSPI mostram-se melhor ajustadas às situações de vida em relação as que apresentam dificuldades nessas habilidades, constituindo-se, portanto, em um fator de proteção e adaptação psicossocial. As HSPI são aprendidas, passíveis de intervenção e apresentam caráter preventivo. Este estudo teve como objetivo verificar as HSPI, características comportamentais e desempenho acadêmico em crianças antes, após 5 meses e após um treino específico para o desenvolvimento das HSPI. Participaram do projeto 54 crianças (27 do grupo de intervenção (GI), com média de idade de 9a11m e 27 do grupo comparação (GC), com média de idade de 10a4m), de ambos os sexos, alunos do 5º ano do Ensino Fundamental, junto à rede municipal de ensino de uma cidade do interior paulista e duas professoras. Todas as crianças passaram por avaliações quanto ao HSPI, características comportamentais e desempenho acadêmico antes, após 5 meses e após a intervenção, que foi realizada pelas professoras em sala de aula durante seis meses. Os instrumentos utilizados na coleta de dados foram o Procedimento de Solução de Problemas Interpessoais em Crianças (CHIPS), Teste de Desempenho Escolar (TDE) e o Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais (SRSS-BR), formulário para professores. O treino aplicado pelas professoras no GI foi baseado em programa específico constituído de 40 lições com diferentes temas com complexidade crescente que se inicia com o reconhecimento de sentimentos e vai até a escolha da melhor solução para determinado problema, verificando suas consequências. O programa foi aplicado de duas a três vezes por semana, com atividade de reforço em cada tema. A duração das diferentes lições variou conforme a dinâmica do grupo, mas teve em média a duração de 30 minutos. Os participantes do GC não receberam nenhum tipo de intervenção. Os resultados preliminares da análise do SSRS sugerem que, após o programa de treinamento, as crianças do GI apresentaram melhoras em habilidades sociais, características comportamentais e desempenho acadêmico. Quanto ao desempenho acadêmico verificado através do TDE apresentaram melhoras significativas. Finalmente, as HSPI verificadas através do CHIPS apontaram crescimento gradativo. Os resultados favorecem a ideia da existência de uma relação funcional entre HSPI, desempenho acadêmico e comportamento. Portanto, através dos resultados iniciais, pode-se concluir que o treino em HSPI em ambiente escolar pode contribuir de forma efetiva para o desenvolvimento social e acadêmico de crianças.

Palavras-chave: Habilidades de solução de problemas interpessoais, características

comportamentais, desempenho acadêmico

Painel 22

PET SAÚDE HABILIDADES SOCIAIS E INTERPESSOAIS: VIVÊNCIA DE ACADÊMICAS DE ENFERMAGEM NO PLANEJAMENTO FAMILIAR

Celia Caldeira Fonseca Kestenberg (Enfermeira, psicóloga. Doutora em psicologia social pela UERJ. Professora adjunta da faculdade de enfermagem da UERJ. Coordenadora do Programa de extensão PROCRIAR. Coordenadora do projeto de extensão Vivendo Vivencias: laboratório de habilidades sociais e interpessoais. Coordenadora do PET SAUDE- LAHIS. RJ-Brasil), Michelle Adrianne da Costa de Jesus (Bolsista do Programa Educação e Trabalho em Saúde – Laboratório de Habilidades Interpessoais e Sociais (PET-LAHIS). Graduanda do 4° período da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). RJ-Brasil), Paloma Gomes Rodrigues Voluntária (Graduanda do 4° período da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). RJ-Brasil), Debora Silva de Oliveira Gomes (Bolsista do (PET--LAHIS), Graduanda do 4° período da Faculdade de Enfermagem do Estado do Rio de Janeiro. RJ-Brasil), Carla Esteves Azevedo (Enfermeira do CMS, Professor Júlio Barbosa e preceptora do Programa Educação e Trabalho em Saúde – Laboratório de Habilidade s Interpessoais e Sociais (PET-LAHIS). Pós-graduada em Estratégia da Saúde da Família pela Universidade Iguaçu (UNIG) RJ-Brasil)

Estudo objetiva relatar a experiência de acadêmicos de enfermagem bolsistas do Programa de Educação para o Trabalho em Saúde (PET-Saúde) intitulado Laboratório de Habilidades Sociais e Interpessoais. O PET é desenvolvido em duas unidades da Estratégia de Saúde da Família (ESF), no município do Rio de Janeiro. Visa favorecer aos graduandos da área da saúde, enfermagem, medicina, nutrição e odontologia um olhar ampliado sobre o adoecimento humano, ou seja, que inclua a dimensão relacional na prática de cuidados. Foi desenvolvida uma capacitação sobre habilidades de comunicação em saúde para os alunos e profissionais atuantes na ESF onde algumas habilidades específicas foram treinadas: leitura dos sinais não verbais que acompanham a narrativa, escuta empática, automonitoramento e assertividade. A proposta é levar o estudante a colocar em prática, junto aos usuários, o que aprendeu na capacitação. Dentre as atividades desenvolvidas na ESF estão: visitas domiciliares, consultas específicas e conjuntas, grupos que incluem: tabagismo e planejamento familiar. Neste estudo pretende-se relatar o trabalho desenvolvido junto a enfermeira que atua no planejamento familiar. Este planejamento se constitui em um conjunto de ações que auxiliam pessoas que pretendem ter filhos ou que objetivam adiar o crescimento familiar. Realizado em encontro semanal de duas horas, durante um mês, com adolescentes do sexo feminino. O objetivo consistia em construir o vínculo com as usuárias e ampliar o conhecimento sobre diferentes aspectos, desde o conhecimento do corpo à escolha do método contraceptivo. Em primeiro momento, discutia as expectativas e motivos da procura ao planejamento familiar e possíveis escolhas dos métodos contraceptivos; no segundo momento, destinado a apresentação do conteúdo do dia, com utilização de filme, álbum seriado e as próteses. Era adotada atitude empática através da escuta ativa, acolhedora, procurando ouvir e compreende-las, e quando necessário eram feitas adaptações do conteúdo científico à realidade das adolescentes. O terceiro momento destinava-se ao compartilhamento do conhecimento, sempre fornecendo feedback positivo, aproveitando ao máximo o que cada uma trazia para o grupo. As correções eram feitas de forma assertiva e empática. A cada encontro, era combinado o tema a ser abordado na próxima semana. Ao final de 5 encontros, ficou claro que a capacidade de se colocar no lugar do outro e compreender o repertório de comportamentos, adotados em razão da vida em comunidade, proporciona uma maior aproximação que promove confiança e o vínculo. Percebemos a partir de relatos espontâneos das usuárias que a ampliação do conhecimento gerou maior autonomia para escolher o método contraceptivo. Esta experiência a partir da realidade possibilitou às

acadêmicas e preceptora aumentar entendimento de que em se tratando de planejamento familiar, é imperativo considerar os fatores sócio-culturais, o saber compartilhado, a capacidade de flexibilizar, o vínculo de confiança e uso de metodologias ativas de ensino/aprendizagem. Nos mostrou também a importância de um olhar mais tolerante para mundo desconhecido, e a importância da empatia no exercício profissional. Compreendemos a importância do enfermeiro no planejamento familiar,passando a entender que usuários dos serviços de saúde são capazes de mudar hábitos a partir de nossa intervenção, desde que seja compartilhada.

Palavras-chave: Enfermagem, Educação, Saúde

Painel 23

LEVANTAMENTO DO REPERTÓRIO SOCIAL DE USUÁRIOS DE CRACK INSERIDOS EM COMUNIDADES TERAPÊUTICAS NO ESTADO DE RONDÔNIA

Iagê Lage Donato (Fundação Universidade Federal de Rondônia (Departamento de Psicologia, Porto Velho, Rondônia/Brasil), Itamar José Felix Junior, Fernando Henrique Melo Silva, Marcela Silva Chiecco, Talyta Soares Silva, Paulo Renato Vitória Calheiros e Paulo Rogério Morais/ Fundação Universidade Federal de Rondônia (Departamento de Psicologia, Porto Velho, Rondônia/Brasil)

Estudos apontam que o treino de habilidades sociais pode ser uma importante ferramenta no enfrentamento assertivo de situações que poderiam desencadear a recaída em dependentes químicos ou para estes lidarem com a fissura nos períodos de abstinência. Embora diversos estudos internacionais indiquem a influência positiva da terapia de habilidades sociais como fator protetivo para o consumo de substâncias, são escassos os estudos brasileiros que abordam está temática. Em vista da atual necessidade de ferramentas mais efetivas que auxiliem na compreensão e no tratamento da dependência química em usuários de crack, o objetivo da presente pesquisa foi realizar um levantamento do repertório de habilidades sociais de usuários de crack inseridos em programas de tratamento em comunidades terapêuticas do estado de Rondônia. A amostra foi composta por 158 indivíduos, internados em 11 comunidades terapêuticas para tratamento da dependência de crack, sendo 90,5% homens, com média (±DP) de idade de 31±9 anos, prevalência de solteiros (75%) e baixa escolaridade (50% da amostra com até o ensino fundamental incompleto). As instituições foram contatas pela técnica bola de neve, sendo recolhidas informações sobre outras comunidades terapêuticas a partir das que foram primeiramente contatadas. Para a coleta dos dados, foram utilizados um questionário semiestruturado para levantamento de informações sociodemográficas, o Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette) e o termo de consentimento livre e esclarecido. Os dados foram processados no software SPSS para obter as frequências dos fatores do IHS. As distribuições de frequência dos cincos fatores do IHS foram F1-Enfrentamento e autoafirmação com risco média (±DP) 25,5±8,27; F2-Autoafirmação na expressão de sentimento positivo média (±DP) 20,90±4,85; F3-Conversação e desenvoltura social média (±DP) 16,87±5,95; F4-Autoexposição a desconhecidos e situações novas média (±DP) 8,84±4,21 e F5- Autocontrole da agressividade média (±DP) 8,41±2,67. A amostra não apresentou discrepâncias quando comparada à amostra da população geral, o que está de acordo com parte da literatura consultada. Embora a avaliação de habilidades sociais não fosse um procedimento adotado nas comunidades terapêuticas estudadas, este recurso pode ser profícuo para a atuação de psicólogos no manejo clínico da dependência química. Destarte, os presentes dados podem servir como base de consulta para psicólogos que trabalham com a recuperação de dependentes químicos e que utilizam técnicas baseadas nas relações interpessoais. Todavia, o presente estudo possui limitações, entre elas o emprego de apenas um método de avaliação indireta do repertório social dos indivíduos. Logo, estudos que empreguem outras abordagens

ou delineamentos poderão trazer novas perspectivas para o campo das habilidades sociais no tratamento da dependência química.

Palavras-chave: habilidades sociais, dependência química, crack-cocaína.

Painel 24

HABILIDADES SOCIAIS EM ESTUDANTES DE PSICOLOGIA DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA DO NORDESTE

Keyciane Figueredo Mercês de Oliveira (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Santo Antonio de Jesus BA/Brasil), Lena Vitória Santana Oliveira (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Santo Antonio de Jesus BA/Brasil); Isis Valença de Araújo Henrique (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Santo Antonio de Jesus BA/Brasil); Júnnia Maria Moreira (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia; Orientadora; Santo Antonio de Jesus BA/Brasil).

Os repertórios de habilidades sociais dos indivíduos influenciam e modificam os seus comportamentos dentro do seu contexto familiar, social, cultural, etário, de gênero, possuindo um caráter dinâmico que os torna passíveis de modificação. Essas competências sociais condizem com a capacidade de se adaptar ao contexto no qual está inserido. A entrada no ensino superior marca um momento de transição no qual é necessário que os estudantes desenvolvam habilidades que os preparem para a sua futura atuação e os auxiliem em suas relações acadêmicas. As habilidades sociais podem ser relacionadas diretamente com o cotidiano dos alunos, como em apresentação de seminários, pesquisas em campo e resoluções de contratempos pessoais. O propósito desta pesquisa foi análise das habilidades sociais em estudantes de psicologia de uma universidade pública no nordeste. Para esse trabalho foi utilizado o Inventário de Habilidades Sociais (IHS) em uma amostra aleatória de 10% dos alunos matriculados no curso de psicologia, no período de março e abril de 2013, totalizando 25 alunos, 12 homens e 13 mulheres. A aplicação do inventário foi realizada em grupos nas salas da universidade, tendo em média 40 minutos de duração. Foi apresentado em conjunto com o inventário o termo de consentimento livre e esclarecido o qual foi assinado mediante a concordância do participante. O escore médio de habilidades sociais da amostra total foi de 87,6. Para as mulheres o escore médio situou-se em 91,46, já para os homens o escore foi de 83,41. O menor escore obtido foi de 60, representando 12% da amostra total, esta porcentagem correspondeu apenas a homens. Em contraponto 68% da amostra obteve um escore maior ou igual a 90. Estes resultados demonstram alto nível de habilidades sociais dos estudantes de psicologia na amostra, representados por mais da metade dos participantes. É evidenciado também que as mulheres possuem um repertório de habilidades sociais mais desenvolvidos que os homens, assim como os resultados obtidos nos estudos de validação do teste (IHS). O ambiente universitário requer um repertorio de habilidades sociais para que o aluno seja capaz de elaborar estratégias de adaptação a situações novas, sejam elas de caráter cognitivo ou interpessoal. O alto índice de escore obtido por esses estudantes possibilita compreender que estes alunos estão aptos a criar e cumprir seus objetivos; fazer planejamentos; manter suas relações interpessoais com membros da universidade; elaborar a autoestima e autoeficácia; e administrar de modo equilibrado as relações de poder submetidos ao âmbito acadêmico.

Palavras-chave: Habilidades sociais, universitários, nordeste

Painel 25

HABILIDADES SOCIAIS EM ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Carolina Arguelles Poletto (Graduando em Psicologia – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS), Leandro Duarte Kühl (Graduando em Psicologia – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS); Margareth da Silva Oliveira (Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS, Coordenadora do Grupo de Pesquisa Avaliação e Tratamento em Psicoterapia Cognitiva e Comportamental – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)

Este estudo teve como objetivo apresentar os estudos recentes que apontam qual o repertório de habilidades sociais de estudantes universitários e os níveis de assertividade destes estudantes. Foi exposta uma breve fundamentação revisando a importância das habilidades sociais e da assertividade na vida acadêmica, indispensáveis para o melhor desempenho acadêmico e social. Realizou-se uma pesquisa de revisão sistemática onde foram encontrados, inicialmente, 510 artigos. Em primeira análise avaliaram-se títulos e resumos, dentre estes foram pré-selecionados 20 artigos considerados elegíveis para uma segunda triagem. A segunda fase de revisão consistiu na leitura completa destes 20 estudos. Ao final desta segunda etapa, 11 artigos foram selecionados, atendendo os seguintes critérios de inclusão: artigos a partir do ano de 2003; que tenham realizado avaliação das habilidades sociais ou níveis de assertividade; amostra de estudantes de ensino superior, independente do curso de Graduação. A partir dos materiais encontrados, obtiveram-se aspectos relevantes a respeito das habilidades sociais e níveis de assertividade entre estudantes de graduação, trazendo assim algumas considerações referentes ao treinamento em habilidades sociais, no que se refere aos resultados encontrados nos últimos dez anos. No que tange às questões ligadas às habilidades sociais e à assertividade surgem, ainda, outros pontos importantes de observação como estilos de apego, solidão, autoestima, os quais se mostram relacionados entre si, promovendo assim a possibilidade de reflexão sobre a acuidade de uma avaliação. Um bom repertório de habilidades sociais e altos índices de assertividade aumentam níveis de autoestima, diminuem níveis de solidão, bem como possibilitam estilos de apego seguro aos jovens. Entre os estudantes de psicologia, foram identificados déficits em relação à autoexposição a desconhecidos ou a situações novas e autocontrole da agressividade em situações aversivas. Desenvolver questões como estas permitem que os futuros terapeutas possuam maior grau de empatia e que atinjam resultados significativamente melhores com seus clientes. Já os estudantes de enfermagem se destacaram nas pesquisas por fazerem parte de um grupo que apresenta altos níveis de assertividade comparados aos estudantes de outros cursos. Além disso, estes estudantes apresentaram também alto grau de empoderamento, que, novamente, faz com que aumente a assertividade. Apesar dos achados dos estudos apontarem que estudantes universitários possuem um bom repertório de habilidades sociais, habilidades estas desenvolvidas através de interações e atividades durante a graduação, torna-se relevante a proposta de programas de treinamento específicos em habilidades sociais para estes graduandos, além de ser também indicado para educadores e cuidadores, possibilitando assim uma maior competência social e técnica para atuar profissionalmente.

Palavras-chave: Habilidades Sociais, Estudantes Universitários, Assertividade

Painel 26

HABILIDADES SOCIAIS E COMPORTAMENTOS DE ENFRENTAMENTO EM SITUAÇÕES DE FRUSTRAÇÃO ACADÊMICA

Mateus Acacio da Silva (Centro Universitário Estácio de Sá, psicologia, São José, Santa Catarina/ Brasil), Vera Baungarten Ulysséa Baião (Centro Universitário Estacio de Sá (psicologia, São José, Santa Catarina/Brasil)

As habilidades sociais são um campo que vem se desenvolvendo continuamente e demonstrando sua importância e aplicabilidade em várias áreas. No campo acadêmico foi verificado que, por se tratar de situações, em geral, novas, exigem habilidades mais elaboradas e específicas. Esta necessidade amplia-se quando são colocadas em questão estas habilidades, em situações de frustração, que em geral são situações de conflito e dificuldade de manejo. Estes dois pontos articulados formam o foco de interesse da presente pesquisa, Habilidades Sociais e comportamentos de enfrentamento em situações de frustração acadêmica, suas relações e efeito mútuo. Para tanto foram utilizados o Inventário de Habilidades Sociais – Del Prette, e um questionário construído para avaliar comportamentos de enfrentamento. Estes instrumentos foram aplicados conjuntamente no Centro Universitário Estácio de Sá de Santa Catarina, nos cursos de Administração e Direito, de 2ª à 6ª fase, em uma turma de cada fase, sendo que, como não havia turma de 6ª fase formada no curso de Administração, aplicaram-se os instrumentos nas turmas de 7ª e 8ª fase deste curso. Ao total, participaram da pesquisa 110 sujeitos, entre 17 e 65 anos, através da análise do escore geral do IHS pode ser concluído que a maior concentração de sujeitos foi nas pontuações que não indicam treinamento em habilidades sociais, 67,2%. Ainda foi observado o mesmo padrão nos f atores 1, "enfrentamento de autoafirmação com risco", 2, "autoafirmação na expressão do sentimento positivo", 3, "conversação e desenvoltura social" e 5, "autocontrole e agressividade". No fator 4, "autoexposição a desconhecidos e situações novas" foi observado um padrão diferente, em que a amostra obteve uma distribuição mais equilibrada, tendo uma maior concentração de indivíduos com indicação para treinamento em habilidades sociais que nos outros fatores. Mesmo com uma maior concentração nos escores que não indicam treinamento, é importante ressaltar que aproximadamente um terço da amostra alcançou escores que indicam treinamento em habilidades sociais. O questionário foi dividido em oito questões e construído levando em consideração o sentimento e comportamento ativados pela situação de frustração. Foi observado que em geral os sujeitos mantiveram um nível de sentimento (irritação) alto e maior que o comportamento em resposta a situação. Ao cruzar os dados do questionário com os do IHS, notou-se que os sujeitos com escores de Habilidades Sociais inferiores, que indicam treinamento, tendem a ter níveis de sentimento superior ao nível de comportamento. Enquanto sujeitos com escores que não possuem indicação para treinamento tendem a manter níveis de sentimento também elevados, mas com nível de comportamento equivalente ao sentimento. Foi concluído que indivíduos com níveis elevados e inferiores mantém níveis de sentimento igualmente altos, mas sujeitos com repertórios de Habilidades Sociais mais elaboradas mantém comportamentos equivalentes ao sentimento, ou seja, sujeitos com habilidades menos desenvolvidas optam por posicionamentos menos verdadeiros com seus sentimentos, ao passo que o contrário pode ser observado em sujeitos com repertórios mais desenvolvidos.

Palavras-chave: Habilidades Sociais, Acadêmicos, Comportamentos de Enfrentamento

Painel 28

ESTUDO DE VALORES: UMA REVISÃO DE CONCEITOS

Maria Aznar Farias (Unifesp/Saúde, Educação e Sociedade/Santos SP/Brasil), Silvia Callogeras (Unifesp/Santos SP) e Dalva Alves (Unifesp/Guarulhos SP/ Brasil)

Desde os filósofos gregos os valores são objeto de reflexão. Contudo, foi no Século XX que o estudo dos valores ganhou interesse científico. O presente trabalho tem como objetivo introduzir uma discussão a respeito da evolução do estudo sobre valores, sua parte histórica, conceitual, teórica e de pesquisa e a influência dos valores nas habilidades sociais. Para a revisão da literatura foram utilizados os seguintes descritores: valores, valores humanos, valores e saúde, valores básicos, valores motivacionais, valores e habilidades sociais. Os artigos encontram-se indexados nas bases de dados: Scielo, Psycinfo e Lilacs. No total foram analisados cento e oitenta (180) artigos. Foram verificadas semelhanças e diferenças entre conceitos e teorias, instrumentos que estão sendo utilizados para a avaliação dos valores em diversas amostras, assim como os estudos de validação de alguns. Os resultados são apresentados agrupados por categorias temáticas e sequência de datas, por semelhanças e diferenças entre conceitos e instrumentos utilizados nas pesquisas. As categorias foram nomeadas e analisadas pelas autoras como parte de um curso de Pós-Graduação sobre Valores e Formação de Atitudes. A categoria que apresentou mais pesquisas foi a de Valores e Saúde com vinte e oito (28) artigos. Esta categoria compreendeu subáreas relativas ao ensino em saúde e pesquisas do ponto de vista tanto do paciente quanto dos profissionais de saúde. A segunda categoria em número de artigos foi a relativa a Valores no trabalho, contando com vinte e cinco (25) artigos. A terceira foi a de Valores e Educação, com dezessete (17) artigos. A categoria Avaliação de Escalas de Valores apresentou nove (09) artigos. As categorias Valores e Desenvolvimento e Valores Culturais ficaram empatadas com oito (08) artigos. Valores e Ética contou com sete (07) artigos e Valores e Avaliação de Grupos e Valores e Habilidades Sociais apresentaram seis (06) artigos cada categoria. Valores e Ideologias, Valores e Consumo ficaram com cinco (05) artigos. Valores e Drogadição e Valores e Religião apresentaram quatro (04) artigos. Valores e Interesses Vocacionais e Valores e Ecologia ficaram com três (03) artigos. Valores e Afeto, Valores e Personalidade, Valores e Sexualidade, Valores e Casamento, Valores e Informática, Valores e Liderança, Valores e Socialização, Valores e Qualidade de Vida empataram com dois (02) artigos. As categorias: Valores e Ciência, Valores e Direitos, Valores e Preconceito, Valores e Adaptação Transcultural e Valores e Família apresentaram apenas um artigo cada uma. Nestes resultados não foram computados os artigos de revisão de literatura e de reflexão teórica, assim como livros, teses e dissertações, pois a intenção é a de apresentar apenas as pesquisas que vem sendo realizadas. Os materiais, teórico e de reflexão, foram utilizados apenas para situar a evolução histórica. A revisão realizada possibilitou-nos o conhecimento de teorias que embasam os estudos sobre valores, a relação entre valores e habilidades sociais, bem como obter um panorama dos autores referenciados nos estudos analisados e indicações de onde poderemos avançar em nossos estudos em Valores Humanos e Habilidades Sociais.

Palavras-chave: Valores, valores humanos, valores e saúde, valores básicos, valores motivacionais, valores humanos, habilidades sociais.

Painel 29

HABILIDADES SOCIAIS PARA A COMUNICAÇÃO EFETIVA ENTRE CASAIS: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

Lucas Guimarães Cardoso de Sá (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, Brasil), Jesselyn Nayara Tashima (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Goiás, Catalão-GO, Brasil), Priscilla Ferreira Nunes Brandão (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Goiás, Catalão-GO, Brasil).

A comunicação é uma das habilidades conjugais mais importantes para os relacionamentos amorosos. Favorece a resolução de problemas, colabora para a redução de conflitos e o estabelecimento de relacionamentos mais satisfatórios, harmoniosos e íntimos. Por isso, o objetivo deste trabalho foi identificar quais as classes de habilidades sociais são consideradas importantes para a comunicação efetiva em um relacionamento amoroso. A amostra foi composta por 10 casais, oito casados e dois solteiros. As mulheres tinham idade entre 21 e 48 anos e os homens, entre de 27 e 55 anos. O tempo de relacionamento variou entre 15 meses e 32 anos e o número de filhos, entre um e três. O estudo passou por formalização via Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Foi utilizado um questionário construído para este estudo, baseado na teoria das Habilidades Sociais e seus instrumentos, em que era perguntado aos participantes sobre habilidades e dificuldades que possuíam, relacionadas à comunicação no relacionamento. Por meio de análise de conteúdo das respostas, os resultados apontam para as seguintes categorias de habilidades, com a frequência com que foram indicadas por homens (h) e mulheres (m): elogiar o parceiro (h=10; m=8), discordar e expor opiniões (h=9; m=9), assertividade (h=7; m=4), escutar empaticamente (h=6; m=8), pedir desculpas (h=5; m=9), lidar com crítica (h=9; m=5) e abordar para relacionamento sexual (h=9; m=7). As dificuldades de comunicação mais apontadas pelos homens foram a falta de paciência, a falta de clareza nas palavras, a timidez e o tom de voz agressivo. Já a população feminina indicou a fala excessiva, o comportamento passivo, o receio de expor a opinião e o nervosismo durante o diálogo. Os participantes se mostraram satisfeitos quanto à comunicação com seus parceiros, com ambos os sexos apresentando média 7,8, em uma escala entre zero e dez. A amostra masculina apontou como sugestões de melhoria da comunicação, a paciência e o respeito, já a feminina apontou como sugestões a necessidade do parceiro aumentar a frequência e a qualidade dos diálogos e ter mais paciência. Estes resultados indicam que as habilidades de comunicação vão muito além de simplesmente falar e escutar. Como apontados pelos participantes, diversos outros componentes das habilidades sociais estão associados e são essenciais para as habilidades de comunicação e o estabelecimento e manutenção de relacionamentos conjugais satisfatórios. Ressalta-se a necessidade de considerar padrões de comunicação específicos entre os casais e as diferenças existentes entre homens e mulheres, para assim compreender a dinâmica da relação amorosa de maneira mais precisa. Por fim, recomenda-se o treino de habilidades de comunicação como uma ferramenta útil e viável no tratamento dos diversos problemas enfrentados cotidianamente pelos cônjuges e sugere-se que, para uma melhor compreensão do assunto, novas pesquisas sejam realizadas, utilizando-se amostras mais amplas, heterogêneas, instrumentos validados e outras metodologias.

Palavras-chave: Habilidades Sociais, Comunicação, Relacionamentos Conjugais

Painel 30

CURSO HABILIDADES DE COMUNICAÇÃO NA GRADUAÇÃO: POTENCIALIDADES E DESAFIOS

Alice Menezes, Daniela Pimenta (UERJ/LIPAPS/RJ/BRASIL), Sandra Fortes (UERJ/FCM/RJ/BRASIL), Célia Kestenberg (UERJ/FACULDADE DE ENFERMAGEM/RJ BRASIL)

As transformações sociais contemporâneas e a influência dos meios de comunicação aceleram a velocidade da produção de informações e alteram a relação humana com o conhecimento, fazendo surgir novas formas de aprendizagem e, portanto, de educação profissional. Nesse contexto, as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) visam a formação de um profissional de saúde generalista, reflexivo e apto a atuar nos diferentes níveis de atenção à saúde e orientam as instituições de ensino superior sobre a formação dos profissionais de saúde que contemple, por exemplo, as competências: atenção à saúde, tomada de decisão, comunicação, liderança,

administração e gerenciamento, educação permanente. Considerando a atenção básica como um dos cenários de atuação e a expansão da Estratégia de Saúde da Família como uma política que prioriza a longitudinalidade do vínculo profissional de saúde-paciente, faz-se necessário o desenvolvimento de iniciativas que contemplem o desenvolvimento das competências das DCN e o contexto específico da atenção básica. Diante desse desfia, o PROGRAMA PRO-SAÚDE em parceria com o PROGRAMA PET SAÚDE (ambos da UERJ) desenvolveram um Curso de Comunicação em Saúde voltado para a aproximação entre a formação de estudantes de graduação e preceptores para atuarem na atenção básica. O objetivo do curso foi desenvolver habilidade de comunicação por meio do exercício de técnicas de intervenção psicossocial; ampliar o desempenho na realização da entrevista clínica com o paciente e avaliar a receptividade do uso de metodologias ativas de ensino na graduação. Participaram do curso piloto 15 alunos de graduação e 6 preceptores de diferentes categorias profissionais/de formação. Contrapondo o modelo tradicional focado na reprodução do conhecimento em que o aluno tem papel mais passivo, optou-se por metodologias ativas que estimulam uma postura participante e buscam ensinar o aluno a "aprender a aprender" a fim de desenvolver a capacidade crítica-reflexiva e a autonomia. Adotou-se o programa "Entrevista Clínica e Comunicação Assistencial" de Orozco González, Borrell Carrió e García-Campayo, da Universidade de Zaragoza (Espanha), que preconiza uso de metodologias como dramatização, dinâmicas, gravação de vídeo com feedback sobre o desempenho do aluno. Para avaliar o curso, utilizou-se grupo focal (qualitativa). Os alunos avaliaram que os temas abordados e o exercício prático de intervenções clínicas contribuíram para o desenvolvimento de novas habilidades de empatia, comunicação e relacionamento interpessoal. Para eles, aprender "Comunicação em Saúde" participando dinamicamente permite significativa integração teórico-prática, além da aproximação com a realidade dos serviços em que um dia atuarão. Entre as estratégias didáticas, o vídeo com o respectivo feedback foi apontado como recurso potencializador do aprendizado. Para eles, as metodologias ativas possibilitaram que experimentassem intervenções que futuramente exercerão na clínica, integrando teoria-prática e ensino-serviço. Diante dos dados analisados podemos concluir que o uso de metodologias ativas enriquece o ensino-aprendizagem, sendo valorizado pelos discentes. A fim de acompanhar as mudanças curriculares e as transformações sociais, recomenda-se integrar o ensino de habilidades de comunicação no currículo da graduação, a fim de preparar os alunos para o manejo da relação profissional de saúde – paciente e do vínculo e, assim, garantir a longitudinalidade e a qualidade da assistência à saúde.

Palavras-chave: habilidades de comunicação, capacitação, metodologias ativas

Painel 31

EXERCITANDO A HABILIDADE EMPÁTICA EM UM CMS DO RIO DE JANEIRO NA ESTRATÉGIA DE SAÚDE DA FAMÍLIA

Celia Caldeira Fonseca Kestenberg (Enfermeira e psicóloga. Doutora em psicologia social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora adjunta da faculdade de enfermagem da UERJ. Coordenadora do Programa de extensão Oficina de Saberes e Práticas Criativas em Saúde (PROCRIAR). Coordenadora do projeto de extensão Vivendo Vivencias: laboratório de habilidades sociais e interpessoais. Coordenadora do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde- Laboratório de Habilidades Interpessoais e Sociais (PET SAUDE- LAHIS) RJ-Brasil), Natalia André Barbosa Silva, (Graduanda do 5° período da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Bolsista do projeto PIBIC "Promoção da Empatia em graduandos de Enfermagem", voluntária do Projeto Vivendo Vivências: Laboratório de Habilidades Sociais e Interpessoais; voluntária do "Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde- Laboratório de Habilidades Interpessoais e Sociais (PET SAUDE- LAHIS)". RJ-Brasil), Carla Esteves Azevedo (Enfermeira do CMS, Professor Júlio Barbosa e preceptora do "Programa de Educação pelo

Trabalho para a Saúde- Laboratório de Habilidades Interpessoais e Sociais (PET SAUDE- LAHIS)" Pós-graduada em Estratégia da Saúde da Família pela Universidade Iguaçu (UNIG). RJ-Brasil)

A empatia é uma habilidade socialmente aprendida, fundamental para as relações interpessoais de ajuda, especialmente em profissões como a enfermagem, cujo objetivo é o cuidado ao ser humano em suas diferentes dimensões, pois a empatia é a capacidade que o ser humano tem de se sensibilizar afetivamente diante das situações vividas por outro ser humano, de poder compreendê-lo sem julgar como certas ou erradas suas percepções, de intencionalmente ajudá-lo a lidar adequadamente com os eventos vividos. Tais habilidades podem ser aprendidas através das diferentes interações sociais e das experiências de aprendizagem na infância. O Programa de Ensino para o Trabalho em Saúde (PET-Saúde) intitulado Laboratório de Habilidades Sociais e Interpessoais tem como proposta a construção de um modelo de abordagem das necessidades de saúde na atenção primária tendo como objeto as habilidades sociais e interpessoais. Participam do PET graduandos de enfermagem, medicina, nutrição, odontologia, psicologia e os profissionais de duas unidades da Estratégia de Saúde da Família no Estado do Rio de Janeiro. A proposta está centrada na interdisciplinaridade. Relatar-se a experiência da aplicação dos conceitos teóricos da habilidade empática na estratégia de saúde da família. Realizadas 10 visitas domiciliares, com duração em média de 30 minutos, durante dois dias. Realizadas consultas de enfermagem que seguiam o formato: abordagem ao usuário na perspectiva biopsicosocioespiritual/ escuta e compreensão empática/identificação de necessidades de saúde/ estimulo a expressão de pensamentos e sentimentos do usuário/proposta de soluções possíveis. Grande parte dos usuários mostrava-se com intensa necessidade de falar sobre seus problemas físicos de saúde, mas também sobre questões afetivas e sociais, que incluíam: solidão, a falta de atenção dos familiares, condições muito precárias de moradia influenciando na saúde como um todo. No momento da entrevista foi possível compreender os sentimentos que acompanhavam a narrativa das pessoas, através dos sinais não verbais. A demonstração do comportamento empático, o acolhimento de suas dores, sem julgamento, a ajuda na organização dos pensamentos e sentimentos mostraram ser muito importantes. Através do comportamento manifesto percebia-se o alívio e a sensação de bem-estar nos usuários que se referiam á importância deste momento junto aos profissionais, principalmente pela possibilidade de contar suas histórias e serem ouvidos com atenção e respeito. Fica claro que as habilidades empáticas podem ser desenvolvidas e para tal, é preciso aprender os conceitos teóricos e exercitá-los intencionalmente no cotidiano da prática profissional. Além disso, percebe-se que a empatia ocorre em via dupla porque traz efeitos benéficos ao paciente, mas também ao profissional causando-lhe uma sensação de dever cumprido.

Palavras-chave: Empatia, enfermagem, educação

Painel 32

ESTRESSE EM GRADUANDOS: SINTOMAS FÍSICOS E PSICOLÓGICOS; COMPREENDER PARA CUIDAR

Celia Caldeira Fonseca Kestenberg, Enfermeira e psicóloga. Doutora em psicologia social pela Univerisadade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora adjunta da faculdade de enfermagem da UERJ. Coordenadora do Programa de extensão Oficina de Saberes e Práticas Criativas em Saúde (PROCRIAR). Coordenadora do projeto de extensão Vivendo Vivencias: laboratório de habilidades sociais e interpessoais. Coordenadora do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde- Laboratório de Habilidades Interpessoais e Sociais (PET SAUDE- LAHIS) RJ-Brasil, Natalia André Barbosa Silva (Graduanda do 5° período da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Bolsista do projeto PIBIC "Promoção da Empátia em graduan-

dos de Enfermagem", voluntária do Projeto Vivendo Vivências: Laboratório de Habilidades Sociais e Interpessoais; voluntária do "Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde- Laboratório de Habilidades Interpessoais e Sociais (PET SAUDE- LAHIS)". RJ-Brasil), Alexandre Vicente da Silva (Professor Assistente do Departamento de Enfermagem Médico-Cirúrgico da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio d e Janeiro UERJ Mestre em Enfermagem pela UNIRIO. Membro do Projeto Vivendo Vivências: Laboratório de Habilidades Sociais e Interpessoais. RJ-Brasil), Barbara Marins Santos Rosa (Graduanda do 7° período da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Ex-bolsista e voluntária do Projeto Vivendo Vivências: Laboratório de Habilidades Sociais e Interpessoais. RJ- Brasil)

Recorte de pesquisa realizada no âmbito do projeto de extensão Vivendo Vivências: laboratório de habilidades sociais e interpessoais existente há 23 anos na faculdade de enfermagem/UERJ. Serão apresentados resultados de estudo sobre o grau de estresse de graduandos que estão iniciando o internato (estágio supervisionado) e participam do projeto que ocorre na modalidade de trabalho de grupo com 16 encontros semestrais/ 3 horas. O estresse é o resultado de um conjunto de reações do organismo frente a uma situação (tensão) que exija uma adaptação e um grande esforço emocional para ser superada. O organismo tenta responder a esse estresse desencadeando uma serie de fatores que causam sintomas físicos e/ou psicológicos. Sendo este dividido em 3 fases: Fase I – Alerta (alarme): Fase de contato com a fonte de estresse, com suas sensações típicas na qual o organismo perde o seu equilíbrio e se prepara para enfrentar a situação estabelecida em função de sua adaptação. Fase II – Resistência (luta): Fase intermediária em que o organismo procura o retorno ao equilíbrio. Pode ocorrer nesta fase á adaptação ou eliminação dos agentes estressantes e consequente reequilíbrio e harmonia ou evoluir para a próxima fase em consequência da não adaptação e/ou eliminação da fonte de estresse. Fase III- Exaustão (esgotamento): Fase "crítica e perigosa", ocorrendo uma espécie de retorno á primeira fase, porém agravada e com comprometimentos físicos em formas de doenças. Objetiva-se identificar a fase do estresse que se encontram os graduandos que estão iniciando o internato; identificar os sintomas físicos e psicológicos que os internos apresentam. Análise do Inventário de Sintomas de Estresse de Marilda Lipp aplicados no ano de 2009 a 2012, correspondendo a oito turmas, totalizando 213 participantes. Utilizando estatística descritiva. Todos assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (protocolo de pesquisa nº 018.3.2008). A análise do inventário de estresse mostrou que a maioria dos estudantes (146), correspondendo a 68,5% apresentam algum grau de estresse. Destes, 115 (54%) na fase II, resistência e 30 (14%) apresentam-se na fase III, exaustão. Somente 1 aluno (0,5%) está fase I, alarme. Quanto aos sinais e sintomas do estresse foram identificados físicos: sensação de desgaste físico constante 111 (76%), cansaço constante 115 (78,8%) problemas com a memória 134 (91,8%), tensão muscular 119 (55,87%). Psicológicos: cansaço excessivo 75 (51,4%), irritabilidade excessiva 92 (63%), vontade de fugir de tudo 97 (63,4%), pensar constantemente num só assunto 81 (55,5%). Importante destacar que os graduandos que estão na fase de resistência do estresse podem agravar o estado devido aos fatores estressores oriundos dos campos de prática. Alguns estudantes estão na ultima fase do estresse, exaustão, o que pode levar à somatizações. Estratégias utilizadas para redução do estresse incluíram técnicas de relaxamento e o estimulo da expressão de pensamentos e sentimentos. Os objetivos do estudo foram alcançados uma vez que conseguimos identificar a fase do estresse que os internos se encontravam, bem como os sintomas físicos e psicológicos. A partir destes resultados foram traçadas as estratégias para redução do estresse, como o ensino de técnicas de relaxamento.

Palavras-chave: Enfermagem, estresse, saúde

Painel 33

TREINAMENTO EM HABILIDADES SOCIAIS COM CRIANÇAS POR MEIO DE UMA ATIVIDADE LÚDICA

Thauana Tavares (Universidade de Brasília, Departamento de Psicologia Clínica, Brasília, Distrito Federal/ Brasil), Laura Campos (Universidade de Brasília, Departamento de Psicologia Clínica, Brasília, Distrito Federal/ Brasil)

Estudos recentes sobre habilidades sociais têm apontado a relevância de considerar essa temática quando se analisa o processo de desenvolvimento humano de indivíduos e grupos. O termo habilidades sociais se refere a diferentes classes de comportamentos sociais para lidar adequadamente com demandas de situações interpessoais. Sendo que o comportamento socialmente habilidoso alude à expressão, pelo indivíduo, de atitudes, sentimentos, opiniões, desejos, respeitando a si e aos outros; em geral, em situações de resolução de problemas e em diminuição da probabilidade de problemas futuros. No contexto da atenção à saúde, pautada pelo modelo biopsicossocial, ações de promoção de saúde que tenham como propósito a aquisição e manutenção de habilidades sociais, por crianças e adolescentes, em situação escolar, por exemplo, podem constituir uma maneira eficaz de promover o desenvolvimento e atender a algumas das necessidades essenciais da infância. Este estudo tem como objetivo descrever uma intervenção de treinamento em habilidades sociais, em um contexto lúdico, abordando as seguintes classes de habilidades: assertividade, autocontrole, expressividade emocional e habilidades sociais para relações afetivas. Por meio de modelos, reconhecidos pela sociedade, de habilidades sociais e comportamentos concorrentes, além da criação de si tuações problemas, o jogo retrata a necessidade de buscar práticas diferenciadas que possibilitem, às crianças, ampliar e melhorar a qualidade de suas relações cotidianas. Quatro crianças, de sete anos, participaram da intervenção, após a assinatura do TCLE por seus respectivos responsáveis. A atividade teve duas horas de duração. Foi utilizado um jogo, "Escadas e Escorregadores", criado e adaptado pelas pesquisadoras, que continha: um tabuleiro; 8 cartinhas de escada, com modelos eficazes de resolução de problemas; 10 cartinhas de escorregador, com modelos ineficazes de resolução de problemas; 4 cartas bônus; 4 pinos e um dado de seis faces. Os resultados mostraram que os participantes colocaram em prática as situações lidas nas cartinhas. Ao final do jogo, todos os participantes já conseguiam propor soluções, nas situações problemas, dentro dos modelos de assertividade e expressividade emocional transmitidos nas cartinhas modelo. Percebeu-se, também, a promoção do compartilhamento de informações e a universalidade, no sentido de que todos se identificaram com as situações referidas pelas cartinhas. O comportamento imitativo foi um fator grupal presente, uma vez que as pesquisadoras proveram formas diversas de atuar positivamente em situações de conflito. Foi possível alcançar o objetivo principal do jogo que era ensinar novas habilidades sociais, em situações às quais as crianças ainda não tenham sido submetidas, bem como reduzir comportamentos concorrentes com essas habilidades. Novas aplicações do jogo devem ser testadas com indivíduos mais velhos, de 9 a 12 anos, por exemplo, que possuem maior probabilidade de permanecerem por períodos de tempo mais prolongados envolvidos com a mesma atividade, e que consigam ler e interpretar, por conta própria, as situações propostas pelo jogo.

Palavras-chave: habilidades sociais, jogo, criança.

Painel 34

CARACTERIZAÇÃO DO REPERTÓRIO DE HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS DE PAIS E DE HABILIDADES SOCIAIS DE SEUS FILHOS COM AUTISMO

Francine dos Santos Teixeira (Faculdade de Saúde Ibituruna, Montes Claros, MG), Bárbara Carvalho Ferreira (Faculdade de Saúde Ibituruna, Montes Claros, MG)

Pesquisas têm apontado que pais de crianças com dificuldades comportamentais frequentemente apresentam déficit em habilidades sociais, dentre elas as educativas. Um repertório elaborado de Habilidades Sociais Educativas (HSE) dos pais favorece a qualidade das relações com os filhos, inclusive aqueles com autismo, que vivenciam experiências sociais restritas e pouco intensas. Mesmo diante da importância das habilidades sociais educativas no ambiente familiar da criança com autismo, observa-se no contexto brasileiro uma escassez de estudos que investiguem o repertório de habilidades sociais educativas de pais de crianças com necessidades educacionais especiais, inclusive as com autismo, e a relação deste repertório com as habilidades sociais de seus filhos. Considerando estes aspectos, este estudo teve como objetivo caracterizar o repertório de habilidades sociais educativas de pais de crianças com autismo e o de habilidades sociais de seus filhos. Participaram da pesquisa 13 pais e/ou mães de crianças com autismo que se mantém regulares no tratamento educacional na Associação Norte-Mineira de Apoio ao Autista (ANDA) em Montes Claros, MG. Para coleta dos dados foi utilizado o Inventário de Habilidades Sociais Educativas – IHSE-Del Prette, que avalia as dimensões situacionais e comportamentais das habilidades sociais educativas em suas diferentes classes, e o Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais - SSRS-BR, versão pais, que avalia as habilidades sociais e comportamentos problemáticos dos filhos, e uma ficha de caracterização elaborada para a presente pesquisa. O procedimento de coleta de dados foi conduzido em cinco etapas, sendo: contato inicial com a instituição onde ocorreu a pesquisa; envio do projeto ao Comitê de Ética; contato com participantes, apresentação da pesquisa e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; coleta de dados com os pais; entrevistas devolutivas com os pais. Quanto aos resultados parciais, no que se refere ao repertório dos pais obtidos por meio do IHSE, a média do escore total foi de 206,62 (d.p.=68,66). O fator cujo os pais apresentaram pontuação mais alta foi F1 (estabelecer limites, corrigir, controlar) com média de 69,38 (d.p.=22,80), e pontuação mais baixa o F5 (organizar condições educativas), com média 13,85 (d.p=5,16). Quanto ao SSRS-Pais, aplicado em oito dos 13 participantes, já que é um instrumento validado para crianças entre 6 a 12 anos, a média do escore total foi de 25,5 (d.p.=13,39), sendo que o fator com média mais alta foi o F2 (asserção positiva) com 7,38 (d.p.=2,72). O fator com a média mais baixa foi F6 (autocontrole) com 1,38 (d.p.=1,76). Além de análises estatísticas descritivas, está previsto análises inferenciais de correlação entre o repertório de habilidades sociais educativas dos pais e o de habilidades sociais dos seus filhos com autismo.

Palavras-chave: Habilidades Sociais Educativas, Habilidades Sociais, Autismo

Painel 35

PROGRAMA DE TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS PARA UNIVERSITÁRIOS EM SITUAÇÕES CONSIDERADAS DIFÍCEIS NO CONTEXTO ACADÊMICO

Claudio de Almeida Lima (Programa de Pós graduação em Psicologia, Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, RJ, Brasil), Adriana Benevides Soares (Programa de Pós graduação em Psicologia, Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, RJ, Brasil e UERJ)

O contexto universitário apresenta inúmeras situações que requerem dos alunos comportamentos socialmente competentes. Estudos mostram que as habilidades sociais apresentam-se associadas e como elemento fundamental ao processo de adaptação a vida universitária. O presente estudo teve como objetivo oferecer aos universitários um programa de treinamento de habilidades sociais (THS) desenvolvido para as situações consideradas difíceis no contexto acadêmico tais como falar em público, apresentar seminários, iniciar e manter conversas com desconhecidas. Participaram desta pesquisa 11 estudantes universitários, sendo 07 do sexo feminino, todos solteiros, com idade entre 18 e 25 anos; 08 eram de instituições privadas,

06 de classe social B e 05 de classe social C; 09 moravam com a família e 02 com amigos. Foram utilizados como instrumentos o Inventário de Habilidades Sociais (IHS), o Questionário de Vivências Acadêmicas na sua versão reduzida (QVA-r) e o Inventário de Comportamentos Sociais Acadêmicos (ICSA). Foram ainda utilizados o Questionário Critério Brasil para classificação social dos participantes e todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Foram desenvolvidas 12 sessões com duração de duas horas semanais com os seguintes temas : falar em público, expressar e ouvir opiniões (exposição a desconhecido), apresentar e defender publicamente propostas relativas às disciplinas, lidar com autoridades constituídas, Enfrentamento (reivindicar direitos), sentimentos positivos (feedback positivo), lidar com críticas, assertividade (direitos e deveres), assertividade (desagrado e discordância) e resolução de problemas. A análise dos resultados obtidos durante as sessões indicou que o THS foi eficaz ao desenvolver um conjunto de comportamentos referentes às demandas relatadas pelos participantes (dificuldades para apresentar seminários, ir a direção reivindicar direitos, entre outros, solicitar revisão de prova aos professoras, receber e dar críticas). Aspectos relevantes apontam que o programa de THS proporcionou aos participantes um desenvolvimento e ganhos no repertório de habilidades sociais referentes sobretudo ao contexto das relações interpessoais e na resolução de problemas. Os resultados possibilitam afirmar também que as habilidades sociais são recursos facilitadores para o melhor desenvolvimento do indivíduo no contexto acadêmico e no processo de adaptação. Para os participantes, lida r com a realidade da universidade, tornou-se mais simples ao participar das instruções e das vivências para o treinamento das HS realizadas durante as sessões do programa de modo que contribui para um melhor reconhecimento das alternativas existentes no processo de adaptação.

Palavras-chave: Treinamento de Habilidades Sociais, Adaptação Acadêmica, Universitários

Painel 38

HABILIDADES SOCIAIS DE FALAR EM PÚBLICO: MEDIDAS OBSERVACIONAIS E DE AUTORRELATO

João Paulo Rodrigues Vieira Gabriel (Universidade Federal de São João del-Rei / Departamento de Psicologia / São João del-Rei, MG / Brasil), Antonio Paulo Angélico (Universidade Federal de São João del-Rei / Departamento de Psicologia / São João del-Rei, MG / Brasil), Arthur Kelles Andrade (Universidade Federal de São João del-Rei / Departamento de Psicologia / São João del-Rei, MG / Brasil)

Um bom repertório de habilidades sociais gerais e de falar em público vem sendo considerado essencial para o desenvolvimento acadêmico e pessoal de estudantes universitários. Objetivou-se: (a) verificar as associações entre as manifestações subjetivas e comportamentais de ansiedade, exibidas frente a uma situação experimental de simulação de falar em público, por estudantes universitários do curso de Psicologia; e (b) avaliar se os grupos com e sem plateia diferem quanto aos marcadores comportamentais de ansiedade e suas respectivas classes. Participaram 72 universitários distribuídos em dois grupos, com (n = 32) e sem plateia (n = 40), na faixa etária entre 17 e 30 anos, de ambos os gêneros, provindos de uma instituição de ensino superior público do estado de Minas Geais. Os seguintes instrumentos foram utilizados na avaliação dos participantes: Inventário de Ansiedade de Beck (BAI), Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette) e Teste de Simulação de Falar em Público (TSFP). Quanto aos resultados, o escore total do IHS-Del-Prette se correlacionou negativa e significativamente com o escore total e subescalas subjetiva e de pânico do BAI, indican do que quanto mais elaborado for o repertório de habilidades sociais do indivíduo, menor será o grau de ansiedade, sintomas subjetivos e de pânico experimentados por ele diante do falar em público. Além disso, o item 9 (falar a público desconhecido) e o escore total da habilidade de falar em público do IHS se correlacionaram

inversa e significativamente com o marcador comportamental de ansiedade evitação de tarefa, sugerindo que quanto melhor o repertório de habilidades sociais de um indivíduo, menor será a sua frequência de evitar a tarefa de discursar. Quanto ao efeito global da tarefa, observaram-se diferenças significativas entre os dois primeiros minutos (M1) e os dois últimos minutos (M2) do discurso para conteúdo negativo, uso de jargões, repetição de palavra, pausas preenchidas, velocidade de fala inapropriada, rigidez corporal, evitação de tarefa, barreiras, classes de marcadores verbais e paralinguísticos. Na comparação dos grupos com e se m plateia, verificou-se que essa diferença não foi significativa para rigidez corporal, inquietação, barreiras e classe de marcadores não verbais. Para o grupo sem plateia, a diferença entre M1 e M2 foi significativa apenas para rigidez corporal e classe de marcadores não verbais. Em contrapartida, no grupo com plateia, a diferença foi significativa para rigidez corporal, inquietação, barreiras e classe de marcadores não verbais. No geral, os grupos diferiram significativamente em relação à maioria das categorias e classes avaliadas: conteúdo negativo, repetição de conteúdo, pausas silenciosas, intensidade de voz inapropriada, rigidez corporal, inquietação, barreiras, latência de resposta, classes de marcadores paralinguísticos e não verbais. A frequência de emissão da maioria das classes e marcadores comportamentais de ansiedade pelos participantes diminuiu significativamente entre os dois primeiros e os dois últimos minutos do TSFP, apontando para a ocorrência de uma dessensibilização comportamental da ansiedade ao longo do teste. A análise dos dados indica a necessidade de novas pesquisas com maior número de participantes e o possível uso do TSFP no treinamento de habilidades sociais de falar em público.

Palavras-chave: Habilidades sociais, falar em público, ansiedade

Painel 39

ANÁLISE DAS HABILIDADES SOCIAIS PROFISSIONAIS DE ENGENHEIROS

Camila de Sousa Pereira-Guizzo (Faculdade de Tecnologia SENAI CIMATEC, Salvador, BA, Brasil), Murilo Santos Nascimento (Faculdade de Tecnologia SENAI CIMATEC, Salvador, BA, Brasil)

Pesquisas revelam que existe uma carência de engenheiros para atender às demandas atuais e futuras da indústria e de outros setores produtivos. Assim, a formação de engenheiros é um grande desafio que o país precisa enfrentar para acelerar o crescimento e a inovação tecnológica. A revisão de literatura também indica a necessidade de melhorar o perfil do egresso de engenharia para que esse profissional possa de fato corresponder com as expectativas do mercado de trabalho. Além do conhecimento técnico, o contexto do trabalho produz um ambiente significativo para a formação de relações sociais, criando demandas de relacionamento, às quais o trabalhador precisa responder de maneira imediata e eficaz. Considerando a valorização de um conjunto de desempenho social para o trabalho e a escassez de procedimentos de análise dessas habilidades interpessoais específicas para a atividade na área de engenharia, a presente proposta busca analisar as habilidades sociais profissionais no desempenho do engenheiro mecânico. A metodologia envolveu algumas etapas. Para identificação das atividades que os profissionais de engenharia mecânica desenvolvem no decorrer da sua jornada de trabalho, o CREA sinaliza: Supervisão, coordenação e orientação técnica; Estudo, planejamento, projeto e especificação; Estudo de viabilidade técnica-comercial; Assistência, assessoria e consultoria; Direção de obra e serviço técnico; Vistoria, perícia, avaliação, arbitramento, laudo e parecer técnico; Desempenho de cargo e função técnica; Ensino, pesquisa, análise, experimentação, ensaio e divulgação técnica; extensão; Elaboração de orçamento; Padronização, mensuração e controle de qualidade; Execução de obra e serviço técnico; Fiscalização de obra e serviço técnico; Produção técnica e especializada; Condução de trabalho técnico; Condução de equipe de instalação, montagem, operação, reparo ou manutenção; Execução de instalação, montagem

e reparo; Operação e manutenção de equipamento e instalação; Execução de desenho técnico. Para relacionar o desempenho dessas atividades com as habilidades sociais dos engenheiros, as seguintes situações profissionais bem como suas demandas interpessoais foram criadas por meio de grupos focais: Verbalizar ideias, de forma clara e objetiva para coordenar equipes; Em palestras saber formula perguntas e respostas, na ocasião de palestrante ou especta dor; Ao chegar à empresa usar de boas maneiras; No decorrer da sua jornada de trabalho, ser sempre cortês e não esquecer a boa educação; Sua equipe está desmotivada e os funcionários desinteressados, você promove alguma atividades para elevar a autoestima e o rendimento; Ter iniciativa de buscar novos conhecimentos; Não descuidar das normas de segurança e saúde dos funcionários buscando sempre fortalecer a comunicação e a assertividade para gerenciamento de risco. Esses resultados, ainda que iniciais, podem contribuir para a análise dos fatores humanos na engenharia, discutindo aspectos das habilidades sociais que influenciam no desempenho deste profissional, na eficácia organizacional e na inovação.

Habilidades sociais profissionais; avaliação; engenharia

Painel 41

'HIPERVISIBILIDADE' VIRTUAL: ANÁLISE DE CONTIGÊNCIAS DO COMPORTAMENTO DE AUTO EXPOSIÇÃO EM EXCESSO DE ADOLESCENTES NAS REDES SOCIAIS"

Jennifer Stefanie de Oliveira Bezerra, Cristiane Costa Fonseca (Universidade Ceuma/ São Luís –MA)

Ao longo da nossa história é possível observar diversas transformações sociais. Estas modificam a política, economia, cultura e consequentemente os modos de viver e de se comportar dos indivíduos de cada sociedade. É no decorrer dessas transformações, do desenvolvimento da vida contemporânea e da própria globalização, que é possível observar avanços e constantes mudanças tecnológicas. Estes avanços, segundo Castells, possibilitaram a criação do "mais revolucionário meio tecnológico da Era da Informação": a internet. Criada, a priori, apenas como um mecanismo de comunicação às forças armadas que possibilitasse troca e compartilhamento de informações durante a Guerra Fria; tomou força com tamanha rapidez que tais informações tornaram-se descomedidas, ultrapassando limites que nem se imaginava atingir. A partir disso surgem as denominadas redes sociais, as quais são caracterizadas por proporcionar ao indivíduo um meio de interação social online. É nessa nova estrutura social dominante, a sociedade em rede, que os adolescentes estão inseridos. E sobre o comportamento destes nas redes sociais (tais como facebook e instagram) é que esta pesquisa se propõe a estudar, buscando relacionar análise do comportamento e habilidades sociais como pressupostos para tal finalidade. A Análise do Comportamento considera que os determinantes do comportamento estão na relação do indivíduo com o meio, ou seja, a interação dele com o ambiente contribui para que essas mudanças ocorram; o termo habilidades sociais tem sido definido, de acordo com Del Prette & Del Prette, como o "conjunto dos desempenhos apresentados pelo indivíduo dian¬te das demandas de uma situação interpessoal, incluindo-se as variáveis culturais que contribuem para a competência social", portanto suas relações configuram-se como uma "interface histórica de produção e aplicação de conhecimento sobre o comportamento social". Identificar as contingências – que refletem os padrões de comportamento considerados desejáveis, irrelevantes e reprováveis – nas quais o comportamento dos adolescentes de expor-se em excesso nas redes sociais ocorre e quais são os seus mantenedores, investigar possíveis causas para a instalação e manutenção desses comportamentos, discutir as possíveis implicações na vida dos que o adotam e criticar esse fenômeno social pensando o adolescente implicado dialeticamente na sociedade são os objetivos desta pesquisa. Participaram 100 adolescentes: 50 meninas e 50 meninos,

subdivididos em alunos de escola pública e privada. Cada participante respondeu uma entrevista semiestruturada, contendo 12 questões específicas, e preencheu um quadro para a avaliação do seu comportamento nas redes sociais, possibilitando, assim, fazer uma análise funcional do seu comportamento. A análise dos dados possibilitou identificar os reforçadores sociais envolvidos na interação virtual, bem como destacar os padrões mais socialmente aceitos, favorecendo uma análise crítica das relações estabelecidas por adolescentes, mediadas pelos meios de comunicação virtual. Foi possível identificar que este contexto favorece o desenvolvimento de repertórios de expressão de sentimentos positivos, tais como afeto e elogios. Por ouro lado, observou-se também que a hipervisibilidade de adolescentes em situações de consumo (uso de roupas caras e variadas, bebidas, festas...) gera alto índice de reforçadores, o que além de fortalecer o padrão de consumismo, muitas vezes concorre com comportamentos que produzem reforçadores alternativos.

Palavras-chave: Análise de contingências, adolescentes, redes sociais, Habilidades Sociais

Painel 42

TREINAMENTO DE PAIS: UM ESTUDO DE CASO

Mariana Gonçalves Pesso (Universidade Federal de Minas Gerais - Faculdade de Filosofia e Ciencias Humanas, Belo Horizonte MG/ Brasil), Vitor Geraldi Hasse (Universidade Federal de Minas Gerais - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte MG/ Brasil); Maria Isabel dos Santos Pinheiro (Universidade Federal de Minas Gerais - Faculdade de Medicina, Belo Horizonte MG/ Brasil; Larissa de Souza Salvador (Universidade Federal de Minas Gerais - Programa de Neurociências, Belo Horizonte MG/ Brasil); Flávia Neves Almeida (Universidade Federal de Minas Gerais - Faculdade de Medicina, Belo Horizonte MG/ Brasil)

O Treinamento de Pais é baseado em técnicas e conceitos da análise do comportamento e da Psicologia cognitiva. Com um enfoque nas Habilidades Sociais Educativas (HSE), o TP visa a implantação de práticas parentais positivas, promovendo a redução do estresse nas relações familiares e favorecendo um desenvolvimento infantil adequado. O presente estudo consiste em um estudo de caso de um programa de TP, com foco nas HSE. O programa foi realizado em 6 sessões, sendo uma a cada semana, no Ambulatório de Dificuldade de aprendizagem da Matemática (NÚMERO), na UFMG. Os passos do programa se basearam na cartilha de treinamento de pais para pais de crianças com dificuldade de aprendizagem na matemática, confeccionada pelo grupo de pesquisa TP-LND (Laboratório de Neuropsicologia do Desenvolvimento – UFMG). Os temas principais de cada sessão foram: 1º ABC do comportamento infantil, 2º Recreio em Família, 3º O ensino de regras e limites, 4º Motivação, 5º Conceitos, fatos e processos aritméticos básicos e 6º Atividades escolares e planejamento de estudo. As queixas principais da mãe eram choro ao receber uma ordem, dificuldades de aceitar regras e limites e carinho excessivo. Para analisar a eficácia do programa foi utilizado o Inventário de Estilos Parentais (IEP) no pré e pós teste e os relatos da mãe, através do Teste Wilcoxon. Apesar de na análise geral não ter sido constatado diferenças estatísticas significantes ($Z=-0,211$; $p=0,833$), o IEP (índice de estilo parental) teve uma mudança de IEPpréteste= -1 para IEPpósteste=16. De acordo com a normatização do teste a mãe saiu da condição de Estilo Parental Abaixo da Média para Estilo Parental Ótimo. Os resultados do IEP separadamente foram: monitoria positiva ($Z= -1,732$; $p=0,830$), comportamento moral ($Z= -1,633$; $p=0,102$), punição Inconsistente ($Z= -1,732$; $p=0,830$), negligência ($Z= -1,857$; $p=0.063$), disciplina relaxada ($Z<0,00$; $p=1,000$), monitoria negativa ($Z= -1,000$; $p=0,317$) e abuso físico ($Z= -0,557$; $p=0,564$). Apesar das diferenças não terem sido estatisticamente significativas à mãe relata que houve melhora em todos os comportamentos trabalhados.

Palavras-chave: Treinamento de pais, práticas parentais positivas, habilidades sociais educativas

Painel 43

TREINO DE HABILIDADES SOCIAIS COM GRUPO DE IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS

Ângela Carina Sá-Neves (Hospital Universitário João de Barros Barreto (UFPA, Belém/Pará/Brasil), Hilma Tereza Tôrres Khoury (UFPA, Faculdade de Psicologia, Belém/Pará/Brasil)

A literatura da área sobre Habilidades Sociais vem demonstrando que o repertorio social de idosos institucionalizados fica bastante prejudicado pelas variáveis desfavoráveis que envolvem este contexto. Na maioria destas instituições não ocorre o incentivo de seus residentes ao diálogo entre si e o que acaba acontecendo é que cada idoso se afasta do contato com os outros, deixando assim de estimular habilidades importantes para o seu bem-estar psicoemocional e perdem a oportunidade de estabelecer uma rede de amizade com outros idosos. Assim, o objetivo deste estudo foi verificar a efetividade do Treino de Habilidades Sociais (THS) com um grupo de idosos residentes em uma Instituição de Longa Permanência (ILPI), de forma a promover o ensino de habilidades sociais e a melhoria da convivência e da comunicação entre eles. Trata-se de um estudo que fez uso de método sequencial que envolve avaliações sucessivas do grupo em dois momentos diferentes do THS. Participaram oito idosos (três homens e cinco mulheres) de uma ILPI pública na cidade de Belém/PA. Foram utilizados os seguintes instrumentos de avaliação: Roteiro de Entrevista, Mini-Exame do Estado Mental (MEEM), Inventário de Habilidades Sociais para Idosos (IHSI), Tabela com os Comportamentos Socialmente Habilidosos (TCSH), duas situações sociais nomeadas de Ensaios Comportamentais (ECs), além de outros recursos e técnicas Cognitivo-Comportamentais. As sessões de trein o caracterizavam-se por atividades de encenações, descrições verbais e escritas de situações do cotidiano. Os procedimentos foram: 1) Contato inicial, no qual ocorreu uma avaliação de seleção (Roteiro de Entrevista e MEEM) dos potenciais participantes; 2) Aplicação dos instrumentos do pré-teste (IHSI e TCSH) e explicação sobre o funcionamento da oficina que teve duração de quatro semanas, ocorrendo duas sessões interventivas grupais por semana, com duas horas de duração; 3) O Treino de Habilidades Sociais foi configurado em oito sessões, sendo a primeira e última sessões correspondestes aos Ensaios Comportamentais I e II (Técnica do Role Play), respectivamente; 4) Aplicação dos instrumentos do pós-teste (IHSI e TCSH) e a entrevista devolutiva. Análise dos dados: O desempenho dos participantes no IHSI será computado e analisado em escores que serão objeto de análise buscando fazer comparações com o grupo, considerando a confiabilidade das muda nças entre as diferenças no pré e pós-teste I e II. As informações do CSH e dos ECs passaram por análises descritivas. Os resultados sugerem: a) Os participantes apresentavam, antes do treino de HS, déficit considerável de habilidades sociais em todos os fatores do IHSI em menor ou maior grau de escores (Média inferior=1,00 e Média superior=3,86); b) Na observação de cada participante durante o EC I foi perceptível certa dificuldade do grupo em encenar situações sociais; c) Após as sessões de treino foi percebida significativa melhora tanto nas médias do IHSI (Média inferior=2,00 e Média superior=4,00) quanto na demonstração do EC II dos participantes que apresentaram mais comportamentos assertivos e adequados às situações sociais propostas. Estes resultados reforçam a importância quanto ao desenvolvimento de estudos sobre THS com idosos institucionalizados para auxilia-los na manutenção de uma boa rede de apoio social e emocional.

Palavras-chave: Idosos, Treino de Habilidades Sociais, Instituições de Longa Permanência para Idosos.

Painel 44

MEIOS ADAPTATIVOS, PROBLEMAS INTERNALIZANTES E EXTERNALIZANTES E COMPORTAMENTOS PRÓ-SOCIAIS EM ADULTOS

Stephanie Frabetti (Laboratório de Psicologia Ambiental e Desenvolvimento Humano - Universidade Federal de São Paulo, Santos, SP/Brasil), Carolina Porto Ribeiro (Laboratório de Psicologia Ambiental e Desenvolvimento Humano - Universidade Federal de São Paulo, Santos, SP/Brasil)

Como em todo desenvolvimento humano no transcorrer do ciclo vital, também na vida adulta ocorrem aquisições de competências além de manifestações de disfunções em diferentes domínios. Na perspectiva de teoria ecológica do desenvolvimento, tais competências e disfunções emergem de interconexões dinâmicas entre as particularidades do indivíduo e os contextos ambientais de sua vida. Essas disfunções do desenvolvimento, de forma interativa, podem ser amenizadas por diferentes fatores de proteção, também da ordem individual ou ambiental. Problemas psicológicos podem ser classificados como Internalizantes (referentes aos processos psicológicos internos do indivíduo como medo, tristeza, insegurança, percebidos como comportamentos de ansiedade e depressão.) e como Externalizantes (voltados para o ambiente externo do indivíduo como agressividade e agitação, e podem causar comportamentos antissociais e agressivos). Por outro lado, comportamentos pró-sociais são tidos no rol das competências do desenvolvimento, como fatores protetivos que interagem com fatores de risco ao desenvolvimento. Comportamento pró-social é aquele que, sem buscar recompensas externas, favorece outras pessoas ou grupos, aumentando a probabilidade de gerar reciprocidade positiva e de qualidade solidária nas relações interpessoais ou sociais. Os comportamentos pró-sociais abarcam dimensões de ajuda, partilha, cuidado e empatia e são a antítese de comportamentos antissociais. O objetivo desta pesquisa foi avaliar meios adaptativos, problemas internalizantes, problemas externalizantes, e graus de pró-socialidade em adultos inseridos em diferentes condições psicossociais (de escolaridade e de classe econômica) numa amostra de adultos da Baixada Santista (SP). Com uso do ASR (Adult Self-Report), da EMPA (Escala de Medida de Pró-socialidade) e do Critério Brasil, instrumentos auto referidos, foram avaliados 239 sujeitos, idades de 18 a 59 anos. Embora resultados descritivos do estudo tenham indicado tendência a faixas não clínicas para a população investigada nas variáveis estudadas, problemas internalizantes foram identificados em faixa limítrofe em mulheres, com ensino médio completo/superior e classes econômicas C/D/E. Problemas externalizantes foram indicados em homens e mulheres de meia idade (40-59 anos), das classes A/B, com o ensino fundamental completo ou médio incompleto. Problemas externalizantes também foram identificados na faixa limítrofe em mulheres de meia idade (40-59 anos), das classes C/D/E, analfabetas ou com ensino fundamental incompleto. Meios adaptativos em faixa limítrofe também foram indicados neste último grupo. Os resultados relativos a comportamentos pró-sociais de Ajuda, Partilha, Cuidado e Empatia apresentaram tendência de graus médios e altos (escores 3 a 5). Análise inferencial mostrou que o comportamento pró-social de Ajuda foi significativamente maior em homens de meia idade. Em relação aos comportamentos pró-sociais de Cuidado e Empatia, homens e mulheres de meia idade, das classes econômicas C/D/E, também obtiveram graus significativamente maiores. Mulheres de 18 a 39 anos apresentaram um grau maior de comportamento pró-social de Empatia, quando comparadas com mulheres mais velhas e homens. Esses dados foram discutidos frente a outros estudos que investigaram comportamentos de "cuidado" e "empatia" de pessoas de meia idade e sobre comportamentos éticos em diferentes classes econômicas. Sugere-se que novas investigações sejam realizadas com outras amostras, de forma a permitir comparação desses resultados com populações com queixas clínicas.

Palavras-chave: Adulto; Pró-socialidade; Fatores de proteção